INSTITUTO HISTÓRICO

da Ilha Terceira

BOLETIM



N.º 11

1953

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

SÉDE

Edifício da Junta Geral do Distrito Autónomo — Angra do Heroísmo

DIRECÇÃO

Presidente — Dr. Luís da Silva Ribeiro

Tesoureiro — Dr. Teotónio Machado Pires

Secretário — Tenente-Coronel José Agostinho

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA À DIRECÇÃO DO INSTITUTO

A publicação de qualquer trabalho não significa concordância do Instituto com as doutrinas, idéas ou conclusões nele contidas, que são sempre da responsabilidade exclusiva do autor.

(Art. 17.º do Regulamento do Instituto)

Composto e impresso na Tipografia Andrade, Rua Lisboa, 115 Angra do Heroismo

do Instituto Histórico da Ilha Terceira

Boletim

Instituto Histórico da Ilha Terceira

Sócios Efectivos

Dr. Cândido Pamplona Forjaz — (Prof. efectivo do Liceu de Angra do Herroísmo)

Dr. Elmiro Borges da Costa Mendes — (Prof. efectivo do Licea de Angra do Heroísmo)

Francisco Coelho Maduro Dias — (Escritor e Artista)

Dr. Francisco Garcia da Rosa — (Prof. efectivo do Seminário Episcopal de Angra)

Dr. Francisco Lourenço Valadão Jr. — (Secretário Geral do Governo do Distrito)

Ten.-Cor. Frederico Lopes — (Comandante do B. I. I. N.º 17)

P.º Inocêncio Enes — (Vigário da freguesia dos Altares)

João Carlos da Costa Moniz — (Compositor)

Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral — (Prof. efectivo do Licea de Angra do Heroísmo)

Ten.-Cor. José Agostinho — (Director do Serviço Meteorológico dos Açores) Cónego José Augusto Pereira — (Presidente do Cabido da Sé de Angra)

Dr. Luís da Silva Ribeiro — (Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Angra, aposentado)

Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima — (Director do Arquivo Distrital e Musseu Regional de Angra do Heroísmo)

Dr. Manuel de Sousa Menezes - (Tenente-Coronel Médico)

Major Miguel Cristóvão de Araújo — (Director do D. R. M. N.º 17)

Raimundo Belo — (Escritor)

Dr. Teotónio Machado Pires — (Chefe da Sceretaria da Junta Geral de Angra)

Sócios Honorários

Prof. Doutor António de Medeiros Gouveia —(Secretário do Instituto para a Alta Cultura)

Dr. Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares — (Juiz-Conselheiro)

Dr. João H. Anglin — (Prof. efectivo e Reitor do Liceu de Ponta Delgada)

Dr. José Brano Tavares Carreiro — (Escritor)

Dr. Luiz Bernardo Leite de Athaíde — (Director do Museu Regional de Ponta Delgada)

Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral — (Escritor e Etnógrafo)

Rodrigo Rodrigues — (Escritor e Genealogista)

Doutor Rui Teles Palhinha — (Prof. da Faculdade de Ciências de Lisboa, aposentado)

Prof. Doutor Vitorino Nemésio — (Prof. Catedrático da Universidade de Letras de Lisboa)

Prof. Dr. Wilhelm Giese — (Prof. da Universidade de Hamburgo)

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM



Raizes Seculares de Santa Catarina

Por OSWALDO RODRIGUES CABRAL

Aos dignos confrades:

Alvaro Tolentino de Souza Antônio Taulois de Mesquita Lupércio Lopes Roberto M. de Lacerda Vitor Antônio Peluso Júnior

Aos ilustres historiadores e escritores açorianos:

Dr. Luiz da Silva Ribeiro
Dr. Manoel de Sousa Menezes
Dr. Francisco Carreiro da Costa
Ten.-Cor. José Agostinho
Sr. Manoel Greaves
Dr. Humberto de Betencourt

HOMENAGEM DO AUTOR

A presente relação de nomes de pessoas constitue a lista de antigos moradores da Vila de Nossa Senhora do Destêrro da Ilha de Santa Catarina (actual cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, Brasil), indo dos seus comêços ao fim do Século XVIII, incompleta, certamente, como não poderia deixar de ser, foi apresentada ao 1.º Congresso Catarinense de His-

tória, realizado em outubro de 1948, como elemento subsidiário aos labores dos nossos genealogistas.

Além dos nomes colhidos nos diversos Autores, que são os citados nos verbetes respectivos, contém a lista os nomes dos moradores que pretenderam ingressar na bi-secular Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da mesma Ilha e, nesse sentido, dirigiram os seus requerimentos à Mesa da dita Ordem. As filiações, origens, ascendência, profissões e o mais são as que constam nas declarações dos citados requerimentos; a grafia dos nomes e apelidos obedece ao que se encontrou nos citados papeis; e as datas correspondem apenas ao ano em que os requerentes fizeram as suas petições, residindo, portanto, no Destêrro.

Trabalho organizado nos derradeiros dias que antecederam ao Congresso, sem o inestimável concurso do dr. Roberto Lacerda, digno Director do Departamento Estadual de Estatística e do seu excelente e dedicado corpo de datilógrafas, não teria sido possível a sua apresentação. Aqui ficam expressos os nossos agradecimentos melhores aos que, por sua boa vontade e por seus esforços, permitiram tirar, de um fichário organizado sem maiores cuidados, a presente relação.

Possam os estudiosos da nossa genealogia encontrar, nos elementos que recolhemos, informações necessárias aos seus trabalhos. Foi este, aliás, o único propósito da sua apresentação. Embora deva ser o presente trabalho incluído nos ANAIS do 1.º Congresso, já em publicação, a sua maior divulgação nos Açores, donde vieram as pessoas relacionadas, em sua maioria; o interêsse que despertou nas Ilhas o estudo do povoamento de Santa Catarina pelos Casais, interêsse que tomou vulto depois da realização do Congresso aludido, o seu melhor conhecimento pelos historiadores e genealogistas do Arquipélago fez com que tomasse a deliberação de oferecê-lo ao douto INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA ILHA TERCEIRA, para a sua

publicação, antes mesmo do seu aparecimento nos ANAIS. Possam os estudiosos da genealogia açoríana encontrar, também, na modéstia destas páginas, material para os seus trabalhos.

São estes os votos do

AUTOR

Alguns moradores do Destêrro nos Séculos XVII e XVIII

(Antes da chegada dos povoadores acorianos e madeirenses)

De... até 1748

Α

AFONSO

— Antônio

Com os seus companheiros, teria vindo para o Destêrro. (Almeida Coelho, «Memória Histórica»,

pág. 7).

ALBUQUERQUE

- Manoel da Silva (padre)

Vigário do Destêrro. Doc. de 2/7/1730. (Henrique Fontes, Rev. do Instituto Histórico e Geo-

gráfico de Santa Catarina).

AMORIM

- Manoel Antônio

Era primo de Manoel Manso de Avelar, segundo uma denúncia contra este feita em 1735 por Manoel Gomes, da vila de Laguna (Docs. originais

copiados por Guedes).

ARAUJO

- Mannel Rodrigues

Comissário de Mostras e 2.º Definidor e Mestre

de Noviços da Ordem Terceira de S. Francisco do Destêrro, em 1745, por ocasião da sua fundação.

ANTÔNIO

- Francisco

Era genro de Manoel Manso de Avelar e vem citado na denúncia de Manoel Gomes.

AVELAR

- Clara Mansa de

Natural do Rio de São Francisco (St.ª Catarina) e batizada na Matriz de N. Sr.ª da Graça da mesma Vila. Filha legítima de Manoel Manso de Avelar e sua mulher Urbana Roiz Velha. Neta paterna de Manoel Velho Rangel e Domingas Antunes de Mira e neta materna de Manoel Velho Rangel e Isabel Rodrigues de Mira.

Nota: — Estas informações, constantes do documento em que a mesma pede ingresso na V. Ordem Terceira do Destêrro, devem conter equívoco na parte referente aos avós.

AVELAR

- Manoel Manso de

Veio para Santa Catarina com Salvador de Sousa, com patente de Sargento Mór (Almeida Coelho). Frezier já o encontrou como governador da Ilha, em 1712 (A. d'Escragnolle Taunay, Santa Catarina nos Anos Primevos).-- Assina. com outros uma representação a Manoel Goncalves de Aguiar, em 1715 (A. E. Taunay - Em Santa Catarina colonial). Natural de Lisboa (Henrique Fontes). Assistia em Santa Catarina cha corentanos» (Docs. Interessantes para a História de São Paulo, Vol. XXXII, pág. 304). Casado com Urbana Rodrigues Velha, natural de São Francisco e cunhado de Salvador de Sousa, que era casado com Teodósia ou Teodora Rodrigues Velha. Testemunha do 3.º casamento registrado na paróquia do Destêrro, a 28/10/1714 (Jacinto A. de Matos-Material Histórico). Com Salvador de Sousa foi dos segundos povoadores do Destêrro tendo chegado a ela pouco depois de 1700, segundo leu em antigas memórias Paulo José Miguel de Brito (Memória Política, pág. 19).

 \mathbf{B}

BARBOSA

- Salvador Pereira

Tabelião e Escrivão da Câmara do Destêrro em

1742. (Docs. cop. por Guedes).

BARRADAS

- Felipe Nery

Ingressou na Ordem Terceira em 1746.

BARROS

-- Francisco da Cunha

Morador do Destêrro, segundo os livros da Matriz (1728) — (Jacinto A. de Matos — Mate-

rial Histórico).

BASTOS

- Antônio de Oliveira

Veio em 1737 da praça de Santos para comandar a Vila do Destêrro, trazendo em sua companhia 1 alferes, 2 sargentos, 52 soldados e 7 artilheiros. Também vieram em sua companhia

algumas famílias (Almeida Coelho).

BISCARDO

- João Lopes

Assina uma representação a Manoel G. Aguiar, em 1715 (Taunay - Em Santa Catarina Colonial).

BOTELHO

- Salvador Dias

Assina a mesma representação.

BRAGANÇA

- Sebastião Rodrigues de

Outro Sargento que antes viera da mesma praça de Santos com igual patente (Sargento e Mestre de Campo (ad-honorem) — (Almeida Coelho). Capitão-Mor do Destêrro já em 1721 (Docs. colhidos em São Paulo por Hermes Guedes). Testemunha de vários casamentos na Vila (1727 a

1729).

BRANCO

- Francisco Antônio

Veio com os espanhois que desembarcaram na praia da Figueira, durante o governo de Sebastião R. Bragança (A. Coelho). Faleceu a 22/10/1790, com quase 100 anos (A. Coelho). Residia na freguesia de Santo Antônio (Necessidades). Casou-se com Clara Manso de Avelar, filha de Manoel Manso. Em 1727 figura como testemunha de casamento (J. Matos). Em 1745 entrou para a Ordem Terceira, declarando ser natural de São Marcos, arcebispado de S. Tiago, filho legítimo de João Branco e sua mulher Joana Pereira de Canela, ignorando os avós.

BRITO

- Diogo de Sousa

Testemunha de casamento no Destêrro (1728)-

(I. Matos).

BRITO

- Domingos de

lletrado. Assina de cruz uma representação a

Manoel G. Aguiar em 1715 (Taunay).

BUENO

— Tomé (frade carmelita)

Aparece em 1714, 15 e 16 nos assentamentos de casamento (H. Fontes). Veio em 1712 para o Destêrro com frei Agostinho da Trindade (Lucas A. Boiteux).

С

CAMACHO

- Antônio Bicudo

Veio para Santa Catarina em 1698 (A. Coelho). Já era falecido em 1724 (Fontes). Vide verbete

Maria dos Passos (Paços).

CAMACHO

-- Diogo (Diogo Camacho Maco?)

Assina a representação a Aguiar, em 1715 (Tau-

nay). Vide verbete Francisco Rodrigues).

CAMACHO

- Diogo Fernandes

Habitava a Ilha em 1728 (J. Matos). Casado

com Francisca Martins Pereira (Fontes).

CAMACHO

- Domingos de Oliveira

Citado na denúncia contra Avelar feita por Ma-

noel Gomes (Guedes).

CAMACHO

-- Manuel Duarte

Natural de Curitiba, filho de Antônio Bicudo Camacho. Veio para a Ilha de Santa Catarina na infância, passando-se depois para Laguna. Casou-se com Paula Moreira (Fontes encontrou o registro de casamento em 1720). — Esta era natural da Ilha, filha de Domingos Lopes Sertão.

CAMACHO

-- Sebastião Fernandes

Assina a representação a Aguiar, em 1715 (Taunay). Testemunha do 2.º casamento registrado no Destêrro a 25/10/1714 (Matos). Casado com

Tereza Ribeiro.

CAMACHO

Sebastião Rodrigues

Escrivão da Câmara em 1726 (José G. dos Santos Silva, Carta 14). — Casado com Margarida de Siqueira. (Vide verbete Maria dos Passos).

CARDOSO

-- Francisco Pereira (Padre)

Presbítero do Hábito de S. Pedro. Vigário colado na Igreja Matriz do Destêrro em 1745. (Doc. da Ordem Terceira).

CARVALHO

— Josefa da Silva

Entrou na Ordem Terceira em 1747. Já era falecida em 1752. Filha de Natária Gomes Cuelha, natural de Curítiba e de pai incógnito. Lucas A. Boiteux diz que foi casada com Tomé Moreira Velho. Neta materna de Pedro Vaz Coelho e Mariana Gomes, naturais de Mogí, freguesia de S. Paulo. — Era casada com o genovez Lorenzo Maria Caetano. Estas informações prestou a requerente ao entrar na Ordem Terceira. Ao pé do requerimento consta a informação: «o que podemos enformar hé que o pai se dizia ser frei Agostinho da Trindade». — Filhos de Josefa da Silva Carvalho: Rosa, casada com António dos Santos Xavier; Ana Maria de Jesus, tutelada e afilhada de Jacinto Jaques Nicós e dizia ser

«neta de Natária Gomes e Manoel Lopes Guimarães»; Aleixo Maria Caetano; Lourenço Maria Caetano e mais dois outros cujos nomes não

encontramos.

- Antônio CASTILHO

1.º Procurador da Câmara do Destêrro -- 1726

— (J. G. Santos Silva, carta 14).

- Matias Fernandes **CASTRO**

Citado na denúncia de Manoel Gomes contra

Avelar (Guedes).

- João Gonçalves (Padre) **CHAVES**

Ingressou na Ordem Terceira, provando ser ter-

ceiro em Paranaguá.

- Pedro CONCEIÇÃO

Natural da Vila de Cintra, filho legítimo de João Luiz da Conceição e de Sebastiana da Conceição. Neto paterno de José Luiz e de Maria Ribeiro e neto materno de Antônio Nunes e Francisca Vicente. - Ingressou na Ordem em 1745.

- Testemunha do casamento, em 1714 de Do-**CORDEIRO**

mingos Martis e Domingas Costa (Fontes).

- Antônio Bicudo **CORTEZ**

Veio para a Ilha depois de Dias Velho. — Em 1727 caia a cruz da Ermida e quando ele chegou à Ilha foi vê-la e encontrou a era 1651. Ele e outro morador escreveram a história dos primeiros dias da vila, indagando dos moradores os acontecimentos. (P. M. J. de Brito - Memó-

ria Política).

- João Bicudo **CORTEZ**

Filho de Antônio Bicudo Camacho e sua mulher Maria dos Paços Duarte, o pai de S. Paulo e a mãe de Curitiba. Em 1728 era Alferes (Docs. recolhidos por Guedes). Casado com Páscoa Louzada, filha de Baltazar Soares Louzada e sua mulher Isabel Roiz de Mira. Professou na

Ordem Terceira a 15/10/1747.

CORTEZ — Maria Bicuda

Filha de Antônio Bicudo Câmara e Maria dos Paços Duarte (sic). Professou na Ordem Ter-

ceira, in extremis, a 15/10/1747.

COSTA — Bernardo José

Síndico da Ordem Terceira, em 1745. Era Al-

moxarife no Destêrro.

COSTA -- Domingas

Casou-se com Domingos Martins em 1714 (Fon-

tes).

CUNHA — Luiz Manoel de Azevedo Correa da

Secretário da Ordem Terceira, em 1745.

CUNHA — Francisco Ferreira da

Veio com Antônio de Oliveira Bastos, em 1737 (A. Coelho). Filho de Francisco Sanches e Francisca Alvares, natural da Freguesia do Poyares, bispado do Lamego. Professou na Ordem em

1746. Era, então, sargento-mor.

 \mathbf{E}

ENCARNAÇÃO — Frei Francisco da

Da Ordem dos «Antoninhos». Citado em documento de 1735 como estando na Ilha (Guedes).

 \mathbf{F}

FALCÃO — Paulo Lopes

Natural de Lisbôa, batizado na Matriz de Santa Cruz do Castello, filho de Braz Lopes Falcão e de D. Luiza Maria da Assunção. Cirurgião. Mo-

rava no Destêrro em 1745.

FARIA — Antônio Gonçalves

Veio com Oliveira Bastos, em 1737 (Coelho).

FERNANDES — Luzia

Filha de Diogo Fernandes Camacho e Francisca Martins Pereira. Nasceu no Destêrro. Casou-se em 18/5/1722 com Francisco Rodrigues (Fontes).

FERNANDES — Manoel

Natural da Freguesia do Paço de Sousa, cidade do Porto, filho de Pantalião Fernandes e Catarina de Sousa. Era oficial de carpinteiro. Entrou

para a Ordem em 1745.

FERREIRA — Nicolau de Avo (?)

Filho de Paulo Avo Ferreira e Inácia Cunha Nogueira. Natural do Rio de Janeiro, freguesia da Candelária. Entrou para a Ordem em 1745.

FONSECA — Manoel Correia da

Assina a representação a Aguiar em 1715 (Tau-

nay).

FRANCISCO — Tomé

Oficial da Câmara do Desterro em 1731.

G

GERARDA — Maria

Testemunha do casamento de Domingos Martins

e Domingas Costa em 7/1/1714 (Fontes).

GODINHA -- Merência

Idem. J. A. Matos dá seu nome como testemunha de um casamento realizado a 25/10/1714.

GOMES — Jeronimo

Morador dos campos de Araçatuba — 1728.

GOMES — Tomé

Assina a representação a Aguiar em 1715 (Tau-

nay).

GONÇALVES — Manoel

Filho de Francisco Gonçalves e Antônia da Conceição. Natural do Destêrro (1739), degredado depois para a Angola, por tôda a vida, por ter assassinado a mulher. Dali fugiu em 1780.

L

LISBOA - Gregório José de Freitas

Natural de Lisbôa, exposto no Hospital Real, ignora os pais. Entrou para a Ordem Terceira em 1746. Casado com Maria de Oliveira (Vide verbete).

LOBO - Manuel de Macedo

> Aparece assinando um têrmo de Vereança da Câmara do Destêrro em 7/3/1727 (J. G. Santos

Silva, carta 14).

LOPES - João

Casou-se em 5/5/1722 na Matriz do Destêrro

com Maria Luiz (vide verbete).

LOPES - João Lopes Ricardo (será o mesmo?)

Testemunhou o 2.º Casamento realizado na Ma-

triz do Destêrro a 25/10/1714 (Matos).

LOPES - Manoel Domingos

Assinou a representação a Aguiar, em 1715

(Taunay). Iletrado, assinou de cruz.

LOUZADA - Baltazar Soares

> Assina a representação a Aguiar em 1715 (Taunay). Foi testemunha de um casamento a 7/1/1714 (Fontes). Pediu o oficio de tabelião e escrivão da Câmara do Destêrro em 1720. Nomeado para os mesmos em 1722 (Guedes). Casado com Isabel Rodrigues Mira. Pai de Páscoa, mulher de João Bicudo Cortez (doc. da

Ordem Terceira, em 1747).

LOUZADA --- Páscoa

Filha de Baltazar Soares Louzada e Isabel R.

Mira, casada com João Bicudo Cortez.

LUIZ - Maria

> Casada com João Lopes. Filha de Antônio Gomes e Lourença Luiz, ambos naturais do Des-

têrro. Casou-se a 5/5/1722 (Fontes).

M

MANSO

- Estevam Simões (Padre)

MATOS

Vigário do Destêrro 13/11/1731 (Fontes). 1.0 Vigário Colado (5/3/1732) (Lucas Boiteux). Ci-

tado em Almeida Coelho.

— Iosé da Silva (Alferes)

Filho de João da Costa Silva e Luiza Matos. Neto paterno de João Roiz da Silva e de Margarida Pacheca Costa, natural do Porto. Neto materno de Miguel Cardoso e Barbara Morais de Matos, de Lisboa. Ele, natural do Rio de Janeiro, freguesia da Candelária. Entrou para a

Ordem Terceira em 1747.

MARTINS — Domingos

Casou-se com Domingas Costa a 7/1/1714

(Fontes).

MARTINS — Francisco

Assina a representação a Aguiar, em 1715 (Taunay). 1.º Vereador do Destêrro em 1726 (J. G.

S. Silva, Carta 14). Natural do Destêrro.

MARTINS — Gregório

Oficial da Câmara do Destêrro em 1728.

MAYATO — José da Silva

Veio degredado, por sentença do Ouvidor do Rio de Janeiro. Fugiu da Ilha em 1743, para Paranaguá e dali para o Rio, com um filho (Guedes — Carta de Silva Pais ao V. R. Luiz de Vasconcelos datada de 13/1/43). Entrou para

Ordem Terceira em 1747.

MAYOR -- José Inácio Souto

Filho de José Rocha e Josefa Boynavides Souto Mayor. — Professou na Ordem Terceira em

15/10/1747.

MELO - Francisco Dias de

Veio comandar a Ilha, a mando do Conde de

Sarzedas, em 1735 (A. Coelho).

MENDANHA — Antônio

Juiz Ordinário do Destêrro em 1727.

MIRANDA — Manoel de Araujo (Padre)

MONTEIRO

Professou na Ordem Terceira a 20/1/1747.

- Francisco (ou José?) Pires

Filho de Dias Velho, alegava em 1720 ao Ouvidor Pardinho, «que vinha com o ânimo de trazer tôda a sua família para aumentar a povoação» (Coelho). Residia em S. Paulo. De abril de 1726 a dezembro de 1728 pelo menos residia no Destêrro, tendo sido testemunha de vários casamentos (Matos).

MONTEIRO

José Pires

Foi testemunha num casamento de escravos a 30/4/1726, alegando então ser morador de São Paulo. (Oliveira e Paiva, citado por Fontes).

MOREIRA

- Paula

Testemunhou casamento a 28/10/1714. Era esposa de Domingos Lopes Sertão (Matos).

N

NICÓS

- Jacinto Jaques

Veio com Oliveira Bastos, de quem era sobrinho (Coelho). Natural e batizado na Freguesia de S. Nicolau, Porto. Filho de João Jaques Nicós e Dorotéa Maria Jaques, esta falecida. Neto paterno de Jaime Nicós e materno de Luiz Ferreira de Oliveira. Casado com Ana Joaquina da Silva (Docs. da Ordem Terceira, 1745). Foi pessoa de projecção na vida da Vila.

0

OGEA

- Manoel Pereira

Filho de Manoel Ogêa e Maria da Costa. Natural do Rio, freguesia da Candelária. Terceiro em 1745.

174

OLIVEIRA

— Maria

Filha de Antônio de Moura e Helena Cardoso,

neta paterna de Domingos de Moura e Ana Vieira; neta materna de Miguel Gomes Ortunho e Joana Cardoso. Natural de S. Francisco. Esposa de Gregório José de Freitas Lisbôa. Terceira em 1746.

OLIVEIRA

-- Roque Roiz

Natural de São Cosme dos Besteiros, Porto, filho de Manoel Antônio e Catarina Roiz. Entrou para a Ordem em 1747 e já era falecido em 1748.

P

PAES

José da Silva

Brigadeiro e engenheiro militar. Governador da Capitania de Santa Catarina, de 1739 a 1749. Foi o promotor do povoamento pelos casais

acoreanos.

PASSARINHO

- João Gonçalves

Consta nos livros da Matriz como habitante do Destêrro em 1728 (Matos).

PASSOS

- Grácia

Filha do casal que segue.

PASSOS

- Maria dos Paçoz

Filha do Capitão-mor Sebastião Fernandes Camaxo e sua mulher Margarida de Siqueira. Natural do Destêrro. Neta paterna de Antônio Bicudo e sua mulher Maria dos Paçoz e neta materna do sargento-mor Manoel Manso de Avelar e sua mulher Urbana Roiz Velha. Esposa de Tomé dos Passos. Ordem Terceira em 1747.

PASSOS

- Tomé Francisco

Natural de Santo André de Canidelo, Bispado do Porto. Filho legítimo de Tomé Francisco e de Grácia Antônia. Casado com Maria dos Passos, pai de Grácia. Já era falecido, bem como a

esposa, em 1756.

PENDÃO

-- Antônio Novo

Homem forasteiro, de quem Avelar se queixava, em 1725, estar contrabandeando com os franceses. Testemunha de vários casamentos (Matos).

PEREIRA

- Francisco Machado

Natural da Ilha do Fayal, filho legítimo de Bartolomeu Pereira de Fontes e sua mulher Maria Machada do Rosário. Neto paterno de Bartolomeu Rodrigues Ramalho e Isabel Gregório e neto materno de Francisco Marques e Isabel Machado. Entrou para a Ordem em 1745 e fale-

ceu em 1746.

PEREIRA

- Francisco Machado

Ingressou na Ordem em 1747.

PEREIRA

- Francisco Martins

Oficial da Câmara do Destêrro em 1727.

PEREIRA

Ioão de Sousa

Natural da Freguesia de S. Vicente Ferreira (Ferrer?) de Vila Franca de Xira, Arcebispado de Lisboa. Filho de João Pereira da Silva e Maria de Sousa Leitôa. Neto materno de Manoel Joam do Rego e Josefa de Sousa Leitôa. Entrou para

a Ordem em 1747.

PEREIRA

- Manoel

Figura nos livros da Matriz como morador do

Destêrro, em 1728 (Matos).

PEREIRA

- Pascoal Idem, idem.

PINTA - Ana Maria

Natural da Praça da Nova Colônia do Sacramento. Filha de Manoel de Freitas e de Maria

Pinta. Entrou para a Ordem em 1745.

PINTA

- Rita Maria

Mestra de Noviças da Ordem Terceira em 1745.

Q

QUINTAL

- Domingos Carvalho

Veio com Oliveira Bastos em 1737 (Coelho). Não obstante essa afirmação, figura como testemunha de casamento em maio de 1714 e de outro em 28/10/1714 (Matos). Lisboeta e senhor de escravos (Lucas). Entrou para a Ordem em 1745. Filho de Manoel Ramalho de Matos e Catarina de Quintal, natural esta da Ilha da Madeira. Faleceu depois de 1746. Era Capitão, na Ilha de Santa Catarina, em 1728 (Guedes).

R

RANGEL

- José Velho

Assina a representação a Aguiar, em 1715 (Taunay).

REIS

- José Mendes dos

Veio com Oliveira Bastos, em 1737 (Coelho). Sacristão. Casou-se com Maria Rita de Jesus em 14/11/1739 (Matos). Ingressou na Ordem em 1757. — Filho de José Mendes e Ana Martins. Natural de S. Sebastião da Freguesia da Vila do Sertam, priorado do Crato. Neto paterno de Manoel Mendez e Maria dos Reis. Sua esposa era filha de Natária Gomes e quando professou na Ordem Terceira, alegou ser filha desta e de Agostinho da Trindade.

Filhos de José Mendes dos Reis e sua mulher Clemência Maria de Jesus, casada com Manoel Marques de Sampayo. Os outros, nos verbetes respectivos.

RIBEIRO

- Pedro de Azambuja

Governador da Capitania, substituindo temporáriamente José da Silva Pais. Ministro da Ordem Terceira em 1745.

RODRIGUES

- Francisco

Casou em 18/5/1722 com Luzia Fernandes.

ROXADEL

- Antônio Rodrigues.

Filho de Domingos Ant.º Roxadel e Antônia Sousa. Era esta filha de Salvador de Sousa e Teodosia Rodrigues Velha. Natural de Parana-

guá. Ordem em 1757.

ROXADEL

- Domingos

Consta nos livros da Matriz como habitante do Destêrro em 1728 (amtos). Casado com Antônia Sousa, filha de Salvador de Sousa.

 \mathbf{S}

SANTIAGO

-- Francisco Justo de (Padre)

Assistiu ao casamento de Domingos Martins e

Domingas Costa em 1714 (Fontes).

SERTÃO

- Domingos Lopes

Português, casado em S. Francisco. Vereador do Destêrro (Fontes). Casado com Paula Moreira (Matos), 1.º Juiz do Destêrro em 1726 (J.

G. S. Silva, Carta 14).

SILVA

- Ana Ioaquina

Esposa de Jacinto Jaques Nicós, professa na Ordem 3.ª do Carmo do Rio de Janeiro. Filha de Pedro Fernandes da Silva e Francisca de

Jesus.

SILVA

- Manoel Antônio de Andrade e

Filho legitimo do Cap. Manoel de Andrade e Silva e Felippa da Encarnação. Natural da Ilha

da Madeira. Ingressou na Ordem em 1745.

SILVA

- Manoel Freyre da (Alferes)

Filho legítimo de Manoel João e Maria Prioz (?). Neto paterno de Antônio João e Catarina Simôa e neto materno de Pedro Freyre e Maria Joana, todos de Torres Novas, bispado de Lis-

bôa.

SILVA Roque José da

Soldado da guarnição do presídio, morador do Destêrro, filho de pais incógnitos, exposto na Santa Casa dos Inocentes de Lisbôa. Entrou

para a Ordem em 1745.

SOUZA - Lourenço Alves de

Filho de Amador Alves Cardoso e Margarida Roiz. Neto materno de Hipólito Vaz e Agueda da Silveira. Natural do Rio de Janeiro. Profes-

sou na Ordem em 1747.

SOUZA — Manoel Vieira

Veio com Oliveira Bastos em 1737 (Coelho).

SOUZA — Salvador de

Em 1714 residia no Destêrro (Coelho). Natural da Ilha Grande e casado com Teodósia Roiz Velho, natural de São Francisco. Cunhado de Manoel Manso. Fontes diz que dois navios franceses aportaram em 1711 a Santa Catarina que era governada por Salvador. Será o mesmo Salvador de Souza Brito, que está entre os signatários da representação a Aguiar, em 1715 ? Citado por Paulo José Miguel de Brito na sua Memória. Filha: Antônia Sousa, esposa de Domingos Antônio Roxadel. Neto: Antônio Roiz Rochadel.

Т

TAVARES — Bernardo

Sargento-mor. Morador nos campos de Araça-

tuba (1728).

TAVARES — Domingos

Assina a representação a Aguiar, em 1715 (Tau-

nay).

TEIXEIRA -- Manoel

Idem. Iletrado, assinava de cruz. Oficial da Câ-

mara do Destêrro em 1728.

TINOCO

José

Diz-se que veio com Dias Velho (Paiva). Casado com Inácia da Costa. Filhos: José, Inês, Domingos Costa (Brito). Domingos Costa foi casado com Domingas Martins (Fontes). Um filho de Inês Tinoco foi batizado em 23/10/1715 (Fontes).

TRINDADE

- Agostinho (frei)

Religioso carmelita. Vigário da Matriz em 1714 (Fontes). Em 1701 era Presidente da Comunidade de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem, Capelão de S. Vicente (Lucas). Em 1728 esteve em Lisbôa tratando dos interêsses dos moradores do Destêrro (Taulois de Mesquita). Varão eminente em virtude (Paiva). Os filhos de Nataria Gomes Cuelha davam-no como seu pai.

V

VALLE

- Antônio Ferreira do

Filho de João Ferreira do Valle e de Jeronima Gonçalves. Neto paterno de João Ferreira do Valle e Francisca de Siqueira. Neto materno de Domingos Gonçalves. Natural de S. Martinho, bispado de Braga. Entrou para a Ordem em 1747.

VELHO

- Francisco Dias

FUNDADOR DA POVOA DE NOSSA SENHO-RA DO DESTERRO DA ILHA DE SANTA CATARINA. Muitos Autores dão ainda ao seu nome o de Monteiro. Filho de Francisco Dias e Custódia Gonçalves. Natural de São Paulo, Neto de Pedro Dias e Antônia Gomes da Silva; de...... Gonçalves Peneda e Helena Gonçalves (Lucas). Casado com Maria Pires Fernandes em 1667. Morou na sua póvoa entre 1677 e 1678 (Lucas) e depois. Foi morto na mesma em 1689 (Lucas) ou 1692 (Taques). O inventário,

feito em 1689, depõe pela primeira data.

VELHO - Iria Rodrigues

Em 1715 levou a batismo um filho (6/12) sendo oficiante frei Agostinho da Trindade (J. G. S.

Silva, cit., Lucas).

VELHO – José

Casado com Joana Bonilna. A 23/10/1715 bati-

zou um filho com o nome de Tomaz (Lucas).

VELHO — Teodósia Roiz

Esposa de Salvador de Souza.

VELHO Urbana

Esposa de Manoel Manso de Avelar.

 \mathbf{Z}

ZUZARTE - Antônio Jorge

Sacristão da Ordem Terceira em 1745.

II

Alguns moradores do Destêrro no Século XVIII

(Depois da chegada dos povoadores açorianos e madeirenses)

De 1748 a 1799

A

ABREU

-- Joaquim

Filho de João de Abreu e Luzia de Souza. Natural da Ilha de São Miguel. Casado com Mariana de São José. Moradores do Destêrro em

1756.

ABREU

- José Francisco

Filho de Manoel Francisco da Silva e Rosa Maria. Neto de Jeronimo Francisco e de Jeronima Silva; de José de Abreu e Catarina Antunes -

1768.

ABREU

- Marcelino de Souza (Padre Coadjutor) Natural de Funxal (Ilha da Madeira) (1765).

AGUIAR

- Francisco Antônio

Filho de Francisco de Souza Machado e Fran-

cisca do Rosário. Natural de Vila da Praia, Ilha

Terceira. Era marinheiro.

AGUIAR — Manoel Ramos

Morador do Destêrro em 1752.

ALBUQUERQUE - Antônio de Melo

Filho de Francisco de Melo e Albuquerque e Maria da Conceição de Melo e Albuquerque

(1779).

ALMADA — Francisco Antônio

Filho de Antônio Roiz Almada e Clara Maria. Natural do Destêrro — 1794. Casado com Ma-

ria Antônia.

ALMEIDA — Eulália Joaquina

Filha de Antônio Correia Lxa. (Lisbôa) e Maria Leonarda de Almeida. Casada com João de S. Amorim Pereira, moradores na Freguesia das

Necessidades — 1795.

ALMEIDA — Jeronimo Botelho

Morador em 1757, quando ingressou na Ordem.

ALMEIDA — José Inácio (Cap.)

Casado com Ana Josefa de Nazaré.

ALMEIDA — Joaquim José

Filho de Caetano José e Quitéria Francisca. Na-

tural de Angra, Ilha Terceira.

ALMEIDA — Laureana Joaquina

Filha de Ant.º Correia Lisboa e Maria Leornarda

de Almeida.

ALMEIDA — Maria Exmenia

Irmã da precedente - 1779.

ALMEIDA — Tomaz Cardoso de

Filho de José Cardoso de Almeida e Leonor Luiza de Portugal. Natural do Rio de Janeiro, batizado na Freguesia da Candelária. Neto de Manoel Gomes Brabo e Antônia Cardosa; de Tomaz Gomes da Silva e Isabel Silva Teixeira. Veio *extraminado* para Santa Catarina em 1749. Ingressou na Ordem em 1762. Ocupou postos de evidência na Vila, inclusive o de ta-

belião.

ALVES (ou Alvares) — Antônio

«Filho de outro e de Maria Martins, natural de

Bragança.

ALVES — Manoel

Soldado do Regimento da Ilha, preso pelos espanhois em 1777. Regressou da Espanha em

1781.

ALVES (ou Alvares) — Manoel José

Filho de Antônio José Alz e Antônia da Costa.

«Homem marítimo». Natural do Porto — 1795.

ALVES — Pedro Antônio

AMARAL.

Filho de Dionaio (ou Dioriaco) Alves da Fon-

seca e Angela Ribeira -- 1777.

AMARAL — Domingos Silveira do

Filho de Manoel Fialho e Maria Machada. Na-

tural da Ilha do Fayal.

 Manoel da Costa de Filho de Ant.º da Costa Ar

Filho de Ant.º da Costa Amaral (já falecido em 1788) e Bárbara Marinho de Souza. Sargento da Fortaleza da Barra do Sul. Natural do Rio de Janeiro. Casado com Luzia da Conceição

(1**7**79).

AMOR DIVINO -- Faustina Luiza do

Filha de Pedro da Costa Cardoso e Joana Ma-

ria de Santa Rosa (1780).

AMOR DIVINO - Gertrudes Teodora do

Filha de Pedro Martíns, familiar do Santo Oficio, e Isidora Maria. Neta de Pedro Martins e Maria Francisca; de Julião da Costa e Vicência Pereira. Casada com Estevam Manoel de Jesus.

Moradores do Destêrro em 1759.

AMOR DIVINO — Gertrudes Teodora do

Filha de Manoel Soares Serrão e Vicência Rosa de Jesus. Casada com Tomaz José Fernan-

des.

AMORIM — Custódio Antônio de

Filho de João de Amorim e Eulália Joaquina. Natural da freguesia das Necessidades — 1798.

ANDRADE — Antônio Manoel de

Filho do Cap. Manoel Antônio de Andrade e Ana de Souza Furtado. Natural do Rio de Janeiro.

ANDRADE — Apolinário Antônio

Residente no Destêrro em 1773.

ANDRADE — Caetano Sanches

Natural do Reino de Espanha. Morador do Des-

têrro em 1779.

ANDRADE - João de

Filho de Inácio de Andrade e Vitória da Costa. Natural de S. Sebastião, da Ilha de São Miguel

(1768).

ANGÉLICA — Rosa Maria

Filha do Capitão-Mor Aniceto da Cunha Castelo Branco e Luiza Maria. Casada com Antônio da

S. Mayato (1766).

ANJOS -- Gertrudes dos

Filha de Manoel Alves Ouriques e Margarida do Rosário. Natural da Ilha Terceira. Casada com

Antônio Godinho.

ANJOS – Maria dos

Filha de João Teixeira e Marianna de Jesus. Natural da Ilha Terceira. Casada com Feliciano

José Prates (1780).

ANJOS — Maria dos

Filha de Antônio Pereira de Medeiros e Maria Roiz. Natural da Freguesia dos Cedros, Ilha do Fayal. Era casada com Antônio Siiveira de La-

cerda.

ANTÔNIA — Francisca

Viuva de Antônio de Souza Santos. Filha de Pascoal Vieira e Beatriz Vieira. Natural da Ilha Terceira. Moradora no Itacorobí (1795).

ANTÔNIA

— Joana

Filha de José Fra. e Esperança de Jesus. Casada com José Rabelo, moradores no Continente «des-

ta Ilha». Naturais da Ilha Terceira (1780).

ANTÔNIA

- Maria

Filha de José Ant.º da Silveira e Antônia de Jesus. Natural do Destêrro. Casada com Joa-

quim de Souza Quadros - 1798.

ANTÔNIA

- Maria

Natural da Ilha Terceira. Viuva de Francisco

Vieira.

ANTÔNIA

- Marianna

Filha de João Martins e Francisca dos Santos. Casada com Francisco Antônio Almada. Natu-

ral do Destêrro.

ANTÔNIA

- Rosa

Filha de Manoel Nunes Barreto e Maria da Silva Soares, já falecidos e naturais da Ilha da Madeira (1794). Viuva de Luiz Inácio da Costa.

Tinha uma filha de nome Marcelina Rosa.

ANUNCIAÇÃO

- Francisca da

Casada com o Cap. Antônio José Feijó (1793).

ANUNCIAÇÃO

- Marianna Angélica da

Filha de Antônio da Silva Mayato e Rosa Maria Angélica.

AQUINO

- Fernando José

Filho de Tomaz de Aquino e Joana de Eros Natural de Lisbôa. Moradores em São José -

1782.

AR

- Antônio Luiz do Escovar

Filho de Estevão Luiz de Escovar e Domingas de Ar. Natural da Vila dos Arcos, Arcebispado de Braga. Morava no Destêrro em 1764 e esta-

va de viagem para o Rio de Janeiro.

ARAUIO

- Aurélio de Jesus

Filho de Manoel Lourenço Ferreira e Rosa Leonarda. Avôs: Mateos Ferreira e Maria Lourença; João Mendes e Margarida de S. Mateos. Natural da Ilha de Santa Catarina. Cabo de esquadra do

Regimento da Ilha. 1771.

- Domingos Francisco de **ARAUIO**

Filho de Manoel Francisco e Florência de Araujo. Natural de Conta de Lima, arcebispado de Braga. Morador do Destêrro em 1756.

- Manoel Ramos ARAUJO

Morador do Destêrro em 1756. Veio do Rio de

Ianeiro.

-- Tomazia Maria Nazaré e ARAUJO

Filha do Alferes Manoel Medeiros e Souza e Luiza Francisca da Sumpção. Natural do Des-

têrro, 1775.

- Manoel Vidal (Arocha) AROUCHE

Natural de Setuva (Setubal). Filho de Matias

Cardoso e Francisca Tereza Vidal (1781).

- Bento Martins (da Ruda) **ARRUDA**

Filho do Ajudante Mateos da Arruda e Francisca de Jesus. Natural da Ilha de São Miguel (1781). Foi por várias vezes escrivão e por último tabe-

lião do Destêrro (1752).

-- José Pereira da Costa ARRUDA

Filho de Manuel da Ruda e Maria Rezendes. Natural de S. Pedro, ilha de S. Miguel (1774).

- Ana Ioaquina da **ASCENÇÃO**

Filha de Francisco Gonçalves Mascarenhas e mãe incógnita (?). Natural da Colônia do Sacra-

mento - 1780

ASSUNÇÃO - Ana

Filha de Manoel Vieira Machado e Beatriz de Jesus. Casada com Alexandre José de Jesus.

- Luiz ASSUNÇÃO

Morador do Destêrro em 1753. Veio do Rio de

Ianeiro.

- Luiza Joaquina **ASSUNÇÃO**

Filha de Paulo Lopes Falcão e Maria da Assun-

ção. Casada com o Alferes Joaquim dos Santos Xavier Marmelo (1798).

ASSUNÇÃO

- Luiza Maria de

Filha de Antônio Gonçalves e Maria da Costa. Natural da Vila de Almada, Arcebispado de Lisboa. Morava no Destêrro em 1757 em casa de seu filho o «licensiado» Paulo Lopes Falção.

ASSUNÇÃO

- Luzia Francisca

Filha de Bernardo de Souza e Mania Moniz. Natural de S. Sebastião da Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Neta paterna de Antônio de Souza e Maria de Souza; neta materna de Martinho Alves e Maria Muniz. Casada com o Alferes Manoel Medeiros e Souza — 1760.

ASSUNÇÃO

-- Maria Antônia de

Viuva de João Fernandes Cariano. Natural de S. Pedro da Ilha Terceira (1778).

ASSUNÇÃO

- Maria de

Filha de Agostinho de Deus, natural de Ponta da Garça, Ilha de S. Miguel, e de Eugênia Maria. Avós maternos : José dos Santos e Catarina Maria da Costa. Casada com o licenciado Paulo Lopes Falcão (1770).

ASSUNÇÃO

- Rita Maria

Filha do Cap. José Luiz do Livramento e Ana Francisca de Jesus — 1799.

AVILA

- Antônio da Costa de

ÁVILA

Natural da Ilha de S. Jorge.

— Antônio Francisco (Dávila)

Filho de Jorge Pereira e Maria da Assunção, naturais de S. Mateos, Ilha do Fayal. Morador

de São José. Casado com Luiza Francisca.

ÁVILA

- Manoel Pereira de

Filho de Sebastião Pereira de Ávila e Maria do

Rosário. Natural da Ilha do Pico (1798).

ÁVILA

- Martinha Inácia

Filha de Mateus Gracia e Maria Pereira, naturais

de S. Matheus da Ilha do Fayal (1779).

AZEVEDO — Albano Souza

Morador do Destêrro em 1753. Veio do Rio de

Janeiro.

AZEVEDO — Luiz Manoel de

Filho de Antônio Roiz Roxadel e Maria Clara

(1781).

AZEVEDO - Maria Osório Correa de

Filha de Albano de Souza de Azevedo e Ana

Zuzarte. Todos residentes do Destêrro (1779).

AZEVEDO - Tiadora Bonifácia

Filha de Francisco de Souza Prim. el (Pimentel?) e Maria de Azevedo Marques. Natural da Colônia do Sacramento. Casada com Pedro João

(1781).

 \mathbf{B}

BARBOSA — Custódio José da Silva

Filho de Manoel Barbosa e Josefa Ferreira, na-

tural de Barcellos, Arcebispado de Braga.

BARCELLOS -- Antônio Lourenço

Filho de Braz Lourenço e Sua «mami» Ana de Barcellos (sic). Casado com Maria da Luz. Natural de S. Miguel, o Anio, da Ilha Terceira

(1774).

BARCELLOS - Francisco Antônio

Filho de Manoel Barcelos de Aguiar e Josefa da Conceição. Natural de S. Mateus da Ilha Terceira. Casado com Ana Clara do Sacramento.

Morador da Lagôa.

BARCELLOS — José

«Homemroceiro» «morador de Traz do Morro»

— 1773.

BARCELLOS — Pedro José

Filho de Manoel Barcelos e Josefa da Concei-

ção. Natural da Ilha Terceira. Casado com Vicência Rosa

BARRETO - Antônio Carlos Moniz

> Filho de Antônio Francisco e Rita Caetana. Natural da Ilha de S. Jorge. Ouvidor da Comarca (1791). Almeida Coelho e outros Autores o dá como natural de Santa Catarina. No caso, a na-

turalidade refere-se ao Pai ou aos pais.

BARRETO Antônio Francisco Moniz

Natural da Vila Franca da ilha de São Miguel

(1754).

BARRETO -- Antônio Nunes

Casado com Floriana Ribeira (1772).

BARRETO - Francisco Alverto Moniz

> Filho de Antônio Francisco Moniz Barreto e Rita Caetana da Silveira. Natural do Destêrro

(1774).

BARRETO - Miguel Telles

> Filho de Antônio Moniz Telles Barreto de..... Sodré e Maria Madalena de Aragão. Natural da

Bahia — 1774.

BARROS - José Luiz Magalhães

Filho de Luiz Carlos Magalhães Barros e Josefa Maria Rosa. Neto materno de Antônio Tavares Correia e Maria Rosa. Natural do Porto (1781).

BARROS - Patricio Manoel

Casado com Josefa Caterina — 1798.

BERENGUER - Henrique Cesar

> Filho de José de França Berenguer e D. Antônia Telles de Menezes. Natural de Funchal, Ilha da Madeira. Casado com Maria Henriques de Oliveira. Foi Capitão em São José. Em 1769 achava-se gravemente enfêrmo e na maior mi-

séria.

BERENGUER - João Cesar

Filho de Henrique Cesar Berenguer e Maria Henriques de Oliveira. Natural de São Pedro do

Funchal, ilha da Madeira. Cabo de esquadra do Regimento da Ilha de Santa Catarina (1770).

BERNARDA

-- Joana

Casada com José Francisco Lourenço, morador de Traz do Morro (1779).

BERNARDES

- Francisco José

Filho de Mateus Vz e Rosa do Scramento — 1799. Natural da Lagôa. Casado com Tereza de

lesus.

BERNARDINA

- Ana Rosa

Filha de Sebastião Gonçalves de Melo e Ana do Espírito Santo, já falecidos em 1773. Natural de Santa Bárbara da Ilha Terceira. Casada com

Henrique José da Silva.

BETANCOURT

- Clara Rosa

Filha de Manoel Ramos Cordeiro, viuva do Cap. José Luiz Marinho. Natural da Ilha do Pico.

BETANCOURT

- José Antônio de

Filho de José Francisco da Rosa.

BEZERRA

- José Barbalho

Filho do Cap. Hieronimo Barbalho Bezerra e Lucrécia Lemos. Avós paternos: Micaela Barbalho Bezerra e João Batista de Matos. Natural do Rio de Janeiro, freguesia Candelária. Tenente — 1757. Casado com Inácia Francisca do Sacra-

mento.

BITANCOURT

- Cristovão da Cunha

Filho de José Francisco Rosa e Maria Paula de

Jesus. Natural do Destêrro.

BITANCOURT

- Manoel da Cunha

Filho de Pedro José da Cunha Bitancourt e Jo-

sefa Antônia da Encarnação.

BITANCOURT

- Maria Joaquina

Filha de Antônio José de Souza e Rira Ávila de

Bitancourt. Natural Destêrro (1790).

BITANCOURT

- Rosa Maria de Jesus

Casada com Antônio Francisco da Cunha, cabo de esquadra,

BITENCOURT

-- Ana Maria

Filha de Nuno da Cunha Brazão e Luzia Joana de Bitencourt. Natural da Ilha de São Jorge. Avós: Jacomo Gonçalves Cabral e Maria de Espinola; Antônio Correia de Bitencourt e Maria Vieira. Casada com Manoel Furtado de Medeiros (1758).

BITENCOURT

- Antônio José de (Bitencur)

Filho de Manoel Pacheco da Costa e Ana Silveira. Natural de Vila das Velas, Ilha de S. Jorge (1754). Casado com Felícia Rosa de Santo

Inácio.

BITENCOURT

- Baltazar Teixeira de (Bitancur)

Natural da Vila das Velas, ilha de S. Jorge

(1753). Casado com Josefa Maria.

BITENCOURT

- Estácio Borges

(1779).

BITENCOURT

- Francisco Antônio

Filho de Francisco de Bitencur de Avila (1773).

BITENCOURT

- Francisco Antônio.

Filho de Manoel Roiz Albarnaz e Brizida de S. Mateos. Natural de Freguesia de S. Mateus, ilha

do Pico (1779).

BITENCOURT

- Ioana Rosa

Exposta. Natural da Ilha Terceira. Casada com José da Costa Cidade (1770).

BITENCOURT

- João de Souza

Filho de Baltazar Teixeira e Maria Josefa. Na-

tural do Destêrro — 1781.

BITENCOURT

- Iosé Machado

Filho de Bartolomeu Novais e Beatriz Novais. Natural da Freguesia de Agua de Lupe, Ilha Graciosa, morador na Vargem Grande, nesta

Ilha -- 1796.

BITENCOURT

- Josefa Maria

Filha de João de Betancourt e Isabel de Melo. Natural da Ilha Graciosa. Casada com Estevam Roiz (1779).

BITENCOURT — Manuel Cabral de (Padre)

> Vigário da Freguesia de N. Sr.a da Conceição da Lagôa (1756). Professo da Ordem Terceira

da Ilha de São Jorge.

- Manoel José **BITENCOURT**

Capitão da Freguesia da Lagôa (1780).

- Manoel Miranda **BITENCOURT**

> Filho de Manoel Miranda Maciel e Luzia Joana de Bitancourt. Natural da ilha S. Jorge (1770).

 Manoel da Silva BITENCOURT

Filho de João dos Reis e Catarina Silva. Natural

da Ilha Graciosa - 1798.

BITENCOURT - Maria Joaquina

> Filha de Manoel Miranda Maciel e Luzia Joana de Bitancur — (1770-79). Natural de S. Jorge.

- Rita de Avila **BITENCOURT**

Filha de Manoel Machado da Costa e Rita Jeronima de Bitencourt. Natural da ilha S. Jorge. Casada com Antônio José de Souza (1782).

- Rita loaquina BITENCOURT

Filha de Manoel Pereira de Melo e Paula Correia de Bittencourt. Casada com Manoel Roiz

Fidalgo (1782).

BITENCOURT — Rosária Rosa

> Filha do Cap. José Luiz Marinho, já falecido em 1796 e Clara Rosa de Bitencourt. Natural da

Enseada de Brito - 1796.

BITENCOURT - Tomazia loaquina de

Filha de José Francisco da Rosa e Rosa Paula. Casada com o cadete José Xavier de Souza Be-

tancourt de Lemos (1780).

- Inácia da BÔA-MORTE

Filha de Antônio Machado de Avila e Maria

Dutra. Natural de São Salvador da Ilha do Fayal. Casada com Manoel Silveira Golarte.

- Matias Xavier

Filho de Francisco dos Santos e Maria da Luz. Neto de: Manoel Fernandes Quintana e Margarida da Trindade; de Manoel Bodilha e Maria do Nascimento. Natural da Freguesia de S. Sal-

vador, Ilha Terceira (1760).

BORGES — Ântônio Corrêa

Filho de Manoel Borges Homem e Maria de Jesus. Neto de Manuel Borges Homem e Maria Martins, todos da Ilha Terceira. Ele, de S. Roque dos Altos Ares, Ilha Terceira (1768). —

Casado com Marianna Antônia de Jesus.

BORGES - Francisco Lourenço

Filho de Manoel Lourenço Borges e Rosa Ma-

ria. Natural de Angra, Ilha Terceira.

BORGES — João

BODILHA

(1783).

BRANDÃO - Rodrigo José

Alferes do Regimento da Ilha de Santa Catari-

na (1780).

BRASIL -- Polucênio Teixeira

Oficial de carpinteiro (1784).

BRUM — Ana de

Casada com João Machado Vieira (1794).

 \mathbf{C}

CABRAL — Miguel

Residia no Destêrro em 1759, vindo da Colônia do Sacramento. Foi admitido na Ordem Tercei-

ra em Lisbôa.

CAETANA — Josefa

Filha de Jose Nunes de Avila e Mônica da As-

cenção. Casada com o Cap. José de Andrade.

- Aleixo Maria

Filho de Lourenço Maria Caetano e Josefa da Silva de Carvalho. Casado com Joana Antônia (1772). — Natural do Destêrro, morador à rua do Vinagre (1777). Neto de Natária Gomes Cuelha.

CAETANO – Antônio Maria

Irmão do precedente. Professou na Ordem em

1770.

CAETANO — Antônio Maria

Professo na Ordem Terceira de Angra, ilha Ter-

ceira. No Destêrro, em 1748.

CAETANO – João Maria

Filho de Lourenço Caetano e Joséfa S. Carva-

lho. Natural do Destêrro.

CALDAS - Francisco de

Filho de Bento de Caldas e Francisca Romay.

Natural da Galiza, reino de Leão. 1777.

CALDEIRA — André Cardoso

(1794). Filho: Jose Cardoso Caldeira; neto:

Joaquim Cardoso Caldeira.

CÂMARA — Francisco Antônio da Veiga Cabral da

Coronel. Governou a Capitania de 1778 a 1779.

CÂMARA — Manoel Iosé da

Filho de Manoel do Conde do Nasciento e Bárbara de Jesus de Santa Rosa. Natural da Ilha

Graciosa. Morador do Itacorobi.

CAMPOS — Antônio Iosé

Morador do Destêrro em 1770. — Casado com

Maria da Ressurreição.

CAMPOS — Ioana Lianor

Filha do Cap. Leonardo Luciano de Campos e Lianor Josefa. Natural de Lisbôa. Viuva de Do-

mingos Gomes Dias — 1777.

CAMPOS - Joaquim Ana Gomes de

Filho de Joana Leonor de Campos e Domingos

Gomes Dias. Morador à Rua do Rosário (1780).

CAMPOS — José Joaquim de

Filho do Cap. de Infantaria Leonardo Luciano de Campos e Leonor Josefa, já falecida (1770). Avós: Pedro de Oliveira Campos e Felipa Maria João...de Faria e Luiza Maria. Natural de Lisbôa. Sargento do Regimento da Ilha de Santa Catarina.

CAMPOS

- Leonardo Luciano de

Tenente. Ingressou na Ordem Terceira da Vila de Alhandra, têrmo do Arcebispado de Lisbôa (1756). — Escrivão do Destêrro e Secretário de Govêrno em 1753.

CAMPOS

- Maria Efigênia

Filha de Domingos Gomes Dias e Joana Lianor

de Campos.

CANTO

- Estácio Borges Betancourt do

«casado, vive do seu negócio».

CANTO — Maria Ursula do

Mulher de Francisco Coelho. Moradores de São

Miguel (Santa Catarina).

CARDOSO

- Paulo da Costa

Filho de Pedro da Costa Cardoso e Joana Ma-

ria de Santa Rosa (1780).

CARDOSO

- Pedro da Costa

Filho de Manuel Cardoso e Francisca Maria. Natural de Santo André da Real Vila de Mafra, patriarcado de Lisbôa. Avós: João de Souza e Maria Machado; Antônio Cardoso e Maria Francisca (1757). Casado com Joana Maria de Santa

Rosa.

CARDOSO

— Tomé (Alferes)

Filho de Antônio Simõens e Catarina do Sacramento. Natural da ilha de S. Jorge. Morador no

Continente (1780).

CARIANO

- João Fernandes

Morador do Destêrro — 1778. Casado com

Maria Antônia da Assunção.

CARMO

-- Maria do

Filha de Joaquim Gomes de Sant-Iago e Maria do Pilar, Natural do Porto - 1798, Casada com Manoel Iosé Denis.

CARMO

- Francisca Teodora do

Filha do Cirurgião-mór da Colônia do Sacramento Manoel Ribeiro e de Antônia Morais (já falecida em 1779). Natural da dita Colônia. Casada com Francisco Manoel de Medeiros, porta--bandeira do Regimento da Ilha de Santa Catarina (1779).

CARPES

- Cisnando Antônio (Sizenando ?)

Filho de Simão Pereira de Carpes e Luiza da Conceição. Natural do Destêrro. Oficial de «lavrante > (1793).

CARPES

CARPES

- Felipe Agoa de (Agueda ?)

Casado com Anastácia Joaquina da Conceição (1799).

- Simão Pereira

Filho de Manoel Pacheco e Francisca Xavier. Natural da Ilha de S. Miguel. Sargento de granadeiros do Regimento da Ilha de Santa Catarina (1778). Casado com Luiza da Conceição.

CARVALHO

- Agostinho Fernandes

Filho de Agostinho Fernandes e Francisca Nunes de Carvalho. Natural de Santiago de Carva-Ihosa, Arcebispado de Braga. Morador de S.

José - 1780.

CARVALHO

- Antônio da Silva de

Filho de Natária Gomes Cuelha e «pai incógnito - 1757. Natural do Destêrro. Casado com

Luiza Rosa do Nascimento.

CARVALHO

- Antônio Teixeira

Sargento da Companhia da Lagôa (1753).

CARVALHO

- Guiomar da Silva de

Filha de Antônio da Silva de Carvalho e Luiza

Rosa do Nascimento.

CARVALHO

- Manoel José

Filho de Francisco José e Inácia Roiz. Neto materno de Antônio Roiz de Carvalho e Madalena Roiz. Natural de Braga. Almoxarife da Fazenda Popi de Datêma (1770)

Real do Destêrro (1770).

CARVALHO – Máxima Pereira de

Filha de Agostinho Fernandes de Carvalho, Na-

tural de S. José da Terra Firme (1780).

CARVALHO — Rosa da Silva de

Filha de Lorenzo Maria Caetano e Josefa da Silva Carvalho (já falecida em 1752). Natural do Destêrro. Casada com Antônio dos Santos Xa-

vier.

CARVALHO — Tomaz Antônio

Filho de José Carvalho de Magalhães e Senhorinha Josefa da Silva. Natural de S. Martinho do Arco, Concelho de Basto. Furriel do Reg. da Ilha. Irmão do Padre Doutor Vicente José de Carvalho (1780). Casado com Josefa Joaquina

Jesus.

CARVALHO -- Vicente José (padre Doutor)

Sacerdote do Hábito de S. Pedro. Capelão mor do Regimento do Porto. Gravemente enfermo pediu ingresso na Ordem do Destêrro em 1779.

Já era terceiro em Lisbôa.

CASTEL-BRANCO — Sebastiana Josefa

Filha do Cap. Henrique Cesar de Berenguer e Maria Henriques de Oliveira. Avós: José de França Bitencourt e Berenguer e Antônia Francisca Telles de Menezes; Sebastião Pinto Lobato e Inácia Maria de Oliveira. Natural de Fun-

chal, Ilha da Madeira (1762).

CASTEL-BRANCO Maria

Irmã da precedente (1770).

CASTRO -- Francisco Borges de

Filho de Matias Fernandes de Castro e Joana Maria de Jesus Natural do Destêrro (1777). Ta-

belião do Destêrro em 1785.

CASTRO

- Francisco José **CASTRO**

Filho de José Miranda e Castro e de Brites Pinheira. Morador da Vila, negociante. Natural da Vila do Pinha, Bispado da Guarda — 1770. Casado com Caetana da Encarnação de Jesus.

- Francisco Pedro de Miranda e

Filho de Francisco José Castro e Caetana da

Encarnação de Jesus (1799).

- Laureano Correa Rabelo e (Padre) CASTRO

Presbítero do Hábito de S. Pedro. Capelão do Regimento da Ilha. Veio de Minas Gerais-1775.

- Lucrécia Maria CASTRO

Filha de Matias Fernandes de Castro e Joana Maria de Jesus. Irmā de José de Castro Ramos

(1771).

- Manoel de Souza **CASTRO**

Morador do Destêrro (1750).

- Inês CATARINA

Filha de João Martins e Francisca dos Santos. Natural da Ilha Terceira. Casada com Manoel

Caetano de Melo (1795).

- Francisca das **CHAGAS**

Filha do Cap. Antônio Roiz Roxadel e Maria Clara de Jesus. Natural de S. José, «moça sol-

teira» - 1781.

-- Francisca das CHAGAS

Filha de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus

(1779).

- Francisca Maria das CHAGAS

Filha de Manoel Ribeiro de Faria, já falecido em 1770, e de Rosa Maria. Natural do Rio de Janeiro. Casada com o Cap. João Antônio Soares.

- João Gonçalves (Padre) **CHAVES**

Vigário do Destêrro — 1748.

- Manoel Gonçalves CHAVES

Filho de Antônio Glz e Isabel Glz. Natural de São Vicente, lugar de Viracandelo, terra de Chaves, Arcebispado de Braga - 1794. Casado

com Rita Josefa.

CHAVES - Manoel de Souza

Morador do Destêrro, 1752.

CIDADE - Antônio de Bitancourt

Filho de José da Costa Cidade.

CIDADE - Francisco Lopes

Do Rio de Janeiro - 1794.

CIDADE - Joam de Bitancurt

Filho de José da Costa Cidade e Joana de Bi-

tancurt — 1781.

CIDADE - José da Costa

> Filho de Antônio Barbosa e Joana da Costa. Natural do Porto (1770). Vereador à Câmara do

Destêrro em 1774

CLARA - Ana Maria

Filha do Cap. João de Andrade e Josefa Inácia

Caetana.

CLARA -- Maria

> Filha do Alferes Francisco Dutra de Faria e Maria de Faria. Casada com Antônio Roiz Rocha.

> del. Natural do Espírito Santo do Fayal - 1780.

COELHO - Jacinto José

Fiiho de Manoel Coelho Jordão e Rita Francisca. Natural de N. Sr.a do Rosário da Ilha do

Pico.

COELHO - losé

Morador do Destêrro - 1799.

COELHO - José da Gama Lobo

Tte. Cel do Regimento da Praça — 1794. Casado com Maria Joaquina da Conceição Coimbra.

COELHO - Manoel Martins

> Filho de Sebastião Miz e Maria de Santa Rosa. Natural de Santa Beatriz da Ilha Terceira. Lavrador no Itacorobí. Casado com Maria Paula.

COELHO - Mateos Lourenço COIMBRA

Natural da Ilha Terceira. Cap. de Ordenanças

da Freguesia da Lagôa.

— Manoel Soares de

Filho de Manoel Soares Coimbra e Bárbara Correia e Sáa. Era Capitão em 1765, da guarnição do Destêrro. Depois, como Coronél, foi Governador da Capitania. Casado com D. Aniceta Zuzarte Pinto. Governou a Capitania de 1791 a

1793.

COIMBRA — Manoel Soares de

Filho do Coronel Governador Manoel Soares de Coimbra e Aniceta da Conceição Coimbra. Ca-

pitão de granadeiros (1793).

COIMBRA — Maria Joaquina da Conceição

Casada com o Tte. Coronel José da Gama Lobo

Coelho -- 1794.

COITINHA — Tereza Maria

Casada com Manoel da Cunha Bitancourt.

CONCEIÇÃO — Ana Jacinta

Casada com Domiciano Pereira Fernandes -

1779.

CONCEIÇÃO — Ana Maria da

Filha de Francisco Gonçalves de Mesquita e Luiza da Conceição. Natural do Destêrro —

1798.

CONCEIÇÃO — Anastácia Joaquina

Casada com Felipe Agua de Carpes - 1799.

CONCEIÇÃO — Antônia Maria

Filha de José Mendes dos Reis e Maria Rita da

Cruz — 1779.

CONCEIÇÃO — Catarina Maria da

Filha de João Fernandes Cariano e Maria Antônia da Ascenção. Natural da Iiha Terceira. Ca-

sada com José Antônio Godinho.

CONCEIÇÃO — Catherina

Natural da Ilha de São Jorge e viuva de Fran-

cisco da Silveira e Souza - 1780.

CONCEIÇÃO — Córdola Maria

Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina. Natural do Destêrro — 1796.

CONCEIÇÃO — Escolástica Joaquina

Filha de Simão Pereira de Carpes e Luiza da

Conceição. Natural do Destêrro.

CONCEIÇÃO — Francisca Clara da

Filha de João Machado Alves (já falecido em 1785) e Maria de Santa Ana, moradora na La-

gôa. Casada com João Antônio Vieira.

— Francisco José de Souza e (Padre)

Filho de Luiz José de Souza — 1793.

CONCEIÇÃO — Joana da

CONCEIÇÃO

CONCEIÇÃO

Natural de S. Mateus da Ilha Graciosa. Viuva de Francisco Pereira Cabral. Moradores da En-

seada de Brito.

CONCEIÇÃO — Josefa Maria da

Filha de Manoel Corrêa de Melo e Maria da

Conceição.

CONCEIÇÃO — Luiza

Filha de Francisco Machado e Catarina da Conceição. Casada com Simão Pereira Carpes —

1779. -- Luzia

Filha de José de Souza e Luiza da Encarnação. Casada com Manoel da Costa Amaral — 1779.

CONCEIÇÃO — Luzia da

Viuva de André Martins. Natural da Ilha Ter-

ceira.

CONCEIÇÃO — Maria da

Filha de Antônio da Costa e Francisca da Esperança. Neta materna de Manoel Glz. Laranjo e Maria da Esperança, «fâmola das freiras do Convento de Jesus da Vila da Praia». Casada com Manoel Corrêa de Melo. Natural de Santa

Luzia da Ilha Terceira - 1756.

CONCEIÇÃO — Maria

Filha de Felix da Costa e Tereza da Conceição. Natural da Ilha de São Miguel — 1796.

CONCEIÇÃO

- Maria

Filha de João Frz Cariano e Maria Antônia da Assunção. Natural da Freguesia de Guada Lupe Ilha Terceira. Casada com Manoel José de Jesus. Os pais já eram falecidos — 1782.

CONCEIÇÃO

- Maria

Filha de João da Silva Mayato e Francisca da Costa Rangel — 1794.

CONCEIÇÃO

- Maria da

Filha de José de Souza e Maria do Espírito Santo. Natural de Vila da Praia, Ilha Terceira. Casada com Inácio Faria Dutra, moradores nos Barreiros

CONCEIÇÃO

- Maria

Filha de Manoel Corrêa de Melo e Maria da Conceição. Natural do Destêrro. Casada com Iosé Viera Rabelo.

CONCEIÇÃO

- Maria da

Filha de Manoel Fernandes Lima. Natural da Ilha Terceira. Casada com Mateos Lourenço Deniz (1748).

CONCEIÇÃO

- Maria da

Filha de Manoel Lopes do Espírito Santo (natural da Igreja Nova do E. Santo de Sobral, Tomar) e Maria Inês da Conceição (natural de Santa Bárbara da Ilha Terceira). Neta paterna de Antônio Lopes e Francisca Nunes; neta materna de Antônio Vieira de Melo e Joana da Conceição. Casada com Lourenço Miz (Martins?) de Souza, moradores «na rua chamada da Tronqueira» (1785).

CONCEIÇÃO

- Maria da

Filha de Sipriano Miz e Maria dos Anjos. Natural de S. Sebastião da Ilha Terceira. Moradora

4	no Rio Tavares. Mulher de Vicente Machado Lucas.
CONCEIÇÂO	- Maria Antônia
	Filha de Tomé Cardoso e Francisca da Esperança, moradores de S. Miguel (Santa Catarina).
CONCEIÇÃO	- Maria Joaquina da
	Filha de Manoel Afonso e Ana da Conceição, natural do Rio de Janeiro, freguesia de Santa
CONCERCÃO	Rita. Casada com Carlos José Gomes Costa.
CONCEIÇÃO	- Maria Joaquina da Filha de Manoel Alz. de Sousa e Isabel do Es-
20110111	pírito Santo — 1782.
CONCEIÇÃO	— Maria Joaquina da
	Filha de Manoel Ramos Espindola e Maria de Santo Antônio. Natural da Lagôa. Casada com
CONCEIGÃO	Miguel de Oliveira — 1796.
CONCEIÇÃO	 Maria Joaquina Filha de Matias Fernandes de Castro e Joana
	Maria de Jesus. Natural do Destêrro — 1768.
CONCEIÇÃO	— Maria Leonarda
	Filha do Sargento-Mór Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro —
	1771.
CONCEIÇÃO	- Mariana Joaquina
	Filha de Manoel de Vargas (Rodrigues) e Rita Josefa da Conceição (1798).
CONCEIÇÃO	- Páscoa Maria
	Filha de Manoel Corrêa de Melo e Maria da Conceição. Naturais e moradores do Destêrro.
CONCEIÇÃO	- Quitéria Clara
	Filha de Ant.º Corrêa de Miranda e Ana dos
	Reis. Casada com José Francisco Pires. Natural da Ilha Graciosa.
CONCEIÇÃO	- Rita Joana da
•	Filha de Manuel Pacheco Costa e Ana de Qua-
	dros Franca. Avós: Manoel Días da Costa e

	Felipa Dias; Manoel Machado Franco e Maria
	da Rosa. Naturais todos da Vila das Velas, Ilha
	S. Jorge.
CONCEIÇÃO	— Rita Josefa
001101113.10	Filha de Francisco Vieira Cordeiro e Agada
	(Águeda ?) Justina da Conceição. Natural da Ilha
	Terceira. Avós: Manoel Cordeiro e Catarina
	Vieira; João da Rocha e Maria Evangelha —
	1762. Casada com Manoel de Vargas.
CONCEIÇÃO	— Rosa
CONCEIÇÃO	Filha de Francisco de Souza e Bárbara de S.
	Tomé. Natural do Destêrro (Lagôa) 1779.
CONCRICÃO	- Rosa Joaquina
CONCEIÇÃO	Filha de Francisco Martins e Quitéria 'Inácia
00000111	(1798). Natural da Lagôa.
CORDOVA	- Antônio Inácio Roiz (Tenente)
	Pertencente à Ordem Terceira do Rio Grande
	do Sul, morador do Destêrro. Casado com Jo-
	sefa Joaquina da Cunha.
CORDOVIL	- Francisco dos Santos
	Filho de Francisco dos Santos Xavier. Furriel do
	Regimento da Ilha. 1780.
CORDOVIL	— José Raimundo dos Santos
	Filho do Ajudante Francisco dos Santos Xavier
	e Violante Rosa, natural e morador do Destêrro.
CORRÊA	- Cristovam de Almeida
	Sargento Mór. Filho de Acenço Dias e Antônia
	Maria de Jesus. Natural do Rio de Janeiro.
CORRÊA	- Tomaz
•	Natural do Destêrro, nascido em 1783, filho de

COSTA — Ana Maria da Silveira

Casada com o Cap. Manoel Soares de Coimbra

(filho) — 1798.

COSTA — Antônio Francisco

Filho de Francisco Costa e Maria de Jesus. Na-

tural da Ilha Graciosa (1781).

Manoel Corrêa Mancebo (Guedes).

COSTA

- Antônio José da

Capitão. Natural do Destérro. Filho de Tomaz Francisco da Costa e Marianna Jacinta da Vitó-

ria. Casado com Páscoa Maria (1793).

COSTA

- Antônio Lopes

Filho de João Lopes da Costa e Maria do Espírito Santo. Natural do Destêrro - 1777.

COSTA

- Antônio Pereira

Filho de José Pereira da Costa e Francisca Iná-

cia Rosa (1794).

COSTA

- Carlos José Gomes

Filho de Paulo José Gomes Costa e Sylva e de Paula Gomes Cerqueira. Natural de Santa Eulália, têrmo da Barra, Braga. Morador do Destêrro, sendo Demarcador de Terras (1784). Casado com Maria Joaquina da Conceição.

COSTA

- Felles (Felix?)

Filho de João Costa e Maria Rodrigues. Natural da Ilha de S. Miguel -- 1798.

COSTA

- Francisco Ferreira da

Filho de Manoel Pires Ferreira e Isabel da Cruz. Natural da Ilha Terceira /Freguesia de Santa Beatriz das Quatro Ribeiras) e morador da La-

gôa. Casado coin Josefa Maria.

COSTA

- Francisco Homem da

Natural da Ilha do Fayal. Casado com Antônia

Maria de Jesus.

COSTA

-- Inácio Coelho

Filho de Domingos Ferreira da Costa e Maria Caetana. Natural de S. Mateos da Ilha Terceira. Era morador da «freg. das Necessidades, em a paragem das Canasvieiras» (1780). Casado com

Bárbara Josefa.

COSTA

— João Lopes da

Filho de Agostinho da Costa Pinto e Maria Gomes. Natural do Rio de Janeiro - 1795.

COSTA

- José Félix Lopes da COSTA Intendente da Marinha - 1798. -- José Francisco de Faria e COSTA Filho de Tomaz Francisco da Costa e Maria Jacinta da Vitória, 1781. - José Henriques da COSTA Filho de João Henriques da Costa e Perpétua Tereza de Jesus. Neto paterno de Cristovam Dias e Maria Batista. Neto materno de Antônio Batista e Flávia Tereza. Natural de N. Sr.a dos Remédios (lugar de Caravéllas), têrmo de Lisbôa e os avós naturais de Olívas, do mesmo têrmo. Pedreiro. Em 1763 residia em Mariana. Em 1786, no Destêrro. - José Rodrigues COSTA Casado com Josefa Maria do Rosário (1762). - José Rodrigues COSTA Casado com Antônia Inácia de Jesus (1779). Leandro José COSTA Casado com Damázia Rosa de Jesus - 1782. - Manoel Antônio COSTA Cabo do Regimento da Ilha (1783). - Manoel Francisco COSTA Filho de Tomaz Francisco da Costa e Mariana I. da Vitória. - Manoel Pacheco COSTA Natural da Vila das Velas, S. Jorge (1756). Casado com Ana de Quadros Franca. - Manuel Pacheco da COSTA Filho de Manoel Pacheco da Costa e Maria dos Anjos. Natural de S. Jorge — 1779. Casado com Maria Iacinta.

Raimundo Pereira da
 Filho de João Pereira da Costa e Margarida de Jesus. Natural da Ilha Terceira — 1796. Casado com Mariana Rosa.

COSTA - Tomaz Francisco da Filho de Miguel Vieira e Ilena de Jesus. Natural de N. Sr.a da Conceição do Bispado de Angra, Fayal. Neto paterno de Domingos Vieira e Isabel de Melo; neto materno de Domingos Guerreiro de Aguiar e Maria da Conceição - 1750. Casado com Mariana Jacinta da Vitória. COSTA - Tomaz Francisco da (Padre) Filho do precedente, 1780. COTA - Francisco da Rocha Filho de Antônio Cotta Vieira e Maria do Espírito Santo. Natural da Ilha Terceira - 1770. COUTINHO - Ana de Mélo Filha do Cap. Miguel Gonçalves de Leão e Rita Maria do Espírito Santo. Casada com Estácio Borges do Canto. COUTINHO - Alexandre José de Azeredo Leão (Capitão) Filho de Miguel Gonçalves de Leão. Comandante da Fortaleza de Anhato-mirim - 1788. **COUTINHO** - Domingos Francisco de Souza Nomeado Capelão da Fortaleza de Santa Cruz de Anhato-mirim em 1786. COUTINHO - Joaquim dos Reis Filho de Estevam Alvz e Maria Pereira de Jesus. Natural do Rio de Janeiro. Cabo de esquadra da Comp. do Cap. Miguel Glz Leão - 1770. COUTINHO - Miguel Nicolau de Azeredo Leão Alferes. Filho do Cap. Miguel Gonçalves de Leão - 1788. CUNHA - Antônio da Filho de Ioão Teixeira da Cunha e Isabel Pereira. Natural e baptisado na Freguesia dos Rozales, ilha de S. Jorge. Morador em S. Miguel

CUNHA — Gabriel Ferreira da (Tenente)

(Santa Catarina).

Filho de José Miranda e Castro e Francisca Hen-

riques de Oliveira (já falecidos em 1771). Avós: Francisco de Miranda e Castro e Ana do Vale: João de Sanches e Francisca Felipa Henriques.

Natural de Évora e morador do Destêrro.

CUNHA - Francisco Ferreira

> Filho do Cap. mor Francisco Ferreira da Cunha (já falecido em 1773) e de Guiomar Henriques

da Cunha. Natural do Destêrro.

CUNHA losé Pereira da

Filho de José Pereira da Costa e Francisca Iná-

cia Rosa.

CUNHA - Iosé Vieira

> Filho de Antônio Vieira de Souza e Maria de Almeida da Cunha. Natural da Freguesia de

Santa Olaia, Lamego - 1779.

CUNHA - Iosefa Ioaquina

Casada com o Tenente Antônio Inácio Rodri-

gues Córdova.

CUNHA - Manoel da

> Filho de Antônio Vieira de Souza e Maria da Cunha de Almeida. Natural de Santa Eulália,

Bispado de Lamego -- 1779.

CUNHA - Manoel da

Veio da Colônia do Sacramento em 1754. Casa-

do com Antônia de Jesus.

CUNHA - Manoel José da

Filho de José Francisco da Rosa e Maria Paula de Jesus. Estava de passagem para o Rio Grande.

CUNHA - Pedro Gil

> Filho do Alferes Francisco de Bitancourt e Antônia Paula Pacheco. Avós: Pedro da Cunha Dávilla e Maria Pacheco; Sebastião de Espindola e Inês Dávilla. Natural da Ilha Graciosa -

1772.

CUNHA - Sebastião José da (Padre)

> Vigário da Freguesia da Lagôa (1758). Ingressou na Ordem Terceira, no Rio de Janeiro.

D

DAMÁZIA

- Genoveva

Natural da Ilha do Fayal. Filha de Antônio da Rosa e Tereza Francisca de Jesus. Neta de Simão Homem da Costa e Maria Rosa; de Antô-

nio Gaspar e Maria do Carmo (1771).

DAVIS

— João

Filho de João Davis e Domingas de Mendonça. Natural de N. Sr.^a de Guadalupe, Ilha Terceira.

Morador em S. Miguel (Santa Catarina).

DENIS

- Angelo José

Filho de André Deniz Chaves e Maria das Neves. Furriel do Regimento da Ilha (1791). Natu-

ral de Santos. Casado com Ana Joaquina.

DENIS

- Manoel Joseph

Filho de Manoel Joseph Denis (Falecido em 1796) e Rita Maria de Almeida. Natural de N. Sr.a dos Remédios da Vila de Paratí. Furriel do Regimento de Estremoz. Casado com Maria do

Carmo.

DENIS

- Mateus Lourenço

Casado com Maria da Conceição. Natural da Ilha

Terceira - 1746.

DIAS

-- João

Natural do Reino de França. Morador no Des-

têrro em 1780.

DUARTE

- Quitéria

Filha de Manoel Duarte e Catarina Velha. Natural do Destêrro. Casada com Manoel da Silva —

1794.

DUTRA

- Antônio da Silveira

Filho de José da Silveira Dutra e Maria da Assunção. Natural da Freguesia do Espírito Santo.

ilha do Fayal.

DUTRA

- Inácio Faria

Filho de Manoel Faria Dutra e Tereza de Jesus.

Natural da Freguesia de N. Sr.a da Luz da Ribeira dos Flamengos, ilha do Fayal. Morador

dos Barreiros e lavrador.

DUTRA — Jacinto de Faria

Filho do Alferes Francisco Dutra de Faria e Ma-

ria de Faria. Natural da ilha do Fayal.

DUTRA --- José

Casado com Maria Joaquina (1781).

DUTRA — Mateos.

Casado com Catarina de Jesus — 1772.

 \mathbf{E}

ENCARNAÇÃO — Ana Joaquina

Filha de Manoel da Cunha e Antônia da Encarnação. Casada com Joaquim José Machado —

1780.

ENCARNAÇÃO — Ana Joaquina

Filha de Antônio Dilvéira Alves e Ana Silveira. Neta paterna de Manoel Luiz da Silveira e Maria Pereira; neta materna de João Silveira e Catarina de Medeiros. Natural do Destêrro. Viuva de

Francisco Manoel Velozo (1794).

ENCARNAÇÃO — Ana Joaquina

Filha de Manoel Rodrigues da Luz e Mariana Rita. Casada com Francisco da Costa (1795).

ENCARNAÇÃO — Angélica Rosa

Irmã da precedente. Dá como sua mãe Mariana Vicência. Moradores da Necessidades (Santo

Antônio).
ENCARNAÇÃO — Antônia

Filha de Antônio Nunes Barreto e Floriana Ribeira. Natural do Destêrro — 1779.

ENCARNAÇÃO — Antônio Manoel da

Filho de Antônio Machado Toledo e Águeda de S. João. Natural da Ilha de S. Jorge. Moradores de Fraguesia des Nacessidados

da Freguesia das Necessidades.

ENCARNAÇÃO

- Caetana Joaquina

Filha do Cap. Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1780.

ENCARNAÇÃO

- Eugênia da

Filha de Carlos da Cunha e Maria Josefa. Casada com o Cap. André Vieira da Rosa. 1798. Natural da Freguesia das Necessidades.

ENCARNAÇÃO

- Francisca

Filha de João de Souza e Bárbara do Rosário, êle da Ilha de S. Jorge e ela da Graciosa — 1778. Casada com Joaquim do Rêgo.

ENCARNAÇÃO

- Inês da

Filha de Manoel Machado Morais e Maria Pereira de Quadros. Avós: Miguel Pereira e Ana do Rosário. Natural de São Mateos da Ilha Graciosa — 1756. Casada com Manoel Gonçalves dos Santos.

ENCARNAÇÃO

- Josefa Antônia da

Filha de Carlos da Cunha da Silveira e Maria de Santo António. Avós: Antônio da Cunha Silveira e Maria de St.º Antônio; Manoel Fernandes Balieyro e Maria Inês. Casada com Pedro José da Cunha. Natural da Ilha Graciosa — 1772.

ENCARNAÇÃO

- Maria

Filha de Bartolomeu Rodrigues Pereira e Maria do Esp. Santo. 1781.

ENCARNAÇÃO

- Maria Antônia

Filha de Manoel da Cunha e Antônia de Jesus. Natural do Destêrro. Casada com Manoel José Machado — 1772.

ENCARNAÇÃO

- Maria Joaquina

Filha de Pedro José da Cunha Bitencourt e Josefa Antônia da Encarnação. Naturais de Santa Cruz da Ilha Graciosa. Ela, natural da Freguesia das Necessidades — 1779.

ENCARNAÇÃO

- Marianna da Silva

Filha de Antônio da Silva Carvalho (já falecido)

e Luiza Rosa do Nascimento - 1780.

ENCARNAÇÃO Mauricia da

Filha de João Fernandes Cariano e Maria Antônia. Natural de N. Sr.ª de Agua de Lupe de Ilha Terceira. Casada com Ant.º Francisco de Oliveira

ENCARNAÇÃO — Rosa Francisca

Filha de Francisco Pereira e Domingas Francisca. Natural de S. José. Viuva de Manoel Alves. 1798.

ENCARNAÇÃO - Suzana Maria

Casada com o Furriel Manoel Antônio Ferreira

(morador à rua do Ouvidor) - 1781.

ESPERANÇA - Francisca da

Filha do Cap, José Rabelo e Joana Antônia. Natural da Ilha Terceira. Casada com o Alferes

Tomé Cardoso

ESPINDOLA – José Francisco

Filho de Pedro Espíndola e «sua mami» Maria de Jesus (sic). Neto de Pedro Espindola e Antônia Souza. Natural de Angra, Ilha Terceira.

Morador da Lagôa - 1772.

ESPIRITO SANTO — Catarina Josefa

Filha de Manoel Nunes Fagundes e Josefa Tereza do Esp. Santo. Avós: João Vieira e Ana Nunes; João García Serpa e Maria Alemança. Natural da Ilha do Fayal. Casada com o Sargento Manoel Cardoso da Silva — 1771.

ESPIRITO SANTO — Clara

Casada com Ant.º Francisco dos Santos Lara—1787. "O marido residia na Ilha Grande, concubinado com duas mulatas de quem tinha vários filhos».

ESPIRITO SANTO — Francisco José

Natural de Olivença, Alentejo — 1775.

ESPIRITO SANTO — Isabel

Casada com Miguel Alves de Souza. Natural da Freguesia das Ribeiras, Ilha Terceira — 1778.

ESPIRITO SANTO

Luiz Gonçalves
 Filho de Francisco Gonçalves de Mesquita e
 Luzia da Conceição — 1797. Natural do Destêrro.

ESPIRITO SANTO

- Maria

Filha de Vital Silveira e Catarina Faria. Avós: Domingos Dutra e Maria Silveira; Manoel Faria e Leonor Guedes — todos do Fayal. Viuva de Bartolomeu Rodrigues Pereira — 1781.

ESPIRITO SANTO

- Maria

Viuva de João Lopes da Costa — 1795.

ESPIRITO SANTO

- Rosa Maria do

Filha de Belxol (Melchior?) da Costa e Luzia de Souza. Natural de Santa Luzia, cidade de Angra, Ilha Terceira.

ESPIRITO SANTO

- Sebastiana

Filha de Mateos de Almeida e Maria de Souza. Natural da Freguesia da Conceição, Ilha de S. Miguel. Neta de Simão de Paiva e Catarina de Souza — 1761.

ESPIRITO SANTO

- Teodora do

Filha de José dos Santos Barbosa e Eugênia Figueiredo Maciel. Natural do Destêrro. Avós: José Corrêa Pinto (paterno) e ... Lemos Barbosa (mat.). Moradora da Lagôa — 1768.

N

FAGUNDES

- Antônio Nunes

Filho de Ant.º Nunes Fagundes e Beatriz Antônia. Natural da Ilha do Pico — 1798. Casado com Maria Tereza da Conceição.

FAGUNDES

-- Antônio Nunes

Filho de Antônio Nunes Fagundes e Maria Tereza da Conceição. Natural do Destêrro — 1796.

FARIA — Antônio Gonçalves Pereira

Veio de Paranaguá - 1747.

FARIA — Francisco

Padre Jesuita. Batizou na Matriz do Destêrro

em 1748.

FARIA — Manoel José

Natural do Destêrro — 1782.

FARIA — Manoel José (dr.)

Ouvidor da Comarca — 1750.

FARIA — Manoel Ribeiro de

Veio do Rio de Janeiro. Casado com Rosa Ma-

ria — 1754.

FEIJÓ — Antônio José

Capitão - 1793. Veio do Rio de Janeiro. Casa-

do com Francisca da Anunciação.

FELICIA — Mariana

Filha de Domingos Teixeira, viuva de Gregório Martis. Natural da cidade de Angra, Ilha Ter-

ceira.

FERNANDES — Dominiano

Filho do falecido José Pereira Fernandes e Joana da Trindade. Veio da Colônia do Sacramen-

to (1777).

FERNANDES — João Tavares

Filho de Ant.º Tavares Corrêa e Maria Rosa. Neto de Domingos Fernandes da Silva e Espe-

rança Rosa (mat.). Natural do Porto.

FERNANDES — José Tavares (Capitão)

Nomeado para 1.º Administrador do Correio da Vila do Destêrro a 13/11/1798. Capitão de Ordenanças em 1780. (Nota: Será o mesmo o an-

tecedente?)

FERNANDES — Manoel Pereira

Filho de José Pereira Fernandes e Joana da

Trindade. Natural da Colônia do Sacramento.

FERRAM — José dos Reis

Filho de José dos Reis Ferram e Tereza de Je-

sus. Avós residentes em Cabo Frio (paternos) — não identifica; maternos: Francisco Gomes e Tomázia Nogueira. Natural do Rio de Janeiro (Candelária) — 1771.

FERREIRA — Ana da Encarnação

Filha de Ant.º Tavares Ferreira e Maria da En-

carnação Ferreira — 1779.

FERREIRA — Antônio Tavares

Filho do Sargento-mor Ant.º Tavares Ferreira e Bernarda Francisca. Natural do Lamego — 1779. Casado com Maria da Encarnação Ferreira. Era

da Cavalaria.

FERREIRA - Francisca da Encarnação

Filha do casal precedente.

FERREIRA — João Gonçalves

Natural de Lisbôa -- 1748

FERREIRA — José Joaquim.

FERREIRA — Manoel

Casado com Maria da Assumpção. Fugiu com a espôsa, da Colônia do Sacramento, pela Invasão

espanhola.

FERREIRA — Manoel Antônio

Filho de João Ferreira e Josefa Maria. Natural de Lisbôa. Furriel do Regimento da Ilha e casado com Silviana Maria da Encarnação—1780.

FERREIRA -- Maria da Encarnação

Filha de Manoel Pacheco e Francisca Xavier. Natural de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Casada com Ant.º Tavares Ferreira — 1779.

FIALHO — Manoel Dutra

Filho de Gaspar Roiz Fialho e Brites Garcia. Natural da Ilha do Pico — 1781 (Nota: São os

antepassados açorianos do AUTOR).

FIDALGO — manoel roiz

Casado com Rita Jerônima de Bitencourt-1782.

FIGUEIREDO — Felix Gomes de

Provedor da Fazenda Real de 1750 a 1784. Fi-

lho de Ioão Gomes de Figueiredo e Isabel Maria da Cruz Figueiredo. Natural de Lisbôa.

FIGUEIREDO

— Ofrazina Maria (Eufrosina?)

Filha de Miguel Francisco da Silva e Tereza de Jesus Maria. Neta materna de Tomaz de Souza Serd.a e Páscoa de Figueiredo Maciel (1760).

FIGUEIREDO

- Patricio Manoel

Capitão de Infantaria. Governou a Capitania na

ausência de Silva Pais, de 1743 a 1747.

FONSECA

- Bento Martins

Filho de Antônio Martins e Maria Fernandes. Natural do Reino da Galiza, Morava no Rio Ta-

vares - 1777.

FONSECA

-- Dionizio Alvarez

Natural de Lisbôa. Casado com Angêla Ribei-

ra — 1757.

FONSECA

--- Francisco Antônio

Filho de Matias Antônio e Leonarda Francisca.

Natural da Ilha Terceira — 1794.

FONTOURA

- Ioão Prestes Barreto da

Filho de João Prestes de Melo. Foi Provedor

da Fazenda Real.

FRAGA

- Francisco

Filho de Diogo de Frago e Rosa Maria. Natural da Freguesia das Necessidades, soldado do Re-

gimento da Ilha — 1796.

FRAGA

— José de Souza

Casado com Eugênia Rosa — 1796. Filho de Mar... de Fraga e Francisca Marianna. Natural da Freguesia das Necessidades e soldado da

6.ª Companhia do Regimento da Ilha.

FRAGA

- Manoel da Costa

Filho de Ant.º da Costa Fraga e Tereza Joaquina de Jesus. Natural de Lisbôa - 1781. Em 1792 era empregado na Secretaria do Govêrno (Guedes). Casado com Joaquina Tereza de Je-

sus (Cabral).

FRANCA

- Ana de Quadros

Casada com Manoel Pacheco da Costa - 1756. Filha de Manoel Machado Franco e Maria Rosa. Natural da Vila das Velas, ilha de São Jorge.

FRANÇA

-- José da Silva

Tenente-Escrivão da Câmara do Destêrro (1794). Natural de Sêrro Frio, Filho do Cap. Manoel da Silva França e Isabel Maria de Toledo, êle de Xaves e ela de S. Paulo. Avós: paternos, do Reino de França; e maternos: Floriano de Toledo e Ana Maria de Toledo. Em 1795 mudou-

-se para o Rio Grande.

FRANÇA

— Maria Joaquina

Casada com o Alferes Manoel Vidal Arouche -1778.

FRANCISCA

— Ana

Filha de Manoel da Silva Dias e Isabel de S. Francisco. Neta materna de Manoel da Rosa e Isabel de Avila. Natural da Ilha Terceira (1769).

FRANCISCA

- Ana Inácia

Filha de Manoel Ant.º Vieira (já falecido) e Mariana Inácia Francisca. Casada com José Cardoso da Costa - 1779.

FRANCISCA

-- Ana Maria

Casada com José Luiz do Livramento - 1779.

FRANCISCA

- Bárbara

Filha de Felix Corrêa de Quadros e Agueda de Souza. Natural da Ilha Graciosa. Casada com Matias Xavier Bodilha -- 1760.

FRANCISCA

- Bárbara

Filha de Inácio Francisco Xavier. Natural da Ilha do Fayal, tendo ali ingressado na Ordem Terceira em 1785 e no Destêrro em 1796.

FRANCISCA

-- Domingas

Filha de Antônio José de Souza e Bárbara dos Anjos. Natural da Ilha do Fayal, viuva de Francisco Pereira de Medeiros.

FRANCISCA -- Luiza

Filha de Ant.º Souza e Maria Pereira. Naturais

da Ilha de S. Miguel.

FRANCISCA — Maria

Filha de João da Silva Mayato e Francisca da

Costa Rangel — 1794.

FRANCISCA — Rosa

Filha de Manoel Pires Ferreira e Maria Antônia, naturais da Ilha Terceira. Casada com André

Machado — 1794.

FRANCISCA — Severiana

Filha de Francisco Coelho e Maria Ùrsula, Natural de S. Miguel e casada com José Furtado—

1797.

FREIRE — Raulino da Costa

Casado com Luiza Vitorina - 1798.

FREIRE — Tomaz José

Filho de José Dias Freire e Inácia Laureana de

Jesus. Natural do Rio de Janeiro — 1776.

FREITAS — Ambrósio José de (Padre)

Presbítero do Hábito de S. Pedro. Morador da

Armação da Lagoinha.

FREITAS - Francisco José

Filho de José Francisco e Tereza de Jesus. Na-

tural da Laguna - 1781.

FREITAS — Joana Maria

Filha de Antônio dos Santos Vicente e Maria de Freitas. Natural da Ilha da Madeira. Morador em

São José.

FREITAS -- Manoel

Filho de Pedro Gomes e Joana de Freitas. Avós:

Manoel Gotterez e Maria Duarte; Manoel da

Cunha e Maria de Freitas — 1758.

FREITAS — Pedro Antônio da Gama

Coronel, Governador da Capitania (1775-1778).

FREITAS — Vicência Maria

Casada com Manoel da S. Bitencourt; filha de

Ant.º dos Santos e Maria de Freitas. Natural da Ilha da Madeira — 1798.

FURTADO — Bartolomeu

Filho de Gonçalo Furtado e Bárbara de Souza. Natural da Ilha de S. Miguel. Fiscal de oleiro — 1777.

FURTADO — Francisco José

Filho de Manoel Furtado e Ana Roiz. Natural

da Ilha do Pico — 1781.

FURTADO – José

Filho de Bartolomeu Furtado e Ana Maria. Na-

tural do Destêrro — 1796.

FURTADO — Manoel

Casado com Severina Francisca - 1797.

G

GALVÃO – Inácio José (Padre Doutor)

Vigário do Destêrro — 1776.

GAMA — Inácio Antônio dos Reys

Filho de Luiz José da Gama e Mariana Tereza de S. José. Natural do Rio de Janeiro - 1796.

GAMA - loão Manoel

Filho de Francisco de Araujo Machado e Páscoa

de Figueiredo.

GARÇÃO — Luiz Roberto de Souza (Doutor)

Ouvidor da Capitania - 1775.

GARCIA — Antônio Pereira

Morador do Destêrro em 1758.

GARCIA – João Roiz

Filho de Manoel Garcia e Maria Joaquina. Natural de Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Ter-

ceira. Oficial de Sapateiro - 1794.

GARCIA – José Dutra

Filho de Manoel Dutra Fialho e Joana Maria de Freitas. Natural do Destêrro — 1798. Casado

com Joaquina Maria de Jesus.

GOMES

GODINHO — Antônio

Filho de Ant. Frz Ourique (falecido) e Maria da Conceição. Natural de Santa Beatriz da Ilha Terceira. Morador do Saco dos Limões — 1795.

GODINHO — Antônio Leal

Filho de Manoel Leal e Maria dos Anjos. Natural de S. Miguel da Ilha Terceira — 1795.

GODINHO – José Antônio

Filho de Antônio Godinho e Gertrudes dos Anjos. Natural de 4 Ribeiras, Ilha Terceira. Casado com Catarina Maria da Conceição.

- André

Casado com Antônia do Sacramento - 1757.

GOMES Antônio da Silva

Filho da Antônio da Silva Carvalho e Luiza Rosa do Nascimento. «Surgião-mór» da Praça do

Destêrro — 1780.

GOMES — Francisco Pereira

Natural da Ilha Terceira e «morador em cima

do môrro desta Vila» - 1782.

GOMES — Joana

Professou na Ordem Terceira da Vila de Paraguá. No Destêrro, em 1756. Foi admitida pelas suas virtudes. No verso do seu requerimento está: «A Irmā Joana Gomes de Gusmão, Beata da Lagôa». Era irmã de Alexandre de Gusmão e de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o padre-voador. Fundadora da Capela do Menino Deus, onde se encontram os seus ossos. (Des-

têrro).

GOMES — Məria

Filha de João Roiz Repezes (?) e Maria Gomes. Natural da Vila de Manteigas, bispado da Guar-

da. Viuva de José Gomes Prates.

GONÇALVES — Luzia 1779.

GONÇALVES — Manoel Furtado

Viuvo de Maria Rosa, morador no Saco de Itaborobí. Natural de Santa Bárbara, ilha do Fayal. Filha: Maria do Carmo, solteira, em 1783.

GONÇALVES

- Maria Josefa

Filha de Inácio Gonçalves e Domingas Gonçalves. Natural da Colônia do Sacramento.

GONÇALVES

Rodrigo Antônio

Filho de Gregório Gonçalves e Maria Ester. Natural do Reino da Galiza - 1777.

GOULART

- Joaquim Silveira

Sacristão da Enseada de Brito - 1779.

GOULART

- Manoel Silveira (Golarte)

Filho de Manoel Golarte e Maria Silveira. Morador de S. José. Natural de S. Mateus da Ilha do Pico. Casado com Inácia da Bôa Morte.

GRACIA

- Antônio Inácio (Garcia ?)

Filho de José Francisco de Medeiros e Ana Francisca de Jesus. Natural da Ilha do Pico, morador de S. José. Irmão de Gaspar Gracia (1778).

GRACIA

— Gaspar

Pais assinalados acima. Avós: José de Medeiros e Luzia Rodrigues; Antônio Ferreira Gracia e Ana Gracia (êstes maternos). Naturais da Ilha do Pico. Soldado granadeiro do Regimento de

Gama — 1777.

GRACIA

- Inácio José

Filho de Antônio Gracia de Azevedo e Maria Jacinta. Natural de São José — 1798. Casado com Constantina Rosa de Jesus.

17

HENRIQUES

José Manoel

Filho do Cap. João Lobo Macedo e Vicência Maria Henriques. Natural do Rio de Janeiro. HOMEM

Soldado do Regimento da Ilha, morador à rua dos Ilheos — 1758.

HOMEM — Feliciano José

Filho de José Gomes Prates e Maria Gomes. Natural do Destêrro. Casado com ... — 1777.

- Francisco de Barros de Morais Araujo Teixeira (Omem)

Brigadeiro. Governador da Capitania — 1779--1786.

I

INACIA — Caetana Rosa

Filha de João Machado e Isabel de Jesus. Ca-

sada com José Pastrana — 1779.

INÀCIA — Joaquina Rosa

Irmà da precedente. Viuva de Manoel Marques

Andrade, moradora à rua do Ouvidor.

INACIA — Maria

Filha de Manoel Pereira de Avila e Sebastiana Inácia. Casada com Francisco de Paula Tavares

(1795).

INÂCIA — Maria

Filha de Pedro Martins Coelho e Floria Maria. Natural da Lagôa. Casada com José Antônio

Miranda.

INÁCIA — Maria

Filha de Manoel de Lemos e Maria Furtado, casada com Francisco Pereira Luiz. Natural da

Ilha do Fayal.

INÁCIA — Maria

Natural da Vila da Praia, Ilha Terceira. Casada-

1771.

INÁCIA — Quitéria

Filha de Menoel Miz da Rocha e Margarida do Rosário. Natural da Ilha Terceira — 1798. Casada com Bonâncio Martins.

INÂCIO

- João Luiz

Filho de Luiz Inácio da Costa e Rosa Antônia

da Silva, Tenente. — 1798.

INÁCIO

- Luiz

Filho de pais incógnitos. Natural e batisado na Vila da Conceição dos Clérigos, Ilha Terceira.

J

JACINTA

- Maria

Filha de Antônio Ferreira e Isabel do Rosátio. Natural da Vila da Praia, Ilha Terceira, Casada com Manoel Pacheco da Costa — 1778,

JAQUES

- Ioão Guilherme

Morador do Destêrro em 1781.

IAQUES

- Manoel

Filho de Amaro Omem e Maria da Conceiçam, ambos falecidos. Natural da Ilha Terceira. Morador da Lagôa. Casado com Catarina de São

losé.

JESUS

- Alexandre José de

Filho de Manoel José de Jesus e Maria da Conceição. Natural do Destêrro - 1798. Casado

com Ana Joaquina de Jesus.

IESUS

- Ana de

Filha de Manoel José Pais e Luzia Antônia dos

Santos. Natural do Destêrro — 1798.

JESUS

-- Ana Francisca de

Filha de José Francisco de Medeiros e Ana Francisca dos Anjos. Natural da Ilha do Pico. Viuva de Lourenço Rodrigues de Andrade -

1773.

IESUS

- Ana Joaquina de

Filha de Aleixo Maria Caetano e Joana Antônia

Angélica.

JESUS

- Ana Maria de

Filha de Amador Roiz e Isabel de Jesus. Avós:

IESUS

Nicolau Rodrigues e Maria da Conceição; Sebastião Correia e Maria Caetana, naturais da Ilha Terceira. Moradores nesta Vila à rua do Escrivão da Fazenda Real.

Escrivão da Pazenda

JESUS — Ana Maria de

Filha de André Coelho, natural da Ilha Terceira, e Maria da Encarnação, natural da Ilha do Pico. Neto paterno de Antônio Coelho de Souza e Josefa Maria, da Ilha Terceira; neta materna de Sebastian Pereira e Maria Pereira, do Pico. Carada com Luis Lapá da Souza.

sada com Luiz José de Souza.

JESUS --- Ana Maria de

Filha de Lourenço Maria Caetano, natural de Genova, e Josefa da Silva de Carvalho, já falecidos. Ignora os avós paternos. Os maternos: Natária Gomes e Manoel Lopes Guimarães. Afilhada de Jacinto Jaques Nicós — 1756 — que

era seu tutor.

— Ana Maria

Filha de José Mendes dos Reis - 1769.

IESUS — Ana Maria de

Filha de Bartolomeu Corrêa de Melo e Maria Gertrudes. Avós: Bartolomeu de Oliveira e Catarina Corrêa; Manoel de Souza Neto e Maria Palha. Casada com Manoel José de Ramos, mo-

radores à rua dos Ilhéos - 1771.

JESUS — Ana Maria de

Filha de António Gonçalves Rita e Urcela (sic) da Pureza. Viuva de Francisco Caetano Mogin-

ga — 1780.

JESUS --- Ana Maria de

Filha de João da Silva Mayato e Francisca da

Costa Rangel.

IESUS — Ana Rita de

Filha de José Mendes dos Reis - 1768.

JESUS - Ana do Rosário de

Filha de Manoel Ramos Cordeiro e Francisca do

Rosário. Naturais da Ilha do Pico e moradores na Freguesia de N. Sr.a do Rosário da Enseada de Brito.

JESUS — Angélica Joaquina de

Filha de An.º de Quadros Pacheco e Maria Ca-

tarina de Jesus - 1779.

JESUS — Angélica Maria de

Filha de João de Souza e Rita Josefa. Casada

com José Francisco (1794).

JESUS — Antônia de

Filha de Ant.º Rodrigues Roxadel e Maria Clara. Casada com Manoel José de Ramos — 1780.

JESUS — Antônia de

Filha de Francisco Bitencourt de Ávila e Antônia Paula Pacheca. Avós: Pedro da Cunha de Ávila e Bitencourt e Maria Paula; Bastiam da Cunha Mendonça e Inês de Bitencourt. Casada com

Manoel da Cunha - 1757.

JESUS — Antônia de

Filha de João Pacheco Durnellez e Ana Josefa. Casada com Bento da Rocha Linhares. Moradora em S. Miguel. Natural da Vila da Praia, Ilha

Terceira.

JESUS — Antônia Francisca de

1796.

JESUS — Antônia Inácia de

Filha de João de Souza e Isabel Maria. Natural do Destêrro — 1/79. Casada com José Roiz da

Costa.

JESUS — Antônia Maria de

Casada com Francisco Homem da Costa—1770.

JESUS — Bárbara Maria de

Filha de Manoel Pacheco da Costa e Ana Silveira. Avós: Ventura da Costa e Felipa Dias; Jorge Teixeira e Bárbara Ávila de Bitencourt. Natural da Vila das Velas, ilha de S. Jorge — 1757.

66 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

JESUS — Beatriz de

Filha de João Martins e Francisca dos Santos. Natural da Ilha Terceira. Casada com Manoel

Vieira Machado — 1795.

JESUS — Caetana da Encarnação de

Filha de Manoel Glz dos Santos e Inês da Encarnação de Jesus. Casada com Francisco José

Castro — 1779.

JESUS - Caetana Joaquina de

Filha de João da Costa Pereira e Ana Joaquina

de Jesus. Natural da Laguna 1796.

JESUS — Catarina de

Filha de Gervásio Dias e ... da Surreição. Avós: Manoel Dias Pasco e Maria Antunes; Antônio Ferreyra e Luzia da Costa. Natural do Rio de Janeiro. Casada com o Cap. Manoel Fer-

nandes Lessa 1757.

JESUS — Catarina de

Filha de Manoel Gate de Barcelos e Catarina de Santa Rosa. Natural da Ilha Terceira. Avós: paternos: e Ana de Barcelos; maternos: Manoel Lourenço e Breites Maria — 1772. Casada com Mateos Dutra

JESUS — Catarina de

Natural da Ilha Terceira. Casada com João Ho-

mem Coelho.

JESUS — Catarina Eugênia de Natural da Ilha do Fayal.

JESUS — Catarina Maria de

Mulher de Caetano Silveira de Matos.

JESUS — Clara Joaquina de

Filha de João de Souza Lisbôa e Bárbara do Rosário. Natural do Rio Grande de São Pedro

e moradores do Destêrro.

JESUS — Clemência Maria de

Filha de José Mendes dos Reis e Maria Rita. Avôs: José Mendes e Ana Martins, naturais do

	Crato; de Natária Gomes e ignora o nome do
	avô materno. Casada com Manoel Marques de
	Sampayo — 1757.
JESUS	- Constantina Rosa de
•	Filha de Manoel da S. Bitencourt e Vicência Ma-
	ria de Freitas. Casada com Inácio José Gracia.
	Natural de São José — 1798.
JESUS	— Damázia Rosa de
J	Filha de Tomé Machado Ourique e Maria de
	Jesus. Casada com Leandro José da Costa. Na-
	tural do Destêrro — 1782.
JESUS	— Daureana Perpétua de
J = G • • •	Filha de Inácio da Costa, natural do Rio de Ja-
	neiro e Luzia da Assunção, natural da Ilha do
4	Fayal. Casada com Vicente Zuzarte Pinto. Natu-
	ral da Freguesia das Necessidades — 1781.
JESUS	 Domingas Antônia de
J =	Filha de Bento da Rocha Linhares e Antônia de
	Jesus, moradora em S. Miguel e dali natural.
JESUS	- Dorotéa Maria de
•	Filha de Estevam de Castro Soares e Maria An-
	tônia. Natural do Destêrro, casada com Jacinto
	José Coelho — 1794.
JESUS	 Escolástica Maria de
J=000	Filha de Bartolomeu Rodrigues Pereira e Maria
	do Espírito Santo. Natural do Destêrro — 1781.
JESUS	- Estevam Manoel de
J	Casado com Gertrudes Teodora do Amor Divi-
	no — 1759.
IESUS	— Eugênia Rosa
J	Filha de Tomé Machado Ourique e Maria de
	Jesus. Viuva de Agostinho José Osório — 1775.
IESUS	— Feliciana Rosa de
,	Filha de Manoel Rodrigues Lamego e Vitória de
	Jesus. Casada com Severino José Vieira, Mora-
	dores à rua da Figueira.
JESUS	 Felizarda da Encarnação de
J	treman an entermination and

Filha de Manoel José de Ramos e Ana Maria de Jesus — 1795. **JESUS** - Felizarda Joaquina de 1796. **JESUS** -- Florianda Clara de Filha de Manoel Jaques e Catarina de São José. **IESUS** -- Francisca de Casada com o Alferes José Roiz da Silva. Veio da Colônia do Sacramento — 1754. **IESUS** - Francisca Inácia de Casada com o Cap. Manoel Francisco da Costa — 1797. **IESUS** - Francisca Maria de Filha de Tomaz Francisco da Costa e Mariana lacinta da Vitória - 1781. **IESUS** - Francisca Rosa de Filha de Alberto Souza e Vicencia Rosa, Casada com Ant.º Manoel da Encarnação. IESUS -- Francisca Tereza de Filha de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus — 1779. JESUS. - Genoveva de Filha de Tomé da Costa e Isabel de Jesus. Natural do Destêrro, casada com Antônio José Vieira, cabo de esquadra. IESUS Genoveva Cândida de Filha de Manoel Glz dos Santos e Inês da Encarnação - 1781 JESUS. - Genoveva Maria de Filha de Silvestre Soares e Luzia de Jesus -1781. (Nota: Encontramos um Silvestre Soares. casado com Ana Maria do Nascimento. Será o mesmo, casado em segundas nupcias, ou outro?) **JESUS** - Helena (Ilena) de Casada com e Sargento-Mór Tomaz Francisco

da Costa — 1750.

IESUS - Helena Rosa de Filha de Manoel de Spuza e Maria de Santo Elias. Natural da Freguesia de N. Sr.a das Angústias, Ilha do Faval. **IESUS** - Inácia de Filha de António da Rôsa e Tereza Francisca de Jesus. Avós: Simão Homem da Costa e Margarida Rosa; Antônio Gaspar e Maria do Carmo. Natural da Ilha do Fayal. Casada com Manoel Cabral de Melo - 1771. **IESUS** - Isabel Josefa de Em 1789 tinha mais de 60 anos e possuia uma filha com 14, chamada Ana Bernarda. **IESUS** - Jacinta Maria de Filha de José Mendes dos Reis e Maria Rita de Jesus -- 1768. **JESUS** -- Ioana Maria de Viuva de Matias Fernandes de Castro. **IESUS** - Joana Maria de Filha de Amador Roiz e Isabel de Jesus. Avós: Nicolau Rodrigues e Maria da Conceição; Sebastião Corrêa e Maria Caetana. Naturais da Ilha Terceira — 1781. **JESUS** - Joana Maria de Filha de Manoel Dutra Fialho e Joana Maria de Freitas. Natural do Destêrro — 1798. Casada com José Pereira de Medeiros. **JESUS** - Ioana Rosa de Filha de Bonancio Martins e Quitéria Inácia — 1798. **JESUS** - Joaquina Encarnação de Filha de Manoel Gonçalves dos Santos e Inês da Encarnação de Jesus. Casada com o Cap. Antônio Henriques de Miranda — 1775. **JESUS** — Joaquina Maria de Filha de Francisco Miz da Rocha e Catarina de

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

70

Jesus. Natural da Lagôa—1798. Casada com José Dutra Garcia. **IESUS** — Ioaquina Rosa Filha de Bonâncio Martis e Quitéria Inácia. **IESUS** Ioaquina Tereza de Filha de Pedro da Costa Cardoso e Joana Maria de Santa Rosa, Natural do Destêrro. Casada com Manoel da Costa Fraga - 1779. **IESUS** - Josefa de Filha de Antônio da Silveira Alz (Alves ou Alvares) e Catarina de Medeiros. Natural da Ilha do Fayal (S. Mateos). Casada com Francisco Antônio de Aguiar. JESUS - Josefa Joaquina de Filha de Sebastião Vieira e Maria Pereira. Natural do Destêrro. Casada com Tomaz Ant.º de Carvalho - 1776. - Luiza Maria de **IESUS** Filha de José Gomes Prates e Maria Gomes. Casada com Custódio José da Silva Barbosa. -- Luzia de **JESUS** Filha de João Soares e Catarina Maxada. Avós: Antônio Nunes Forte (paterno) e Luzia Maxada (materno). Natural da Ilha de S. Jorge. Casada com Silvestre Soares — 1770. - Manoel José de **IESUS** Filho de Tomaz Alves da Silveira e Maria do Rosário. Natural da Ilha Terceira, 1782. Morador do Saco dos Limões. - Maria de **IESUS** Natural da Ilha do Pico. Casada com Antônio Leal da Rosa — 1753. **IESUS** Maria de Casada com Tomé Machado Ourique - 1771. IESUS - Maria de Casada com Francisco Xavier. Natural do Funchal, Ilha da Madeira -- 1771.

JESUS	— Maria de
	Filha do Cap. Antônio Roiz Rochadel e Maria
	Clara de Jesus. Natural do Destêrro — 1781.
JESUS	- Maria de
	Filha de Francisco Ferreira da Costa e Joséfa
	Maria. Casada com Antônio Alves Velhas, mo-
IECHO	rador à rua da Figueira.
JESUS	— Maria Ana de
	Filha de Antônio Pereira Martins e Maria da
	Silveira. Casada com Francisco José Ribeiro,
JESUS	soldado granadeiro do Regimento da Ilha. — Maria Catarina de
12000	Filha de Antônio Cardoso e Ana Soares. Avós
	maternos: João da Cunha e Breites Soares. Na-
	tural da Ilha de S. Jorge. Casada com Antônio
	de Quadros Pacheco - 1772.
JESUS	— Maria da Conceição de
	Filha de Vicente Ferreira Senabio e Isabel de
	Santo Antônio. Natural e morador da Lagôa —
JE S US	1798.
J L3 U3	Maria Francisca de
	Natural da Ilha do Fayal, onde ingressou na Ordem Terceira em 1776. No Destêrro em 1796.
JESUS	Maria Joaquina de
J	Filha de João da Costa Pereira e Ana Joaquina
	de Jesus. Natural do Destêrro. Casada com An-
	tônio Jospe da Silva 1/96.
JESUS	Maria Josefa de
	Natural da Ilha Terceira. Mãe de João de Souza
TECHO	Bitencourt.
JESUS	— Maria Pereira de
	Filha de Agostinho Frz e Joana Pereira. Natural do Destêrro. Casado com Manoel Duarte Sil-
	veira.
JESUS	— Maria Rita de
	«Filha de Agostinho da Trindade e Natária Go-

72 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

JESUS	mes». Ignora os avós. Casada com José Mendes dos Reis — 1757. — Maria Tereza de
JESUS	Filha de Luiz Corrêa de Souza e Josefa Rosa. - Maria Tereza de Filha de Manoel Dutra e Tereza de Jesus. Natu-
JESUS	rai da Ilha Terceira. — Maria Vitória de
JESUS	Filha de João Vieira Lopes e Maria Serafina. Natural da Vila da Praia, Ilha Terceira. Casada com Francisco da Rocha Cotta — 1770. — Marianna de Filha de Manoel Pacheco da Costa e Maria dos
JESUS.	Anjos—1798. Natural do Destêrro. Casada com Matias Pereira. — Mariana de
JESUS	Viuva de Francisco da Silveira Gularte — 1795. Moradora do Itacorobí. — Mariana de
JESUS	Casada com Francisco José Ribeiro. — Mariana Antônia de
JESUS	Filha do Cap. Manoel de Souza Medeiros e Ana de S. Thiago. Casada com o Cap. Antônio Corrêa Borges 1781. — Mariana Antônia de Filha de José de Souza Medeiros e Antônia Ma
JESUS	ria. Natural da Vila da Praia da Ilha Terceira. Viuva de José Barcelos. Rita Maria de
JESUS	Filha de Anastácio Silveira de Souza e Rufina Clara de St.º Antônio. Natural do Destêrro — 1798. — Rita Rosa de Filha de Manoel de Jesus e Josefa Rosa. Casada com Antônio Pereira da Costa. Natural do Des-
JESUS	têrro — 1794. — Rondão de (Roldão ?)

Filho do Cap. Antônio Roiz Rochadel e Maria Clara. Natural do Destêrro. **IESUS** - Rosa Bernarda de Filha de Silvestre da Costa e Angela Vitória. Natural da Ilha Terceira — 1761. **JESUS** - Rosa Maria de Filha de Tomaz Alves da Silveira e Maria do Rosário. Avos: Manoel Cardoso e Francisca Alves; Francisco Vieira e Catarina Coelha. Natural da Ilha do Pico. Casada com Francisco losé Soares — 1773. **JESUS** - Rosa Maria de Filha de Antônio Pereira de Souza e Ursula Maria de Jesus. Natural de S. Mateos da Ilha de **S.** Jorge — 1780. - Rosa Maria de **JESUS** Filha de Francisco Duarte (já falecido em 1796) e Maria de Jesus. Casada com Manoel Lopes da Silva. - Rosa Maria de **IESUS** Filha de João Machado Vieira e Isabel Maria. Natural do Destêrro - 1798. **JESUS** - Sebastiana Rosa Filha de José Glz Rosa e Maria Leonarda. Casada com Joaquim Ant.º de Oliveira - 1779. **JESUS** - Tereza de Viuva de Manoel Machado Santiago. Filha de Gabriel Pereira e Francisca Vieira. Natural da Freguesia de N. Sr.a do Rosário da Ilha de S. Jorge. Moradora em S. Miguel. - Tereza de **JESUS** Filha de Mateus Pereira e Iguês da Surreição. Viuva de Pedro Mendes. Natural de S. Pedro, Angra, Ilha Terceira.

- Tereza de

Filha de Pedro Miz Coelho e Florida Maria. Na-

JESUS

JESUS	tural de Lagoa. 1799. Casada com Francisco José Bernardo. — Tereza de
JESUS	Filha de Henrique Cezar Berenguer (já falecido) e Maria Henriques de Oliveira. Avós: José de França Berenguer e Maria de Castelo Branco; do Cap. Sebastião Pinto Lobato e Inácia Maria de Oliveira. Natural da Ilha da Madeira — 1770. — Tereza de Filha de Antônio de Araujo Borges e Luzia Gonçalves, ele da Torre de Moncorvo e ela do Desterro. Avós: Antônio Araujo Borges (paterno) e Miguel Tavares e Josefa Machado (mater-
JESU S	nos) naturais de S. Paulo. Casada com Pedro José — 1770. — Tereza Joaquina de
	Filha de Pedro da Costa Cardoso e Joana Maria de Santa Rosa — 1775. Natural do Río de Janeiro.
JESUS	- Tereza Joaquina de
	Filha do CapMor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva — 1780.
JESUS.	— Tereza Maria de
	Filha de Manoel de Vargas e Rita Josefa da Conceição, Natural do Destêrro — 1798.
JESUS-	Tiadora Vicência de
	Casada com Jacinto José de Oliveira, morador do Mato Groço, nesta Vila. Natural do Destêrro.
JESUS	— Tomázia Antônia de
	Filha de Bento da Rocha Linhares e Antônia de Jesus. Natural de S. Miguel. Casada com Antô-
JESUS	nio José Dias.
	— Vicência Joaquina de Filha de Antônio Pinheiro e Merenciana Josefa.
JESUS	Natural do Destêrro. — Vitória Maria de

Filha de José Mendes dos Reis e Maria Rita de Jesus — 1781.

JOÃO — Pedro

Casado com Tiadora Bonifácia de Azevedo —

1781.

JOAQUINA — Ana

Filha de André Denis Chaves e Maria das Neves. Casada com João da Costa Pereira. Natural

de Santos — 1773.

JOAQUINA — Ana

Filha de Antônio Corrêa Lxa (Lisbôa) e Maria

Leonarda — 1779.

JOAQUINA --- Ana

Filha de Ant.º Francisco dos Santos. Casada

com Angêlo José Deniz — 1792.

JOAQUINA — Ana

Filha de Estevam Roiz e Josefa Maria de Bitencourt. Natural do Destêrro, moradora nos Barreiros — 1779. Casada com José Ant.º dos San-

tos.

JOAQUINA — Ana

Filha do falecido Cap. Jacinto Jaques Nicós -

1796.

JOAQUINA — Ana Maria

Filha de Ant.º da Silva Mayato e Rosa Maria

Angélica.

JOAQUINA — Ana Maria

Filha de Baltazar Teixeira de Souza e Maria Jo-

sefa de Jesus — 1798.

JOAQUINA -- Ana Maria

Filha de Manoel Nunes Fagundes e Josefa Tereza, ambos da Ilha do Pico e ela da ilha do

Fayal. Casada com José Dutra — 1781.

¡OAQUINA — Anastácia

Filha de Mateos Vaz e Rosa do Sacramento — 1799. Casada com Felipe Agua de Carpes. Na-

tural do Destêrro.

JOAQUINA — Caetana Rosa

Casada com José Inácio da Silva — 1798.

JOAQUINA — Eulália

1796.

JOAQUINA — Francisca

Filha de Joaquim de Abreu e Mariana de S. José. Casada com José Nunes da Silva. Natural

do Destêrro.

JOAQUINA — Francisca Maria

Filha de Roque Rodrigues Prates e Maria Joaquina. Natural do Destêrro. Casada com José

Ferreira Lisbôa - 1795.

JOAQUINA — Laureana

Casada com José Sebastião de Souza - 1797.

JOAQUINA — Maria

Casada com Jacinto Pereira — 1794.

JOAQUINA — Maria

Filha de Manoel Gomes Margaras e Maria Rosa. Casada com Roque Roiz Prates — 1780.

JOAQUINA — Maria

Filha de Manoel Rodrigues da Luz e Marianna

Vicência. Moradora das Necessidades.

JOAQUINA — Maria

Filha de Roque Rodrigues Prates e Maria Joa-

quina. Natural do Destêrro — 1798.

JOAQUINA — Perpétua Rosa

Filha de Domingos Lopes de Oliveira (já falecido em 1785) e Maria Leonarda do Sacramento.

JOAQUINA — Rosa

Filha de Silvestre da Silva e Maria de S. Pedro. Natural da Ilha das Flores (St.ª Cruz). Avós: paterno Miguel da Silva e materno Josefa da Conceição. Casada com Francisco Manoel dos

Passos — 1768.

JOAQUINA — Rosa Maria

Filha de Manoel José Nunes e Francisca Rosa.

Casada com Manoel José Prates — 1798.

JOAQUINA — Tereza

Filha de Baltazar Manoel e Vicência Luiza. Natural do Destêrro. Casada com Adriano Gon-

calves.

JORDÃO — Antônio Miranda

Foi importante na Ordem Terceira do Destêrro, desde 1748. Casado com Francisca das Chagas.

JORDÃO – José Coelho

Filho de Antônio Coelho e Maria do Rosário. Natural da Ilha do Pico. Morador à rua do Livramento — 1779. Casado com Ana Faustina

Rabelo (1770).

JORDÃO – José Lopes

Filho de Miguel Lopes Jordão e Maria Josefa,

naturais de Beja -- 1779.

JOSÉ — Pedro

Filho de Manoel Cardoso e Ana Silveira. Natural de Santo Amaro da Ilha do Pico «veio de sua terra de menor idade». Casado com Tereza

de Jesus - 1770.

IOSEFA – Bárbara

Filha de Manoel Lopes Brasil e Isabel de Souza, Natural da Ilha de S. Jorge. Casada com

Inácio Coelho da Costa.

JOSEFA — Catarina

Filha de Francisco Duarte e Maria de Jesus. Natural do Destêrro — 1798. Casada com Patricio

Manoel de Bairros.

JOSEFA – Maria

Filha do Cap. Mateos Lourenço Denis e Maria da Conceição. Neta de Pedro Emiz Deniz e Maria de Ávila; de Manoel Fernandes Lima e Maria Simoenz. Natural da Ilha Terceira. Viuva do Cap. João Pereira Cardoso — 1771. Moradora

na Lagôa.

JOSEFA — Maria

Casada com Baltazar Teixeira de Souza Bitencourt - 1779.

JOSEFA

- Rita

Fllha de Sebastião Ferreira e Maria Ferreira, todos da Ilha de S. Jorge. Casada com Manoel Goncalves Chaves.

L

LACE

- loão 1779.

LACERDA

- Ana Josefa de Nazaré

Filha de Constantino Lobo de Lacerda (Cap.) e Ana Joaquina de S. José. Natural da Colônia do Sacramento. Casada com o Cap. José Inácio de

Almeida (1798).

LACERDA

- Antônio Silveira de

Filho de Antônio Silveira de Lacerda e Maria dos Anjos — 1795. Casado com Ana Maria.

LACERDA

- Antônio Silveira de

Filho de José Silveira e Maria da Silveira. Natural da Freguesia dos Cedros, ilha do Fayal. «Morador do Tacurubí». Casado com Maria dos Anjos.

LACERDA

- Inácio Manoel Botelho de

Alferes de Infantaria. Veio da Colônia do Sacra-

mento — 1757.

LADO

- Maria Francisca do

Filha de Francisco Luiz Terra e Francisca de Iesus, já falecidos — 1768. Natural da Ilha do Fayal. Avós materno: Pedro Ferreira Andrade e Maria Vargas Andrade.

LANGE

- Adolfo

«Sancristão» em S. Miguel. Casado com Bárba-

ra de Souza.

LAGO

-- Ierónimo Pereira do

Sargento-mor do Regimento da Ilha. Irmão da

Ordem Terceira do Rio de Janeiro.

— Antônio Francisco dos Santos

Filho de Diogo Francisco dos Santos — 1773.

LEAL — Manoel Pires Querido (Doutor)

LARA

Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca.

LEÃO — Filho do Cap. Miguel Gonçalves de Leão e

Rita Maria do Espírito Santo. Avós: Miguel Gonçalves de Araujo e Bárbara da Costa; José Ferreira Ramos e Maria Melo Cout.º. Natural do Rio de Janeiro. Porta Bandeira do Regimento

da Ilha - 1771.

LEÃO — David de Azeredo (Tenente)

Irmão do precedente. Natural do Rio de Janei-

ro — 1795.

LEÃO - Henrique Luiz de Azeredo

Irmão do precedente - 1781.

LEÃO — Miguel Gonçalves de

Governador da Fortaleza de Anhato-mirim a quem a Rainha mandou reputar vivo nas pessoas dos seus filhos, reabilitando-o, depois de o haver degradado injustamente, como covarde, quando fôra prisioneiro dos espanhois em 1777.

LEÃO — Miguel Nicolau de Azeredo

Filho do precedente - 1779.

LEITE — Manoel Antônio

Filho de João Alves e Domingas Martins. Natural de S. Martinho de Coura, Braga. Neto de

Antônio Domingos Lorado — 1750.

LEMOS – José Xavier de Souza Bittencourt

Casado com Tomázia Joaquina de Bitencourt.

LEONARDA — Ana Francisca

Filha de João Glz e Maria Francisca Leonarda, ambos da Ilha Terceira. Ela, natural do Destêrro. Casada com João Antônio Tavares—1780.

LEONARDA — Maria

Casada com Antônio Corrêa Lxa - 1779.

LESSA — Catarina Leocádia

Filha do Cap. Manoel Fernandes Lessa, já fale-

cido em 1783 e de Catarina de Jesus.

LESSA — Manoel Fernandes

Foi almoxarife da Fazenda Real (1788). Filho de Manoel Fernandes Junqueira e Joana Lopes. Avós: Domingos Manoel e Maria Fernandes; Domingos Lopes e... — Natural de S. Simão da Junqueira, Arcebispado de Braga — 1750.

Casado com Catarina de Jesus.

LIMA — Daniel Ant. Roiz

Filho de Manoel Francisco de Barros e Maria Josefa Lima. Neto de João Roiz de Barros e Francisca Pereira do Amaral; de Custódio An-

tunes Lima e Maria Provença — 1761.

LIMA — João Pereira

Tenente de Ordenanças, escolhido para Capitão

das mesmas em 1782.

LIMA — João Soares

Escrivão da Câmara do Destêrro - 1752.

LINHARES — Bento da Rocha

Filho de Manoel Machado dos Santos e Ana da Sorreiçam, já falecidos em 1784. Natural de

São Jorge da Ilha Terceira.

LINHARES — Domingos Martins

Soldado do Regimento da Ilha - 1783.

LIVRAMENTO — Ana Joaquina do

Casada com Francisco da Costa - 1797.

LIVRAMENTO — Joaquim Francisco do

Filho do Sargento-mor Tomaz Francisco da Costa e Mariana Jacinta da Vitória. Recebeu o hábito na Ordem Terceira a 23/9/1783. Professou a 2/8/1784. Foi dada a seguinte informação: «O pretendente tem cumprido com as obrigações do seu ano de provação. Muito pacifico, temente a Deus, pronto a tudo o que se lhe mandava. Hé merecedor da Graça que pede.

6/8/1784 — Francisco Antônio de Bitancourt, mestre de noviços». Era natural do Destêrro. Fundou o Hospital de Caridade, do Destêrro e casas de caridade em Porto-Alegre, Bahia e Itú. Morreu em Marselha. Conhecido por Irmão Joaquim, de reverenciada memória. Biografia completa, em preparo, de autoria do Des. Henrique da Silva Fontes.

LIVRAMENTO

- José Luiz do

Filho de Vicente Luiz da Costa e Sebastiana Tereza. Neto materno de Sebastião Gonçalves de Melo e Ana de S. Pedro. Natural do Destêrro — 1763

LISBÔA

- Antônio Corrêa

Filho de Antônio Lopes Corrêa e Isabel Tereza de Jesus. Avós: André Lopes Corrêa e Francisca Ferreira; Antônio Leal Duarte e Marianna Duarte. Natural de Lisbôa. Casado com Maria Leonarda dos Santos — 1756.

LISBÔA

- Antônio de Souza

Filho de João de Souza Lisbôa e Bárbara do Rosário.

LISBÔA

- José Joaquim de Freitas

Filho de Gregório de Freitas e Maria de Oliveira — 1780.

LOBO

- Manoel Joaquim da Costa

Filho de Tomé Pereira do Lago e Ana Joaquina Lobo de Carvalho, naturais de Guimarães, Bra-

ga — 1794.

LOPES

- Caetano Xavier

Casado com Ana de Sousa Luz _ 1770.

LOURENÇO

losé Francisco

Filho do falecido Ant.º Lourenço Rabelo e Rosa Jacinta. Natural da Ilha Terceira e morador «de

traz do morro» — 1779.

LOURENÇO

- Manoel Antônio

Fi	lho	de	Antão	Lou	renço	Reb	olo	e	Rosa	da
C	once	ição.	Natura	do	Destê	rro		1798	3.	

LOURENÇO - Luiz

> Filho de João Lourenço e Ganiera Gonçalves. Natural de Vila Ventosa de la Cuesta, Bispado

de Ávila, Reino de Castela - 1781.

LOUZADA - Francisco Soares

Filho de Baltazar Soares Louzada. Citado na

denúncia de Manoel Gomes (Guedes).

LUBAM - Amaro Corrêa

Filho de Manoel Corrêa de Melo e Catarina Ma-

chada. Natural da Ilha Graciosa.

LUCAS - Vicente Machado

> Filho de Amaro Lucas e Tomázia de Jesus (já falecidos em 1787). Natural de S. Sebastião da

Ilha Terceira. Morador do Rio Tavares.

LUCENA - Francisco Iosé

Filho de Ant.º Lucena e Isabel Francisca, natu-

rais de Penude (?), Bispado de Lamego.

LUCINDA - Emerenciana Inácia

Filha de Bento Martins da Arruda - 1778.

LUZ - Ana de Souza

> Filha do Ajudante Salvador de Souza Correya e Tomázia da Luz. Natural do Rio de Janeiro. Viuva de Sebastião Martins Coutinho. Casada com

Caetano Xavier Lopes - 1770.

LUZ - Isabel Maria da

Veio de Lisbôa. Moradora do Destêrro em 1750.

LUZ - Isabel

Viuva do Cap. Manoel Pereira do Lago - 1773.

LUZ -- Maria da

> Filha de Mateos Gonçalves Barbosa e Domingas Pereira. Casada com Antônio Lourenço Barce-

los - 1774

M

MACHADO — Agostinho

Natural da Ilha Terceira. Alferes da Companhia

da Freguesia dos Ratones — 1753.

MACHADO — André

Filho de João Leal Teixeira e Maria Machada — ambos da Ilha de S. Jorge, Morador da Lagôa.

MACHADO — André Gonçalves

Filho de Manoel Machado e Maria de Jesus, já falecidos. Natural da Ilha Terceira e morador do

«Corgo Grande» — 1782.

MACHADO — João Bitencourt Pereira

Alferes do Regimento da Ilha.

MACHADO – Joaquim José

Filho de Tomé Machado Ourique e Maria de Jesus. Natural do Rio Grande de S. Pedro —

1777.

MACHADO — José Francisco de Souza

Filho de Amaro Pereira de Lemos e Teodora Machado de Souza. Capitão. Natural da Ilha de

S. Jorge — 1779.

MACHADO — Manoel

Arrematante do contrato da carne do Destêr-

ro — 1772.

MACHADO — Manoel José

Filho de Tomé Machado Ourique (já falecido) e Maria de Jesus. Natural do Rio Grande de S. Pedro — 1772. Vereador à Câmara do Destêrro

em 1774.

MACHADO — Manoel Vieira

Filho de Antônio Vieira Machado (já falecido) e Maria da Conceição. Natural da Ilha Terceira. Casado com Beatriz de Jesus (1795). Morador

no Saco dos Limões.

MACHADO — Mateos

Filho de Mateos Machado e Bárbara de Souza.

Natural da Freguesia da Ribeira Sêca, Ilha de

S. Jorge.

MACIEL — Manoel José

Filho de Manoel Vieira Maciel e Maria Tereza do Rosário. Aspeçada da Companhia de Galvão. Natural da Ilha do Pico (S. Roque) —1771.

MACIEL — Manoel Vieira

Filho de Pascoal Vieira Maciel e Luiza Vieira. Natural da Ilha do Pico (S. Roque) — 1773. Casado com Maria Tereza do Rosário (1756).

MAFRA — José da Silva

Filho de Domingos Delgado e Domingas da Silva. Natural da Real Vila de Mafra. Morador

na Freguesia das Necessidades.

MALTA — Manoel da Costa (Malta ou Motta)

Vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Con-

ceição da Lagôa - 1762.

MANOEL — José de Melo

Governador da Capitania de 1753 a 1762.

MARIA — Ana

Filha de Antônio Godinho e Gertrudes dos Anjos.

MARIA — Ana

Filha de Manoel de Lemos e Maria Furtada, Natural da Ilha do Fayal. Casada com José Pe-

reira.

MARIA — Ana

Casada com Antônio Lopes da Costa.

MARIA — Ana

Filha de João Roiz e Vitória Inácia.

MARIA — Ana

Casada com Bartolomeu Furtado. Natural da Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe da

Ilha Graciosa -- 1778.

MARIA — Ana

Filha de José Francisco Braga e Luiza da Conceição. Casada com Miguel Francisco da Sil-

va -- 1779.

MARIA — Ana

Casada com Antônio Silveira Lacerda — 1796.

Moradora em Itacorobí.

MARIA — Ana

Filha de André de Quadros e Joana Francisca.

Natural do Destêrro — 1799.

MARIA — Angelina

Filha de Estevão Soares e Maria do Espírito

Santo. Natural de S. José — 1796.

MARIA — Antônia

Filha de Tomaz de Aquino e Joana Rodrigues de Airoz. Casada com Estevam de Castro Soa-

res. Natural do Destêrro - 1798.

MARIA — Brizida

Filha de Domingos Roiz e Francisca Pereira. Casada com João Pereira. Natural da Ilha do

Fayal — 1756.

MARIA — Catarina

Filha de Dionizio Alves e Angélica Ribeira. Viu-

va. Natural do Destêrro - 1798.

MARIA — Clara

Filha de Braz Santiago e Francisca Vieira. Casada com Antônio Francisco de Souza. Natural da Ilha de S. Jorge (N. Sr.ª do Rosário). Mora-

dora em S. Miguel.

MARIA — Francisca

Casada com José da Rocha, moradores na En-

seada de Brito.

MARIA — Francisca

Filha de Francisco Roiz Palácio e Maria Rodrigues Pereira (já falecidos). Natural do Destêrro.

Casada com Bento Gonçalves Saibo (Saibro?)

MARIA — Isabel

Filha de Manoel Nunes e Maria dos Anjos. Natural da Vila da Praia, Ilha Terceira — 1779.

Casada com João Machado.

MARIA - Isidora

Viuva de Pedro Martins — 1758.

MARIA - Ioana

> Filha de Antônio Dias e Domingas do Rosário. Casada com Manoel Machado. Moradores em S. Miguel. Natural da Ribeira Sêca da Ilha de

S. Jorge.

MARIA — Joana

> Filha de Inácio de Amorim Pereira e Angélica Maria do Rosario. Neto paterno de Martinho de Amorim Pereira e Rosa Souza (já falecidos em 1787); Neto materno de Sulvestre da Silva Pereira e Maria de S. Pedro, moradores no Itacorobí.

MARIA -- Iosefa

Casada com Francisco Pereira da Costa, mora-

dor na Lagôa.

MARIA - Páscoa

> Filha de Caetano Silveira de Matos e Catarina de Jesus. Casada com o Cap. Antônio José da

Costa — 1793.

MARIA - Rita

> Filha de Manoel Duarte e Gertrudes Tavares. Assistia na casa de Pedro José da Silva (1794).

MARIA - Rita

Filha de Francisco Antônio de Almada e Maria-

na Antônia - 1798.

MARIA - Rita

> Filha de Amaro Ferreira Madruga e Catarina Silveira. Natural da Ilha de S. Jorge. Viuva de

José Machado de Melo (1799).

MARIA - Rosa

Filha do Alferes Francisco Pereira Cabral e Ioa-

na da Conceição. Natural do Destêrro.

MARIA --- Rosa

Filha de Antônio Machado de Souza e Maria

Machada. Natural da Ilha de S. Jorge - 1797.

MARIA - Rosa Filha de Vital Silveira e Catarina Faria (já falecidos). Neta paterna de Domingos Dutra e Maria Silveira: Neta materna de Manoel Faria e Leonor Guedes. Casada com Antônio Amorim Pereira. Natural da Ilha do Faval - 1778.

MARIÁ

- Rosa

Casada com Manoel Ribeiro de Faria - 1754.

MARIA

- Tereza de Jesus

Filha de Tomaz de Souza Sardinha e Páscoa de Figueiredo Maciel. Avós: Bernardina de Sena (paterna) e Pascoal Figueiredo Maciel e Suzana Rodrigues. Natural do Rio de Janeiro. Casada

com Miguel Francisco da Silva.

MARGARIDA

- Antônia

Filha de Margarida Corrêa e pai incógnito. Natural da Ilha Terceira - 1770.

MARIANA

- Catarina

Filha de Sebastião Gonçalves de Melo e Ana de Jesus. Natural de Santa Bárbara, Bispado de Angra. Casada com o Soldado José Manoel

Henriques — 1758.

MARIM

- Pedro da Costa

Sargento-mor. Comandante da Fortaleza de Santa Cruz de Anhato-mirim — 1770. Filho de Manoel da Costa Marim e Isabel da Costa. Natural de Vizeu. Já residia no Destêrro em 1758.

MARINHA

- Maria Ponciana

Filha de André Marinho de Moura e Ana Pereira de Brito. Natural de Paranaguá - 1798. Ca-

sada com Antônio Pacheco Marques.

MARINHO

- José Luiz

Filho de João Vieira de Melo. Natural de S. Salvador do Monte, Bispado do Porto. Faleceu em fins de 1783 ou comêços de 1784. Casado com Clara Rosa de Betancourt.

MARMELO

Loaquim dos Santos Xavier (Alferes)

Filho do Cap. Antônio dos Santos Xavier e Roas

Maria da Silva — 1796. Casado com Luiza Joa-

quina da Assunção.

MARQUES — Antônio Pacheso

Filho de Manoel Pacheco Marques e Angêla Francisca Cabral. Natural da Ilha de S. Miguel — 1798. Casado com Maria Ponciana Marinha.

MARQUES — Maria de Azevedo

Casada com Francisco de Souza Pimentel. Natu-

ral da Colônia do Sacramento — 1770.

MARTINS — Bonâncio

Filho de Cipriano Martins e Maria dos Anjos. Natural da Ilha Terceira — 1798. Casado com

Quitéria Inácia.

MARTINS — Marcelina

Viuva de Salvador Roiz. Natural do Destêrro e

moradora na Serraria - 1780.

MASCARENHAS - José Mascarenhas Pacheco Coelho (Conse-

lheiro)

Desterrado em Santa Catarina em 1759. Biogra-

fia pelo dr. Henrique Fontes.

MASCARENHAS — Francisco Gonçalves

Veio da Colônia do Sacramento -- 1779.

MATOS — Caetano Silveira de

Casado com Catarina Maria de Jesus.

MATOS – Domingos José

Filho de Antônio Francisco de Matos e Maria Custódia Vieira Lemos. Natural de Braga-1796.

MATOS - Francisco Espindola de

Natural de S. Mateos da Vila da Praia, Ilha Graciosa. Morador do Destêrro depois de 1748 com sua espôsa (Maria Andrade?) e filha (Maria Es-

píndola).

MATOS — Sebastião José

Veio do Rio Grande de S. Pedro - 1765.

MAURICIA — Ana

Filha de Francisco Cardoso Vieira e Maria da

Encarnação. Natural de S. José. Casada com

Francisco da Rocha Cotta — 1797.

MAURICIA — Rosa

Filha de Domingos de Freitas e Rosa Maria. Natural da Ilha Terceira. Avós: Belxior da Costa e Luzia de Souza. Casada com José Pereira e irmã

de Inácio Custódio de ...

MAYATO — Antônio da S.

Natural do Rio de Janeiro. Casado com Rosa Maria Angélica — 1766. Filho de José Silva

Mayato e Antônía da Trindade.

MAYATO — João da Silva

Irmão do precedente. 1770. Casado com Fran-

cisca da Costa Rangel.

MEDEIROS - Floriano Elói de

Filho de Bento Martins de Arruda e Margarida Inácia de S. José. Natural de Ponta Delgada,

ilha de S. Miguel — 1777.

— Francisco Manoel de

Cabo de esquadra -- 1768.

MEDEIROS -- João de (Alferes)
MEDEIROS -- João Inácio de

MEDEIROS

Filho de Manoel Furtado de Medeiros e Isabel Inácia da Vitória (já fal.). Natural da Ilha do Fayal. Avós: Antônio Furtado de Medeyros e Isabel Dutra; Pedro Barros Leal e Isabel Goularte — 1760. Casado com Bernarda Maria das

Mercês - 1770.

MEDEIROS – José Francisco

Filho de José Braga e Ana de Santiago. Natural da Ilha de S. Miguel (S. Sebastião). Oficial de

ferreiro em São José - 1780.

MEDEIROS — José Pereira de

Filho de Francisco Pereira de Medeiros e Domingas Francisca, Natural de S. José, 1798. Ca-

sado com Joana Maria de Jesus.

MEDEIROS — Manoel Antônio de Souza

Filho do Cap. Manoel de Souza Medeiros e Ana

de Santiago.

MEDEIROS — Manoel Furtado

Casado com Ana Maria de Bitencourt - 1758.

MEDEIROS — Miguel Francisco

Filho de José de Braga e Ana de Santiago Medeiros. Natural de S. Sebastião da Ilha de S. Miguel — 1779. Arrematante do contrato da carne

em 1775.

MELO — Antônio Corrêa de (Padre)

Vigário da Matriz em 1758.

MELO — Antônio Moreira (Dr.)

Filho do Sargento Mor Antônio Moreyra de Melo e Catarina de Castro Dessa, Natural da

Bahia — 1757.

MELO - Francisco Pacheco de

Veio do Rio de Janeiro - 1779.

MELO - João Corrêa de

Filho de Manoel Corrêa de Melo e Maria da Conceição (todos residentes no Destêrro). Natural da Ilha Terceira. Avós: Antônio de Melo e Esperança Neta (da Graciosa) e Antônio da Costa e Francisca da Esperança (da Terceira) —

1770.

MELO — Joaquim Francisco de Sales e

Tenente do Regimento da Ilha — 1795.

MELO — João Prestes de

Provedor da Fazenda Real (1791-1798).

MELO - Manoel Cabral de

Casado com Inácia de Jesus - 1771.

MELO — Manoel Caetano de

Filho de Ant.º de Melo e Bárbara do E. Santo. Natural de S. Pedro da Ilha Terceira. Morador do Saco dos Limões — 1795. Casado com Inês

Catarina.

MELO — Manoel Corrêa de

Casado com Maria da Conceição. Mestre serra-

lheiro.	Natural d	a Graciosa.	Filho	đe	Ant.º	de
Melo R	ufego e de	Esperança	de···		1756.	

MENDES — Eloi

Casado com Florianda Tavares — 1799.

MENDES — José de Souza

Filho de Antônio de Souza Meudes e Antônia Francisca. Avós: Sebastião de Souza e Brites do E. Santo; Mateus Gonçalves e .. Natural de

Angra, Ilha Terceira.

MENDONÇA — Antônio Francisco

Natural do Rio Grande de S. Pedro - 1767.

MENDONÇA — Antônio José

Filho de Manoel de Mendonça e Souza e Isabel Maria. Natural do Destêrro. Cabo de esquadra

da 5.ª Companhia do Regimento da Ilha.

MENDONÇA — Simão Furtado

Da Colônia do Sacramento. Morador do Des-

têrro em 1770.

MENEZES — Ana Vitória

Filha de Antônio Roiz Rochadel. Natural do

Destêrro.

MENEZES - Francisco Antônio Cardoso de

Coronel Governou a Capitania de 1762 a 1765.

MENEZES — Francisco de Souza de

Tenente de Cavalaria. Governador da Capitania

de 1765 a 1775.

MENEZES — Manoel de Souza de (Padre)

Padre Coadjutor da Matriz. Natural da Ilha Ter-

ceira.

MERCEZ — Bernarda Maria das

Filha de Francisco Xavier Serram e Maria de Jesus. Natural da Ilha da Madeira. Casada com

João Inácio de Medeyros - 1770.

MESQUITA - Francisco Gonçalves de

Filho de João Gonçalves e Maria Mesquita. Natural de Braga. Mestre «Armeyro de El Rey» —

1770.

MESQUITA

- Luiz Gonçalves

1779.

MIRANDA

- Antônio Henriques

Filho de José Miranda e Castro e Francisca

Henriques de Oliveira - 1775. Capitão.

MIRANDA

- José Antônio

Filho de João Cardoso e Ana Maria. Natural e morador da Lagôa — 1796. Casado com Maria

Inácia.

MIRANDA

- Maria Catarina

Filha do Cap. Amaro de Miranda Coutinho e Margarida Tavares de Siqueira. Natural de N. Sr. a da Graça do Rio de S. Francisco. Casada com o Cabo de Esquadra Antônio Corrêa Frz.—

1794.

MIRANDA

- Leonor Maria

Filha do Cap. Antônio Miranda e Francisca das

Xagas — 1780.

MORAIS

- Antônio Ribeiro de

Casado com Francisca de Paula - 1776.

MOREIRA

- José da Rocha

Quartel mestre do Regimento de Pernambuco. Destacado em St.a Catarina «ao serviço de Sua

Magestade - 1775.

MRZ

- Leonardo José (Martins?)

Filho de Manoel Mrz Coelho e Maria Paula —

1794.

MUTYS

– José

Escrivão da Câmara do Destêrro e Almotaçaria

em 1751.

Ν

NASCIMENTO

- Ana Maria do

Filha de Antônio Furtado e Domingas Furtado. Avós: Antônio Furtado Ribeiro e Maria Gracia; Manoel Glz e Isabel Furtado. Natural do Fayal. Casada com Silvestre Soares — 1781. **NASCIMENTO**

- Francisca Inácia

Filha de José Pereira da Costa e Francisca Inácia Rosa. Casada com Manoel Francisco da Costa — 1796

NASCIMENTO

Gertrudes Luiza do

Filha de Domingos de Souza e Rosa Maria do E. Santo, naturais da Ilha Terceira. Casada com

Jacinto José de Faria (1791).

NASCIMENTO

- Ioana

Filha de Joana Antônia. Natural da Ilha Terceira. Avós: Joam dos Santos e Catarina Cardosa - 1775.

NASCIMENTO

loana do

Viuva de Joaquim dos Reis Ferrão. Morou na Laguna com Sua Mãe ao enviuvar, mudando-se para o Destêrro. Habitava na rua do Mato

Grosso.

NASCIMENTO

- Ioaquina Rosa

Filha de Amador Roiz e Isabel de Jesus. Avós: Nicolau Rodrigues e Maria da Conceição: Sebastião Corrêa e Maria Caetana (naturais da Ilha Terceira) Ela, natural do Destêrro — 1781.

NASCIMENTO

·- Josefa

Filha de Ant.º Rosa e Tereza Francisca de Jesus. Avós: Simão Homem da Costa e Maria Rosa; Antônio Gaspar e Maria do Carmo — 1771. Natural do Fayal. Morador à rua do Livramento.

NASCIMENTO

Leonor

Casada com Pedro Alves. Natural de S. José --1778.

NASCIMENTO

- Luiza Rosa do

Filha de Domingos de Freitas de Souza e Rosa Maria do E. Santo, Natural da Ilha Terceira, Casada com Antônio da Silva Carvalho - 1757.

NASCIMENTO

- Maria Joaquina

Filha de Manoel de Vargas Rodrigues e Rita

Josefa da Conceiçam. Natural do Destêrro — 1798.

NASCIMENTO — Mariana Joaquina

Filha de Caetano da Silveira de Matos e Catari-

na de Jesus. Natural do Destêrro.

NATIVIDADE — Joana Maria da

Filha de Inácio de Amorim Pereira e Angélica

Maria da Conceição.

NATIVIDADE — Umbelina

Filha de Manoel de Medeiros e Souza e Luzia

Francisca da Assunção - 1765.

NAZARÉ – Ana Josefa de

Casada com José Inácio de Almeida — 1799.

NAZARÉ -- Rosa Maria

Filha de Manoel Machado Teixeira e Rosa Maria de S. Lourenço. Naturais da Ilha de S. Jorge, mor. na Freguesia das Necessidades —

1781.

NETO – João Francisco

Filho de Manoel Roiz Neto e Maria de Jesus. Natural de S. João de Carahy, Rio de Janeiro —

1777.

NETO — Manoel Machado

Filho de Feliciano Machado e Maria das Candeyas. Natural e Sargento-mor da Vila do Destêrro. Avô paterno: José Machado Neto; materno: Felipe de Souza, natural da Ilha de S.

Jorge — 1780.

NEVES — Antônio Corrêa

Casado com Ana Francisca - 1769.

NEVES — Maria das

Natural de Santos e residente à rua da Figueira.

NICÓS — Francisco Jaques

Filho do falecido Cap.-mor Jacinto Jaques Ni-

cos e Ana Joaquina da Silva. 1796.

NICÓS — Joaquim José Jaques

Irmão do precedente. Natural do Destêrro - 1777.

NICÓS — José Joaquim

Irmão do precedente. Natural do Destêrro — 1777. Era Cap. da Companhia da Ilha em 1792.

NOGUEIRA — Bento (Padre)

Jesuita. Batizou na Matriz do Destêrro em 1748.

NOGUEIRA — Pedro Glz

Filho de Aleixo Daniel e Antônia Maria Caetana. Natural de Lisbôa. Casado com Angélica Maria do Sacramento — 1760

do Sacramento — 1760.

NORONHA — Manoel de Freitas

Escrivão da Câmara da Laguna em 1773. Morador em Destêrro.

o

OLIVEIRA — Ana Maria de

Filha de Gregório José de Freitas Lisbôa e Ma-

ria de Oliveira (já falecidos) — 1773.

OLIVEIRA - Antônio Francisco de

Filho de João da Terra e Maria das Candeyas. Natural de Santa Beatriz das 4 Ribeiras, Ilha

Terceira.

OLIVEIRA — Antônio José de Souza e

Filho de Francisco de Souza Telles e Josefa da

Costa Natural de Braga — 1775.

OLIVEIRA – Jacinto José

Morador na Vila do Mato Groço. Casado com

Tiadora Vicência de Jesus.

OLIVEIRA — João José

Natural de Vila Rica — Minas Gerais — 1775.

OLIVEIRA — Joaquim Antônio

Filho de Francisco Antônio e Maria da Conceiceição — 1779. Casado com Sebastiana Rosa

de Jesus.

OLIVEIRA — Maria Henriques de

Filha do Cap. Sebastião Pinto Lobato. Viuva de

Henrique Cezar Berenguer. Natural da Madei-

ra — 1770.

OLIVEIRA — Miguel de

Filho de Manoel Luiz e Margarida da Conceiçam. Natural da Freguesia das Necessidades — 1796. Casado com Maria Joaquina da Conceição.

OSÓRIO - Agostinho José

Filho de Bernardo José Osório e Maria da Cos-

ta. Natural de Braga - 1772.

OURIQUE - Tomé Machado

Morador do Destêrro. Veio do Rio Grande de

S. Pedro - 1765.

P

PACHECO — Antônio Alves

Porteiro dos Auditórios da Câmara do Destêr-

ro -- 1774.

PACHECO - Antônio de Quadros (de Coadros Pachequo)

Filho de Manoel Pachequo da Costa e Ana de Coadros. Avós: Manoel Dias e Felipa Dias; Manoel Machado e... Natural da Vila das Velas da ilha de S. Jorge — 1772. Casado com

Maria Caetana de Jesus.

PACHECO — Luiz Santos

Filho de Ventura Santos Pacheco e Rosa Angé-

lica. Natural do Porto - 1776.

PACHECO — Manoel

Filho de Manoel Pacheco e. . e Ursula de. . Natural da Ilha de S. Miguel. Casado com Fran-

cisca Xavier.

PAES — Manoel José

Casado com Luzia Antônia dos Santos -- 1782.

PAIVA - Vicente da Costa

Filho de Antônio da Costa e Antônia Branca.

Naturais da Ilha de S. Miguel -- 1798.

PALAÇA — Rosa Roiz

Filha de Francisco Roiz Palacio e Maria Martins Pereira. Natural do Destêrro. Casada com José

dos Santos — 1776.

PAMPLONA — Caetano Vieira

Filho de João Vieira Lopes. Natural da Ilha Terceira. Casado com Ana Francisca de Santiago.

Morador de S. José.

PASSOS – Felipe José dos

Filho de Francisco Manoel dos Passos.

PASSOS — Francisco Manoel dos

Filho de Tomé Francisco e Maria dos Passos. Natural do Destêrro. Casado com Rosa Joaqui-

na -- 1768.

PASSOS — Joana Francisca

Filha de Tomé F. Passos e Maria dos Passos.

Casada com Manoel Ant.º Leite - 1750.

PASSOS — Joaquina Antônia dos

Filha do Cap. Francisco Ant.º Palácios e Ingrácia Ant.ª dos Passos (já falecidos). Casada com Custódio Teixeira Pinto. Avós: Tomé Francisco

dos Passos e Maria dos Passos - 1783.

PASSOS — Silvestre José dos

Filho de Francisco Manoel dos Paços e Rosa Joaquina. Natural da Freguesia das Necessida-

des.

PASTRANA -- José

Filho de João Pastrana Penalver. Natural de Seguença, reino de Castela — 1782. Casado com

Caetana Rosa Inácia,

PAULA --- Francisca de

Filha de Iph (?) Roiz Corrêa e Vitória Isabel Inácia. Natural de Lisbôa. Casada com Ant.º Ri-

beiro de Morais - 1776.

PAULA — Maria

Filha do Alferes Francisco de Betancourt e Antônia Pacheco. Natural de Santa Cruz da Ilha

Graciosa — 1758.

PAULA — Maria

Filha de Francisco de Espindola de Bittencourt e Maria de Santo Antônio. Natural de S. Mateos da Ilha Graciosa. Casada com Manoel Martins

Coelho. (Tacurubi)

PEIXOTO - Arcênio de Almeida

Filho de Manoel de Almeida Peixoto e Ana Ma-

ria. Natural do Rio de Janeiro - 1770.

PENA - Domingos José

Natural da Ilha de S. Miguel. Mudo e entreva-

do — 1790.

PEREIRA — Ana Bernarda da Silva

Filha de José da Silva Pereira (já falecido em

1790) e Isabel Josefa de Jesus.

PEREIRA — Antônio Amorim

Filho de Manoel Ant.º Amorim (já falecido), natural de Braga e de Tereza de Souza, natural do Destêrro. Morador dos Barreiros, lavrador. Na-

tural de Santa Catarina.

PEREIRA — Antônio Fernandes

Filho de Ant.º Frz. Pra. (falecido) e Luiza Maxima Sarmento. Ajudante do Cirurgião-mor do

Regimento da Ilha - 1780.

PEREIRA — Antônio José

Filho de José Pereira e Ana Rosa. Natural da

Ilha Terceira — 1779.

PEREIRA — Antônio Santos

Veio da Colônia do Sacramento — 1779.

PEREIRA — Bartolomeu Roiz

Filho de Lorenso Roiz e Antônia Nogueira, Natural de N. Sr. a do Caminho, Arcebispado de

Santiago, Galiza — 1756.

PEREIRA — Bartolomeu

Filho do precedente. Natural do Destêrro. Ajudante do Cirurgião mor do Regimento da

Ilha — 1781.

PEREIRA

- Bento da Costa

Tenente de Ordenanças em 1782.

PEREIRA

- Caetano Francisco

Morador do Destêrro.

PEREIRA

- Francisco

Filho de Domingos Roiz e Ana de Jesus. Natural do Fayal (freguesia de Santo Cristo da Praia).

PEREIRA

Inácio do Amorim

Filho de Martinho de Amorim Pereira e Rosa Maria de Souza. Neto paterno de Francisco de Amorim Pereira e Ventura Pereira: neto materno de Salvador de Souza Brito e Teodózia Rodrigues Velha. Casado com Angélica Maria do

Rosário.

PEREIRA

- lacinto

Filho de Jacinto Pereira e Maria de S. José. Natural da Freguesia de Pedro Miguel, ilha do

Faial — 1795.

PEREIRA

- Ioana

Filha de João Pereira do Vale (de Cananéa) e Rosa Nogueira de Jesus (de Iguape). Natural de Cananéa. Casada com Agostinho Fernandes de Carvalho - 1780.

PEREIRA

- Ioão

Casado com Brizida Maria - 1753.

PEREIRA

-- João

Mestre sapateiro em 1758.

PEREIRA

- Ioão de Betancourt (Alferes)

Filho de José Francisco de Souza e Catarina Eugênia de Betancourt. Natural do Destêrro -1778. Casado com Mariana Antônia de Souza.

PEREIRA

- Ioão da Costa

Filho de Antônio Pereira e Isabel Francisca. Avós maternos: Francisco da Rocha e Tereza Francisca, Oficial de alfaiate. Morador à rua do Ouvidor. Natural do Porto. Casado com Ana

Ioaquina — 1772.

PEREIRA — José

Filho de João Roiz da Cunha e Isabel Pereira.

Natural do Fayal. Casado com Ana Joaquina.

PEREIRA — José Francisco

Natural do Destêrro. Filho de Caetano Francisco Pereira. Nascido em 1782, era sargento em 1807,

quando desertou para Lajes.

PEREIRA — José Joaquim

Filho de José Pereira e Marcelina do E. Santo.

Natural do Porto — 1773.

PEREIRA — José Joaquim (alferes)

Nomeado para 1.º Ajudante do Adm. dos Cor-

reios da Vila do Desterro em 1798.

PEREIRA — Luiz Roiz

Filho de Bartolomeu Roiz Pereira. (Natural de Pitansos, Reino de Hespanha) e Paula Fernandes Ceia (Natural de N. Sr.ª da Graça do Rio de S. Francisco). Avós: Lourenço Rodrigues e Antônia Urcheira; Francisco Fernandes e Maria Vieira. Quartel Mestre do Regimento da Ilha. Natural do Destêrro — 1781.

PEREIRA — Luiz dos Santos (Frei)

Padre enviado para Capelão das Fortalezas —

1779.

PEREIRA — Manoel Duarte

Filho de José Silveira Dutra e Maria da Assunção. Natural do Fayal (Freguesia da Feteira) —

1797.

PEREIRA — Maria

Filha de Gregório Martins Pereira (Natural de S. Francisco) e Bernarda Ribeiro (natural do Destêrro). Casada com João Gracia. Natural do

Destêrro — 1781.

PEREIRA — Martiniano Roiz

Filho de Bartolomeu Roiz Pereira e Maria do

E. Santo - 1792.

PEREIRA — Matias

Casado com Marianna de Jesus — 1798. Filho de Estevam Pereira e Urcela da Conceição. Na-

tural do Destêrro.

PEREIRA — Raimundo

1796.

PEREIRA — Tomaz Inácio

Cap. da Freguesia de S. Miguel (St.a Catarina)—

1780.

PERPETUA — Joana

Filha de Manoel Pereira Galo e Mariana Xavier. Natural da Ilha Terceira, moradora do Ribeirão.

Casada com José Gonçalves Vieira.

PERPETUA — Maria

Filha do Cap. João de Andrade.

PILAR — Leonor Margarida do

Filha de pais incognitos.

PILAR — Silvana Margarida do

Filha de Antônio Francisco Pereira e Luiza Máxima Sarmento (já falecidos). Natural da Colônia do Sacramento. Casada com o Licensiado Pedro

da Costa Santos - 1776.

PIMENTEL - Francisco de Souza

Veio da Colônia do Sacramento -- 1770.

PINHEIRO — Antônio da Cunha

Veio da Colônia do Sacramento em 1764.

PINTA — Severina Maria Pereira

Filha do Tte. Cel. Francisco Barreiro Pereira Pinto e Francisca Velloza. Neta materna de João Carneiro da Fontoura e Isabel da Silva. Casada com o Alferes Antônio Fortes de Bustamante e

Sáa — 1760.

PINTO — Aniceta Zuzarte

Casada com o Cap. Manoel Soares de Coimbra. Filha do Alf. Antônio Jorge Zuzarte (já falecido)

e Rita Maria Pinta - 1770.

PINTO — Custódio Teixeira

Filho de Francisco Rabelo Pinto (já falecido em

1783). Natural de Barqueiros, Bispado do Porto. Sargento do Regimento da Ilha. Casado com

Joaquina Antônia dos Paços.

- Fernando Queiroz PINTO

Filho de Domingos de Queiroz Pinto e Ana da Silva, Natural de S. João do Rio das Mortes, da Cidade de Mariana. Administrador da Armação

(das Baleias?) — 1764.

- José Pereira PINTO

Sargento-mor. Governou a Capitania de 1786 a

1791.

- Manoel Antônio da Silva **PINTO**

Filho de Antônio Pinto e Maria da Silva. Natu-

ral de Braga - 1781.

- Manoel Zuzarte PINTO

Cirurgião, Filho do Alf. Antônio Jorge Zuzarte e Rita Maria Pinta, Natural do Destêrro — 1769.

(o pai já falecido).

- Vicente Zuzarte PINTO

Irmão do precedente. Licensiado (cirurgião ?).

Natural do Destêrro - 1770.

- Vicente Zuzarte PINTO

Morador da Freguesia das Necessidades. Casado com Dauriana Perpétua de Jesus -- 1781.

- Vicente Zuzarte **PINTO**

Capitão, proprietário no Destêrro - 1793.

- Antônio Ferreira **PIQUES**

Natural de S. Paulo - 1790.

- Iosé Francisco **PIRES**

Filho de Manoel Pires Ferreira e Isabel da Ressurreição. Natural da Ilha Terceira. Casado com

Quitéria Clara da Conceição.

- João Luiz POIÇÃO

Oficial da Câmara do Destêrro (Vereador) em

1774.

- Antônio Manoel POMBO

Filho de Manoel Duarte e Maria de Oliveira.

Avô: Manoel Duarte Pombo, sapateiro (avô paterno) - 1771.

PORCIÚNCULA — Maria da (Pirciúncula)

Filha de Manoel Luiz e Felicia Godinha. Natural do Fayal. Casada com António Pereira da Sil-

va — 1781.

PORTO — Paulo da Silva

Filho de Antônio da Silva Porto e Ana de Jesus

Maria. Natural do Rio de Janeiro.

PRATES — Antônia Rodrigues Xavier

Casada com o Sargento-mor de Auxiliares Cris-

tovão de Almeida Corrêa.

PRATES - Feliciano José

Casado com Maria dos Anjos — 1780.

PRATES — João Gomes

Filho de José Gomes e Maria Gomes - 1796.

PRATES — José Gomes

PRATES — Roque Rodrigues

Filho de José Gomes Prates e Maria Gomes. Morador da Vila — 1780. Casado com Maria

Joaquina.

PRATES — Manoel José

Filho de Feliciano Roiz Prates e Maria dos Anjos. Natural do Destêrro — 1798. Casado com

Rosa Maria Joaquina. Morador da Lagôa.

PROENÇA — Maria Joaquina

Filha de José Francisco e Rosa Bernarda de

Jesus. Natural do Destêrro - 1761.

Q

QUADROS — André Pacheco

Filho de Antônio Quadros e Maria Catherina —

1780.

QUADROS — Joaquim

Filho de Antônio de Quadros e Maria Catarina

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO 104

de Jesus. Natural do Destêrro - 1797. Casado com Maria Antônia.

- Manoel de Souza **QUADROS**

Filho de Antônio Quadros e Catherina de Jesus.

Natural da Ilha de S. Jorge — 1799.

- Rosa Angélica dos Anjos QUERIDA

Filha de Antônio da Silva Mayato e Rosa Maria

Angélica.

R

- Ana Faustina RABELO

Filha de José Rabelo e Maria do E Santo (já

fal.) Casada com José Coelho Jordão — 1780.

- Francisco Vieira RABELO

Casado com Violante Maria - 1753.

- José RABELO

Filho de Francisco Rabelo de Souza e Ana Souza. Natural de Ponta Delgada, Ilha de S. Mi-

guel - 1757.

- José RABELO

Filho de Manoel Rabelo e Águeda da Asenção.

Natural da Ilha Terceira, «Morador do Conti-

nente» — 1780.

- José Vieira RABELO

Filho de José Rabelo e Joana Antônia. Morador

na Enseada das Garoupas. Casado com Maria

da Conceição.

- Maria Antônia **RABELO**

Casada com Estevão de Castro Soares, morado-

res dos Coqueiros, S. José — 1779.

- José Cardoso RAMALHO

Morador do Destêrro - 1752.

- José de Castro RAMOS

Filho de Matias Fernandes de Crasto e Joana Maria de Jesus. Avós: Francisco Fernandes de

Crasto e Ana de Crasto; Natária Gomes Cuelha

e... Natural do Destêrro, 1.º Sargento do Regimento da Ilha — 1771

mento da fina

RAMOS — Manoel de

Arrematante do contrato da carne do Destêrro-

1770.

RAMOS — Manoel José de

Escrivão da Pro. da Fazenda Real desde 1774. Exerceu a Provedoria interinamente por várias

vezes.

RAMOS – Manoel José de

Filho de Antônio da Silva Machado e Benta Maria da Silva. Natural do Porto — 1771. Ca-

sado com Ana Maria de Jesus.

RAMOS — Manoel José de

Casado com Antônia de Jesus - 1780.

RAMOS — Manoel Lopes

Soldado do Regimento da Ilha — 1761. Em 1792 era empregado na Provedoria da Fazenda

Real (Guedes).

RAMOS — Maria Josefa

Filha de Manoel Ramos Cordeiro e Francisca do Rosário de Bitencourt. Natural da Ilha do Pico. Moradora da Enseada de Brito. Viuva de Narci-

so Pires Serveira (sic).

RANGEL — Francisca Costa

Filha de José da Costa Rangel e Maria da Conceição (já falecidos). Casada com João da Silva Mayato. Natural do Rio de Janeiro — 1770.

RAPOSO -- Antônio de Souza

Natural da Ilha de S. Miguel. Casado no Destêr-

ro com .. - 1794.

REBOLO — Antão Lourenço

Filho de Ant.º Lourenço Rebolo e Rosa Jacinta. Natural da Ilha Terceira. Nasceu em 1746 e faleseu no Destêrro em 26/7/1810. Deixou 8 filhos do seu casamento com Rosa da Conceição.

«Morador em cima do môrro desta Vila» (Mor-

ro do Antão) - 1779.

REGO - Antônio Pereira do

Veio da Colônia do Sacramento - 1764. Casa-

do com Pascoa Maria da Ressurreição.

REGO — Joaquim

Casado com Francisca da Encarnação - 1778.

REGO - Manoel Joaquim do

Filho de Francisco do Rego e Clara Maria. Natural e batizado na Freguesia de S. José, da Ilha

de S. Miguel.

REIS - Agostinho José Mendes dos (Padre)

Filho de José Mendes dos Reis e Maria Rita -

1768. (Ordenou-se posteriormente).

RESSURREIÇÃO — Maria da

Filha do Cap. Manoel Fernandes Lessa (já falecido) e Catarina de Jesus. Natural do Destêrro. Avô paterno: Gervásio Dias; avó materna: Maria da Ressurreição — 1770. Casada com o Sar-

gento Antônio José de Campos.

RESSURREIÇÃO -- Maria da

Filha de Antônio Vaz de Bitancourt e Inês Neta dos Santos. Natural de S. Mateos da Vila da Praia, Ilha Graciosa. Casada com João Davis.

RESSURREIÇÃO — Páscoa da

Filha de Gervásio Dias e Maria da Ressurreição. Natural do Destêrro. Avô paterno: Antônio Ferreira Avó materna: Luzia da Costa — 1770.

Casada com Antônio Pereira do Rego.

RIBEIRA — Angela

Filha de João Ribeiro Furtado e Maria Alvares. Natural de S. Paulo. Casada com Dionizio Al-

vares Fonseca - 1758.

RIBEIRO - Floriano

Filha de Manoel Alves da Costa e Micaela Ribeira, Natural do Destêrro, Casada com Antônio

Nunes Barreto — 1772.

RIBEIRO — Inácio Manoel

Filho do Serurgião Manoel Ribeiro e Antônia de Morais (da Colônia do Sacramento). Furriel

do Regimento da Praça - 1781.

RIBEIRO – João Alberto Miranda (Tenente Coronel)

Governador da Capitania de 1793 a 1800. Fale-

ceu no Destêrro.

ROCHA — Antônio de Campos

Filho de Pascoal de Campos e Luiza da Con-

ceição. Natural de Miranda. Alferes — 1778.

ROCHA — Francisco José Ferreira (Padre)

Capelão do Regimento da Ilha, nomeado em

1799.

ROCHA — José

Morador da Enseada de Brito. Casado com

Francisca Maria.

ROCHA — Manoel Ávila da

Filho de Mateos Vaz e Rosa do Sacramento.

Natural da Lagôa - 1799.

ROCHA — Mateos Vaz da

Filho do precedente e sua mulher Isabel de Jesus. Natural da Ilha Terceira e morador do Córrego Grande — 1798. (Nota: — deve haver equívoco nestas notas. Conferem, entretanto

com os originais).

RODRIGUES — Joseph Antônio (Alferes)

Natural «das Ilhas» — 1752.

RODRIGUES — José Cardoso

Morador do Destêrro em 1752.

RODRIGUES – José

Natural da Vila da Praia, Ilha Terceira. Filho de Manoel da Costa e Simôa da Conceição —1758.

RODRIGUES — Manoel Coelho

Filho de Francisco Coelho e Maria da... Natural da Ilha Terceira. Furriel do Regimento da

llha - 1781.

ROSA

ROSA

 Estevam ROIZ Casado com Josefa Maria de Bitencourt-1779. — Manoel ROIZ Filho de Lourenço Viveiros e Felipa Rodrigues. Natural do Rio de Janeiro - 1777. - Francisco Iosé Leitam ROMBO Escrivão da Câmara e Almoxarifado do Destêrro em 1752. Alferes da Vila em 1753 «por ser uma das pessoas nobres que veyo das Ilhas dos Assores». - Ana ROSA Filha de José da Rosa e Maria da Rosa. Natural do Destêrro. Casada com Manoel Ant.º Tavares. - Angélica ROSA Filha de Salvador Duarte dos Reis (já falecido em 1797) e Rosa Maria. Natural do Destêrro. - Antônio **ROSA** Filho de Ant.º da Rosa e Domingas da Ressurreição. Natural da Ilha do Pico. Patrão do escaler do Governador - 1/81. - Antônio Leal da ROSA Casado com Maria de Jesus. Natural da Ilha do Pico - 1748. - Antônio Machado ROSA «Morador do Campo do Manejo» - 1799. -- André Vieira da ROSA Filho de Manoel Vieira e Bárbara do Nascimento. Natural da Ilha do Fayal - 1752. - Caetana Joaquina **ROSA** Filha de Manoel Machado Neto e Marcelina Joaquina de Santa Rosa. Casada com José Inácio de Souza - 1797.

-- Desidéria

— Eugênia

Filha de Pedro Mendes (já falecido em 1794) e

Tereza de Jesus. Natural do Destêrro.

Filha de Pedro José e Josefa Maria. Natural de S. José. Casada com José de Souza Fraga -1796.

- Francisca Inácia da **ROSA**

Filha de Ant.º da Cunha e Joana Rosa. Natural da Ilha Graciosa. Avôs: Manoel Corrêa Picanso e Agda de Santo Antônio; Matias da Rosa e

Maria Picansa — 1774.

- Gregório José ROSA

Veio do Rio Grande de S. Pedro - 1799.

ROSA - Joaquina Inácia da

Filha de José Pereira da Costa e Francisca Iná-

cia Rosa - 1779.

- losefa ROSA

> Fiiha de José Rabelo de Souza e Maria do E. Santo, Moradora da Praia de Fora - 1781.

 Leonarda ROSA

> Filha de João Fagundes e Maria de Santa Rosa (iá falecidos em 1790), naturais da Ilha Terceira. Casada com Manoel de Souza Medeiros.

- Manoel Francisco ROSA

> Filho de Ioão Rosa e Maria da Conceição. Avós: Domingos Rosa e Isabel de Souza; Manoel Pereira Povos e Maria de Souza (1772). Natural da Ilha do Fayal. Morador da Enseada de Brito (1774).

ROSA Maria

Filha do Cap. João de Andrade e Josefa Caeta-

na -- 1780.

ROSA - Mariana

> Filha de António Rosa e Ana de Jesus. Natural de S. Pedro do Rio Grande. Casada com Ray-

mundo Pereira da Costa — 1796.

- Merência ROSA

Casada com Poluceno Teixeira Brasil.

— Perpétua **ROSA**

Filha de Manoel Vieira Quaresma e Josefa Ma-

ROSA

ria. Casada com Francisco José Roxadel, morador de S. José.

— Vicência

Filha de André Miz e Maria de Jesus. Natural da Ilha Terceira. Casada com Pedro José Bar-

celos.

ROSA - Vicência

> Filha de Joaquim Pacheco e Rosa Inácia, naturais do Destêrro. Casada com o Aspirante Ma-

noel de Souza Quadros.

ROSA - Violante

Natural da Ilha Terceira. Casada com Francisco

dos Santos Xavier.

ROSÁRIA - Matildes

Filha de Manoel Vieira Maciel e Maria Teixeira

do Rosário -- 1777.

ROSÁRIO - Angélica Maria do

> Filha de Silvestre da Silva Pereira e Maria de S. Pedro. Neta paterna de Miguel da Silva e Ana da Conceição, da Ilha Terceira; Neta materna de Lourenço Roiz, das Flores, Casada com Iná-

cio Amorim Pereira e mãe de Joana Maria.

ROSÁRIO - Antônia Ioaquina

Residente no Destêrro em 1780.

ROSÁRIO --- Bárbara do

> Filha de Manoel dos Reis de Quadros e Maria do Rosário. Natural da Ilha Graciosa. Viuva de

Ioão de Souza Lisbôa.

ROSARIO - Feliciana do

> Filha de Tomaz Alves da Silveira e Maria do Rosário. Natural de S. José. Viuva de Sebastião

Ferreira - 1798

ROSÂRIO - Isabel

Casada com João Pereira de Souza — 1756.

ROSÂRIO - loaquina do

Filha de Francisco Antônio e Maria da Concei-

cão - 1779.

ROSARIO

-- Josefa Maria do

Filha de pais incógnitos Casada com José Ro-

drigues da Costa — 1762.

ROSARIO

- Maria do

Filha de Francisco Vieira e Catarina Coelho. Natural da Ilha do Pico Viuva de Tomaz Alves da

Silveira - 1781.

ROSARIO

- Maria do

Filha de Ant.º Soares da Costa e Maria Machada. Avós: Manoel da Rosa da Costa e Bárbara Soares; Ant.º Alz da Fonseca e Isabel Machado. Natural da Ilha de S. Jorge. Casada com Ma-

noel de Viveiros — 1758.

ROSÁRIO

- Maria Joaquina do

Filha de João Machado Vicira e Isabel Maria —

1**792**.

ROSARIO

- Maria Joaquina do

Filha de Mateos Pacheco e Francisca Inácia. Natural do Destêrro. Casada com o Alferes João

Luiz Inácio — 1794.

ROSARIO

— Maria Tereza do Casada com Manoel Vieira Maciel. Natural da

Ilha do Pico — 1756.

ROSARIO

- Suzana do

Filha de João Silveira Dávila e Jacinta do Rosário. Natural da Vila das Velas, Ilha de S. Jorge. Casada com Ventura Souza, moradores em

S. Miguel.

ROXADEL

- Antônio Roiz

Filho de Domingos Ant.º Roxadel e Antônia de Souza. Neto materno de Salvador de Souza e Tiadozia Rodrigues Velha. Natural de Parana-

guá - 1756.

ROXADEL

- Elias José

Filho do precedente e sua mulher Maria Clara.

Natural de S. José. Lavrador.

ROXADEL

- Francisco José Irmão do precedente.

ROXADEL

- Vicente José

Irmão do precedente. Natural do Destêrro.

S

SÁ

- Agostinho José (Alferes) Morador do Destêrro em 1779.

SÁ

- Francisco Caetano de Noronha e

«Bacharel formado nos sagrados Cánones». Natural de Cairá, Bispado da Bahia. Morador do

Destêrro em 1750.

SÁA

- Antônio Fortes de Bustamante e

Filho do Desembargador Roberto Car Ribeiro e Maria Angélica de Sáa e Menezes. Neto paterno de Barnabé Car Ribeiro e neto materno de Luiz Fortes de Bustamante e Sáa e Luiza Viterbo de Sáa e Menezes. Alferes do Regimento desta Prassa — 1760. Casado com Severina Maria

Pereira Pinto.

SACRAMENTO

- Alexandrina Rosa do

Filha de Estanislau Dâmazo da Silveira e Maria Leonarda do Sacramento.

SACRAMENTO

- Ana Clara

Filha de André Miz e Maria de S. José. Casada com Francisco Ant.º Barcelos. Natural da La-

goa.

SACRAMENTO

- Angélica Maria

Casada com Pedro Gliz Nogueira. Filha de Pedro Martins e Isidora Maria. Neta de Pedro Martins e Maria Francisca; de Julião e Vicência

Pral (?) - 1761.

SACRAMENTO

-- Antônia do

Filha de Manoel Gonçalves e Isabel Roiz. Natural da Ilha de S. Miguel. Casada com André

Gomes -1757.

SACRAMENTO -- Antônia Francisca do Filha de Manoel Joaquim do Rego e Francisca Custódia do Sacramento. Natural do Destêrro-1794. SACRAMENTO - Bárbara Maria do Filha de Manoel Pacheco Costa e Ana de Quadros Franca — 1756. Vide Ana Silveira. SACRAMENTO - Faustina do Filha de Antônio José de Souza e Rita de Avila de Bitancourt. SACRAMENTO - Francisca Custódia do Moradora do Destêrro em 1779. SACRAMENTO - Francisca Rosa Filha de Manoel Machado Feyxes (?) e Rosa Maria de S. Lourenço. Casada com Miguel Antônio da Silveira. Natural da Ilha de S. Jorge — 1781. SACRAMENTO - Inácia Francisca do Filha de Domingos de Freitas e Rosa Maria. Neta materna de Belxior da Cunha e Luzia de Souza. Natural de St.a Luzia, Ilha Terceira - 1757. Casada com Guilherme Barbalho Bezerra. **SACRAMENTO** - Ioana Caetana Filha de Antônio Pereira de Souza e Ursula Maria de Jesus. Natural do Destêrro. Casada com José Francisco de Medeiros - 1780. **SACRAMENTO** - Maria Leonarda Filha de Caetano Francisco Rodovalho e Catherina do Sacramento. Natural da Ilha Terceira — 1780. SACRAMENTO - Vitória Ignácia do Filha de Francisco Vieira (já falecido) e Maria Antônia. Casada com Francisco Antônio Fernan-

des - 1787.

- Bento Glz

Filho de Maneel Gonçalves do Saibro e Rosaura Lopes Luiza. Natural de Braga — 1778.

SAIBRO

SALDANHA — José de Freitas

Filho de Manoel Freitas Saldanha e Francisca

Inácia Quitéria. Natural do Porto --- 1795.

SALES — Francisco de Assunção (Frei)

Capelão das Fortalezas — 1779.

SANTANA — Antônio José

Filho de Francisco Xavier Serrão e Maria de Jesus de Freitas. Natural da Ilha da Madeira —

1775.

SANTA ANA — Francisco Felix

Filho de Manoel de Andrade e Francisca Maria de Brito. Neto paterno de João Pereira de Andrade; neto materno de Domingas de Brito. Na-

tural da Bahia. 1771.

SANTA CLARA — Bárbara Eugênia

Filha de Ant.º Soares da Costa e Maria Machado. Natural de N. Sr.ª do Rosário, Ilha de S.

Jorge.

SANTA ROSA — Gertrudes

Filha de André Souza e Luiza Maria. Avós: João Souza e Maria da Costa; Simão Corrêa e Luzia

da Esperança. Natural da Ilha Terceira — 1757.

SANTA ROSA — Gertrudes Tereza de

Filha de Ant.º Rosa e Tereza Francisca. Natural

do Rio Grande de S. Pedro - 1773.

SANTA ROSA — Joana Maria

Filha de José Duarte do Coutto e Maria de S. Rosa. Avós: Bento Duarte e Agueda de S. José; Francisco Fagundes e Isabel Vira (Vieira?).

Casada com Pedro da Costa Cardoso - 1780.

SANTA ROSA — Maria Andreza de

Filha de André de Souza Betancourt (já faleci-

do) e Luiza Maria - 1783.

SANTA ROSA — Marcelina

Filha de Manoel de Souza Rosa e Luiza Silva. Natural do Destêrro. Casada com Manoel Ma-

chado Netto - 1780.

SANTA ROSA DE

VITERBO

- Isabel

Filha de Manoel Gracia Leal (falecido) e Isabel do Rosário. Casada com Estevam de Castro

Soares. Natural e morador de São José.

SANTO ANTÓNIO

- Catarina Faria de

Natural da Ilha do Fayal. Casada com Vital Sil-

veira -- 1750.

SANTO ANTÔNIO

Isabel

Filha de Manoel Marques Rosa e Maria Corrêa. Natural da Ilha de S. Jorge, Casada com Vicente Ferreira Senábio, Moradora da Lagôa — 1797.

SANTO ANTÔNIO

- Rufina Clara de

Filha de Bonancio Miz e Quitéria Inácia. Naturais da Ilha Terceira. Casada com Anastácio Silveira de Souza — 1775.

SANTO INACIO

- Felicia Rosa

Filha de Manoel Lourenço de Borba e Margarida de S. Mateos. Casada com Ant.º José de Bittencourt. Natural da Ilha Terceira — 1757.

SANTO INÁCIO

- Joana Francisca de

Casada com André Pacheco de Quadros. Filha de Mateos Francisco e Felipa Dias — 1779.

SANTOS

- Antônia Maria dos

Filha do Ajudante do Ouvidor Geral Ant.º dos Santos Xavier e Rosa Maria da Silva. Nat. do Destêrro. Avós: Francisco Xavier e Maria de Jesus; Lourenço Maria Caetano e Josefa da Silva de

Carvalho, já falecidos - 1775.

SANTOS

- Antônio Dias dos

Filho de Manoel Afonso e Isabel João. Avôs: Pedro Afonso e Isabel Dias; João Francisco e Isabel João. Natural de Vizeu — 1756. Já era

morador do Destêrro em 1752.

SANTOS

- Antônio Francisco dos

Filho de Diogo Francisco dos Santos e Maria Marins Coitinho. Neto paterno de Manoel Fran-

116 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

cisco Santos e Neto materno de Tomaz Peres Frois de Lara. Natural do Rio de Janeiro-1771. SANTOS - Antônio Francisco dos Filho de João Santos e Catarina Cardosa. SANTOS - Antônio Xavier dos Filho do Cap. Antônio dos Santos Xavier e Rosa Maria da Silva. SANTOS - Domingos Moreira Filho de André Alves e Maria Moreira. Natural de Santo André, Bispado do Porto — 1756. SANTOS - Joaquin José dos Filho de José Santos e Rosa Roiz Palácio. Oficial de carpinteiro. SANTOS - losé Filho de Manoel Liz e Antônia Maria. Natural de Lisbôa — 1776 (Pai do precedente?). SANTOS — José Antônio dos Morador de S. José. Filha: Guiomar, de 4 anos de idade - 1780. SANTOS — José Luiz do Rosário Filho de Gregório Luiz e Mariana Felícia. Natural do Destêrro - 1777. SANTOS -- Josefa Maria Filha de Ant.º dos Santos Xavier e Rosa Maria da Silva - 1775. **SANTOS** - Laureana Joaquina dos Filha de Manoel José Paes e Luzia Antônia dos Santos, Natural do Rio Grande — 1796. SANTOS - Luzia Antônia Filha de Alexandre Pereira e Domingas de S. José. Natural da Ilha do Pico. Casada com Manoel José Paes - 1782. SANTOS - Manoel Glz Morador do Destêrro — 1752. Casado com Inês da Encarnação.

-- Manoel Pereira dos

SANTOS

Filho de Manoel Pereira de Avila e Sebastiana Inácia de Jesus — 1796. SANTOS - Maria Leonarda Filha de Manoel Henrique da Silva e Luiza Teixeira. Natural da Vila de Óbidos (Lisbôa). Casada com Antônio Corrêa Lisbôa — 1758. SANTOS - Pedro dos Soldado do Regimento do Porto. Natural da Freguesia Rio Tinto, Bispado de Penafiel — 1775. SANTOS - Pedro Costa «Chirurgiam aprovado e 2.º do Hospital Real desta Villa. Natural da Colônia do SS. Sacramento. Filho de Agostinho de Deus (da Ilha de S. Miguel) e Eugênia Maria da Costa (da Colônia). Neto materno de José dos Santos e Catherina Maria da Costa — 1772. Casado com Silvana Margarida do Pilar. SÃO BOAVENTURA - Perpétua Rosa de Filha de Tomé Fernandes Sodré e Maria Corrêa da Conceição. Moradora do Destêrro — 1758. SÃO JOSÉ -- Ana de Filha de Ant.º Nunes e Maria Alves, Natural da Ilha de S. Jorge — 1760. SÃO JOSÉ - Bernarda Mariana Filha de Tomé Fernandes Sodré e Maria Corrêa da Conceição. Moradora da Lagôa - 1758. SÃO JOSÉ — Catarina Filha de Manoel Jorge e Esperança Luiza. Natural da Ilha Terceira. Casada com Manoel Jaques. SÃO IOSÉ -- Domingas de Filha de Manoel José de Paes e Luzia Antônia Santos. SÃO JOSÉ - Luiza Bernarda de

> Filha de Francisco Garcia e Agueda da Conceição. Natural da Ilha do Pico. Avós. João Garcia e Ana Luiz; Francisco Telles e Maria da

Conceição. Casada com o Alferes Alexandre

José de Campos — 1770.

SÃO JOSÉ — Margarida Inácia de

Casada com Bento Maryins de Arruda — 1778.

SÃO JOSÉ — Mariana

Filha de André Alvarez e Luzia da Conceição.

Casada com Joaquim de Abreu - 1764.

SÃO PAYO — Ana Francisca de Almeida

Filha do Dr. Duarte de Almeyda de São Payo e

Ana Maria Caetana — 1770.

SÂO PAYO — Duarte de Almeyda (doutor)

Filho de João de Almeida e Sam Payo e Francisca Nunes, do lugar Sam Payo de Gouveya (Coimbra). Casado com Ana Maria Caetana, filha de Manoel Caetano Ribeiro e Geralda Maria de Jesus, de Lisboa. Ouvidor Geral da Comar-

ca - 1762.

SÂO PAYO — Manoel Marques

Filho de Manoel Marques Fidalgo e Elena da Cruz. Natural de Évora — 1756. Casado com

Clemencia Maria de Jesus.

SÂO PEDRO -- Maria de

Casada com Silvestre da Sylva - 1757.

SÂO THIAGO — Ana Francisca de

Filha do Cap. Manoel de Souza Medeiros. Natural do Destêrro. Casada com Caetano Vieira

Pamplona.

SARDINHA — Tomaz de Souza

Morador do Destêrro em 1752.

SARMENTO — Antônio Pereira

Filho de João Pereira Sarmento e Mariana da

Silveira. Natural do Fayal. 1768.

SARMENTO — Luiza Máxima

Moradora do Destêrro — 1776. Viuva de...

SENÁBIO - Vicente Ferreira

Filho de João Gonçalves Nogueira e Rosa Maria. Natural da Ilha de S. Miguel. Morador da

SERAFINS	Lagôa — 1797. Casado com Isabel de Santo Antônio. — Maria dos
	Viuva de João Vieira Lopes. Natural da Ilha Terceira. Moradora dos Barreiros — 1782.
SERRA	— Joaquim Corrêa da
	Sargento mor, engenheiro, residiu no Destêrro em 1794.
SERRÃO	— Antônio Dias
	Filho de João Dias Pereira e Mariana de S. Tia-
	go. Natural de S. Pedro da Ilha da Madeira — 1776.
SILVA	- Ana Francisca
	Filha de Francisco da Costa da Silva e Rosa
	Francisca de Jesus. Avós: Francisco da Silveira
	e Jeronima Silveira; Pedro Dutra e Aguida Pe-
	reira. Natural do Destêrro. Casada com Domin-
	gos Rodrigues — 1772.
SILVA	— Antônia Vitorina Luiza da
	Filha de João Luiz Poyção e Marcelina da Sil-
OWA	va - 1780.
SILVA	— Antônio
CHWA	Casado com Maria Joaquina de Jesus — 1796.
SILVA	- Antônio Borges Figueirôn e
	Provedor da Fazenda Real — 1790. Natural de
SILVA	Xabregas, Prov. do Algarve. — Antônio Nunes da
SILVA	1796.
SILVA	- Antônio Pereira da
OLLVII	Filho de Pedro João Pereira e Maria da Con-
	ceição. Natural da Ilha do Pico — 1781.
SILVA	- Domingos Gomes da
	Filho de Antônio da Silva de Carvalho (já fale-
	cido) e Luiza Rosa do Nascimento — 1781.

- Elias Alexandre da

Alferes do Regimento da Ilha (1782). Filho de Luiz de Assunção e Silva. Natural do Destêrro.

SILVA

120 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

Filha de pais incognitos, natural da Colônia do Sacramento. Casada com João Manoel da Gama. Francisco Antônio da Filho de Manoel Garcia e Margarida de Bellem. Natural do Destêrro — 1798. SILVA — Francisco Cardoso da Filho de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus. SILVA — Francisco Gomes Natural do Destêrro e morador em Paranaguá—1780. SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	Promovido a Ajudante do Regimento de Angola em 1782. Escreveu a História de Angola. — Eufrázia Pereira da
SILVA — Francisco Antônio da Filho de Manoel Garcia e Margarida de Bellem. Natural do Destèrro — 1798. SILVA — Francisco Cardoso da Filho de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus. SILVA — Francisco Gomes Natural do Destèrro e morador em Paranaguá— 1780. SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destèrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		Filha de pais incognitos, natural da Colônia do
Filho de Manoel Garcia e Margarida de Bellem. Natural do Destèrro — 1798. SILVA — Francisco Cardoso da Filho de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus. SILVA — Francisco Gomes Natural do Destèrro e morador em Paranaguá— 1780. SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira, Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veío do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA Natural do Destêrro — 1798. Francisco Cardoso da Filho de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus. Francisco Gomes Natural do Destêrro e morador em Paranaguá— 1780. SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira, Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	0.271	
SILVA Filho de Pedro José da Silva e Tereza de Jesus. Francisco Gomes Natural do Destêrro e morador em Paranaguá— 1780. SILVA Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira, Veio da Colônia — 1779. SILVA Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	CHVA	Natural do Destêrro — 1798.
SILVA — Francisco Gomes Natural do Destêrro e morador em Paranaguá— 1780. SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — Genoveva Margarida da Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		Natural do Destêrro e morador em Paranaguá
Filha de João Roiz Silva e Antônia Santos Pereira. Veio da Colônia — 1779. SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	-
reira, Veio da Colônia — 1779. — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA:	
SILVA — Genoveva Tomaz da Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina — 1779. SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
SILVA Bernardina — 1779. Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — Guiomar Jaques da Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		Filha de Henrique José da Silva e Ana Rosa
Filha do Sargento-mor Jacinto Jaques Nicós e Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
Ana Joaquina da Silva. Natural do Destêrro — 1771. SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veío do Rio de Janeiro — 1773. SILVA João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
SILVA — Henrique José da Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
Filho de Miguel Francisco da Silva (já falecido). Veio do Rio de Janeiro — 1773. — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	CHAIA	
Veío do Rio de Janeiro — 1773. — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — João da Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
Natural da Ilha Graciosa e morador em S. Miguel. SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — João Coelho da Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
Natural de Angra dos Reis da Ilha Grande — 1762. SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	0.21.1	
SILVA — João Roiz da Veio da Colônia do Sacramento — 1779. SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
Veio da Colônia do Sacramento — 1779. — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-	SILVA	
SILVA — João de Souza da Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-		
	SILVA	
		Filho de Manoel Souza da Silva e Josefa Bautis-
The Corps Control Plantage of Control of Con		ta do Corpo Santo. Natural da Graciosa.

SILVA — Joaquim Antônio da

Morador do Destêrro - 1780.

SILVA — Joaquina Maria da

Filha de Miguel Francisco da Silva e Ana Maria.

SILVA – José Inácio da

Casado com Caetana Rosa Joaquina - 1798.

SILVA — José Joaquim da

Morador do Destêrro -- 1799.

SILVA – José Nunes da

Filho de Manoel Nunes Fagundes e Brites An-

tônia. Natural da Ilha do Pico.

SILVA — Josefa

Filha de José Silva e Margarida Luiza Rosa. Na-

tural do Rio de Janeiro - 1771.

SILVA - Joseph Roiz

Alferes da Companhia da Lagôa — 1753. Veio da Colônia do Sacramento. Casado com Fran-

cisca de Jesus.

SILVA -- Luiz de Assunção e

Pai de Elias Alexandre da Silva. Morador do

Destêrro em 1764.

SILVA — Manoel

Filho de Manoel Dias e Luiza da Silva. Natural do Porto. Avós: João Dias e Maria Dias; Pedro da Cunha e Luiza da Silva Carpinteiro — 1752.

SILVA — Manoel da

Filho de Manoel da Silveira e Isabel de Souza.

Todos da Ilha de S. Jorge — 1792.

SILVA — Manoel Cardoso da

Filho de Ant.º Cardoso Pinto e Lourença Silva. Neto paterno de João Cardoso Pinto e Maria da Silva. Sargento «desta Prassa». Natural de Gouveia (Coimbra) — 1771. Casado com Cata-

rina Josefa do Espirito Santo.

SILVA — Manoel Correia (Coreja?)

Veio da Colônia do Sacramento - 1773.

122 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

SILVA	- Manoel Lopes
	Casado com Rosa Maria de Jesus — 1796.
SILVA	Manoel de Souza e
	Natural da Graciosa. Cap. da 1 Companhia de
	Ordenanças de S. José – 1753.
SILVA	— Manoel de Souza e
	Informa ser «casal que veyo das Ilhas» — 1762.
	A esposa chamava-se Josefa, Cunhada: D. Ar-
	cângela. Filhas: Francisca Maria, Bárbara Clara
	e Antônia de Santa Ana. Naturais da Graciosa.
	(Será o mesmo o precedente ?)
SILVA	- Marcelina
	Moradora do Destêrro em 1773.
SILVA	- Maria Madalena da
	Filha do Alferes José da Silva Pereira e Isabel
	Josefa de Jesus. Natural do Destêrro. Casada
	com Manoel Fernandes Lessa.
SILVA	- Martinho Xavier da
	Soldado do Regimento da Ilha — 1761.
SILVA	- Miguel
	Filho de pais incógnitos. Natural do Destêrro.
SILVA	— Miguel da
	Soldado do Regimento da Ilha. Preso pelos es-
	panhois, regressou da Espanha em 1783.
SILVA	 Miguel Francisco da
	Casado com Tereza de Jesus Maria 1757.
SILVA	- Miguel Francisco da
	Filho de Miguel Francisco da Silva e Mariana
	de Jesus. Natural do Rio de Janeiro — 1774.
SILVA	- Rita de Cássia Luiza da
	Filha do Alferes João Luiz Poyção e Marcelina
	da Silva — 1794.
SILVA	— Rita Maria da
	Natural do Destêrro.
SILVA	- Rosa Maria da
	Casada com o Alferes Ant.º dos Santos Xa-
	vier – 1758.

SILVA — Tomaz Mendes da

Cabo do Regimento da Ilha de St.ª Catarina —

1783.

SILVA — Silvestre

Natural da Ilha das Flores - 1757. Casado com

Maria de Sam Pedro.

SILVEIRA — Ana

Filha de Manoel Silveira Maciel e Maria Silveira

Simas. Natural de S. Roque, ilha do Pico.

SILVEIRA — Ana

Filha de Manoel Silveira Luiz e Maria Pereyra. Natural da Freguesia de S. Mateus, Fayal. Viuva

de Francisco de Souza Machado.

SILVEIRA — Ana

Casada com Manoel Pacheco da Costa. Filha: Esperança de Jesus. Nota: Rita Joana da Conceição e Bárbara Maria do Sacramento dizem-se filhas de Manoel Pacheco da Costa e Ana de Quadros Franca. Tôdas, Ana, Rita Joana e Bárbara dizem-se naturais da Vila das Velas, S.

Jorge - 1756.

SILVEIRA — Ana Maria

Filha de Vital Silveira e Catarina de Faria de S. Antônio. Avós: Domingos Dutra e Maria Silveira; Manoel Faria da Silveira e Leonor Guedes Natural do Fayal. Moradora de S. José. Viuva

de Sebastião de Souza Roxadel - 1774.

SILVEIRA — Antônia Maria da

Irmā da precedente. Natural do Fayal - 1778.

Moradora dos Barreiros.

SILVEIRA — Antônio José da

Filho de Ant.º Inácio da Silveira e Maria Francisca de Jesus. Natural de Salvador do Mundo,

Ilba do Fayal — 1/93.

SILVEIRA — Antônio Martins da

Filho de Bento Martins da Arruda e Margarida

Inácia de S. José. 1799.

SILVEIRA — Caetana Maria Rita da

Filha do Tenente João da Costa Silveira e Inocência Maria Ferraiz. Casada com Manoel Fran-

cisco da Costa.

SILVEIRA — Domingos Gil da

Capitão da Vila de São José - 1780.

SILVEIRA — Estanislau Dâmazo da

Filho de Ant.º Dias da Costa e Joana Isabel da Silveira. Avós: Antônio Dias Ponte e Tereza Costa; Domingos Velho de Souza e Maria de S. Antônio. Natural de S. Sebastião de Ponta

Delgada, ilha de S. Miguel - 1772.

SILVEIRA — Francisca Maria da

Filha de Francisco Gonçalves de Mesquita e

Luzia Tereza da Silveira. Natural do Destêrro.

SILVEIRA — João Antônio

Filho de Domingos Silveira e Tereza Maria, morador de S. José. Aspeçada da Companhia de

Granadeiros da Ilha.

SILVEIRA — Luiza Tereza da

Irmã de Ana Maria e Antônia Maria. Natural do Fayal. Casada com o Mestre Armeiro de El-Rey, Francisco Gonçalves de Mesquita. 175... Filho

de Vital Silveira.

SILVEIRA — Manoel Duarte da

Filho de Vicente Silveira e Ana Tereza. Natural de S. Mateus do Fayal — 1794. Casado com

Maria Pereira de Jesus.

SILVEIRA — Manoel Dutra

1798.

SILVEIRA — Manoel Machado

Filho de Manoel Silveira Pacheco e Ana Goularte (já fal.) — 1782, Natural de N. Sr.a do Rosário da Ilha de S. Jorge, Morador em S. Mi-

guel.

SILVEIRA — Mariana Antônia

Natural da Ilha do Fayal. Mãe de Ant.º Pereira

Sarmento — 1758.

- Mariana Tereza de Jesus da Motta SILVEIRA

> Filha de Francisco Luiz Terra e Serafina da Silveyra. Naturais do Fayal. Avós maternos: Ma-

noel Correia e Maria da Silveira - 1772.

SILVEIRA - Mateus

> Filho de José Gonçalves Dias. Soldado granadeiro do Regimento do Porto, ex-morador da Ilha do Pico. «Acha-se desterrado em compa-

nhia do seu Regimento - 1776.

SILVEIRA - Miguel Antônio da

> Filho de José Rodrigues Silveira e Ágeda de S. Antônio. Natural da Ilha do Pico. Morador da Freguesia das Necessidades — 1781. Casado com Francisca Rosa do Sacramento.

SILVEIRA - Tomaz Alz

Morador de S. José - 1781.

SILVEIRA - Vital

Casado com Catarina de Faria de St.º Antô-

nio - 1750.

SIMAS - Antônio Manoel

«Morador no Campo do Manejo» — 1799.

SIMAS - Maria Silveira de

> Filha de Manoel Silveira Maciel e Maria da Silveira de Simas (já falecidos). Natural da Ilha do

Pico.

SIQUEIRA Roque Rafael

Morador do Destêrro - 1752.

SOARES - Estevão de Castro

Morador dos Coqueiros - 1779. Casado com

Maria Antônia — 1798.

SOARES - Francisco Iosé

> Filho de João Fernandes Cariano e Maria Antônia da Assunção. Neto de João Fernandes Velho e Ana Machado; e de Manoel Soares. Casado

com Rosa Mariana de Jesus - 1773.

SOARES — João Antônio (Cap.)

Casado com Francisca Maria das Chagas-1770.

SOARES — João de Souza

Filho de José Souza Pereira e Isabel Joséfa de

Jesus.

SOARES — José

Filho de João Teixeira e Inácia Maria. Natural

do Destêrro - 1799.

SOARES — José Antônio

Morador de Traz do Môrro - 1779.

SOARES — José de Souza

Filho de José Souza Soares e Luzia Conceição.

Natural da Ilha do Pico. Morador de S. José.

SOARES — Silvestre

Filho de Silvestre Soares e Maria de S. Francisco. Avós: Manoel Soares e Barbara Gonçalves; Manoel Homem Machado e Polônia Nunes. «Morador desta villa com sua loja de Ferreyro». Na-

tural de S. Roque da Ilha Terceira.

SOARES — Sivino (Silvino ?)

Filho de João Teixeira e Inácia Maria. Natural

do Destêrro - 1799.

SOARES — Valério

Filho de Domingos Cabral e Esperança Soares.

Natural da Ilha de Santa Maria - 1799.

SOUTO - Lourenço José Vieira (Doutor)

Ouvidor — 1795.

SOUTTO — Antônio Francisco

Morador do Destêrro em 1756.

SOUZA — Ana Joaquina de Medeiros e

Filha de Manoel Medeiros e Souza e Luzia Fran-

cisca da Sunção — 1781.

SOUZA — Anastácio Silveira de

Filho de Francisco Silveira de Souza - 1773.

SOUZA — André de

Filho de João de Souza e Maria da Costa. Natural

	da Ilha Terceira - 1756. Casado com Luiza
	Maria de Souza.
SOUZA	- Antônio José de
	Casado com Rita de Ávila Bitencourt — 1782.
SOUZA	Antônio Francisco
	Filho de Antônio Francisco de Souza e Clara
	Maria de Jesus. Morador do Rio das Caveiras,
	S. Miguel — 1799.
SOUZA	- Antônio Francisco
	Filho de Antônio Pereira de Souza e Ursula
	Maria. Naturais da Ilha de S. Jorge. Morador de
	5. Miguel.
	NOTA: Um destes dois era, em 1795, tenente
	agregado ao Terço da Ilha e proprietário de
	uma galera (Guedes).
SOUZA	— Bento José
	Filho de José Luiz de Souza e Isabel do E.
	Santo. Natural do Destêrro. Cabo de esquadra
_	do Regimento da Ilha.
SOUZA	- Francisco Manoel Medeiros e
	Filho do Alferes Manoel Medeyros e Souza e
	Luzia Francisca da Assunção. Porta bandeira do
0041E	Regimento da Ilha — 1779.
SOUZA	- Francisco Mrz de
	Filho de Francisco de Souza Furtado e Catarina
001174	de S. André. Natural da Ilha Terceira.
SOUZA	João da Costa e
	Filho de Francisco de Souza da Costa e Antô-
	nia de Jesus, casada em segundas núpcias com
COLIZA	Manoel José de Ramos (?) — 1795.
SOUZA	João Pereira
	Filho de Bartholomeu Luiz e Inês do E. Santo.
SOUZA	Natural da Ilha Terceira — 1757.
SUUZA	— Joaquim José
	Filho de José Sebastião de Souza e Lauriana
	Joaquina dos Santos. Natural do Destêrro —

1798.

128 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

SOUZA

— José Nunes de Medeiros e

Filho de Manoel Medeiros e Souza e Lucia
Francisca da Sumpção.

SOUZA

— José Bernardo
Filho de Gaspar Pereira e Josefa Maria (já falecidos). Natural de S. Mateus da Ribeirinha, ilha do Fayal.

SOUZA

— José Francisco
Juiz Ordinário da Vila do Destêrro em 1775.

SOUZA

— José Pereira de
Filho de Manoel Pereira de Souza e Isabel da

Trindade. Natural de São José e Sargento de granadeiros do Regimento da Ilha — 1797.

SOUZA - José Rabelo de

Filho de Francisco Rabelo de Souza e Ana Souza. Natural de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel — 1757. Nota: Será o mesmo José Rabelo?

SOUZA – José Sebastião de

Filho de Antônio de Quadros Pacheco e Maria Catarina. Natural da Vila das Velas, ilha de S. Jorge — 1796. Casado com Laureana Joaquina.

SOUZA — Luiz Corrêa de

Morador do Destêrro em 1775.

SOUZA – Luiz José de

Filho de Miguel de Souza e Ana Maria, naturais

da Ilha de S. Miguel.

SOUZA — Luiza Maria de

Filha de Simão Corrêa e Luzia da Esperança. Avós: Simão Corrêa e Brites Vieira; Antônio Dias e Isabel do Avangelho (sic). Natural da Ilha Terceira. Casada com André de Souza —

1757.

SOUZA - Manoel Escudeiro Ferreira de

Coronel de Infantaria. Governador da Capitania

de 1749 a 1753.

SOUZA — Manoel Medeiros e

Filho do Cap. Afonso Enez de Medeyros e Francisca de Araujo. Avós: Manoel Medeiros e Souza e Maria Tavares de Moraez; Cap. Lourenço Moreira e Isabel de Araujo. Natural de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel — 1760. Presidente da Câmara do Destêrro em 1774. Casado com Luzia Francisca da Assunção — 1760.

SOUZA

- Mariana Antônia de

Filha de Ant.º Pereira de Souza e Ursula Maria de Jesus. Natural da Ilha de S. Jorge (Uma sua irmã, de nome Joana Caetana do Sacramento diz-se natural do Destêrro). 1780. Casada com

o Alferes João de Betencourt Pereira.

SOUZA

- Miguel Alves de

Filho de Ant.º Alves e Maria de S. Mateus. Natural de 4 Ribeiras, Ilha Terceira - 1777. Casado com Isabel do E. Santo.

- Quitéria Maria Rita de Medeyros e

Filha do Alferes Manoel Medeyros e Souza e

Luzia Francisca da Assumpção.

SOUZA

SOUZA

- Rosa

Filha de Miguel Pereira de Souza e Catarina do Sacramento. Natural do Destêrro. Moradora em S. Miguel — 1779.

SOUZA

- Ventura de

Filho de pais incógnitos. Natural do Ribeirão,

ilha de S. Jorge, Residente em S. Miguel.

SOUZA - Vicente Alves

> Filho de Miguel Alves de Souza e Isabel Maria do E. Santo. Natural do Destêrro - 1796.

SUARES

- Maria do Rosário

Filha de Silvestre Suares e Luzia de Jesus -1779. Natural do Destêrro.

·T

TAVARES — João Antônio

Filho de Ant.º José Tavares e Maria Francisca.

Morador na Freguesia das Necessidades-1781.

TAVARES — Florianda

Casada com Eloi Mendes - 1799.

TAVARES - Francisco de Paula

Filho de Manoel Tavares e Maria Francisca. Natural de Lisbôa, freguesia de N. Sr.ª de Agueda.

TAVARES — Manoel Antônio

Filho de Antônio José Tavares e Maria Francisca. Natural da Ilha do Pico. Morador em St.º Antônio (necessidades). Casado com Ana Rosa.

TAVARES — Tomázia Francisca

Filha de Eloy Mendes e Florinda Tavares. Natural do Destêrro. Neta de Miguel Tavares e Jo-

sefa Gonçalves, já falecidos - 1779.

TEIXEIRA — Pedro

Natural da Ilha da Madeira — 1779.

TELLES — Domingos Pereira (Padre)

Vigário da Vara do Destêrro em 1751:

TEREZA — Antônia

Filha de Pedro Miz Coelho e Florida Maria. Na-

tural da Lagôa - 1799.

TEREZA — Maria

Filha de Pedro José da Silva e Tereza de Je-

sus — 1779.

TEREZA — Maria

Filha de João Pereira Albernaz e Isabel da Conceição. Natural da Ilha do Pico. Casada com

Ant.º Glz. Machado - 1782.

TEREZA — Sebastiana

Filha de Sebastião Gomes e Ana do E. Santo,

já falecidos. Natural da Ilha Terceira - 1773.

TOMÁZIA – Inácia

Filha de Manoel José de Fraga e Rita Tomázia.

Naturais de Ilha do Fayal - 1794.

TOMAZIA — Rita

Filha de Manoel de Souza e Maria de Santo Elias. Todos do Fayal. Casada com Manoel Jo-

sé de Fraga - 1794.

TORRES — Miguel Gomes (Padre)

Vigário da Enseada de Brito em 1785. Veio da

Vila de S. Francisco.

TRINDADE -- Ana Joaquina da

Filha de José Pereira Fernandes (já fal.) e Joana da Trindade. Natural da Colônia do Sacramen-

to -- 1779.

TRINDADE — Joana

Viuva de José Pereira Fernandes. Veio da Colô-

nia do Sacramento - 1777.

TRINDADE - Joana Rosa

Filha de Francisco Machado Borba e Catarina de Jesus. Casada com Ant.º Francisco de Men-

donça. Natural da Ilha Terceira - 1770.

TRINDADE - Joaquina Pereira da

Irmá de Ana Joaquina. Natural do Destêrro -

1779.

TRINDADE — Leonarda Pereira

Irmă da precedente — 1779. Natural da Colô-

nia do Sacramento.

TRINDADE — Manoel Marques

Filho de Lourenço Marques e Joana da Concei-

ção. Natural do Rio de Janeiro - 1776.

TRINDADE — Maria Angélica da

Filha de José Pereira Frz e Joana da Trindade (ambos já falecidos em 1794). Natural da Colônia do Sacramento. Casada com João Gomes

Prates.

TRINDADE — Mariana

Filha de Francisco José Coelho e Tereza Maria, ambos de S. Pedro dos Biscoitos. Ilha Terceira.

Viuva de Ant.º Vieira de Melo. Natural de S.

José — 1795.

TRINDADE — Rosa da

Filha de Antônio Vieira e Maria da Ressurreição. Natural de S. Pedro da Calheta, Ilha de S. Jor-

ge. Casada com José de Medeiros.

v

VARELA — Manoel Alvares

Filho de Manoel Varela e Maria Alvares. Natural de Coimbra, morador no Forte de Santana

do Estreito - 1781.

VARGAS — Manoel

Filho de Semião Rodrigues e Catarina de Vargas. Avós ignorados. Natural da Ilha do Fayal---

1757. Fundador do Ribeirão.

VASCONCELOS — Antônio José

Casado com Tomázia Maria — 1770.

VASCONCELOS — Faustina de Souza

Filha de Antônio José de Vasconcelos e Toma-

zia Francisca — 1779.

VAZ — Mateos

Casado com Rosa do Sacramento - 1799.

VELOZO — José Antônio (Capitão)

Veio da Colônia do Sacramento - 1798.

VIANA — Antônio José

Filho de Francisco José e Ana do Rosário Viana. Todos do Fayal. Cabo de esquadra do Re-

gimento da Ilha — 1781.

VIANA — Domingos Mendes

«Caixa e sócio do Contrato da Pesca das Baleias». Arrematante dos Dízimos da Ilha em

1779.

VICENTE — Antônio dos Santos

Filho de Antônio dos Santos e Maria de Frei-

tas. Natural da Ilha da Madeira - 1799.

VICENTE — Joaquim Luiz

Filho de Vicente Luiz da Costa e Sebastiana Tereza de Jesus. Furriel do Reg. da Ilha 1780.

VIEIRA — Francisco Amtônio

1796.

VIEIRA — João Antônio

Filho de Manoel Ant.º Vieira e Mariana Inácia

Francisca. Natural do Destêrro.

VIEIRA — João Cardoso

Filho de Tomé Cardoso e Francisca da Esperança. Natural de S. Miguel. Furriel do Regi-

mento da Ilha - 1797.

VIEIRA — João Machado

Filho de Manoel Machado Caldeira e Rosa Maria. Natural da Ilha Terceira e morador à rua do Ouvidor. Casado com Isabel Maria — 1779.

VIEIRA — José Coelho

Filho de Francisco Cardoso Vieira e Maria da

Encarnação. Natural de S. José — 1798.

VIEIRA — José Gonçaives

Filho de Antônio Gonçalves Bixo e Catarina Rosa. Natural da Ilha Terceira. Morador do Ri-

beirão. Casado com Joana Perpétua.

VIEIRA — José de Souza

Natural da Ilha Terceira — 1748.

VITÓRIA — Jacinta Clara da

Filha de João da Costa Benavides e Josefa Maria da Vitória (falecidos). Natural do Fayal —

1771.

VITORIA — Mariana Jacinta da

Filha do Alferes Francisco Dutra de Faria e Maria de Faria. Natural do Fayal. Casada com Tomaz Francisco da Costa. Nasceu em 1728 e

faleceu em 1824. Mãe do Irmão Joaquim.

VITORINA — Luiza

Casada com o Alferes Raulino da Costa Freyre-

Filha de José da S.a Cascaes e Vitória Inácia de

Jesus — 1798. Natural do Destêrro.

VITÓRIO

Vicente Ferreira
 Boticário - 1756.

VIVEIROS

- Manoel de

Filho de Inácio Viveiros e Ursula de Pimentel. Neto de Manoel de Viveiros e Isabel de Jesus; de Pedro Jorge e Isabel Tavares. Natural da Ilha de S. Miguel — 1758. Casado com Maria do Rosário.

X

XAVIER

- Antônio dos Santos

Veio do Rio de Janeiro - 1770. Casado com

Rosa Maria da Silva.

XAVIER

Antônio dos Santos

Escrivão de Orfãos do Destêrro - 1752.

XAVIER

- Ant.º dos Santos

«Natural das Ilhas». Alferes da Companhia de S. José da Terra Firme, de que era Capitão

Henrique Cezar de Berenguer - 1753.

XAVIER

- Francisca

Filha de Manoel de Esteves e Francisca Pereira. Natural da Ilha de S. Miguel. Casada com Ma-

noel Pacheco.

XAVIER

- Francisco

Sacristão da Matriz — 1762.

XAVIER

- Francisco

Filho de André Cardoso e Maria Joséfa. Natural da Ilha Terceira. Avós: Manoel Cardoso e Isabel da Encarnação; Manoel da Costa e Rosa

Maria — 1758.

XAVIER

- Francisco dos Santos

Filho de Veríssimo dos Santos e Inácia de Arós. Neta de José de Andrade de Arós e Feliciana Josefa; de José Fagundes do Amaral e Maria de Azevedo de Araós. Natural do Rio de Janei-

ro - 1758.

XAVIER — Inácio Francisco

Natural da Ilha do Fayal - 1793.

XAVIER — José Féllez (Felix ou Teles ?) dos Santos

Filho do Cap. Antônio dos Santos Xavier e Ro-

sa Maria da Silva. Natural do Destêrro.

XIMENES — Elói

Casado com Florinda Vaz (Vão, São, Tão?) —

1798.

 \mathbf{z}

ZUZARTE — Ana

Filha do Alferes Antônio Jorge Zuzarte e Rita

Maria. Irmā de D. Aniceta Zuzarte.

ZUZARTE — Antônio Jorge

Morador do Destêrro - 1752.

III

Alguns desterrados e degredados na liha de Santa Catarina

Α

ALMEIDA

- Tomaz Cardoso de

Veio degredado para St.a Catarina em 1749. Seu nome figura na relação dos moradores.

ARÓZ

- João Antônio de

Espanhol, enviado de Lisbôa, com a sua espôsa Leonor Soreya, «pessoas que mereceram em Lisbôa as mais atendíveis recomendações» (1782 — Arquivo do Palácio do Govêrno de

St.a Catarina, Vol. VI).

8

BARBOSA

- Manoel

«para sentar praça» (1782) - (Arquivo do Palácio, Vol. VI).

BERNARDA

- Maria

•para residir nessa Ilha, porque, ainda que casada, não faz vida com seu marido» (1782 ---Arg. do Palácio, Vol. VI). **BORGES**

- João

«homem branco, para sentar praça» (1780 — Arq. do Palácio, Vol. V).

C

CAETANO

--- Manoel

«com a mesma recomendação com que veio Paulo da Silva Porto (1781 — Palácio, Vol. V).

CALDEIRA

- José Francisco

Teve o seu degredo levantado, por conclusão do mesmo, podendo regressar ao Reino com sua mulher e filhos (1798 — Palácio, Vol. VI).

CANDELÁRIA

-- Maria da

«Amázia de um soldado enviado para Angola, por furto» (1782 — Palácio, VI).

CARVALHO

- Domingos José

«Casado com Josefa Bernarda, trazendo uma fi-

lha • (1787 -- Palácio, VI).

CARVALHO

--- João Ribeiro de

por se achar concubinado com hua mulher casada (1781 — Palácio, V).

CHAGAS

- Francisco de

paysano (1780 — Palácio, Vol. V).

CRIOL

- losé

«Castelhano, por ser trubulento, que vai com sua mulher Helena de Jesus e 2 filhos» (1780—

Palácio, V).

CUNHA

-- João da

«para lhe mandar sentar praça no Regimento

dessa Ilha. (1775 — Palácio, V).

D

DIAS

-- Manoel

Soldado do Regimento de Estremoz (1780 — Palácio, V).

F

FERNANDES

- Joam

Soldado do Regimento de Moura (1780 - Pa-

lácio, V).

FERREIRA

- Luiz

·para sentar praça nas Companhias > (1775 —

Palácio, V).

FRANCISCA

_

«preta fôrra, por desordens e se conduzir em

uma vida irregular > (1781 -- idem).

FRANCISCO

— Antônio

Veio com Elias Francisco, na mesma oportu-

nidade, Pardo fôrro.

FRANCISCO

- Elias

Pardo fôrro. Degredado em 1775 «porque aqui andava solicitando causas e por se haver con-

duzido muito mal» (Palácio, IV).

FREITAS

- José de

«por ser desertor e prejudicial», «vai sentar praça no Regimento dessa Ilha» (1780—Palácio, V).

G

GERTRUDES

«Cabra que foi escrava do falecido Sargento mor Antônio Lopes da Costa, para ser conservada nesse paiz athé minha segunda ordem»

(1776 - Palácio, V).

1

INACIO

- Manoel

«por ser desertor e prejudicial» vai «sentar praça no Regimento dessa Ilha» (1780—l'alácio, V).

 \mathbf{L}

LACERDA

- Manoel Inácio Botelho de

Sobrinho do Padre Inácio José Galvão, «por péssima e escandalosa conducta» para ser conservado numa das Fortalezas. Mais tarde foi-lhe concedida a faculdade de habitar com o tio, enquanto apresentasse bôa conduta. (1781 — Patricia IV)

lácio, IV).

LOURENÇO

-- João

Casado com Bernarda Maria. Veio de Lisbôa, por 10 anos. Tinha 49 anos de idade. (1783 — Puldajo VI)

Palácio, VI).

M

MANOEL

— Carlos

«compreendido num extravio de fumos» (1783).

MARIA

- Rita

«mulher branca, por ser apanhada com hum desertor»... «para a fazer remeter para a nova povoação que pretende estabelecer» (1776).

MASCARENHAS

- José de M. Pacheco Coelho Pereira de Melo

(Conselheiro)

Veio degredado para Santa Catarina em 1759. Seu nome figura no rol dos moradores. Sôbre a sua interessantíssima figura escreveu Henrique

Fontes importante trabalho histórico.

MAYATO

- José

Degredado por sentença do Ouvidor do Rio de Janeiro (?). Fugiu da Ilha em 1743. Em 1747 morava novamente no Destêrro e era irmão da

Ordem Terceira.

MONTEIRO

-- João

«Aspeçada do Regimento do Porto e desertor»

(1779).

MOURA

— João

Veio degredado de Lisbôa, por 8 anos. Era natural de Coimbra e filho de Antônio e Luiza Maria, 26 anos de idade, soldado. (1783).

O

OLIVEIRA

- João de

Pardo fôrro, «para conservar nessa Ilha» (1775).

P

PENTEADO

- Manoel loaquim

«para sentar praça nas Companhias» (1775 —

Palácio, V).

PEREIRA

- Domingos

Veio de Lisbôa, por 6 anos, filho de Manoel e

Luiza Maria, 23 anos, soldado (1783).

PIMENTEL

- Felipe

«pardo fôrro, para sentar praça» (1780) - Palá-

cio, V.

PINHEIRO

- Joaquim

«para sentar praça» (1781 — Palácio, V).

PINHEIRO

- José Francisco

«Desertor do Regimento dessa Ilha» (1781 —

Palácio, V).

PINTO

- Raimundo

«Pardo fôrro, para sentar praça» (1780 - Pa-

lácio, V).

PORTO

- Paulo da Silva

«Para sentar praça no Regimento dessa Ilha, evitando que venha a esta Cidade» (Rio) «pelo dano que pode causar se cá aparecer» (1781 —

Palácio, V).

PROENÇA

- Joaquim Viegas

«Alferes condenado pelo Conselho de Guerra a 2 anos de degredo nessa Ilha» (1784 — Palácio, VI).

 \mathbf{R}

RANGEL

— Antônio

Pardo fôrro (1775). Por ser má lingoa, demandista e desacreditador das pessoas contra quem

litiga» (Palácio, IV).

RIBEIRA

- Maria

«por justos motivos». Não há registro de quando foi enviada. O seu degredo foi suspenso em

1776 (Palácio, V).

RIBEIRO

- Narciso Raimundo de Azambuja

«para sentar praça no Regimento dessa Ilha, no caso de se achar ainda em idade de poder servir e quando não para V. S. lhe dar o destino

que lhe parecer. (1775 — Palácio, V).

ROCHA

- Manoel José

Filho da Igreja, veio de Lisbôa, degredado por

6 anos. Idade: 26 anos. Soldado (1783).

RODRIGUES

- Inácio

«para sentar praça nas companhias» (1775 -

Palácio, V).

ROSA

- Maria

Mulher branca - 1783.

S

SALGADO

— José Antônio Martins

«paisano para sentar praça» (1780).

SANTA ANA

- Joaquim José

«Pardo fôrro, para sentar praça» (1780) - Pa-

lácio, V.

SANTOS

- Estevain

Filho de Antônio da Costa e Maria Caetana. Veio de Lisbôa, por 5 anos, tendo 25 de idade.

Soldado (1783).

SILVA

- João de Morais

*para sentar praça (1782 — Palácio, VI).

142 BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO

SILVA — Vicente Ferreira da

«por ser casado e andar desinquietando a hua

mulher casada > (1780 — Palácio, V).

SOUZA — João Vieira

Filho de João Carvalho e Senhorinha de Souza, por 10 anos. Veio de Lisbôa com 35 anos de

idade (1783 - Palácio, V).

V

VASCONCELOS — Joaquim José de Oliveira

«para lhes sentar praça no Regimento dessa

Ilha» (1775 - Palácio, V).

VELHO – José

«por ser um sujeito impossível» (1780 — Palá-

cio, V).

VIDAL — José de Souza

Procurador do Conselho. Citado na denúncia de

Manoel Gomes — 1735 (Guedes).

VIEGAS — Joaquim Soares de

«foi meirinho, em cujo ofício praticou grandes

desordens» (1780 - Palácio, V).

X

XAVIER — Francisca

«por ser amiga da dita Maria da Candelária e ser também achada naquela casa e igualmente pelas informações que tive da péssima conduta de hua e outra» (1782 — Palácio, IV).

As Danças do Entrudo

Por FREDERICO LOPES JR.

O Carnaval... Pouco mais de um quarto de século bastou para mudar completamente o «fácies» característico desta quadra do ano, transformando-a de tal geito que bem pode dizer-se estar prestes a desaparecer do Calendário, ao menos sob a tradicional designação de Entrudo.

Perdida a rota de alegria que era sua senda natural, caíu na banalidade insonsa, e as «Cinzas» acabarão por subverter inteiramente os três dias «gordos» que precediam a Quaresma triste dos jejuns e abstinências, só deixando como nota alacre e... dulcificadora, as filós e os coscorões — única lembrança viva dêsse Passado já morto. Única, não digo bem. Ainda persiste felizmente um número das festas que foi sempre dos que mais entusiasmavam a multidão, sobressaindo a todos os restantes: as «Danças» — expoente máximo da «arte-viva» do povo, inteiramente concebidas, escritas e realizadas pela alma ingénua de seus poetas e tocadores, na sequência duma tradição que vem de distantes idades, e de que ele, sem bem cuidar, continua a ser guardião fiel.

As Danças são de facto uma das mais complexas expressões da cultura popular.

Se a linguagem é filha do ambiente geográfico, histórico e social

em que se vive, e a música o seu complemento lógico, a coreografía, animando-as com o rítmo do gesto, dá-lhes vida intensa, fecundan-do-as daquela mesma «arte plástica» que as mãos calejadas do povo nos revelam no afeiçoar dos mais ingratos materiais, utilizando rudimentares ferramentas e primitivos métodos de realização. Assim, as Danças foram sempre, e ainda hoje são, uma forma de o povo exteriorizar o seu contentamento e dar largas ao natural impulso da sua alma sentimental e poética, com muito de satírico à mistura, em que o seu juizo crítico aprecia os factos da vida real que mais de perto tocam a sua sensibilidade e as deformações de caracteres que mais o chocam e impressionam, nas relações quotidianas com o meio ambiente.

As Danças terceirenses têm seu quê de característico que merecia estudo consciente e detalhado.

Mantendo embora facetas que são comuns às de outras terras, como por exemplo no que respeita às figuras do «Mestre» e do «Velho» ou «Ratão», as Danças Terceirenses não podem, a meu ver, incluir-se inteiramente em qualquer das modalidades coreográficas que a Tradição manteve até nossos dias, quer no Continente quer nas restantes ilhas dêste Arquipélago.

A «dança dos Pauliteiros» de Miranda e a sua congénere «Dança da Velha» da Beira Alta, a do «Rei David» e outras que se dançavam tanto nas igrejas como nas festas profanas, atraz das procissões como no redondel das praças de toiros, são de carácter acentuadamente guerreiro, mantendo muitos dos caracteres das antigas Danças Gregas conhecidas por «Danças pírricas» que, na Idade Média, só tiveram rival de valor na célebre «Dança das Espadas» com que a Suissa deslumbrou a Europa durante alguns decénios.

A «Dança dos Pretos» (1) que ainda há pouco, nalgumas terras do concelho de Moncôrvo, se realizava na véspera do dia de Reis, e bem assim todas as que, por êsse país além, se integravam nos cortejos religiosos, foram pouco a pouco suprimidas pelas severas pastorais dos bispos e, mais do que isso, pela crescente rapidez das comunicações entre o campo e as cidades.

As «Mouriscas» ou «Mouriscadas» que no Funchal subsistem ainda sob a designação de «Bailinho dos Vilões», (2) são representações teatrais versando assuntos relacionados com mouros, e que na

ilha do Faial estiveram, no Século XVII, dignamente representadas pela «Dança Mourisca» (3) que saía na procissão de Corpus Christi.

Uma lei portuguêsa de 1514, diz Marcelino Lima nos «Anais do Município da Horta» (História da ilha do Faial), autorizou a usança das folias, não só nas solenidades internas do culto mas tambem nas procissões, nomeadamente na de Corpus Christi, em Lisboa, onde os pretos e mouros executavam «danças suas, por entre as filas de irmandades e clérigos». E depois, em nota, acrescenta que «eram tais os trejeitos e cabriolas que os pretos faziam a dançar, que fôram as danças abolidas em 1732, a pedido da Câmara de Lisboa».

Os «Bandos», muito usados nas ilhas Terceira e S. Jorge por ocasião das festas de maior nomeada, eram figurações de chacotas, como a do Carro das Faias pelo S. João de Angra (4) precedendo as Cavalhadas, as Encamisadas e outros jogos e torneios de grande pompa em que sobressaíam as corridas de Espadas, Jôgo de Canas e de Manilhas, etc.

A «Comédia» micaelense a que chamam tambem «Vilão», sendo descendente directa das «Mouriscadas», versa um único assunto: a crítica, sempre trocista e contundente, às gentes, costumes e factos mais notáveis de todas as freguesias da ilha. (5)

Ora as Danças da Terceira, tendo características de umas e outras das modalidades apontadas, não podem integrar-se em nenhuma delas. São, a meu ver, comédias musicadas, cujo assunto, variando entre o histórico e o social, é sempre tratado em redondilha maior (quintilha, sextilha ou quadra) entremeado ou seguido de comentários burlescos e de forte cunho satírico, à corrupção dos costumes ou a factos de mais retumbante sucesso ocorridos na freguesia ou lugar.

Tem dos «Pauliteiros», da «Dança dos Pretos» e das «Mouriscadas», a parte coreográfica, e das «Comédias» e dos «Bandos» a extructura e a natureza dos personagens.

Chamou-lhes um distinto etnógrafo açoreano «Danças-Pantomimas» (6) mas, com perdão do Mestre ilustre, entendo que essa designação lhes não cabe inteiramente.

«Danças-Pantomimas» serão as que se realizam no Alto Alemtejo e nas Beiras, constituídas apenas pela parte coreográfica, ilustrada com música e letra mas sem intuitos de enredo. A dança da Terceira não, porque nela as evoluções da dança propriamente dita são simples

atributo a valorizar um argumento preconcebido e vasado em moldes certos como os velhos Autos de Gil Vicente. (7)

Senão, vejamos:

Uma «Dança» compõe-se sempre de três partes distintas: — A «entrada» ou «saudação» em que se dirigem cumprimentos ao povo; o «assunto», em que é apresentado o argumento da «Dança» e ao qual imediatamente se segue o enredo; e a «despedida», em que se agradece aos espectadores a atenção dispensada aos dançarinos.

Cada uma destas partes é iniciada e concluída pelo «Mestre», sendo a maioria das vezes a «entrada» e a «despedida» cantada exclusivamente por êste.

E' curioso notar que a sequência dos «Balhos» obedece tambem, na nossa ilha, às mesmas rígidas formas, sendo a primeira moda, «A Charamba», equivalente à «entrada» nas Danças, e a última, «A Sapateia», equivalente à «despedida», porquanto na primeira se apresentam os cantadores e se dirigem as saudações aos donos da casa, e na última se fazem as despedidas à assistência.

Canta-se na Charamba:

E' esta a vez primeira Que neste auditório canto. Em nome de Deus começo: Padre, Filho, Espírito Santo.

Graças a Deus que cheguei A' praça dêste jardim. Levantou-se o melhor cravo, Poz-se deante de mim.

e na Sapateia:

Despedida, despedida, Despedida quero dar. As senhoras e os senhores Bem me podem desculpar.

Aqui vem a Sapateia Porque vai avançada a hora. Adeus multidão querida, Adeus que me vou embora. cantigas que aparecem, mais ou menos modificadas, na letra de muitas Danças.

Além disso, as Danças da Terceira nunca são precedidas de «embaixada» como as «Comédias» de S. Miguel.

Com os dançarinos, geralmente em número de 16, oito vestidos de homem e oito de mulher, aparecem, pelo menos, dois personagens:

— o «Mestre» que dirige as marcas e, como atraz ficou dito, canta sempre a Entrada e a Despedida, e o «Velho» ou «Ratão» que comenta o Enredo com ditos picantes, por vezes desbocados, tomando à sua conta o papel de enredeador e intriguista. (8) E' o cómico por excelência, intérprete atravez o qual se expande, com toda a pujança, a veia satírica do poeta. (9)

Mas na maior parte das Danças intervem tambem os dançarinos em representação de outros personágens que figuram no Enredo, dando a este feição estriónica, ao sabor dos autos vicentinos do Século XVI. (10) E é nesta característica que fundamentalmente reside a minha não concordância com a designação atraz referida, de «Danças-Pantomimas» às Danças Populares da Terceira.

Não sei se algumas das que primitivamente se realizaram nesta ilha apresentavam já a extrutura que hoje é a todas comum. A maior parte das que em 1622 se exibiram durante as festas que os Jesuítas do Colégio promoveram por ocasião da canonização de Santo Inácio de Loiola e de S. Francisco Xavier, parece terem sido, na maioria pelo menos, meramente coreográficas, a ajuizar pela descrição que delas se faz na «Relação Geral» (11) atribuida ao padre Jorge Cabral da Companhia de Jesus, sôbre informes de «um nosso que ao fazer das festas se achou na ilha».

A «Dança dos Indiáticos», por exemplo, composta por marinheiros vestidos «à asiática», distinguiu-se por «suas salvas de mosquetaria» antes do desembarque e pelo «palateado» que fizeram com os remos pintados e acomodados para êste intento» enquanto percorreram as ruas da cidade «até se fechar a noite dêste mesmo dia», tudo «ao som e pancada da viola».

Assim tambem a «Mourisca», cujo bom sucesso se deveu «à muita destreza no dansar».

Citam-se ainda na «Relação» a Dança dos Pastores, a dos Ramos ou da Arvore e a das Ilhas, alem de «uma boa e concertada

Chacota, que de fora da cidade tinha vindo» e de uma «grave Encamisada, em que entraram muitos cidadãos principais».

O mesmo não poderá dizer-se todavia a respeito de outras «contrafeitas á vilanesca», que por serem «bem engraçadas» a todos serviram de «festa e alegria», sobressaíndo «uma chacota aprazivel» que «deu bem que ver e louvar» e tanto agradou que não foi possível recolher-se ao Colégio senão alta noite a-pesar de ter saído «com luz de dia».

Não as descreve com minúcia o padre jesuita, mas distingue-as das restantes designando-as como sendo «de caracter popular», o que talvez possa deixar-nos concluir que estas Danças do Povo nada tinham que ver com as danças guerreiras ou pantomimicas que tanto ilustraram as Festas do Colégio ha mais de 300 anos.

Seriam então já idênticas às de nossos dias? Nada nos autoriza a afiançá-lo, mas é de supor que sim, porquanto, diferindo muito das outras, receberam da Câmara vários prémios por as julgar «tão boas que por si bastavam para os dias ficarem bem festejados».

O epíteto de «bem engraçadas» com que as mimosearam, pode aplicar-se maravilhosamente à letra da Chacota, escrita por certo com aquele sentido de crítica mordaz à vida e aos costumes da época, como ao presente se verifica nas danças populares da Terceira.

Em três dúzias de Danças que consegui reunir até hoje na colectânea que estou organizando para oferecer ao Arquivo Distrital, destinada à sua Secção de Literatura Popular, mais de 90 % têm acentuado espírito crítico e satírico, ainda que em muitas delas não entre o Velho nem o Ratão, figuras às quais anda sempre adstrita a mordacidade dos comentários.

Escritas por poetas populares, em quadras ou sextilhas, são ensaiadas pelo próprio Mestre ou por pessoa idónea da freguesia, que é tambem, no geral, quem escolhe as marcas e fixa a indumentária dos figurantes.

As marcas obedecem ao número de pares e à cadência da música, variando entre a «cadeia» e o «abaixo-e-acima», passando por todas as nuances que se observam nos «Balhos» e mais as que ao Mestre dizem respeito, no manejo, por vezes complicado, da velha catana em riste.

Era muito usada antigamente a vistosa marca denominada «o pau

das fitas» que constava de uma grande vara com cerca de três metros de altura, tendo na extremidade superior um disco enfeitado ao qual estavam prêsas numerosas fitas das mais variadas cores, cujas pontas livres eram seguras pelos dançarinos. Estes, subordinavam os movimentos à urdidura de uma trança que ia forrando inteiramente a vara, e depois, por nova série de movimentos em contrário, voltavam a despi-la completamente.

Entre os números do programa das festas organizadas em Florianópolis por ocasião do I Congresso de História Catarinense, no Brasil, figuravam duas «Danças Tradicionais» (12), de cujas marcas se destacava a do «pau-de-fitas», (13) em tudo idêntica à aqui descrita.

Era esta marca muito usada tambem pelas Danças que, em tempos idos, vinham exibir-se na velha arena da Praça de S. João, juntamente com as Cavalhadas e outros jogos com que a fidalguia terceirense ilustrava as corridas de toiros no dia do grande taumaturgo. (14)

A título de curiosidade devo dizer-vos ainda que, em 1939, na povoação fronteiriça de Santo António das Areias, distrito de Portalegre, assisti à exibição de uma dança precisamente igual àquelas dos meus tempos de menino, acompanhada por uma «música» que, se não fôra um acordeon a meus ouvidos dissonante, poderia passar por irmã gémea das que vão atraz da «tolia dos bezerros», nas Festas do Espírito Santo da minha terra.

As Danças Populares têm raizes milenárias.

Um século antes de Cristo, Diodoro Sículo referia-se já às Danças dos Lusitanos. (15)

A dança conservou-se plebeia no nosso País até D. Pedro I, êsse exaltado amoroso que, altas horas da noite, saía do Paço acompanhado de quantos dignitários e fâmulos podia reunir, para bailar em plena rua, ao som das trompas de prata e á luz viva dos brandões, rodeado da turba-multa que o aplaudia com delírio.

Nas crónicas de Fernão Lopes ha porem já referência a um banquete na Côrte de D. João I, em que, depois de «desvairadas maneiras de manjares» se «alçaram» os convivas e começaram a dançar, cantando as damas «arredor» com grande prazer.

A dança guindara-se assim, em rápida ascensão, da rua ao Paço Real. Contudo, até D. João II, sempre persistiu o costume de não dançarem as mulheres com os homens, e foi nos esponsais do inditoso D. Afonso, filho do Príncipe Perfeito, que pela primeira vez se quebrou o encanto, dançando o rei com a nora, a Infanta D. Izabel de Aragão. Este facto produziu, como era natural, tamanha sensação, que Diogo de Pedrosa o deixou gravado na seguinte expressiva trova:

«Pero que tenha jurado, de me nunca namorar, por vossa filha balhar meu juramento é quebrado.»

As Danças Populares da Terceira conservam porêm ainda o costume primitivo, sendo executadas apenas por homens, como aliás acontece tambem nas que a tradição mantem no Continente, e os «pares» costumam distinguir-se pela variedade nas vestimentas dos dançarinos.

A indumentária não é fixa, variando consoante os temas versados. O trajo mais vulgar porêm é, para os homens, calça branca, camisa branca, faixa encarnada na cintura e uma atravessada no peito, em diagonal, barretes com borla, de pala, ou chapeu de dois bicos; para as «mulheres», saia rodada, de pano, corpete branco com bordados, lenço enramado na cabeça, luvas e meias brancas com sapatilhas — tudo enfeitado mais ou menos profusamente a fitas e laços de papel de seda colorido.

O «Mestre» usa trajo mais sumptuoso, agaloado nas mangas e no barrete e com lista dourada nas calças. Com a dextra manobra a espada (16) e com a esquerda segura o apito.

O «Velho» ou «Ratão» ostenta sempre um trajo ridículo, a dizer com as suas falas chocarreiras, tendo como acessório quasi indispensavel uma grossa e retorcida bengala de volta com que ameaça zurzir a multidão se acaso é necessário intervir no afastamento dos mais curiosos, e que simula descarregar sôbre a cabeça de algum que finja recusar o óbulo solicitado, na colecta final a que é de uso proceder.

As Danças saem geralmente no Sábado «gôrdo», Domingo, Segunda e Terça-feira de Entrudo, além de no Sábado da Aleluia e no Domingo de Páscoa, exibindo-se no adro da Igreja (17) e em frente das casas das pessoas mais gradas, percorrendo quási toda a fregue-

sia e sendo, no final de cada exibição, feita a quete a que me referi, para pagamento da despeza com a aquisição de trajos e adereços. O produto líquido reverte a favor da igreja ou do império, consoante as necessidades mais urgentes e a simpatia dos organizadores.

A «música» costuma ser constituída por seis elementos: Cornetim, clarinete, baixo, barítono, viola e caixa de rufo, esta especialmente destinada a animar a marcha nos deslocamentos.

As Danças eram, de facto, dos mais animados números do Entrudo folião. Vão desaparecendo, como todas as formas em que melhor se moldava a alma popular.

Perdido pouco a pouco o sentido da continuidade, mercê da influência nociva do progresso materialista e do universalismo destruidor que tudo pretendem nivelar, as populações rurais acabarão por quebrar os últimos elos da cadeia que as prendia ao Passado.

Renegada a Tradição, perder-se-á com ela a grandeza, a estabilidade e o caracter dos povos, fôrças que são constante alimento da sua seiva, viço eternamente renovado, certeza única de continuidade e vida independente.

Neste caso, regressar ao Passado não seria portanto retroceder, mas lançar raizes na terra para melhor garantir a vida ascencional dos fortes.

Frederico Lopes Jr.

NOTAS

(1) — J. R. dos Santos J.º — «A Dança dos Pretos (Moncorvo)» in «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia» — Vol. VII e VIII.

A uma «Dança de Pretos» se refere o Dr. Luís Ribeiro numa das suas crónicas (a IX.ª) sôbre «Angra há 40 anos», publicadas no «Diário Insular», a qual costumava sair do bairro do Côrpo Santo e era tida como «a mais antiga, curiosa e tradicional».

- (2) Carlos Santos «Tocares e Cantares da Ilha» Funchal, 1947 Pag. 66.
- (3) J. C. Silveira Avelar «Ilha de S. Jorge» Horta, 1902 Pag. 70.
- (4) Gervásio Lima «Festas de S. João» Angra do Heroismo.
- (5) Urbano de Mendonça Dias «A Vila», Vol. V, Pag. 73 Vila Franca do Campo, 1922.
- (6) Dr. Luis Ribeiro «Algumas palavras sôbre o Vilão do teatro popular da ilha de S. Miguel» in «Açoreana», Vol. III, Pag. 319.
- (7) Da «Dança das Mexeriqueiras», transcrevo os seguintes trechos:

Marido para a mulher

Recebi hoje uma carta Que me chamava infeliz. Mulher

Desabaja e diz.

Marido

Não digo.

Mulher

Essa vizinha ingrata Mentirosa de raiz Quer-me dar algam amigo ?

1.a Mexeriqueira

Com mentiras tudo consigo Sou mulher de capricho. A carta só «ensolta» (sic) Aquela senhora dôna.

Velho

Se isso fôsse comigo Pegava-te no carrapicho E tu davas tanta volta Como o burro na atafona.

1.a Mexeriqueira

Vi o noivo da Maria Com sapatos de verniz. Era um senhor tal e tal. Eu só apenas me ria, Ele ao pé do chafariz, Ela à porta do quintal.

2.ª Mexeriqueira

Aquela rapariga Sempre teve em sua ideia De ir a todas as bôdes...

Velho

Mexeriqueiras de uma figa, Não vir uma «diarreia» (sic) Que levasse vocês todas!

(8) — Jaime Lopes Dias — «Etnografia das Beiras» — Vol. I, pag. 92 — Lisboa, 1926.

(9) — Da «Dança do Joaquim Garoupa», de Vila Nova, transcrevo os seguintes trechos:

Diz o Rapaz:

Mea senhor, minha senhora, Escataí-me num momento. Não posso ter mais demora. E' grande o mea sofrimento. Já é tempo, venho agora Para tratar do casamento.

Diz o Pai dela:

Pois está bem, vamos tratar Embora que en fique em brasa. Se depressa queres casar Minha filha não se atraza. Diz-me o que podes dar Para o arranjo duma casa.

Diz o Velho:

Isto vai dar em esparrela, Nama grande machangada. O' rapaz, toma cautela Se tens ideía afinada, Não é carregares com ela E o pai não lhe dar nada.

Responde a Mãe com várias exigências, e depois o Velho volta a falar:

Não tardas feito em carôlo E em farelinho meádo. Querem-te tirar o miolo Tu não gastes um escudo. O' rapaz não sejas tolo Deixa-os carregar com tudo!

E como verificasse que nenhum efeito surtiam seus conselhos, vá de lançar mão da intriga para conseguir demovê-lo:

O' mea rico Pai do Cea, Isto assim não finaliza. Hão de lhe dar o chapea, O vestido e a camisa... Não se incomodem com o veu Porque ela já o não precisa...

(10) — Embora inteiramente diverso o assunto da farsa «Inez Pereira», de Mestre Gil, não será ele tratado no mesmo à vontade que transparece da Dança do Joaquim Garoupa atraz citada?

Aqui vai um trecho da farsa, com falas de Inez, da Mãe e da amiga Lianor, quando lhe traz a carta de Pero Marques:

Lianor

Ea vos trago um casamento em nome do anjo bento ! Filha, não sei se vos praz.

Inez

Porêm não hei de casar senão com homem avisado; ainda que pobre pelado seja discreto em falar.

Lianor

Ea vos trago um bom marido, rico, honrado, conhecido.
Diz que em camisa vos quer.

Inez

Primeiro ea hei de saber se é parvo, se sabido.

Lianor

Quereis casar a prazer
no tempo de agora, Inez?
Antes casa, em-que te pês,
que não é tempo de escolher!
Sempre en ouvi dizer:
ou seja sapo eu sapinho,
ou marido ou maridinho,
tenha o que houver mister:
êste é o certo caminho!

- (11) «Relação geral das Festas que fez a Religião da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal, na canonização dos gloriosos santos Inácio de Loiola seu fundador, e S. Francisco Xavier, Apostolo da India Oriental, no ano de 1622» — Cit. in «Festas e Danças da Terceira em 1622» de Manuel de Sousa Pinto — S. Miguel, 1934.
- (12) A do «Boi-de-mamão» ou «Bumba-meu-boi» e a «Dança do Cupido e da Jardineira».
- (13) Na «Dança do Cupido e da Jardineira». Eis a descrição que dela faz o Dr. Alvaro Tolentino de Souza, num trabalho apresentado ao referido Congresso:
 - «E' um mastro de madeira, que mede de dois a três metros de altura, todo enfeitado no topo com flores artificiais ou naturais; dêle pendem fitas de várias côres, tantas quantas são as figuras. Todos fazem roda em torno do mastro e, a um sinal do mestre, tomam as fitas pela extremidade sôlta. A um segundo sinal, principia a dança, passando as figuras, em zig-zag, ora por dentro, ora por fora da roda, movendo-se as damas numa direcção e os cavalheiros noutra, até ao entreleçamento das fitas no mastro, que fica todo coberto, em xadrêz. De novo apita o mestre, e as figuras, em movimentos contrários dos anteriores, desfazem o trançado de fitas que cobria o mastro».
- (14) Julio Dantas *Outros tempos » 2.ª edição Lisboa, 1916 Pag. 171. Referindo-se a uma Toirada que no Terreiro do Paço se realizou em 28 de Agosto de 1752, diz : *Quando se anunciou a toirada do Terreiro do Paço, o programa das danças, vendido na véspera em folhetos, fez mais sensação do que o próprio combate de toiros. Num dêsses folhetos «Curioso mapa das vistosas entradas e danças que hão de preceder aos combates de Touros que no Terreiro do Paço se hão de combater » faziam-se promessas infinitamente sugestivas ao povo meúdo e á patrulha baixa das vielas, dos bêcos, das alfurjas :

Hão de ter festas l'amosas Porque o marquez de Alegrete Vai, quando nelas se mete, A fazê-las magestosas; Teremos certas esperanças Que estas entradas reais Serão carros triunfais Seguidos de muitas danças...»

- (15) Cit. in «Viriato, o heroi da Lusitania», por Luís Chaves «Portugália», n.ºs 3 e 4.
- (16) Jaime Lopes Dias «Etnografia das Beiras» Lisboa, 1916 Pag. 82 «...o mestre ou ensaiador... com velha durindana á cinta...».
- (17) Idem, idem, Pag. 94 «A Dança começa á porta da igreja». E apesar de, nas «Constituições Sinodais do Bispado de Angra», tit. 10.0, const. 8.ª, Frei Jorge de Santiago ter proibido em 1558 «.. que nas igrejas não comam nem bebam, com missas nem sem missas, nem sôbre as covas em dia de Finados ou quando se enterrar algum defunto, nem cantem nem bailem nelas nem em seus adros...» ainda hoje as Danças iniciam suas marcas nos terreiros das freguesias, frente à igreja paroquial.

F. Lopes Jr.

FIDELIDADE

DA

ILHA TERCEIRA EM TODAS AS CRISES

DA

MONARCHIA PORTUGUESA

DESDE A INTRUSÃO DOS PHILIPPES ATÉ OS TEMPOS PRESENTES: POR

FRANCISCO JERÓNIMO DA SILVA.

Bacharel Formado em canones

Pela

Unidercidade de Coimbra

PRIMEIRA PARTE

ANNO DE 1831

Vereis amor da patria, não movido De prémio vil; mas alto, e quasi eterno: Que não há premio vil ser conhecido Por hum pregão de ninho meu paterno.

Camões, Lus. 1. 10.

Introducção

Quando o renome primitivo d'um povo lhe não é couza indifferente, de ordinário cada página de seus annaes nos offerece um documento da sua glória, e cada-uma de suas acções um lance d'algum d'aquelles nobres sentimentos, que as lembranças d'um passado brilhante costumão produzir em almas bem formadas. As provas désta verdade, escusado é ir mendigal-as entre os extranhos, quando são tantas e tão sensiveis as que me subministra a terra em que nasci, e em que passei os primeiros annos da minha vida. Esta terra é a ilha Terceira: e as provas de que eu fallo, não se reduzem unicamente á fidelidade com que os habitantes désta ilha, sem que outros lhes dessem ou lhes seguissem o exemplo, sustentárão em 1821, a causa do seu rei. A fama da capital dos Açores data de muito mais longe: nada menos que cinco gerações se tem rendido umas ás outras, depois que ella appareceo, pela primeira vez, no horizonte da gloria. - Durante este longo periodo, nem uma só vez se esqueceo a Terceira de illustrar o seu nome, e de merecer á mãi-patria os mais distinctos applausos. Mas todas as grandezas tem seu termo, e a minha patria não podia esquivar-se duma lei pela qual tudo passava, mais cedo ou mais tarde. Uma tempestade politica, depois de abalar a monarchia até os fundamentos, arrancou um bando de Catilinas do solo que os vira nascer, e foi arrojál-os á terra que, em todos os tempos, havia sido o baluarte da lealdade. Desde então até o presente, tem esta terra gemido em um cativeiro, de que, nem os Nandalos nem os Mouros nos deixárão exemplo em todas as suas invasões. -- De seus habitantes, uns, em outro tempo abastados, vagão hoje por terras alheas, mendigando uma esmola; outros tem sido offerecidos em holocausto á carla; e o resto lá vai prolongando uma existencia mesquinha, que deveria antes chamar-se morte continuada. — Se ao menos, no meio dos seus males, este povo desgraçado nutrisse ainda a esperança de recobrar um dia a sua liberdade!.. — Mas eu creio que nem essa

mesma esperança já lhe resta. A sua voz, ou emmudeceo ha muito, ou então, rouca de tanto clamar, apenas chega aos ouvidos do navegante que, passando de largo, tributa algumas lagrimas a seus longos infortunios. Ao vêl-a neste deplorável estado, parecia que os seus inimigos se devião dar por satisfeitos; mas uma triste experiencia me tem mostrado o contrario. Não podem sofrer que se diga, que, a despeito de tantas perseguições, ainda se não apagou n'aquella terra o farol da lealdade; e por isso não ha meio que não excogitem, nem esforço que não fação, para que o mundo se persuada de que os Terceirenses consentírão na rebellião, e nas fataes consequencias que désta resultárão. Mas figuem certos que as suas calumnias hão-de ser desmentidas. O imperio dos invasores não hade ser eterno n'aquela ilha, e, mais anno menos anno, a voz da verdade, que hoje se acha soffocada, hade chegar até nós. Então pegarei na penna, e referindo as atrocidades que na minha patria tem praticado os bandidos que a invadírão, mostrarei ao mesmo tempo, que ella concorreo tanto para estas, como a victima para o sacrificio. Emquanto porem não chega esse tempo, seja-me licito recordar ao publico, o que a ilha Terceira tem sido em todas as crises por que o reino tem pasado, até o momento da rebellião que a continúa a devorar. Será este o objecto da primeira parte desta obra.

Fidelidade

da.

Ilha Terceira

PARTE PRIMEIRA

Cap. 1.0

Ponto apenas perceptivel No meio do vasto oceano, Por tres annos a Tercetra Resistio ao Castelhano.

D. A.

En vol ven do-se os primeiros acontecimentos da Ilha Terceira em uma total obscuridade, qualquer outro, nas minhas circunstancias, talvez não duvidasse suprir com ficções lisongeiras o silencio da história. Eu porem não pertendo mover esta penna, fora d'aquele circulo que lhe circunscreve a verdade. A verdade é o principal dote da história, e ainda quando o não fosse, nem por isso a trocaria eu pelas ficções da fábula, pois o campo que a primeira me offerece, não é nem tão pequeno nem tão esteril, que me não dê flores de sobejo, com que teça uma coroa á minha terra natal. Fique pois intacta esta epocha, até que entre os meus patricios appareça algum genio, que, á sombra do silencio da história, cante o acaso feliz que descobrio ao mundo a capital dos Açores. Para as composições d'esse genio, quem quer que elle for, remetto d'antemão os amantes do maravilhoso: emquanto porem aos que o forem da verdade, já d'aqui os convido, a que meditem nos factos que vou offerecer á sua consideração.

O sceptro que o cardeal D. Henrique, no resto de seus dias, unio com a purpura, foi depois da sua morte vivamente disputado.

1580

Teve este sceptro muitos pertendentes; mas Philippe II, que de todos elles era o mais fino, activo e poderoso, foi quem o conseguio. Até aqui todos sabem; mas o que muita gente ignora é que, quando a mãi-patria, reconciliada já com suas mesmas cadeas, festejava o idolo do tempo, ainda a oitocentas milhas, em uma pequena ilha no meio do oceano, havia Portuguezes legitimos, que com os murrões accesos, desafiavão o tyranno. Debalde o filho de Carlos V. se abateo ao ponto de fazer a uns pobres ilheos as mais seductoras promessas. Por estes e por si, lhe respondia assim Cypriano de Figueiredo, então governador da Terceira : «eu não sirvo (lhe dizia elle) a El Rey Dom António «meu Senhor por interese..., mas sirvo-o com a pureza de minha «obrigação, de que resulta não me moverem merçês prometidas, «que foi o laço, em que cahio Portugal; porque, fora do que dêvo, «nenhuma couza me poderá mover, a troco de vender a honra, «è lealdade, que não tem preço». Quando Philippe II. passava das promessas ás ameaças, a resposta de Figueiredo era ainda mais terminante: dizia-lhe elle assim: «confiado em Deos, que peleja por nós, «para os navios está o mar, e portos desta Ilha aparelhados: para as «munições as fortalezas, e trincheyras: e muytos pelouros para meter na «gente, que os vier buscar (1)». O governador da Terceira não faltou ao promettido, e o animo com que empunhou a espada para defender o seu rei, foi aquelle mesmo com que pegára na penna que escreveo estas palavras. Os enormes galeões de Hespanha cansárão-se, por mais de dois annos, em ciuzar os mares da Terceira; e não forão poucas as vezes que se virão obrigados a recuar diante das rochas d'esta ilha, menos guarnecidas de canhões que de honra e lealdade. Deve-se aqui accrescentar, que nem sempre os Hespanhoes tivérão a ventura de escapar, por meio da fuga: com effeito, entre quatrocentos soldados, que Pedro Naldez lançou em terra no dia de Sant'Iago, não houve um so que lhe fosse a bordo participar, que os seus camaradas la ficavão sem vida na Casa da Salga. Foi este o dia em que (se me é licita a expressão) até os bois da ilha pugnárão pelos seus lares. Conduzidos na frente dos insulanos, remetterão contra os Hespanhoes com tal furia, que, a poucos passos, causárão nas suas fileiras a mesma desordem que os elephantes de Pyrrho nas legiões dos Romanos. Qualquer pois que fosse o esforço que os Terceirenses fizerão n'esse dia, nunca poderão negar aos combatentes da vanguarda, que

1581

forão elles os que abrírão o primeiro passo á victória da Salga, tão memoravel nos annaes da Terceira, como foi a de Marathona nos da antiga Grecia. Escrevendo isto eu não desconheço as differenças que caracterizão duas acções tão brilhantes como estas; mas, quanto a mim, a mais saliente de todas é, que os Aristides e Milciades tiverão pennas de casa que illustrassem seus nomes, emquanto os campeões da Terceira, ou se sumirão n'um total esquecimento, ou apenas conseguírão uma menção confusa em os escritos extranhos (2). Tal é o galardão com que não poucas vezes tem ficado a virtude! Porem esta por não ser louvada, não é menos amável: o sol é sempre o mesmo, ainda quando ha nuvens que nos encobrem seus raios.

Persistia a Terceira nesta guerreira posição, quando vio, pela primeira vez o espectaculo d'uma côrte. O principe D. Antonio, deixando a sua armada á vista da de Philippe II., nos mares de S. Miguel, foi esperar em Angra o resultado do combate. Mas em breve oferecêrão todas as suas esperanças: a sua armada foi completamente derrotada; e este princepe desgraçado vendo-se então na necessidade de abandonar a unica terra que sustentava a sua voz, embarcou-se e passou a França.

Bem que abandonada pelo seu rei, a Terceira continuou com a mesma firmeza, até que D. Alvaro Bassan, marquez de Sancta Cruz, appareceo com uma armada poderosa, defronte das suas costas. Vinhão n'esta armada nove mil baionetas, para vingar a affronta recebida na Casa da Salga. A fortuna d'esta vez não foi propicia ao valor, e os Terceirenses succumbírão. Mas como succumbírão elles? Depois de dois dias de renhido combate, e quando em suas veas quasi que não havia sangue, que no campo da honra podessem derramar. Ao sangue do combate seguio-se o dos patibulos (3), mas nem um nem outro podérão jamais apagar o fogo, em que se abrazavão aquelles honrados insulanos. Apenas se cobrio este de algumas cinzas, debaixo das quaes existia um brazido, que não, precizava de sôpro forte para de novo se atear. Philippe II. conheceo tanto isto mesmo, que, passados poucos annos, mandou erguer essas estupendas muralhas ás quaes não só poz o seu nome, mas até parece que communicou as suas sinistras intenções (4). Estas muralhas não o servírão, durante a sua vida; porem o legado de que elle, por sua morte, as deixou encarregadas, foi cumprido á risca, como em breve se verá.

1582 26 de julho

nos fins de 9.bro

> 1583 24 de julho

1591

Cap. 2.0

Os canhões que o Castelhano Assertou contra a cidade, Não podérão reprimir A explosão da lealdade,

D. A.

O usurpador d'este reino deixou, por sua morte, a prêsa bem segura; mas seus frouxos e impoliticos successores, não a souberão conservar. Portugal, ao cabo de sessenta annos, recobrou a sua independencia, e o duque de Bragança empunhou o sceptro que tinha sido arrancado da mão de D. Catharina. A este tempo, achava-se em Lisboa Francisco d'Ornellas. Esse digno Terceirense, vendo o denodo com que quarenta homens tinhão libertado a mãi-patria, concebeo o projecto de ir fazer outro tanto á terra em que nascêra. O projecto era atrevido, e as difficuldades que obstavão á sua execução, parecião insuperaveis (5). Philippe IV tinha n'aquella ilha um presidio de quinhentas baionetas, promptas a espetar os nossos, á menor palpitação; e os nossos so tinhão que oppor-lhes alguas espadas velhas, e chuços ferrugentos. O chefe a cujas ordens estava aquelle presidio, era D. Alvaro de Vivéros, homem intrepido e incapaz de se torcer. Os pontos mais importantes estavão guarnecidos por gente sua; mas o que lhe dava uma decidida vantágem era a terrivel fortaleza de S. Philippe, que, posta a cavalleiro da cidade, ameaçava sepultal-a em suas mesmas ruinas, ao mais leve rumor que n'ella se sentisse. Accrescia a tudo isto, que ainda que os nossos, por meio de um apertado assedio, conseguissem cortar ao inimigo os soccorros de terra, comtudo os do mar ficavão-lhe desembaraçados, pois senhoreava ambas as fortalezas, e não havia força naval que lhos podesse interceptar. Francisco d'Ornellas cerra os olhos a todos esses obstaculos, e arrostando as tempestades do inverno, vai, qual D. João de Castro, por debaixo das ondas, com a espada na bocca, levar soccoro á Terceira.

Logo que Francisco d'Ornellas chegou á sua patria tratou de pôr em execução o projecto de a libertar; porem, sendo denunciado por um João d'Espinola, de quem confiara o segredo, vio-se na necessidade de fugir para a villa da Praia, a unha de cavallo. Vendo então o

1640

1641 7 de ian.º mestre de campo que a prêza que lhe escapava lhe podia ser funesta, cuidou immediatamente em se aperceber contra a cidade; porem, como semelhantes apercebimentos podião indicar medo da sua parte, não se esqueceo de os pretextar, espalhando que os Hollandezes tentavão atacar aquelle ponto.

Não tardou muito que D. Alvaro se vio obrigado a deixar cair o veo da dissimulação. O domingo de ramos chegou, e Francisco d'Ornellas, cercado de todos os Praianos, rompeo nestas vozes: «viva el-rei D. João o IV... O Hespanhol, sendo informado d'esta revolução, cuidou em empregar quando antes todos os meios, afim de evitar que ella se extendesse à cidade. Com este fim, passou logo a prender dois individuos de quem mais se receava, mas querendo segurar terceiro (6), o povo alvoroça-se, e, levando das espadas, repete o mesmo grito que já tinha soado nos areaes da Praia. D. Alvaro, ouvindo este grito, enfurece-se, asserta a artelharia contra a cidade e manda fazer fogo. Teve então logar uma scena espantosa, e até então nunca presenciada por aquelles insulanos. A fortaleza, collocada em uma eminencia e toda escondida na fumaça da artelharia, parecia uma grossa nuvem que se desfazia em raios. As balas, atravessando os ares, assobiavão a cantiga da morte. O echo, repetindo ao longe o estampido dos tiros, acabava de completar o horror dêste quadro. Mas, no meio de tudo isto, era de notar a intrepidez dos nossos, e até o ar de mofa com que ás descargas do inimigo davão o nome de salvas.

No entretanto, d'uma e outra parte, preparavão-se para vir as mãos. Os nossos tinhão começado a erguer tricheiras, e o inimigo, a todo o custo, queria embargar-lhes a obra. A questão foi decidida por armas, e o resultado foi tão funesto para o inimigo, que so quando se vio dentro de seus reductos, é que se achou seguro. Despicou-se então com uma chuva de balas, mas, por meio d'esta chuva, os nossos *Ribeirinhas* levarão-lhe de assalto o castellinho de S. Sebastião, e os Angrenses erguêrão fortins d'onde principiárão a bater a fortaleza de S. Philippe (7). A situação dos cercados tornava-se cada dia mais critica: as suas sortidas custavão-lhes sempre sangue e ás vezes vidas; os mantimentos ião escasseando; os navios que os ião socorrer, caião no poder dos nossos, depois que uma traição lhes entregára o primeiro (8). Mas D. Alvaro, assaltado de tantos infortunios, persistia firme como uma rocha; rejeitava com desdem os titulos e pensões

24 de março

27 de março que lhe offerecia o rei de Portugal, e so tratava de ver se, por algum modo, podía salvar aquella praça a quem d'elle a confiára. Quando, frustradas todas as suas tentativas, lhe representavão os seus a necessidade de render-se, gritava-lhes D. Alvaro: «valerosos Hespañoles, «aun no me haveis comido estas manos». Mas emfim, quando já um anno de cerco estava a completar-se (9), quando a fortaleza de S. Phelippe parecia menos uma praça que um hospital de invalidos, quando não havia nem jumentos nem ratos com que matar a fome, quando a maior parte dos cercados tinhão morrido de penuria, e os restantes davão menos ares d'homens que de sombras; foi então que D. Alvaro capitulou, digno, por certo, de melhor sorte, se acaso defendesse uma causa mais justa. Assim acabou este cêrco illustre, durante o qual, algum auxilio receberão os nossos de seus vizinhos, mas nenhum de Portugal, que, á excepção d'alguma polvora, murrão e bala, só lhes sabía mandar cartas de agradecimento (10).

1642 6 de março

Cap. 3.0

Sua sombra a paz lançava Da Terceira sobre a terra, Emquanto ao longe seus filhos Se eternizavão na guerra,

D, A.

Se eu, n'este escrito, não seguisse mais que os impulsos do meu coração, de bom grado desenharia n'este logar o quadro das virtudes que os meus patricios apresentão, no longo periodo de tempos pacificos que se seguem agora. Quando ainda este meu quadro fosse mui acanhado, pelo menos não me havia de esquecer de representar n'elle os extremos e finezas, que os habitantes da Terceira fizerão a um dos nossos monarchas, que, privado da esposa e do throno, foi alli buscar um lenitivo ás suas amarguras. Também não me havia de ficar no escuro a veneração, com que ainda hoje se contempla a bruta e insensivel pedra (11), onde este rei desthronisado costumava sentar-se, e d'onde, alongando os olhos pelo oceano, procurava ansiosamente alguma vela, que lhe désse novas da terra que o vira coroado. Tudo isto e o mais que eu poderia referir, ficará reservado para quando

1669

erguer á minha patria um monumento, como pertendo. Então poderei soltar um voo mais livre, sem que me prendão as leis que me impuz a min mesmo, quando delineei este escrito.

A sombra dos louros que lhes temos visto adquirir, repouzárão os Terceirenses até os dias infaustos, em que as armas d'um povo usurpador maichárão victoriosas ás margens do Tejo. Fallo das armas d'esse tremendo Napoleão que erguendo a cabeça do nada, concebeo o projecto de ser tudo. Neste reino quasi que não houve então um so individuo que não experimentasse, mais ou menos, o açoute do invasor. A nós os filhos da Terceira, os mares que nos cercão defendêrão-nos d'este açoute ou antes privárão-nos da gloria de fazer ao Corso o mesmo insulto, que o Castelhano tinha recebido de nossos antepassados. Mas, se no meio de nossos lares não luzírão as armas de Jena e de Marengo, nem por isso deixámos de ter muitos que, trocando os mimos da paz pelas fadigas da guerra, vierão unir-se aos defensores da māi-patria. Luiz Diogo Pereira Forjaz foi um d'estes bravos campeões; e os seus feitos forão tão illustres, que a minha patria teria justa razão para me accusar, se aqui deixasse de fazer menção d'um filho seu tão benemerito. A carreira militar de Luiz não foi longa, mas os tropheos com que elle a assignalou forão immensos. O ultimo d'estes tropheos custou-lhe a vida. Mas o que é uma vida que passa, a par das honras que se fizérão á sua memoria? A ternura fraternal ergueo-lhe um cenotaphio; a terra que o creou, foi-lhe chorar sobre elle; a eloquencia e a poesia adornárão-lhe com flores, que jamais hão-de murchar; e agora mesmo que já tem passado tantos annos, a historia ergue o seu brado, e convida a todos, a que meditem n'estas palavras que encerrão o seu elogio: «De pouca idade, «dava as maiores esperanças: era sempre o primeiro a arrostar-se com «os perigos; subio ao Posto que tinha pelo seu valor e merecimento; «e perdeo a vida gloriosamente nas fileiras do inimigo, em huma carga «de bayoneta, tendo para doirar ainda mais a sua morte, a fortuna de «vêr, e deixar os seus bravos soldados vencedores». Não foi o credito nacional que moveo a penna que traçou estas palavras: Mas são um justo tributo, que o marechal Beresford pagou á memória do nosso finado guerreiro (12).

1807

1813 10 de dezembro Cap. 4.0

A' impiedade e o poder, Trabalhárão, mas em vão, Por extinguir n'este povo Honra, brio, opinião.

D. A.

Entre a epocha em que deixei o leitor, e aquella a que passo a conduzil-o, mui poucos são os annos que se contão de intervallo. Mas se os tempos quasi que se prendem, as couzas que n'elles succederão, desligão-se por si mesmas. A ilha Terceira continúa ainda a dar exemplos de fidelidade, mas estes exemplos tem já um cunho mui diverso. D'aqui em diante, não é nem destroçando armadas, nem derrotando inimigos, nem fazendo cêrcos, nem soccorrendo a mãi-patria com a flor de seus habitantes, que a ilha Terceira tem de figurar na scena da gloria. Outra é a vereda que ella vai trilhar, mas esta vereda não é menos brilhante. Roma não se gloría menos de ter desconcertado os planos dos Coriolanos e Catilinas, do que de ter arrastado os reis vencidos ao carro do triumpho. O brilho que resulta de ter encadeado um bando destruídor, é o unico que faltava ao nome da Terceira. Ella conseguio este brilho: seguia-se dizer como; mas primeiro cumpre declarar os esforços que o espirito revolucionário fazia desde longo tempo para contaminar aquella ilha. So assim se poderá avaliar ao justo o heroismo de seus habitantes.

Em septembro de 1810, deportou a regencia, para fora d'este reino, a certos individuos desinquietos, contra os quaes havia mais alguma couza que bem fundadas suspeitas. Este passo da regencia, houve, então quem o censurasse: disse-se que os deportados erão victimas da calumnia; porém a experiencia demonstrou que, se os governadores do reino commettêrão algum erro, foi so quanto ao sitio de degredo; porque a Terceira, longe de ser um presidio d'Angola, que é o que elles merecião, é pelo contrario uma terra sadia, fertil, amena e, em poucas palavras, um jardim delicioso, collocado no meio dos mares. Infelizmente não houve d'esta vez um furação que arredasse, para longe da nossa *Ninive*, a estes *Jonas* virtuosos. Aportárão pois á terra do seu degredo, e ainda que alli forão ter contra

sua vontade, nem por isso deixárão de formar o propósito de converter os profanos.

Logo que elles alli appareccêrão, toda a terra lançou sobre elles uns olhos de indignação; porem depois, inculcando-se por sábios e prendados, começávão de introduzir-se nas casas d'alguns nobres, e por fim passárão a ter com estes as mais estreitas relações. Tem os nobres da minha patria um defeito, que o historiador imparcial não deve aqui occultar. Indifferentes e esquivos com os de casa, são quasi sempre extremosos com os de fora. Não me atrevo a decidir, se isto n'elles é effeito de orgulho, se meio de ostentação; mas o que eu affirmo é, que se entre elles não houvesse este maldito costume, não terião passado pela vergonha de ser a sua classe a única na ilha Terceira, em que os missionarios de septembro cathequisárão alguns individuos.

Aos esforços dos deportados unírão-se os dos ministros, que erão mandados para aquella terra. Estes, em vez de cumprirem com as obrigações de seus cargos, so cuidavão em trajar as ideas subversivas do contemplador de Palmyra. Mas quaes forão os resultados d'esta liga terrivel? Pode dizer-se que nenhuns.. O espirito da Terceira conservou-se sempre intacto, e apenas caírão no laço meia duzia desses individuos que na Terceira se dizem nobres. A verdade é esta: segue-se demonstral-a.

Cap. 5.0

Se o pendão revolucionario Se arvorou na ilha Terceira, Não foi obra de seus filhos, Mas de gente forasteira.

D. A.

Quando o povo Francez tentou inocular nos outros povos a raiva que o damnava, dois forão os instrumentos que elle empregou n'esta obra, as armas e os escritos de seus sophistas. Com as armas na mão, pizou com pe insolente as capitaes da Europa; mas por fim, depois de sofrer uma montaria cruel, foi açamado em sua propria casa. Methor exito teve a campanha de seus sophistas. Os raios que estes

vibravão, como o seu effeito não era immediato, forão encarados com desprêzo, mas á sombra d'este desprêzo pouco e pouco semeárão as faiscas, que por ultimo produzírão o vasto incendio em que se abrazou o sul da Europa. Este incendio pegou tambem em Portugal, e pegou com bastante força, porque aquelles que o excitárão encubrirão as suas damnadas tenções debaixo das seductoras apparencias de remediarem alguns males, procedidos, pela maior parte, da ausencia d'um soberano, entre o qual e a malhor porção de seus vassallos se interpunha o Atlantico. Os Portuguezes, sempre extremosos pelos seus reis, vendo que se lhes promettia o regresso do senhor D. João VI., vierão por muito seu gosto naufragar nos escolhos d'onde lhes cantavão as seréas. Não procederão assim os habitantes da Terceira. A insurreição do reino contava já de duração mais de sete meses; o grito revolucionario retumbava na ilha de S. Miguel, desde o primeiro de março; e ainda no primeiro de abril, a Terceira permanecia quieta e silenciosa, á espera que soasse a voz de seu legitimo soberano. Mas a Providencia, querendo dar a esta ilha novos titulos de gloria, permittio que alli a hydra revolucionaria erguesse, por um pouco, a sua orgulhosa cabeça.

1821

1820 20 de Outubro

Francisco Antonio d'Araujo, depois de ser rendido no governo dos Açores por Francisco de Borja Garção Stockler, ficou vivendo em Angra, como simples particular. O desprêzo com que todos o tratavão, e a nullidade a que se via reduzido, excitavão-lhe continuas saudades dos tempos da sua cruel, immoral, e ladra administração. Uma mulher ambiciosa, que dominava no seu espirito e talvez no seu coração, incitava-o fortemente a que se aproveitasse das circunstancias, para reassumir, senão todo, ao menos parte do governo. Os individuos, pela maior parte forasteiros, que por titulos vergonhosos tinhão em outro tempo conseguido o seu valimento, e recebido commissão dos peculatos que elle fez, instavão-no porfiadamente a que aceitasse os serviços, que elles de bom grado lhe offerecião. Todos estes estimulos, applicados a um tempo, resolvêrão Araujo a proclamar em Angra um systema, que elle, emquanto general, tinha desacreditado, não so taxando de levantado o reino de Portugal, mas até vedando com elle a communicação mercantil (13).

Incumbirão os facciosos de delinear o plano da sua obra, a José Carlos de Figueiredo. Um homem preverso e perspicaz como este;

que facilmente concebia um crime e destramente o commetia: que aos titulos que o distinguião unia o de septembrizado; que, durante a tyrania d'Araujo, tinha chegado a ser o seu mentor; um homem d'estes merecia na verdade, que a facção depositasse n'elle toda a sua confiança. José Carlos aceitou a incumbencia, mas o modo porque elle a desempenhou, sendo aliaz conforme ao seu caracter, friza bem pouco com a perspicacia que se lhe attribue. Segundo o seu plano, o drama diabolico devia começar alta noute. Uma fingida chegada d'el--rei (que de facto alli se estava esperando), vistosas promessas d'augmento de soldo, e uma grossa bica de vinho, eisaqui as molas que devião mover a força armada, e impellil-a á insurreição. Mas todas estas molas erão igualmente quebradiças: a ficção tinha de desvanecer-se com as trevas da noute; no erario não havia com que se cumprisse tal promessa; e o vinho, passado que fosse o seu efemero effeito, não podia embargar a terrivel lembrança do Relvão e do Escampadoiro, theatros da barbaridade Araujana, d'onde saíão todos os dias recrutas para os hospitaes, e d'aqui para os cemiterios (14). Qualquer homem dotado de simples senso commum conhecia, ao primeiro lance de vista, os inconvenientes d'um tal plano; mas não os conheceo o seu author, nem os que se dirigirão pela cabeça d'elle, porque a ambição os tinha cegado a todos, e nenhum d'elles via a cobra que se escondia entre as flores, mor cima das quaes imaginavão marchar.

Chegou a noute do primeiro de abril, e como n'esta noute os officiaes das patrulhas que tinhão de rondar a cidade, erão d'esses forasteiros em quem Araujo tinha aviltado as bandas, o projecto de José Carlos foi posto em execução. Araujo emboscado junto á fortaleza, poz-se á espera que as patrulhas se recolhessem a elle como costumavão fazer, para serem rendidas por outras. Deo meia noute, e a título de patrulhas e presos que n'estas dizião vir, entrárão os facciosos para dentro da fortaleza. Foi então que o planista da empreza deo uma prova indubitavel do patriotismo que o animava; porque, apenas poz o pe dentro das portas da fortaleza, armou-se governador d'ella por suas proprias mãos, sem que n'esta investidura dada por si mesmo, houvesse mais cerimonia que a de agarrar nas chaves e pronunciar as seguintes palavras: «reconheção-me por governador d'esta praça». Tal era a sofreguidão d'este patriota, que, estando bem

1821

certo que os seus serviços havião de ser, dentro de poucas horas, recompensados com aquelle emprêgo, comtudo ja lhe parecia immenso um tão curto intervallo.

Serião duas horas da noute ou perto d'isso, quando se ouvio a vozearia desentoada a que a facção deo o nome d'acclamação-militar. Foi grande o abalo que esta causou em peitos como os dos Angrenses, que naturalmente estremecem ao menor vislumbre de rebeldia: foi ainda maior o que elles sentirão, quando a fortaleza salvou: é porem superior a toda a exaggeração o grao a que o mesmo subio, quando se soube que era o ex-tyranno dos Açores, quem estava a frente dos sediciosos. Então um mesmo sentimento de raiva e furor agitou a todos os Angrenses, pois d'esses mesmos nobres em quem tinhão pegado as sementes dos septembrizados, d'esses mesmos, digo, apenas houve um so que abertamente se colligasse com Araujo. José Leite Botelho de Teive é o nome d'este degenerado nobre. Mas isto não deve admirar, porque n'esses mesmos tempos em que a Terceira alcançou um renome eterno, apresenta um João de Betencor, que ergueo a voz a favor de Philippe II., por signal que este arrojo lhe attrahio as honras d'um cadafalso publico. Como ia dizendo, so este fidalgo resvalou da vereda que n'este dia seguirão não so os da sua classe, mas o resto dos moradores d'Angra. Todos elles, em vez d'adherirem a Araujo que estava armado, ou pelo menos de se meterem em suas casas, forão espontaneamente reunir-se ao seu general, que n'este dia demonstrou com o exemplo que deo, que nem o cansaço litterario, nem as rugas das velhice, nem finalmente os achaques que a acompanhão, são capazes de afrouxar um animo leal. O povo d'Angra cercando um ancião respeitavel por tantos titulos, e indo com elle postar-se no alto das Covas defronte dos rebeldes, sem ter polvora com que os ensinasse; offereceo n'este dia a scena mais tocante que pode haver de fidelidade. Esta scena porem nenhuma impressão fez nos rebeldes que resolvêrão conseguir por meio da forca o que lhes negava a geral opinião. Com este fim, fizerão sair da fortaleza uma divisão de artelharia ligeira e uma companhia de caçadores, os quais principiárão a fazer um fogo vivo sobre a gente de Stockler. Vendo então este general, que a gente que o cercava não tinha um so cartuxo de polvora, deo ordem para uma prompta retirada na direcção da villa da Praia. Bem que a seu pezar, o povo obedeceo a esta ordem, e a executou ao som d'uma musica de pellouros, que, debaixo do compasso de João Pinto e Luiz Manuel, marchou na sua retaguarda até os *Cinco-picos*. Mas, emquanto estes dois cabos de guerra pizão triunphantes a estrada da Praia, vejamos as coroas que a cidade d'Angra, penetrada de gratidão, preparava aos seus regeneradores.

Assim que a trovoada se alongou da cidade, os facciosos descêrão da fortaleza, e vierão á casa da camara. A recepção que lhes fez a cidade foi solemne: fecharão-se as janellas, trancarão-se as portas, e apenas houve um ou outro curioso, que por entre as vidraças os observou com aquella mesma melancholia com que se ve passar um enterro. A despedida foi igual á recepção, e nem ao menos os sineiros fizerão um repique anticipado ao anjo, que no dia seguinte tinha de subir áquelle ceo em que descanção os traidores da patria. É certo que ao sair da camara se ouvirão vivas; porem estes, derão-nos elles a si mesmos, e depois repetio-os a tropa a quem tinhão allucinado. Quanto aos cidadãos d'Angra, elles não tomárão n'este acto a mais pequena parte; o maior numero, porque, acossados pelo fogo dos rebeldes, se tinhão retirado com Stockler, e os outros, porque se escondêrão e trancáram em suas proprias casas. Se, pelo decurso d'este dia, alguns houve que assignassem o auto dos rebeldes, foi porque estes os mandárão requerer para esse fim, e porque as baionetas que lhes servião de apoio, estavão bem afiadas. Porem, no meio d'estas mesmas, houve dois cavalheiros em Angra, dos quaes um recusou obedecer ao governo faccioso, emquanto Stockler sustentasse a auctoridade que d'el-rei havia recebido, e o outro, ao exigir-se-lhe o juramento, declarou, que so o prestava com a clausula de que as novas instituições merecessem a regia approvação. O primeiro d'estes leaes Portuguezes chama-se Roberto Luiz de Mesquita Pimentel. José Theodosio de Bettencourt Vasconcellos e Lemos é o nome do segundo.

Cap. 6.0

Angra foi a unica terra Que, n'essa epocha fatal, Em dois dias derribou O systema liberal.

D. A.

No entretanto que Araujo se congratulava do bom exito da sua especulação, Stockler chegou á villa da Praia com a gente que se lhe tinha unido. Esta, achando alli companheiros d'armas e as munições que lhe faltavão, suspirava pelo momento em que o seu general a conduzisse contra a facção: porem elle, achando-se em um lance tão delicado, convocou um concelho militar; e cedendo, bem que a seu pezar, ao acordo que n'este foi tido por mais prudente, capitulou com os rebeldes, e voltou para a cidade.

A capitulação de Stockler, se por um lado serenou os animos agitados dos facciosos, por outro produzio o effeito contrario no povo, que não poude levar á paciencia a determinação do concelho. Porem, ponderadas bem as couzas, o povo e o concelho ambos concordavam no fim, e se divergião nos meios. O povo queria antes lavar-se em seu proprio sangue, do que ficar sofrendo o jugo dos rebeldes: o concelho queria, contemporizando, conseguir um triumpho completo, sem disparar um tiro, ou expor uma vida. Não sei d'estas duas resoluções qual mereça mais louvor. Ambas tem o cunho da fidelidade, mas a primeira é filha do enthusiasmo, emquanto a prudencia foi quem dictou a segunda. Os membros do concelho vião que o edificio revolucionario ameaçava ruina de todas as partes, e que logo que se dissipassem as fumaças, unicos espeques que o sustentavão, infallivelmente havia de desabar. O povo não tinha tacto tão fino para conhecer as couzas; e por isso, quando lhe mandárão depor as armas, julgou-se trahido; e foi tal a sua desesperação, que alguns as quebrárão e muitos atirarão com ellas.

A experiencia provou o que a razão vaticinava. O dia seguinte (3 d'abril) amanheceo já com symptomas bem diversos dos do dia antecedente: estes tinhão sido funestos para nós, aquelles promettião-no ser para os sediciosos. Quanto mais avançava o dia, tanto mais se

declaravão estes symptomas. Na cidade tudo era tristeza, mas por entre os signaes com que esta se manifestava, divisavão-se claramente os de uma extrema indignação. Ver um soldado era ver um tigre: houve pais que os chegárão a expellir de suas casas, e a atirar-lhes á rua com o fato que lhes pertencia. Tudo isto é admiravel; mas, quanto a mim, o que é sem par nos annaes da lealdade, é a acção d'uma mãi que avistando um soldado seu filho, que ia com outros fazendo escolta, assim mesmo armado, investio com elle e poz-lhe as mãos na cara. Eu desafio agora Roma, a que no catalogo das suas heroinas me aponte uma so que praticasse uma acção d'estas. Se ella me disser que a sua Veturia desarmou Coriolano, eu lhe tornarei que os meios de que esta se servio para esse fim, são indignos de uma mãi: uma mãi, sendo soberana natural d'um filho, não ha caso algum em que se lhe deva lançar aos pes.

No castello o estado das couzas não incutia menos susto no animo dos facciosos. A embriaguez dos soldados havia passado, e ás algazarras do dia antecedente tinha succedido um murmurio, o qual crescendo gradualmente, ia no fim do dia degenerando em rebolico. Os proprios membros da juncta rebelde estávão descontentes d'Araujo, e até tratavão de ver o modo porque se havião de desfazer d'este despota, que já então começava d'arrogar a si a suprema auctoridade. N'este ponto se achavão as couzas, quando a noute sobreveio. Araujo convocou então uma sessão extraordinaria, na qual, attribuindo a subornos e sugestões de Stockler, ó que era effeito da lealdade Terceirense, propoz, como medida urgente, que este general fosse deportado n'aquella mesma noute. A juncta assim o decretou, a despeito da convenção celebrada com Stockler; mas quando a sua ordem estava para ser posta em execução, de repente (serião dez horas da noute) sentírão os da cidade tiros no castello, e d'alli a pouco soldados ás carreiras pelas ruas principaes. Ao principio julgou-se imminente uma noute de S. Bartholomeu, mas em breve se dissipou esta idea terrivel. Vozes desconhecidas annunciárão, que os tiros tinhão sido dirigidos contra a casa em que se achava em sessão a juncta rebelde, e que os soldados cujas carreiras se continuavão a ouvir; vinhão, arrependidos, buscar o seu general e entregar-lhe as redeas do governo.

Stockler, logo que sentio os tiros e o tumulto que se lhes seguio,

pensou que ja realizar-se o que pouco antes lhe tinha annunciado António Borges Teixeira; mas em vez de fugir aos assassinos, como este lhe aconselhára, ergueo-se da cama, vestio-se, e preparou-se para morrer com resignação heroica. Quando porem os soldados o informárão que Araujo ficava morto, e que vinhão alli com o fim de elle os acompanhar e reassumir o governo. Stockler hesitou por muito tempo, mas por fim, vio-se obrigado a ceder, não tanto ás suas instancias, quanto aos ameaços que elles fazião de ir dar cabo dos outros facciosos. Meteo-se então na sege, e foi conduzido em triunpho ao castello, onde o cadaver d'Araujo se achava extendido sobre um lago de sangue, e os seus consocios medindo os momentos da vida com a agonia do padecente, ao esperar o golpe do cutelo. A occasião era opportuna para a vingança; o furor da tropa era tal, que o simples silencio do chefe seria um signal para a mortandade. Mas como se sustem este homem n'um passo, em que a corrente era tão impetuosa? Elle mesmo que o diga, visto que tão felizmente soube enlaçar a verdade com a eloquencia. «Attento unicamente ao bem da cauza pu-«blica, cerrando o coração a todos os sentimentos, que não sejam os «da comizeração; e os ouvidos a todas as vozes, que não sejão os da «humanidade; manda vir á sua presença os Membros da Juncta, que «acabavão de assignar a perfida ordem da sua prizão, e immediata «deportação: não os accusa, nem os reprehende; recebe-os com at-«tenção e agrado; manda-os pôr em liberdade, acautella a vida e o «decoro dos Officiais prezos, e dos que ainda permanecião escondi-«dos, e trabalha unicamente por ver como póde desatar o no desta «tragedia sem ulterior derramamento de sangue.»

Tal foi o modo porque na ilha Terceira acabou o governo faccioso, quando apenas contava de existencia o curto espaço de dois dias. Infelizmente o exemplo que esta ilha abrio, não foi então seguido, e so depois de passados tres annos, é que os Portuguezes reconhecêrão o laço, que os filhos da Terceira tinhão divisado, ao primeiro volver d'olhos. Mas se estes muito nobres e sempre leaes insulanos forão singulares no passo que então derão, depois não o forão menos nos trabalhos e perseguições, que este lhes acarretou. A gloria é á maneira d'uma chama: brillha como ella, mas como ella escalda os dedos que ousárão tocar-lhe.

Cap. 7.º

Gemeste, leal Tercetra, Entre ferros por dois annos, Mas constante conservaste Fé ao rei, odio aos tyrannos.

D. A.

Depois de instaurado na Terceira o legitimo governo, a chamada regencia do reino pertendeo derribal-o segunda vez, por meio da força armada. Foi então que Stockler, interprete tão eloquente quanto fiel dos sentimentos do povo a quem governava, dirigio aos membros da regencia uma carta na qual, entre outras couzas, lhe dizia: •Se »Vossas Excellencias... julgarem a propozito perturbar a nossa tran-«quilidade, mandando aqui uma força para constranger-nos, essa força «sera repelida.» Estas expressões, posto que mais limadas, trazem á lembrança as de Cypriano de Figueiredo; e se acaso a promessa que n'ellas se envolve, não teve o mesmo cumprimento, foi porque a regencia do reino, 'em vez da esquadra bellicosa com que ameaçava a Terceira, enviou-lhe uma simples fragata com uma folha de papel dentro. Mas esta folha de papel continha um decreto mais fulminante, que todos os raios que poderião forjar os Brontes revolucionarios. Era o decreto de 24 de fevereiro de 1821, pelo qual o senhor D. João VI. mandava observar a constituição em todos os seus dominios. Quando Stockler leo este decreto na casa da camara, os moradores da Terceira, perceberão logo que o punho que o assignara fôra violentado; mas como leaes vassallos que são quizerão antes entregar os pulsos ás algemas dos demagogos, do que macular a sua lealdade com uma desobediencia apparente. Assim, uma palavra do soberano conseguio por si so o que não podérão obter, nem as ameaças da regencia, nem os brigues Providencia e Tejo, que ella mandou para os mares da Terceira, com o fim de excitar n'esta ilha o incendio, que a lealdade de seus habitantes acabava de apagar. Mas se estes habitantes, no dia 15 de maio de 1821, parecêrão abraçar o novo systema politico, o espirito que interiormente os animava, em tempo nenhum poderá admittir duvida. Já se mudárão os gestos, já se não houvem as palavras porque este espirito se deo então a conhecer; mas ainda subsiste

e subsistirá um monumento, a que pode recorrer o indagador que quizer certificar-se sobre este ponto. Este monumento é o próprio auto de juramento que se prestou no dia 15 de maio, porquanto n'este auto existe uma declaração, feita a instancias de Roberto Luiz de Mesquita; e é que o unico motivo porque os Terceirenses adherírão ás novas instituições, foi porque assim o determinou o legitimo soberano (15).

A ilha Terceira com o facto que venho de referir, confirmou os titulos que já tinha, para excitar contra si o odio dos liberaes. No fundo das cavernas d'onde os veneraveis regulavão o mundo, decretou-se contra esta ilha uma cruel perseguição; e ao primeiro passo porque esta se abrio, foi exterminando d'alli o general Stockler, que, a instancias do povo, tinha ficado adjuncto ao governo provisorio, estabelecido em Angra, no dia 15 de maio. Arrancado dos braços d'um povo que o idolatrava, apenas este leal Portuguez chegou ao Tejo, foi logo conduzido debaixo de prisão para a torre de S. Iulião da Barra, Pouco depois a mesma sorte conduzio a Lisboa o coronel Caetano Paulo Xavier, e o bispo d'Angra D. F. Manuel Nicolau. Afastando estes individuos da ilha Terceira, persuadio-se o congresso que a opposição que encontrara nos seus habitantes, acabaria no mesmo instante. Nascia esta persunção d'uma idea falsa e ate injuriosa para os meus patricios, qual era a de que os sentimentos que elles tinhão manifestado, não erão seus, mas influidos pelas auctoridades a quem se achavão sujeitos. A experiencia porem não tardou em convencer o congresso, de que o odio que elles lhe professavão, não lhes havia sido inspirado, mas apenas dirigido. O desembargador José Firmino da Silva Giraldes Quelhas foi mandado á ilha Terceira syndicar dos crimes de Stockler. Os liberaes que tinhão jurado a perdição d'este general, não se esquecêrão de meio algum, para insinuar aos Terceirenses, que o unico modo de escaparem á ira do governo, era imputando a Stockler a contra-revolução de 3 d'abril. Mas sem embargo das suas tão repetidas, quanto destras insinuações, não lhes foi possivel conseguir d'aquelles generosos insulanos o deporem contra o seu general, ou antes cederem-lhe a gloria de ter suffocado o primeiro parto revolucionario.

Assim como é certo que a ausencia das illustres victimas do furor revolucionario não mudou o espirito do povo da Terceira, assim

tambem não admitte duvida que, pelo menos, a do general Stockler alterou consideravelmente a sua politica situação. Com effeito, apenas este homem deixou a Terceira, logo o furação revolucionario rompeo da caverna em que elle o havia agrilhoado; e se então não varreo tudo pelos ares, foi porque as massas que encontrou na sua carreira. erão d'um peso extraordinario. Assim mesmo, esses restos de facção Araujana fizerão todas as insolencias que forão compativeis com o medo, que lhes mettia a presença d'um povo em pezo. N'estas insolencias tiverão mais d'uma vez a habilidade de unir estreitamente o odioso com o ridiculo. Agapito Pamplona, de farda e espada a cinta, tentou subir ao pulpito da igreja de S. Matheus, no dia da festa d'este sancto, para d'alli prégar ao povo as novas instituições; chegando a ter, por este motivo, uma contestação tão renhida com o parocho, que este por fim abalou, o povo ficou sem missa, e o sancto sem festa. Mas isto não é nada a vista dos destemperos que sairão do Genio--constitucional, sociedade patriotica erigida pelos corypheus do partido, entre os quaes fazia principal figura Eugenio Dionysio Mascarenhas Grade, então juiz de fora d'Angra. É pena que se não conservem as actas d'esta illuminada sociedade, onde florecião os Lontras, Teives e Evaristos. Mas visto que, talvez por incuria, se perdeo este inextimavel thesouro, eu me encarrégo de salvar do esquecimento o parecer de José Leite Botelho de Teive, um dos socios mais conspicuos do Genio, sobre certa indicação que alli se discutio. «Eu «apoio a indicação (disse elle) se é costume apoiar-se, e se não é «costume apoiar-se, então não apoio». A seriedade é um dos deveres do historiador, mas couzas d'esta natureza, é impossivel pintal-as, sem fazer uso das cores da comedia.

Os males que resultárão á Terceira da remoção de Stockler, não forão mais que um breve preludio dos que depois vierão a cair sobre esta ilha, tão leal quanto desgraçada. N'um só dia e com um só rasgo de penna, extinguírão-se no salão das Necessidades a capitania geral dos Açores, a juncta de desembargo do paço, a criminal, a da fazenda, a do melhoramento da agricultura, e, n'uma palavra, todas aquellas instituições que podião para o futuro recordar aos Terceirenses a sua passada grandeza. Angra de capital que era do archipelago Açoriano, passou a ser cabeça d'uma das tres comarcas em que este archipelago foi então retalhado; e as armas, que desde os tempos do

1822 29 de

29 de janeiro senhor D. José I. erão governadas por homens distinctos, ou por titulos ou por altas patentes, ficárão á disposição de Manuel Leite, rapazinho imberbe, que não passava na escala militar, d'um simples capitão graduado em major. Tendo aniquilado, por este modo, a politica representação da ilha Terceira, o congresso deo-se então por vingado, não so do sangue d'Araujo, mas tambem das affrontas que a sua pertendida soberania tinha recebido do povo mais leal.

Tanto antes como depois de descarregados estes golpes fataes, a facção Araujana e as auctoridades que a apoiavão, pertendêrão por varias vezes enxertar os sentimentos que as animavão, senão em todos os habitantes, ao menos no povo miudo. Para isto lançárão mão de todos aquelles meios, pelos quaes a multidão, como mais inconstante e menos reflexiva se move d'ordinario. Fizerão encamizadas, representárão dramas, celebrárão festas de igreja, distribuirão bodos, e até mandárão esmolas em dinheiro aos pardieiros da indigencia. Mas o povo que a respeito d'elles vivia n'uma continua desconfianca, reconheceo o laço e evitou-o com tanta cautela, quanto foi a delicadeza com que lho tinhão armado. O carro triunphal, que precedido d'uma encamizada, correo as ruas da cidade em uma das noutes festejadas pelos liberaes, nem ao menos poude attrahir aquella turba, que se costuma ajuntar a roda do objecto da mais pequena importancia. Debalde o filho d'Avellar, sentado no cimo do carro, e vestido em ar de genio, fazia alardo da voz com que recitava as poesias do seu amigo Tiburcio: debalde também o musico Daniel desferia os primores da sua garganta, já algum tanto usada. Ninguem acudia ao reclâmo, e todos olhavão para esta scena, como para o non plus ultra da humana ridicularia. A classe grauda não deo melhor acolhimento ao drama representado no palacio dos generaes. As senhas, bem que mettidas á cara, forão rejeitadas com aquelle desprêzo que merecia um espectaculo, em que José Carlos, na figura de Tempo, consolava Lisia, porque tinha chegado o seculo d'ouro em que os crimes d'elle e d'outros que taes, se havião de converter em virtudes. Mas, quanto a mim, o que acabou de desenganar os festeiros liberais, acerca do conceito em que todas as classes os tinhão, foi a funcção que elles fizerão na igreja do collegio. l'ara prova d'isto, bastava unicamente dizer-se, que havendo em Angra tantos e tão excellentes cantores, forão taes as repulsas que os festeiros liberaes recebêram d'elles, que se

virão na necessidade de deitar inculcas pelos campos, onde com effeito apanhárão a laço alguns solfejantes. Quem o pagou foi Daniel, que teve o trabalho de os ensaiar, ou antes, de os domesticar primeiro: insano mas bem empregado trabalho, que lhe rendeo a honra de bater o compasso! Esta honra enfureceo-o a tal ponto no dia da festa, que entrando eu, como criança curiosa, na igreja do collegio, a tempo que a missa tinha chegado ao gloria, custou-me bastante, apezar dos repetidos amens do baixo, a tomar pe no que se estava cantando. Tão estrondosas erão as pancadas, que o mestre da capella batia com o compasso sobre a oscillante grade do coreto! Depois de muito tempo acabou esta martellada, e seguio-se um sermão que não magoou menos os corações, do que o compasso de Daniel estrugira os ouvidos. Fr. Jeronymo Emiliano, frade de S. Francisco, foi o orgão de que na manhã e tarde d'este dia se servirão os revolucionarios, para propalar os sentimentos que os animavão contra os nossos monarchas, alguns dos quaes, a julgar-se pelas cores com que forão representados, pouco differerião, por certo, dos Neros e Caligulas. Felizmente a magoa de ouvir este orador foi sentida por pouca gente, pois em hyperbole, pode dizer-se que exceptuando algumas crianças em cujo numero eu entrei, o concurso quasi que se reduzio ás corporações, que as auctoridades liberaes constrangêrão a assistir. Depois da missa devia dar-se um bodo, mas os quinhões ficárão em cima dos taboleiros, porque os mendigos a quem elles havlão de ser distribuidos, quizerão antes ir, segundo o seu costume, pedir pelas portas um bocado de pão de rala, de que receber um beneficio avultado de mãos que aborrecião. Não se houverão d'outra maneira as familias necessitadas, a cujas casas forão mandados os parochos com esmolas de dinheiro. A sua necessidade era muita, mas a sua honra que ainda era maior fez com que ellas despedissem os dispenseiros de taes esmolas, sem lhes aceitarem um unico real. Aprendão daqui os injustos conceituadores da pobreza, e os inimigos da Terceira. Reconheção os primeiros, que nem sempre os farrapos da indigencia são incompativeis com os sentimentos da virtude; e confessem os ultimos, que a plebe d'essa terra que elles aborrecem, não é como a plebe de Roma, para quem os Neros erão Titos, uma vez que lhe dessem a fartar panem et cir-

Os meios de violencia produzirão o mesmo effeito que os meios

de brandura. Tão esquivo a respeito d'uns, como constante e resignado a respeito dos outros, o povo da Terceira conservou-se firme como o escolho erguido sobre as ondas, que tão seguro está, quando estas lhe beijam mansamente a base, como quando, impellidas pelo vento, o investem e o açoutão. Lealdade ao rei e odio aos facciosos, eisaqui os sentimentos que sempre animárão este povo, e que por fim, quando a sua paciencia já estava exhausta, lhe inspirárão o nobre projecto de abater a arvore, a cuja sombra pestilente se tinha myrrhado a nação. A noute aprazada para esta grande empreza foi a noute do primeiro de junho de 1823. Para ponto de reunião escolheo-se um logar, que, por ser escuso, era tão apto para o fim, quanto o seu nome é improprio quer para deleitar o ouvido, quer para excitar ideas de grandeza. O orador poderia encobrir este logar, o poeta poderia substituir-lhe outro, mas o historiador tem obrigação de o nomear pelo seu nome, que é o Curral do concelho. Infelizmente a falta de chefe e de plano deo causa a que não vingasse uma empreza, que se acaso fosse avante, muitos, attenta a coincidencia dos tempos com os acontecimentos de Villa-franca, attribuil-a-hião a um calculo de politica mais sagaz, e alguns haveria que não duvidassem ir-lhe buscar a origem a uma inspiração celeste.

Ainda que a empreza da qual acabo de fallar fosse mallograda, todavia não sei por que artes, entendêrão os liberaes, que ella lhes agourava a sua proxima ruina. Medrosos e sobressaltados pozerão em pe uma guarda civica, dobrarão espias, espantárão o somno dos habitantes com as estropeadas que fizerão nas suas rondas nocturnas, e emfim tal foi o medo que elles concebêrão, que em certa noute tomárão, por gente emboscada, e até chegárão a investir, uma pouca de cantaria, que se achava na ladeira de S. Francisco. Um passo d'estes em quaesquer outras circunstancias, daria vasto assumpto á zombaria; mas, nas que estava a cidade d'Angra, a couza mudava de figura, porque havia mais d'uma consideração mui seria que embargava o riso, antes de este apontar á flor dos beiços. Com effeito a empreza do Curral tinha dado origem a uma devassa: seis homens da plebe n'ella pronunciados, havião já sido remettidos para Lisboa com grilhões aos pés; o perjurio e a calumnia tinhão-se dado as mãos, para envolverem a varios individuos da classe grauda: emfim o susto e a incerteza lavravão por toda a parte. Porem; quando o despotismo

fazia mais terriveis carrancas, foi então que se ouvio ao longe um estrondo pavoroso: era o da queda d'esse irregular e mal assentado edificio, que, á voz d'um infante leal, caío por terra, bem como, ao danger das trombetas, desabárão os muros de que nos falla a escritura.

Cap. 8.0

Com canticos ao monarcha, E graças á Divindade, Celebrou Angra o triunpho Que alcançara a lealdade.

D. A.

Sempre que se avistava navio de Lisboa, havia em Angra alguns curiosos que se ião pôr no caes, á espera do mestre e passageiros, com o fim de ver, se nos seus semblantes podião descobrir a figura em que as couzas tinhão ficado, ao momento da sua partida. Por mais de dois annos falhárão as esperanças que alli os conduzião: mas a final raiou o dia em que estas devião realizar-se, e foi o terceiro de julho de 1823, em que chegou á Terceira o paquete Constancia. Logo que o paquete fundeou, dirigio-se o commandante para terra, mas ainda lhe restava um longo braço de mar, quando a penetrante vista dos do caes lhe deo pelo tope do chapeo com as cores de Bragança. A este novo e inexperado sinal, retratou-se nos semblantes uma especie d'alegria misturada com incerteza; mas em breve desapareceo esta, e aquella subio a um ponto em que se não pode, á primeira vista, differençar da loucura. O commandante saltando no caes, confirmou a nova que já alli se suspeitava, e no mesmo momento, sem esperar por ordem d'auctoridade alguma, um dos circunstantes ergueo a el-rei absoluto um viva, que todos os mais acompanhárão, sem a menor hesitação. A este grato clamor, forão tantos os moradores que acudírão, que, dentro de pouco tempo, as ruas principaes se virão atulhadas de individuos de todas as classes, dos quaes havia muitos que sem nunca se terem fallado, nem talvez conhecido, se abracávão e congratulavão, como os membros d'uma mesma familia, depois de longa separação. A plebe sobretudo era quem se distinguia mais em

mostras de contentamento. Formando um redomoinho em torno do commandante, cada um forcejava pelo ver de mais perto, e aquelles que, por fortuna sua, tinhão ficado no centro, repartião entre si a honra de o levarem ao collo. A estas scenas tocantes succedêrão-se outras muitas em que a alegria e a concordia, reinavão de mãos dadas. A noute não correo o pano a estas scenas, porque a noute d'este dia não foi noute, mas dia continuado. As janellas do rico parecião thronos de luzes; e se a candea de ferro, pendurada á porta do pobre, deleitava menos a vista, dava mais que pensar ao espirito e que sentir ao coração.

O dia seguinte foi todo empregado em compor marchas e hymnos, em encordoar e afinar instrumentos. O soldado na vespera do dia do combate, não afia nem pule com mais ardor a sua espada, do que cada um dos tocadores preparava o instrumento com que havia de sair a campo. Ao anoutecer, saírão da casa em que se tinhão ensaiado, e ao som d'uma marcha primorosamente executada, começárão a discorrer pelas ruas principaes. Ia na frente uma figura, com bengala na mão, gola vermelha na casaca, e um papel de solfa pregado nas costas; era o bom medico mas ainda melhor homem, Gonçalo Rodrigues Palhinha, que n'esta noute fez dois papeis ao mesmo tempo, de director da marcha e de estante se-movente. Seguião-se logo atraz, a dois de fundo, os cantores e tocadores. Em ultimo lugar caminhava a guarda d'honra, que, cifrada em poucas palavras, era toda a cidade em pezo. Tal foi a ordem com que andárão até alta noute, suspendendo em varios pontos o toque da marcha, para dar logar, assim, aos vivas em que o povo se desfazia, como ao hymno que se compoz por aquella occasião, e a cuja solfa e letra se podião aplicar, sem lisonja, aos versos do nosso poeta:

> Melodia sonora, e concertada, Suave a letra, angelica a soada.

Eisaqui, em summa, o festejo d'esta noute, o qual foi renovado nas noutes seguintes.

Aos vivas e hymnos entoados ao monarcha, seguirão-se as graças rendidas ao Altissimo. Os altares que tantas vezes tinhão presenceado as lagrimas da angustia, forão os mesmos d'onde se erguêrão

nuvens d'incenso, queimado pela gratidão. A demonstração mais solemne que d'este bello sentimento deo o povo d'Angra, foi a festa promovida pela camara d'esta cidade, e celebrada na cathedral da mesma, no dia 6 de julho. Antes de começar a festa, o sino da torre que fica da parte do oriente, dobrou a sua voz majestosa. A este aviso, acudirão os ficis a casa do Senhor; e os sons fortes e apressados do orgão, como que os forão receber fora das portas do templo. Este appareceo armado com magnificencia e gosto. Os musicos, distribuidos em dois coros, cantávão a missa de Marcos; e a soberba voz do sub-chantre executou o trabalhoso solo de baixo. No fim da missa, fixárão-se os olhos sobre aquelle mesmo pulpito, onde subio, uma vez, o eloquente António Vieira (16). Os tempos tinhão mudado; os homens e o motivo da solemnidade erão outros. Mas o auditório innumeravel a quem fallou o filho de Sancto Ignacio, não foi, por certo, maior que o que teve n'esta occasião, um filho de S. Francisco. F. Antonio do Rosario, este é o seo nome. Figura airosa, physionomia sympathica, voz insinuante, facilidade de expressão, gosto delicado, eisaqui os dotes relevantes que a natureza reunio no orador da festa. Forão estes os instrumentos felizes com que elle communicou a cada--um de seus ouvidos aquelle enthusiasmo, que n'este dia o arrancou da solidão do claustro, onde havia mais de dois annos que lamentava em silencio a escravidão da patria. Ora forte ora brando, ora vehemente ora mavioso, sacou do teclado do coração as paixões que lhe convierão. A indignação chegou ao seu auge, ao aspecto dos males em que elle apresentou a nação submergida: o sentimento não podia ir mais longe, do que na pintura dos lances em que se virão o senhor D. João VI. e a senhora D. Carlota; aquelle ao assignar o decreto que desterrava sua regia consorte, e esta, ao separar-se de suas filhas, sem se poder despedir d'ellas, por lhe faltar animo para isso: emfim, o enthusiasmo subio ao ponto mais elevado, quando o orador, no fim do seu discurso, desenhou a bella imagem da felicidade, que, debaixo do suave sceptro do restaurado monarcha, aguardava a todos os Portuguezes (17).

Ao passo que o leal povo da Terceira exprimia, por estes e outros modos, a alegria que o animava, o punhado de partidutas que alli tinha o defuncto systema, tratava de deflorar esta mesma alegria, espalhando rumores vagos d'uma proxima reacção. Era ainda mais irritante

1823

o procedimento das auctoridades constitucionaes, que, pela moderação dos Terceirenses, continuavão a governar. José Joaquim Cordeiro, então corregedor da comarca d'Angra, ao sair da festividade de que assima fallei, teve o desmedido arrojo de fazer no adro da sé, uma arenga, na qual taxou de incendiario o sermão que F,r Antonio do Rosario acabava de prégar. Se este magistrado fosse percebido pelo povo a quem se dirigio, o seu atrevimento não ficaria impune; mas a raiva que lhe comia as palavras, livrou-o d'uma desgraça que elle estava lão longe de prever, que ainda depois de se recolher a casa, não só quiz autuar o prégador, mandando-lhe por dois escrivães do seu juizo pedir o sermão para esse fim, mas até chegou a officiar ás auctoridades ecclesiasticas, afim de que estas o houvessem de suspender de prégar e dizer missa. Ora ainda que a colera d'este magistrado era impotente em uma terra como Angra, comtudo esta serie de desaforos, unidos aos que praticava o partido liberal, a qual elle e as mais auctoridades protegião á escancara, derão causa a que os moradores d'esta cidade rompessem n'um excesso. As auctoridades que atraicoavão a causa d'el-rei forão depostas, e os individuos que a opinião publica tinha marcado com o ferrete de desleaes e perturbadores, forão postas em custodia, até que sua majestade désse as providencias que mais adequadas lhe parecessem. Este acto, para o qual o povo e a tropa se derão as mãos, teve logar na madrugada de 4 d'agosto, e logo na tarde do dia seguinte escolheo o povo sujeitos da sua confiança, que d'alli em diante o governassem em nome do soberano. Estes sujeitos forão os seguintes: João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda, Roberto Luiz de Mesquita Pimentel e Luiz Meyrelles do Canto e Castro. O coronel Candido de Menezes Lemos e Carvalho foi depois nomeado pela camara para governar as armas. Eisaqui, os acontecimentos de 4 d'agosto, e os motivos que os produzírão: mas em breve ver-se-ha o modo porque a maldade os envenenou.

O novo governo, logo na primeira occasião, participou a el-rei os movimentos que tinhão havido em Angra, e junctamente as providencias que elle tinha dado, com o fim de restabelecer o publico socêgo. O conde de Sub-serra, então ministro assistente ao despacho, servindo-se do nome d'el-rei, approvrou estas providencias pelos avisos de 8 e 14 d'outubro de 1823, mas pelo que toca aos acontecimentos que os tinhão occasionado, fingio a este senhor tanto mais

penalizado com elles, quanto maior era a estima que tributava aos habitantes da ilha Terceira, pela sua honra e lealdade. A esta pena, que não é difficil conhecer quem a sentia realmente, accrescia outra ainda mais forte, qual era a de não haver meio algum decoroso de dar de mão ás supplicas, que as camaras da ilha Terceira tinhão feito ao soberano, e que depois tinhão sido renovadas pelo novo governo. O objecto d'estas supplicas era a reintegração do general Stockler, de quem havia nos Terceirenses uma saudade tal, que a restauração lhes parecia incompleta, emquanto o não vissem no seu seio. Mas supposto que a pena que estas supplicas causavão ao ministro, fosse mais forte que a outra, comtudo era forçoso dissimulal-a até que apparecesse occasião opportuna d'ella se manifestar. Sua majestade, attendendo por um lado á fidelidade dos Terceirenses, e por outro aos serviços que Stockler tinha prestado á causa da realeza, concedeo áquelles o general que lhe pedião, e a este condecorou-o com o titulo de barão da villa da Praia. Nenhum d'estes indultos foi encarado com indifferença pelo conde de Sub-serra; mas como este se não achasse com as forças necessarias para lhes poder obstar, dirigio aquellas que tinha para inutilizar o primeiro; e eisaqui o motivo porque, na companhia do barão, não so forão mandados dois dissimulados ministros, mas tambem o batalhão 5.º de caçadores, que pelos seus recentes feitos em Traz-os-montes, dava bem fundadas esperanças de ser ainda um dia o barbaro instrumento da infelicidade da Terceira.

Cap. 9.0

Velho horrado, vem nos braços D'esta immensa multidão, Dos trabalhos que passaste Receber o galardão.

D. A.

O barão da villa da Praia, regressando aos Açores, tocou, de passagem, em Ponta-Delgada, cidade da ilha de S. Miguel. Alli, precedendo a competente convocação, concorrêrão á casa da camara as principais pessoas d'esta cidade; e o barão lhes fez uma falla, na qual, em nome d'el-rei lhes recommendou que esquecendo-se das

passadas dissenções, se reconciliassem uns com os outros, e seguissem o exemplo que elle lhes passava a dar, abraçando-se com o homem que n'aquella terra mais o tinha offendido. Mal que proferio
estas ultimas palavras, virou-se o barão para o doctor Vicente Jose Ferreira Cardoso, a quem ellas se referíão, e na presença da assemblea que
acabava do o ouvir, deo-lhe um apertado abraço, excitando, por este
modo, os espectadores a fazerem o parallelo de dois individuos tão
parecidos nos annos, no saber e nos infortunios, quanto dissimilhantes nas feições do caracter. Dada esta prova de grandeza d'alma, o
barão não quiz permanecer mais n'uma terra que d'elle tinha feito um
conceito errado; e assim, deixando alli ficar parte da tropa que levava
consigo, partio para a Terceira, onde á menor nuvem que se erguia
do pego do mar, se aceeleravão as palpitações.

No dia 17 de novembro de 1823, alvejavão ao longe sobre os mares da Terceira, as velas da charrua em que vinha o objecto da publica saudade. Assim que em terra se descobrio quem era, forão os governadores interinos e outras pessoas distinctas visital-o ao mar e ao mesmo tempo pedir-lhe que houvesse alli de deter-se até o outro dia, emquanto a cidade ordenava o triunpho com que o pertendia receber. O barão annuio a esta supplica, mas não foi espirito de vaidade o que a isso o determinou. A idade em que os homens facilmente se dislumbrão, com o explendor triunphal, tinha acabado para elle, e a philosophia tinha-lhe ensinado que o verdadeiro triunpho consiste unicamente no conceito difinitivo que os homens virtuosos ficcão fazendo de nós. Porém o barão não tinha meio algum airoso de se esquivar d'um acto do qual resultava menos gloria a elle, que alegria a um povo a quem era tão obrigado. Assim a gratidão sacrificou a modestia, e os Angrenses conseguirão d'uma o que a outra lhes negava.

Raiou o dia seguinte que tinha de ser o do triunpho. Muito pareceu tardar este dia, porem as suas primeiras doze horas parecerão ainda mais longas. Estavão estas a cair quando uma salva da charrua annunciou que o barão da villa da Praia largara de bordo. Passado algum tempo, soárão de mais perto duas salvas temerosas: erão das fortalezas que com este signal de guerra festejavão o anjo da paz que lhes passava por baixo. Vinha este num lindo escaler, remado por braços musculosos, que o fazião pular por cima das aguas: mas ainda

se não houvião as asperas vozes dos remeiros; nem se distinguião as inculcantes feições do barão; quando no caes que se achava atochado de gente á sua espera, se levantou uma nuvem de lenços, rebentárão vozes de alegria, e extenderão-se os braços para o lado d'onde vinha rasgando as ondas a proa do escaler. Em poucos momentos este atracou o caes, e então se abrio um passo que so o magico poder das tintas seria capaz de retratar com a devida fidelidade. O passo a que eo me refiro é o das congratulações que o barão recebeo dos meus patricios, no acto do seu desembarque. Apinhados em torno d'elle em circulos concentricos, os magnatos que lhe estávão ao pe, apertávão-no contra o coração, e os plebeos, que ficarão mais distantes, exprimião o seu contentamento pelos modos mais analogos á idade de cada-um; o velho por lagrimas, o mancebo por vozes e acenos, e o infante por surrisos e abraços a quem o sostinha no collo. A este acto filho da saudade, seguio-se outro não menos tocante, filho da religião. O barão, assim que poude desprender-se da gente que o cercava, foi direito ao templo da Misericordia, e alli, na frente do povo que o seguio, prostrou-se diante do Eterno, e assim esteve n'esta religiosa postura, emquanto ao som do orgão se cantou o hymno, Te Deum laudamus. Acabado este, o barão levantou-se, saío do templo e tomou a rua direita. Esta bella rua fez o theatro do triumpho, e eu, que nem por sombras me lembrava então que um dia o viria a descrever, fui um dos que assistirão a este acto solemne, unico talvez na historia da Terceira (18). O chão da rua juncada de folhas de louro e faia, offerecia, na despedida do outomno, um campo de primavera. Ao longo d'este campo extendia-se um carreiro vazio, orlado d'uma e outra banda por uma fileira de soldados: era por onde havia de passar o heroe triumphador, de cada uma das extremidades exteriores dos ladrilhos erguião-se, a iguaes distancias uns dos outros, tres elegantes arcos, cujas cores arremedavão, com pouca differença, as dos marmores mais finos. Nos pes direitos d'estes arcos estavão desenhados varios emblemas allusivos ás circunstancias; e em cima das voltas dos mesmos vião-se a prumo os idolos da nação, designados por distichos extrahidos da escritura. As janellas d'um e doutro lado estavão armadas com tal primor, que parecião altares. As damas que as guarnecião não desdizião deste simile: suas graças naturaes, realcadas pelas galas que tinhão vestidas, trazião á lembrança esses portentos de formosura, a que o paganismo rendeo o culto que negou ao Creador. Tal era o concerto da rua dos mercadores, quando o barão a atravessou. Não me perguntem agora quaes fossem n'este acto as impressões dos espectadores, porque desde o momento em que avistei este ancião respeitavel, por entre as folhas de rosa que lhe lançavão das janellas sobre a cabeça salpicada de cans, desde esse momento, repito, so poderia dar relação das ideas que me occorêrão, se estas não versassem acerca de mim mesmo, individuo obscuro e ignorado, até de meus proprios patricios (19).

As provas que derão os moradores d'Angra do quanto apreciávão a tornada do barão, não se limitavão unicamente ás pompas do triunpho com que elles o recebêrão. Appenas haverá naquella cidade igreja, ermida ou capella em que n'esta occasião, não entrasse o devoto Angrense a cumprir uma promessa ou a levar uma offerenda. Bem quizera n'este logar fazer menção d'estes actos piedosos, mas, como não é possível fazer menção de todos, não a farei de nenhum, para que não recaia sobre mim a nota de parcial. Se pois algum dos que praticárão estes actos ler o presente escrito, interrompa a leitura, quando chegar a esta passagem, e faça os accrescentamentos que lhe disserem respeito (20).

Bello é o quadro que até aqui se apresenta, e se o não é tanto quanto podia ser, o defeito não vem do objecto, vem da mão que o desenhou. Mas este quadro tão bello vai esconder-se dentro de pouco tempo. A serenidade dos dias que os Terceirenses logrão sob o governo do barão, principia já a ser ameaçada pelas nuvens negras e medonhas, que juncto do throno real se ajuntão contra elle. Alli se começa a dar ouvidos aos que, victimas da sua mesma imprudencia, tinhão gemido nas cadeas até a chegada do barão. As propostas que este faz a bem da real fazenda, não conseguem a approvação regia. Algumas medidas que toma com o mesmo fim são lhe severamente extranhadas. Emfim a unica resposta que se dá a muitos dos seus officios é um silencio desprezador. O barão descobrindo em todas estas desfeitas o dedo do Sub-serra, e reflectindo ao mesmo tempo, que ao odio que lhe tinha este ministro, mais cedo ou mais tarde lhe prepararia a queda, tratou quanto antes de a provenir; e firme n'esta resolução, escreveo a el-rei, pedindo-lhe encarecidamente que o houvesse de alliviar d'um cargo, que nem os annos nem as molestias lhe permittião desempenhar com a devida dignidade. El-rei, desconhecendo os verdadeiros motivos d'esta supplica, aceitou-lhe a sua demissão, e o ministro exultou de prazer, por ver-se livre d'um homem que lhe frustrava todos os seus planos acerca da ilha Terceira. Mas os habitantes d'esta ilha ainda tentárão reter no seu seio o demittido barão. As camaras que os representão, e com ellas a nobreza; clero, povo, e a mesma tropa, dirigirão a el-rei varios requerimentos, nos quaes lhe dizião, que os motivos allegados pelo barão já existião quando elle havia aceitado o governo dos Açores; que outro qualquer governador que sua majestade lhes mandasse, encontraria a mesma obediencia, mas não a mesma confiança; que o barão se fazia credor d'esta confiança pelo zêlo com que n'aquella terra tinha sustentado os direitos majestáticos; que n'estes termos esperavão que sua majestade o houvesse alli de conservar, uma vez que isto se não opposesse ao seu real serviço.

Ao tempo que soavão estes ultimos echos da estima que os Terceirenses consagravão ao barão, vinha para a côrte de Lisboa Fr. Antonio do Rosario, na qualidade de commissario e procurador geral dos religiosos Franciscanos. Como os Terceirenses conhecessem a fundo a actividade e intelligencia d'este religioso, dirigirão-se a elle e lhe pedirão, que houvesse de levar aos pes de sua majestade as submissas e respeitosas supplicas, que elles lhes fazião n'aquela ocasião. O oadre Rosario encarregou-se d'esta missão delicada, mas quando chegou a Lisboa, que foi aos 4 de julho de 1824, seus bons officios de nada podião valer, porque já a esse tempo tinha partido para a Terceira o novo general. Alem d'isto, as supplicas que elle se tinha incumbido de apresentar a el-rei, erão dirigidas pelos amantes do throno, e a causa d'estes acabava de levar um golpe fatal com o desterro do seu patrono, o senhor infante D. Miguel. O proprio Rosario, so pelo motivo de ser portador d'estas supplicas, foi apregoado por emissario dos infantistas da Terceira para os de Lisboa, e em consequencia d'este voato calumnioso esteve recluso por espaço de 16 dias, e deo-se-lhe uma busca minuciosa a todos os seus papeis, porque os liberaes, então muito zelosos da causa d'el-rei, tinhão espalhado que entre estes papeis se havia de achar o plano dos acontecimentos do dia 30 d'abril, pois segundo elles, o barão da villa da Praia estava de tão perfeita intelligencia como o senhor D. Miguel,

que até entre si tinhão ajustado ser o castello d'Angra o logar em que o senhor D. João VI. fosse acabar os seus dias! A verdade porfim appareceo; mas quem levou um aleive d'esta natureza aos degraos do throno, foi por ventura punido?

1824 11 de julho

N'este entretanto o novo general Manuel Vieira d'Albuquerque e Tovar aportou á ilha Terceira, onde foi recebido com uma melancholia profunda. Logo ao terceiro dia depois do seu desembarque tomou posse do cargo, a qual lhe foi dada pelo barão na sé do Salvador. Passado este dia o barão ainda se demorou mais outro na ilha Terceira, e no seguinte deo um adeus para sempre a esta ilha, onde seu illustre nome vivira idades largas em saudosa lembrança. Este dia da sua despedida contrapõe-se perfeitamente ao dia do seu triunpho. Então tudo erão vozes e lagrimas de prazer : agora tudo soluços e lagrimas de dor. Então desenrolavão-se os lenços para acompanhar os vivas: agora desenrolavão-se ainda, não já para o mesmo fim, mas para dar ao barão o derradeiro adeus. Então via-se o poder nas mãos d'um homem, que assegurava a felicidade da Terceira: agora via-se este mesmo poder nas mãos d'outro, em cujo semblante lia esta ilha a sua futura desgraça. Finalmente, entre estes dois dias tão diversos; apenas descubro um so ponto de contacto; e é que o concurso em um e outro foi o mesmo, porque se então todos dezejavão saudar o seu general, agora todos querião ter o fraco mas unico allivio de o verem pela ultima vez.

Cap. 10.º

Nestas paginas escritas Pela mão da independencia, Oppressor da lealdade, Não esperes indulgencia.

D. A.

O primeiro acto porque o novo general abrio o seu governo foi a solemne e estrondosa intimação do aviso de 9 de julho de 1824, que elle tinha levado comsigo, e no qual lhe dizia o conde de Subserra que, tendo constado que os individuos comprehendidos na relação que acompanhava o dito aviso, erão principaes cabeças das

desordens occorridas em Angra, sua majestade havia por bem, que elle general os fizesse sair para os sitios apontados na mesma relação. Ora ainda que o aviso não declarava quaes erão as desordens occorridas em Angra, é facil de ver que a nechuma outra couza se refetia, que não fossem as prisões que alli se fizerão, na madrugada de 4 d'agosto. Sendo porem os proprios liberaes os que pelas suas imprudencias incitávão o povo a commetter aquelle excesso, parece que os individuos sobre quem devia cair o degrêdo, erão, os corypheus d'aquelle partido, ou antes os que mais tinhão provocado a colera popular. Mas o raio foi cair onde menos se esperava, pois os individuos comprehendidos na relação erão nem mais nem menos aquelles mesmos a quem sua majestade muito depois das prisões de 4 d'agosto, isto é, em 29 de septembro de 1823, tinha condecorado com mui distinctas mercês, pela honra, fidelidade e firmeza de caracter, que manifestarão durante a crize revolucionaria, que tanto opprimira a Ilha Terceira (21). Quando porem este intervallo fosse curto para sua majestade se informar, de quem erão os auctores das desordens occorridas em Angra, aquelle que medeia entre estas desordens e a demissão do barão, era assaz e de sobejo. Porque não veio pois o aviso durante este intervallo? Porque o barão não havia de consentir que ficassem maculados no conceito publico homens, cuja fidelidade e innocencia elle conhecia perfeitamente. So pois um cego instrumento do conde de Sub-serra, qual era Manuel Vieira, é que se podia encarregar d'uma semelhante missão. É certo que este homem, intimando o aviso pelo modo que fica dicto, não o deo á execução; mas n'isto mesmo foi ainda um servil executor das instruções secretas que levou comsigo, e cuja existencia debalde procurou encobrir, attribuindo a suspensão do aviso a um lance da sua moderação.

O bem desempenhado d'este papel de que Manuel Vieira se incumbio, confirmou a opinião em que todos estavão, de que o bastão das ilhas dos Açores tinha passado para uma mão bem diversa da que o acabava de largar. Os liberaes cobrárão logo animo com esta mudança, e os magistrados que até então so os favorecião occultamente, desde então por diante não guardárão mais rebuço, porque, em summa, do honrado velho que os continha nos seus deveres, não havia na Terceira mais que o nome e a saudade. O corregedor d'Angra, Jose Diogo da Fonceca, começou logo, com as mais envenenadas

intenções, a tirar uma devassa a que el-rei mandou proceder pela carta regia de 8 de julho de 1824. Esta carta é mais um documento da perversidade d'aquelles, cujas calumnias derão origem á sua publicação. Um acto filho do direito de representar, direito tão antigo como a monarchia e tão sagrado como o principio em que se funda, foi pintado pelos liberaes com cores tão odiosas, como se fosse um attentado contra os direitos majestaticos. Quis tulerit Gracchos de seditione quaerentes ? Em consequencia d'isto mandou el-rei devassar sobre quem havia promovido as assignaturas dos requerimentos, em que se lhe pedia a conservação do barão no governo dos Açores. O general por um lado e o corregedor por outro, empenharão-se em criminar n'esta devassa a certos individuos; mas não obstante os seus esforços, a innocencia triunphou, e el-rei, ainda que tarde, veio no conhecimento, de que aquillo que se attribuia a suborno d'alguns individuos, não era mais que um simples resultado da mais espontanea vontade.

Ainda esta devassa progredia, quando chegou á ilha Terceira o aviso de 12 d'agosto de 1824, no qual o conde de Sub-serra, dissimulando as ordens secretas que dera a Manuel Vieira, approvava d'um modo mui frio a suspensão do aviso antecedente, e ao mesmo tempo lhe dizia, que sua majestade esperava que elle general se não enganasse n'aquelle particular, e que a responsabilidade que sobre si havia tomado, não tivesse inconvenientes. Recebido este aviso, mandou o general chamar ao palacio da sua residencia, as pessoas a quem elle dizia respeito, e sentando-se debaixo do docel, deo-lhe publicamente a mais insultante reprehensão, quando o aviso so lhe mandava que houvesse de os prevenir destramente, e que n'isto mesmo se conduzisse de tal modo, que não desse alento ao partido liberal. Se esta reprehensão se encarasse somente pelo lado da pessoa que a deo, offerecia mais d'um motivo para mover o riso. Com effeito, figuremo--nos, por um momento, um velho devasso, e cheio d'achaques vergonhosos, tomando um tom arrogante, para insultar homens conspicuos pela sua sisudez e caracter, e vejamos se isto pode excitar outro sentimento que não seja o do ridiculo. Mas o tiro vinha de mais longe e os peitos em que elle se empregava erão d'una sensibilidade extrema-Alem d'isso, João de Carvalhal da Silveira, agente dos liberaes Angrenses na côrte de Lisboa, tinha obrepticiado a carta regia de 17 de

septembro de 1824, a qual bem que fosse concebida em termos vagos, comtudo, precedida do preambulo que elle lhe accrescentou, vinha a recair sobre aquelles mesmos sujeitos a quem se referião os avisos. N'este preambulo dictado pela mentira e pela impostura, dizia-se, que as victimas de 4 d'agosto erão pessoas benemeritas... pelo seu decidido amor, respeito e obediencia aos seus Monarcas, e acalamento á nossa Santa Religião. Accrescentava se, que os individuos a quem aleivosamente se attribuião as prisões dos liberaes, erão homens, que não tendo nem amor ao Monarca, obediencia ás Leis, nem veneração á Religião, pertendião afastar de si, e perseguir aquelles Vassallos, que possuindo estas virtudes merecião, por sua illibada conducta, o amor dos seus patricios. N'estes termos, era forçoso deixar a patria, passar os mares e vir juncto do throno desatar o no que a intriga revolucionaria tinha dado. Tai foi a resolução que tomárão João Pereira Sarmento, José Theodosio Bettencourt, e Luiz Meyrelles do Canto, que são todos os que o aviso mandava degradar, se ecceptuarmos Candido de Menezes, que se deixou ficar na Terceira.

O general bem quiz oppor-se á resolução d'estes individuos; vendo porem que não tinha forças para isso, vingou-se em lhes procurar todos os dissabores que poude. Se, em acto de camara, o chapeleiro José Maria da Silva accusou a João Pereira de criminoso aos olhos d'el-rei, e como tal incapaz de lhe requerer em nome da mesma; se no momento em que este embarcava, o rabula André Avellino, um dos presos em 4 d'agosto, o mandou citar para que lhe pagasse todas as perdas e damnos que lhe havião resultado da sua prisão; quem deo causa a estes e outros insultos, foi Manuel Vieira d'Albuquerque. Na verdade se este general guardasse os avisos no segredo que se lhe tinha recommendado, nada d'isto teria acontecido. Porem não so mandou passar a um liberal uma certidão dos ditos avisos (couza que negou a João Pereira), mas até mutilou o ultimo d'estes na parte em que se lhe advertia que, reprimindo os realistas puros, se houvesse de tal modo que d'ahi não cobrassem animo os liberaes, e especialmente os que na Terceira guardavão a denominação d'Araujanos. E porque fez Manuel Vieira esta extranha mutilação? Porque os liberaes, com quem elle estava mão-communado, pertendião publicar os avisos por meio da imprensa, como com effeito fizerão, e querião colher a rosa sem se picarem nos espinhos.

O general, ao passo que afugentava da ilha Terceira os seus mais leaes moradores, não se esquecia de ir continuando na execução do plano que lhe tinhão dado, e que todo se dirigia, não so a introduzir nas veas dos Terceirenses o gêlo do indifferentismo, mas ainda a predispor as couzas, para que a todo o tempo o espirito revolucionario, podendo desenvolver-se, não encontrasse n'aquelles habitantes os embaraços do costume. As medidas que Manuel Vieira tomou acerca da força armada, é quanto basta para provar que a minha proposição nada tem de gratuita. Eisagui as medidas. — Engrossar o revoltoso batalhão de caçadores, chamando para a Terceira aquella força, que o seu antecessor muito de proposito tinha deixado ficar na ilha de S. Miguel: remover para Portugal a maior parte das praças do leal batalhão d'artelharia que havia em Angra, e dispersar o resto pelas ilhas do oeste, de modo que na capital so ficárão meia duzia de officiais, a bendeira e o instrumental, unicos restos d'este misero naufragio: emfim, aniquilar por sua alta recreação os dois regimentos de milicias, criados na ilha por diplomas regios, substituindo em seu lugar dois batalhões, a que deo o nome de caçadores artelheiros; e isto com o sinistro fim de tirar as bandas áquelles sujeitos de cuja fidelidade tremia, e conferil-as, por conseguinte, a seus odiosos satellites.

Mas não era so por este lado, que a machina do governo ia tomando o movimento que Manuel Vieira lhe imprimio. O delicado encargo d'ensinar a mocidade era confiado a homens, que até dos pulpitos tinhão propalado as suas revolucionarias ideas (22). A bitola pela qual as auctoridades medião a justiça dos litigantes que perante ellas requerião, erão os sentimentos que estes mesmos professavão sobre materias políticas. Em poucas palavras, á sombra do docel de Manuel Vieira, esmorecia a lealdade, gemia a innocencia e carpia-se a justica.

No entretanto que as couzas tomavão na ilha Terceira esta face terrivel, a nuvem que occultava a verdade rasgou-se diante do throno, e d'elle baixou immediatamente a carta regia de 22 d'outubro de 1825, na qual el-rei reputou como *infundadas*, *falsarias* e *cavillosas* as denuncias que tinhão sido dadas contra as victimas destinadas ao

degrêdo; as quaes, em vez de cabeças das desordens d'Angra, como aleivosamente se lhes tinha chamado, ficárão sendo pella citada carta considerados, como benemeritos Vassallos, que nas arriscadas crises das oscillações da Monarchia não duvidárão expor a sua constante fidelidade. Os liberaes tentárão ainda applicar um pouco de balsamo a esta dolorosa ferida, mas (coitados!) os passos que os seus agentes derão para este fim, além de serem inuteis, um d'elles foi severamente extranhado (23). Cedo porem morrerão as esperanças que este acto de justiça tinha criado no animo dos Terceirenses. Com effeito, dentro de poucos mezes a nação ficou sem monarcha, e sem ter quem a advertisse do vasto abysmo que diante d'ella se abrio. O herdeiro d'esta coroa achava-se em Austria, onde os machinadores do seu desterro o retinhão prêso com uma cadea invisivel. Enquanto pois alli

1826 10 de março

So por amor da patria está passando A visa de senhora feita escrava, *

vassallos rebeldes e indignos do nome de Portuguezes, conspirão-se contra elle, e atirão com o sceptro que lhe pertencia, a duas mil legoas longe. Quando a nação reconheceo este laço, ainda deo uns poucos d'arrancos com o fim de se desprender. As fronteiras septentrionaes de Portugal virão-se guarnecidas da porção mais fiel do exercito, a qual expontaneamente correo ás armas. Porém a ausencia do soberano que se acclamava, a falta d'unidade entre os chefes, a impericia e talvez a ambição d'alguns d'elles, e mais que tudo o decantado casus focderis, arrancárão a coroa a quem ella pertencia, e transferirão-na para a cabeça d'uma criança que se 'acabava d'erguer do berço. Portugal passou então pelas amarguras que todos sabem, mas a ilha Terceira não se ficou rindo no meio d'este lucto geral.

^{*} Camões.

Cap. 11.º

Do fero idolo da carta É forçoso que nas aras, Leal terra da Terceira, Vertas lagrimas amaras.

D. A.

O general Manuel Vieira achava-se em S. Miguel, quando a nova ordem de couzas constou na Terceira, porem de lá mesmo não se esquecia de perseguir os moradores d'esta ilha, a quem aborrecia de morte. O instrumento de que elle se servia para este fim, era o corregedor d'Angra José Diogo da Fonceca, de quem já acima fiz menção, na verdade não muito honrosa, mas ainda um pouco escassa. Manuel Vieira não podia acertar melhor na escolha d'um instrumento para a sua ferocidade. Com effeito entre tantos magistrados liberaes de que então abundava o reino, talvez não fosse possivel achar segundo, cuja exaltação chegasse ao ponto de accusar de perturbadores do socego publico aquelles realistas, sobre cujos negocios forenses se lhe mandava informar (24). Um homem d'estes quilates, era impossivel que não excedesse a expectação do seu constituinte. Na verdade, eu ponho em duvida que o proprio Manuel Vieira tivesse a rara parspicacia de ver um crime atroz em um acto, que, de qualquer modo que se considere, so pode excitar o riso. É de saber que vários individuos d'Angra, durante a ausencia do general, fizerão um jantar nos capuchos, e no fim d'este jantar rapárão as suissas. Não sei o motivo que produzio esta poda, mas ou fosse motivo de compostura, como alguns quizerão, ou fosse outro qualquer, podião fazel-o impunemente, porque, n'uma palavra, as suissas erão suas. O corregedor porem assentou que um tal acto não se podia praticar sem venia sua, e n'este presupposto, deo uma conta a Manoel Vieira contra os rapadores das suissas, accrescentando de sua casa, que estes tinhão representado a sua excellencia n'um boneco de palha, e que depois o tinhão queimado. O general folgou muito com esta invenção do seu agente; e o caso é que, dentro de pouco tempo, appareceo nos mares da Terceira uma corveta, para conduzir a Lisboa os pertendidos criminosos. Como porem o crime d'estes so existia na escandecida imaginação de Jose Diogo, d'aqui resultou o regressar a corveta do mesmo modo que tinha ido..

Quando a corveta regressou, já Manuel Vieira estava em Angra desde o dia 18 d'agosto, e já alli tinha plantado o novo systema politico. Uma couza lhe dava então algum cuidado, e era e execução do ubominavel plano que de S. Miguel levára traçado, para abrir em Angra uma nova perseguição. O ponto principal d'este plano consistia em incitar os caçadores contra os pacíficos Angrenses, afim de que estes, vendo-se estimulados, rompessem n'algum excesso, pelo qual se lhes podesse pegar. Que esta sinistra tenção já de S. Miguel vinha formada, é uma verdade que não necessita de mais demonstração, que o procedimento de Manuel Vieira com o commandante dos caçadores, Francisco Magalhães Peixouto. Receando o general que este leal militar continuasse a cohibir aquelle revoltoso corpo, de proposito o deixou ficar em S. Miguel, para onde o tinha levado em sua companhia; e antes de sair d'esta ilha para a Terceira, participou ao governo que tinha tomado esta resolução, por ver a grande inimizade que havia entre aquelle commandante e a officialidade, em razão d'aquelle ter pertencido á divisão do marquez de Chaves. Ora tal inimizade não existia, mas emfim era necessario procurar um meio de lembrar ao governo, quaes erão os sentimentos do commandante dos caçadores, para que este fosce apeado do commando, como, com effeito, aconteceo, passado bem pouco tempo. Removido este poderoso obstaculo tudo o mais era facil; e na verdade, assim que Manuel Vieira se deliberou a executar o seu plano, não houve insulto nem enxovalho que os desenfreados caçadores poupassem aos Angrenses. Ainda hoje são celebres, na cidade d'Angra, as assuadas que estes janisaros alli fizerão de noute, assim como os descantes que derão ás portas dos habitantes, accusando-os de inimigos da nação, e ultrajando as suas honestas familias com dictos, cuja obscenidade era digna de tarimba. Estes motins punhão todos em consternação: so Manuel Vieira os escutava tranquillo o gostoso, porque d'antemão se lisongeava com o exito que, no seu pensar, havião de produzir. Felizmente saio-lhe o calculo errado. Os individuos insultados fechárão as suas portas, e respondêrão aos clamores da canalha com um mudo silencio.

Emquanto Manuel Vieira armava este laço, o corregedor d'Angra, instigado por elle, abria devassas, atiçava delações, provocava jura-

1826

mentos falsos, fazia buscas domiciliarias, e arrastava ás cadeas individuos, que não tinhão mais crimes que os que lhes assacava a consciencia damnada de seus figadaes inimigos. A sorte d'estes que assim erão envolvidos, causava justos receos aos que ficavão de fora; porque estes ultimos, achando-se nas mesmas circunstancias que aquelles, a cada momento se imaginavão cercados de esbirros, e precipitados em um segredo.

Largo tempo permaneceo na Terceira este estado de couzas, que se tornava tanto mais intoleravel, quanto menos se entevia o termo a tantas calamidades. Quando porém menos se esperava um tal acontecimento, foi então que estalou a cadea magica que prendia o senhor infante D. Miguel, e que appareceo o decreto que o restituio á may-patria, na qualidade de regente. Corações que se achavão gelados, começárão a palpitar de novo; mas ainda então se não podia exhalar um unico suspiro, porque o objecto de tantas saudades ainda estava distante.

Cap. 12.0

Ó Terceira, ó linda terra, Parabens cordeaes te dou : Se choraste, enxuga o pranto Porque emfim Miguel chegou.

D. A.

1828 21 de março Foi pelo brigue, infante D. Sebastião, que na ilha Terceira se soube, não a vinda d'um principe assim chamado e encantado ha seculos, mas sim a d'outro a quem os esconjuros de certo magico havião condemnado a perpetuo encantamento nas margens do Danubio. A esta nova consoladora, os meus patricios respirárão, e a vara de ferro que até então os opprimira, caio redondamente das mãos de Manuel Vieira. Uma mudança d'estas não podia effeituar-se sem grandes signaes de contentamento, da parte dos opprimidos. O logar, os homens e o motivo, erão ainda os mesmos que em julho de 1823; as demonstrações de jubilo não podião, por conseguinte, ser diversas; mas como ja fallei d'aquelas no logar competente, passarei agora

estas em silencio, pois so é dado aos grandes pintores representar o mesmo objecto com graças sempre novas.

Acabo de dizer, que os homens d'esta epocha erão ainda os mesmos que os da passada; e na verdade assim é, se exceptuarmos um individuo, que bem depressa vai fazer um papel opposto, ao que fizera em outro tempo. Este individuo é Theotonio d'Ornellas. A natureza e a fortuna tinhão-lhe conferido todos aquelles exteriores, que no meio da sociedade gramgeão ao homem o respeito e a estima. Rico e d'uma nobreza distincta, este mancebo tinha até uma d'estas physienomias, em que os dotes da formosura se enlação docemente com os segredos da sympatia. Com tão brilhantes qualidades, não admira que os seus patricios se revessem n'elle, como n'uma flor de esperanças. Eu porem que o conhecia de mais perto, sempre notei n'elle uma leveza mui grande e uma propensão ainda maior, para se perverter no mesmo momento em que a occasião se lhe offerecesse. Infelizmente as minhas desconfianças sairão certas. O filho de D. Rita ficou sem esta mãi virtuosa na idade de 16 annos, e desde então por diante a sua sorte foi a d'estas plantas que se tirão da estufa, onde so se podião conservar. Com effeito, não faltou logo quem o matriculasse no curso dos vicios, em que fez progressos tão rapidos, que lhe grangeárão nada menos que a ruina da saude, a dilapidação da casa, o desbotamento da formosura e (o que é mais que tudo) a perda do conceito que a todos merecia. Estragado por este modo, as suas mesmas paixões o trouxerão á côrte, onde veio rodar com mancebos ainda mais dissolutos, que, a troco do seu dinheiro, lhe derão alguns vicios de mais, Regressando; finalmente, á ilha, foi ser o amigo e aulico de Manuel Vieira, e desde então constituio-se chefe do partido que n'outro tempo aborrecêra. É debaixo d'este aspecto que o hei-de considerar agora.

Por toda a parte os liberaes ficárão summamente magoados com a chegada do principe, a quem no altar do demonio que os anima, tinhão jurado um odio eterno. A sua vontade era, sem duvida, a de se cobriram então do mais pezado lucto, pois vião perfeitamente que a planta exotica da carta, trazida d'um clima tão diverso, não podia medrar por mais tempo, ca nas margens do Tejo. Os liberaes da Terceira não ficárão menos pezarosos; porem para não darem o braço a torcer, dissimulárão o seu pezar, e até chegárão a fazer alguns

festejos, em que todavia o povo não quiz tomar parte, por conhecer de sobejo os sujeitos que os fazião. Foi por occasião d'estes festejos, que se começou a descobrir uma mudança bem sensivel no procedimento de Manuel Vieira. Este homem que nunca tirou os olhos da balança politica, mal que a vio propender para o lado dos realistas, tratou de se congraçar com elles, e até não duvidou romper pelos laços da amizade, comtanto que obtivesse este fim. Theotonio d'Ornellas, que sendo tão desleal como elle, era comtudo mais sincero, incorreo immediatamente no seu desagrado. Com effeito, Manuel Vieira, alem de o reprehender em particular, de mais a mais, nas noutes em que se festejou a chegada do senhor D. Miguel, fez-lhe publicamente a desfeita de lhe não apparecer, quando elle e o seu rancho, vestidos d'uma mesma libré, forão tocar o hymno constitucional debaixo das janellas do palacio. Ha quem diga que o general chegou a dar para o governo uma conta de Theotonio, assim como de todos aquelles que mais se tinhão distincto a favor do novo systema. Que tratou mal a alguns d'estes e que destacou outros para a villa da Praia, são factos sobre que não resta a menor duvida; mas agora pelo que toca ao mais, não me atrevo a affirmal-o sem os dados sufficientes, e so me contento em dizer que, se tal aconteceo, devia esta conta unir-se á que em outro tempo deo do tenente-coronel Peixouto, e excusava-se de mais commentarios sobre o caracter do homem que deo uma e outra.

Cap. 13.0

No ultramar foste a primeira, Ó princeza dos Açores Que Miguel ao throno alçaste Apesar dos caçadores.

D, A.

A restituição do senhor D. Miguel ao seio da mâi-patria tinha alegrado os Terceirenses, mas não os tinha satisfeito. Em seus corações ainda existia um vacuo, e este vacuo não se podia encher, emquanto aquelle principe não subisse ao throno que lhe tinha sido usurpado. O ceo não guardou para mui longe tão suspirado acontecimento. O mez d'abril de 1828 trouxe comsigo o dia dos annos da

senhora D. Carlota, nossa rainha que foi. O nascimento d'esta real heroina era um titulo de sobejo para alcançar a este dia o foro de immortal; mas a lealdade Portugueza, querendo unir a este título outro não menos brilhante, enlaçou os nomes de Carlota e Miguel, e ao passo que solemnizava os annos da mãi, lançou sobre o filho a purpura real. Depois d'este dia, sem duvida o mais bello da nossa historia moderna, ainda se passárão mais vinte, antes de constar este sucesso na capital dos Açores. Mas a final, apparece um hiate, aferra o porto d'Angra, e annuncia a nova de que fôra portador. Se a prudencia se não tivesse posto em campo, o fogo da lealdade rebentaria immediatamente; mas o auto de acclamação talvez que então fosse escrito com penna de ferro e linha de sangue. Os caçadores, esses facinorosos bandidos que tem assolado a desgraçada Terceira, enfurecidos e damnados rangião os dentes, puxavão pelos retorcidos bigodes, e ameaçavão de os banhar no sangue dos leaes. Era, por conseguinte necessaria a tardanca dos Fabios, para que se não convertesse n'um dia de lacto um dia que todo devia pertencer ao jubilo e á gloria. O elogio pois que os antigos Romanos tecêrão a um dos seus maiores generaes, unus qui nobis cunctando restituit rem, esse mesmo elogio podem os Angrenses applicar a cada-um d'aquelles seus patricios, que, reprimindo n'esta occasião o impulso popular, tratárão entre si de effeituar a acclamação, sem sacrificar uma unica victima aos manes da carta. Os sujeitos a que me refiro são Luiz Meyrelles do Canto e Castro, que, a exemplo de seus maiores (25), offereceo a sua casa para esta conferencia, Roberto Luiz de Mesquita Pimentel, Bento de Bettencourt Vasconcellos e Lemos, Manuel Jose Coelho, Jose Molles Vieira de Bettencourt, Ricardo Molles Vieira de Bettencourt, João Siuve de Seguier Camello Borges, e Pedro Jose Pacheco (26). Foi tal a prudencia com que estes benemeritos vassallos delineárão o seu plano, e tal a delicadeza com que o pozerão em pratica, que no dia da acclamação, em que se contárão 18 de maio, os janisaros forão retidos nos seus quarteis, e não poderão embargar a obra da lealdade. Quanta pois é a gloria que resulta de ter aplanado tão grave difficuldade, toda ella compete, exclusivamente, áqueles, cujos nomes illustres ficão já referidos. Pelo que toca porem á da acclamação em si, essa não é d'elles, senão do povo d'Angra, que, achando-se juncto na praça, assim que os vio atravessar para a casa

1828 16 de maio do senado, não poude, nem mais um momento, reter as suas vozes (27). Tão ancioso estava elle de sesafogar os seus sentimentos, e de unir aos brazões da sua gloria o de ser, como na verdade foi, o povo do ultramar que primeiro repetio o echo restaurador.

Descrever bem o excesso de sentimento é couza mui difficil, principalmente a quem, como eu, se ve na dura necessidade de se fiar nas informações que outrem lhe dá. Como quer que seja, eu ouso affirmar ao leitor, que o coração humano não é capaz de maior alegria que a que os moradores d'Angra testemunhárão d'esta vez. Na verdade as pinturas que se me fazem são tão vivas, que ainda agora acabando de as passar pelos olhos, esta penna me escapulio dos dedos, como que me esqueci do sitio em que me achava, e que, de repente, me vi no meio dos meus patricios, escutando o estrondo confuso dos repiques, das salvas e das acclamações. Ao ver os excessos em que então rompeo este povo heroico, dir-se-hia, que, presentindo já o terrivel futuro que o estava aguardando, so cuidava em se aproveitar do curto periodo do seu contentamento!

As horas d'este dia da acclamação corrêrão com mais velocidade que nunca, e o delirio do enthusiasmo ainda não tinha passado, quando a noute sobreveio. Foi então que a poesia e a musica se encarregárão de exprimir o mesmo sentimento, mas por um modo diverso. Aos clamores que se tinhão ouvido em todo o dia, succedêrão vozes suaves e harmoniosas, que, ao som d'acordes instrumentos, cantárão o hymno real, composição tão digna do sentimento que exprime, como do genio que a produzio. Por toda a parte se deo a este festejo o mais obsequioso acolhimento; mas se alguem houve que n'este particular se distinguisse, não forão os ricos e poderosos, forão os mendigos de profissão, os frades de S. Francisco.. Com effeito, foi tanto e tão vistoso o fogo d'artificio que estes religiosos lançárão das janellas do seu convento, que um d'elles escrevendo para Lisboa a um seu amigo, lhe diz que o frontespicio da igreja parecia uma forlaleza inexpugnavel. Ora, eu quero conceder que n'isto haja hyperbole, e que o epitheto inexpugnavel esteja de mais; porem assim mesmo, para que a melancholia e silenciosa casa d'uns pobres frades apresente uma fachada tão guerreira e airosa como uma fortaleza, é necessaria, na verdade, uma grande dose de enthusiasmo. Assim passou esta bella noute, e assim passárão algumas das seguintes, n'uma das quais teve logar um inexperado espectaculo, que aquí merece particular menção.

As luminarias tinhão resuscitado o dia que acabava de expirar, e apenas de longo em longo intervallo se via serrada e ás escuras a janella d'algum desaffecto que se achava de nojo. Os sons majestosos do hymno de Marcos ouvião-se pelas ruas, e atraz dos musicos que o cantávão, caminhava uma luzida e numerosa comitiva, na qual até se contavão muitas damas Angrenses. Quando porem os olhos e os ouvidos parecião não dar vencimento a tantas impressões, começou-se a ouvir um murmurio confuso, e d'alli a pouco vozes humanas acompanhadas de instrumentos. Era o povo da Ribeirinha, que, tendo noticia d'estes festejos, encheo-se d'uma louvavel emulação, e resolveo vir medir os seus machetes e tambores com os ajustados instrumentos dos tocadores da cidade. Para isto, não se cançou em andar mendigando quem lhe composesse solfa e letra. Ha na ilha Terceira um descante antiquissimo em louvor do Espirito Sancto, descante saudoso e terno, que os povos d'esta ilha sabem de cór, e a que se dá entre elles o nome de alvorada. Sem tirar nem pôr, tal foi a toada que estes camponezes adoptárão d'esta vez. Pelo que toca á letra, poetas por natureza e inspirados pelo sentimento, elles a improvisárão pelo caminho.

> Seus versos, e cantigas todas eram Louvar o seu bom Rey, que os Ceos lhes déram.*

O padre Manuel Correa de Mello commandava esta expedição musical. Logo apoz d'este parocho, marchava um povo em massa, que se havia recrutado a si mesmo com tal rigor, que nem a idade nem o sexo servião de exempção. Velhos a quem os annos mal permittião ir á igreja da parochia nos dias de missa, n'esta noute pegárão nos seus bordões, e encostados a elles, vierão-se arrastando até a cidade, onde a curiosidade os comtemplou babando-se de gosto por verem no resto de seus dias, sentado no throno o idolo dos Portuguezes. Porem n'este particular as rugas da velhice em nada se avantajávão aos risos da infancia. Criancinhas que ainda não tinhão forçás para vencerem o

^{*} Ferreira.

caminho, deixárão o berço e vierão ao collo de suas mãis, aprender a balbucionar o nome do seu rei. Cada-uma d'estas mais dava por bem empregado o sacrificio de trazer de tão longe o seu filho nos braços, e entre ellas não havia uma so que não estivesse animada dos sentimentos d'aquella a quem se attribue este dicto : «quero que meu «filho desde hoje em diante comece a aprender que tem um Deus e «um Rei». Esta generosa Terceirense fallou com acerto, porque lições d'esta natureza so fructificão, quando são dadas no berço. A razão pode mostrar ao homem os seus deveres, mas esta, em não tendo os habitos da educação a que se pegue, succumbe aos golpes das paixões, e os seus dictames se convertem em outros tantos sonhos, que, por mais brilhantes que pareção, carecem da realidade. Mas arrebatado pella belleza d'este dicto, eu me ia esquecendo de fallar no resto da turba numerosa que n'esta noute entrou na cidade. Os signaes ou insignias porque os individuos que a compunhão, manifestávão a sua alegria, são os caracteres de que me vou servir na sua classificação. Á primeira classe, por todos os principios, os cantores e tocadores. A sua musica era tal qual a que descreve a singela penna do nosso Fr. Luiz de Sousa, isto é, popular & rispida, que descanta com atambor, & entoa ao som de instrumentos grosseiros, mas para gente junta & de terreiro hé bem festival. Airosos arcos de flores distinguião a segunda classe. Havia uma terceira que se tinha encarregado de trazer os lumes. Emfim a quarta e ultima constava de todos aquelles, que não tendo outros meios ao seu alcance, forão aos loureiros e oliveiras dos seus campos nataes, apanhar as insignias que trazião nas mãos. Quanto a mim, forão estes os que, despendendo menos, acertárão mais com as divisas analogas á festa. Os ramos de louro significavão o triunpho que a lealdade conseguira, e os de oliveira declaravão, que para conseguir este triunpho não fora necessario derramar uma so pinga de sangue.

A obsequiosa recepção que os moradores d'Angra fizerão aos Ribeirinhas, deo cauza a que os outros povos da ilha, ainda os mais distantes, se dessem toda a pressa em vir lograr as mesmas honras. Aqui será o logar proprio de fazer uma miuda relação da maneira, pela qual cada-um d'estes povos deo a sua entrada na cidade; porem veda-mo o receo que tenho de enfastiar aquelles perante os quaes advogo a causa da minha patria. Se pois algum dia acontecer que

este escrito passe alem dos mares, e que os povos da Terceira o leião, espero, que reflictão por um pouco na minha posição, e que não imputem ao homem o que foi effeito das circunstancias.

As demonstrações que os Terceirenses derão da sua alegria, na acclamação d'el-rei o senhor D. Miguel I., forão pacificas e innocentes, como o leitor acaba de ver, porem apezar d'isto, não deixárão de excitar contra si a indignação dos perversos. A estrada de S. Gonçalo appareceo juncada de vidros de garrafa em certa noute, em que por ali tinha de passar um d'aquelles povos que vierão a cidade. Querião os apostolos da philantropia e da tolerancia, que estes pobres camponezes, por manifestarem uma opinião differente da sua, retalhassem os pes, que sempre trazem descalços. Mas isto não erão mais que leves ensaios das atrocidades inauditas que estes malvados projectavão executar, assim que a occasião se lhes offerecesse. O fio da narração acaba de conduzir-me a este momento terrivel. As scenas vão mudar--se. O crime vai triunphar por muito tempo: n'uma mão sustenta os instrumentos de morte, com a outra aponta para a America, * e é em nome d'uma innocente criança que rouba e invade os bens dos particulares, que profana os claustros, que despoja os templos, que povoa os carceres, que decreta proscripções, que fuzila uns e que põe a preço as cabeças d'outros. E poderei eu referir tudo isto sem que a penna me caia das mãos? Oxalá que sim, e que mostrando, como Bruto, o punhal ainda ensanguentado, possa fazer ver a causa de tantas desgraças, purificar a minha patria da macula que lhe pertende pôr a maldade, e emfim desenganar os illudidos, de que os innovadores não procurão despojar os soberanos das suas coroas, senão para repartirem entre si os diamantes que as adornão.

> Fim da primeira parte

^{*} Quando eu terminei esta primeira parte, ainda o senhor D. Pedro e sua filha se achavão no Brasil.

NOTAS

(1) Como poderá haver alguem, que, lendo as passagens que transcrevo no texto, se lembre de as classificar n'essas falas de fantasia que Tito Livio e Jacintho Freire põe a cada passo na bocca dos seus heroes; por isso cumpre aqui declarar, que as copiei d'uma carta de Cypriano de Figueiredo a Philippe II., e que as copiei tão fielmente que nem uma so alteração lhes fiz na orthographia e pontuação (regra que escrupulosamente segui a respeito de todas as outras passagens que refiro pelo decurso d'este escrito). Tanto a carta de Cypriano como a de Philippe II., a qual a do primeiro servia de resposta, achão-se n'um livro, manuscrito que era da bibliotheca de monsenhor Hasse, e que depois passou para a da universidade de Coimbra. O titulo d'este livro era o seguinte: Resposta — que os Tres Estados do Reyno de Portugal - mandarão a Dom João de Castro sobre - hum Livro que elle lhes mandou = intitulado = Discurso da vida do sempre bem vindo, - e aparecido Rey Dom Sebastião - Nosso Senhor o Encoberto - desde seu nascimento até ao = prezente = Feito, e dirigido por Dom João de - Castro aos Tres Estados do Reyno - de Portugal, convem a saber ao da - Nobreza, da Clerezia, e ao do Povo = Em Pariz por Marthim Verál - morador na rua de Iudas = Anno de 1602. *

^{*} Passado quasi um anno depois que eu tinha escrito esta nota, tive o gosto de na cidade de Braga encontrar impressa a resposta que os tres estados do reino derão ao neto do famoso vice-rei da India. N'este impresso acha-se tanto a carta

- (2) No numero d'estes entra, por exemplo, o religioso, quem quer que foi, que aconselhou a Cypriano de Figueiredo, que mandasse lançar o gado contra os Hespanhoes, afim de os desordenar. Herrera e Conestaggio fazem ambos menção d'este religioso; porem não nos dizem o seu nome, e apenas este ultimo accrescenta que era de Sancto Agostinho. •Un frate di Santo Agostino (....) consiglio «che innanzi alla gente si mandasse una quantitá di buoi, e si spin-«gessero piu contro á Castigliani che si potesse;», assim se explica o citado Conestaggio, que, dizendo pouco, diz muito mais que o padre Cordeiro, a quem o dicto religioso não merece a mais leve pennada.
- (3) Forão muitas as execuções que o marquez de Sancta-Cruz mandou fazer n'esta occasião. A cabeça do conde Manuel da Silva (que succedeo a Cypriano de Figueiredo no governo da Terceira) foi decepada na praça d'Angra por um algoz Tudesco. A mesma sorte e no mesmo dia tiverão Amador Vieira e Manuel Serradas, natural da Madeira, o qual até o ultimo suspiro nunca se desdisse da fidelidade que jurára a D. Antonio. Dos Francezes que então estavão na ilha, e que defendião a este senhor, forão executados alguns 17. Mas se a espada do marquez não poupou os de fora, nos de dentro cortou sem piedade. Infelizmente, das victimas insulanas por elle immoladas, a historia apenas nos conserva os nomes de Ayres de Porres, Gonçalo Pitta, Antonio Metella e Mathias Dias, por alcunha o *Pilatos*, que foi enforcado e esquartejado por se gabar de ter arrancado, assado e comido os figados d'um Castelhano.
- (4) Quando D. Antonio de la Puebla, e o bispo d'Angra D. Manuel de Gouvea lançavão a primeira pedra á fortaleza de S. Philippe (hoje de S. João Baptista), diz o padre Cordeiro, que houve logo alli quem exclamou, e disse, que nella fundavão hum grilhão para toda aquella ilha. Quem quer que foi não se enganou, pois a tal fortaleza (como se vera pelo decurso d'este escrito) por mais d'uma vez tem servido de guarida aos inimigos da patria.

de Philippe II. como a de Cypriano de Figueiredo, e por conseguinte as passagens que transcrevi no texto, bem que com algumas variantes, das quaes a mais notavel é muytos poços para metter nelles a gente que nos vier buscar em vez de muytos pelouros para meter na gente que os vier buscar.

- (5) Como do explendor da patria reflecte para cada-um de seus filhos uma parte bem que pequena, não quero que n'este ponto se fie unicamente o leitor no meu dicto ou no do padre Cordeiro; e por isso aqui lhe offereço o testemunho d'um historiador que não pode ser accusado de paixão por uma terra, á qual não pertencia: é o do conde d'Ericeira D. Luiz de Menezes, que na sua Historia de Portugal Restaurado, tratando das difficuldades que se oppunhão a que na Terceira se acclamasse o senhor D. João IV., explica-se por este modo: «Forão as finezas pelo novo Principe por mays custosos «de mayor gloria aos moradores da Ilha Terceira, poys grangearão «exaltar a fé Portugueza pelos fios das espadas da contumacia Caste-«lhana. Julgava El-Rei a empreza difficultosa por ser a fortaleza da «Cidade d'Angra huma das melhores de Europa, e se achar n'ella «Governador Dom Alvaro de Viveyros soldado de reputação, com um «grosso presidio de infantaria, e ser o sitio da fortaleza tam superior «á Cidade, que podião jugar contra ella cem peças de artilharia que «guarnecião a muralha sem achar reparo algum, parecendo impossivel «que os moradores, aínda que se resolvessem a seguir a voz do Rey-«no, sem outro socorro tomassem a resolução de atacar a fortaleza, «nem que deliberando-se pudessem entrar na esperança de vendê-la». Um historiador apaixonado poderia tecer maior elogio aos Terceirenses que acclamárão el-rei D. João IV. ?
- (6) Os dois individuos a quem o mestre de campo D. Alvaro de Vivéros chegou a prender, forão o prior de nossa senhora da graça, e um fidalgo d'Angra, chamado Estevão da Silveira, os quaes o tinhão procurado para lhe proporem que se rendesse, pois do contrário se não poderia evitar a effusão de sangue. Ambos estes individuos morrêrão na prisão, victimas do recado de que se havião incumbido. O terceiro que o mestre de campo mandou prender, foi Antonio do Canto e Castro, aquelle mesmo que, depois passando-se ao reino, entrou na acção de Montijo, na qual se distinguio de modo, que alem da mercê do habito de Christo acompanhada de boa tença, se lhe deo o posto de sargento-mor de toda a ilha Terceira. O sargento Roselhon, a quem o mestre de campo tinha dado ordem para que, ou vivo ou morto, lhe levasse ao castello o sobredito Canto, não poude

executar semelhante ordem, porque o povo da cidade se levantou contra elle e contra a sua escolta.

- (7) Isto supõe que os nossos tinhão toda a qualidade de petreches de guerra, supposição esta que parece fazer sua desharmonia com o que acima fica dicto, e vem a ser, que os nossos so tinhão que oppor aos Hespanhoes algumas espadas velhas e chuços ferrugentos. Mas não faça isto duvida. Os nossos é certo que, antes de acclamarem o senhor D. João IV., não tinhão mais armas que as que eu disse: porem logo que levantárão o grito restaurador, melhorárão a este respeito, porque tiverão a fortuna de se assenhorarem dos armazens em que o inimigo tinha bastantes armas e munições. Vid. o Cordeiro na Historia Insulana, liv. 6. cap. 32 pag. 346 e 347.
- (8) Manuel do Canto e Castro, fidalgo da Terceira, militando em Castella ao tempo que a sua patria acclamou o duque de Bragança, offereceo-se a Philippe IV. para a ir apaziguar. Este rei julgando sincero o seu offerecimento, entregou-lhe uma nao com alguma gente para o indicado fim; porem Canto, tendo em menos o cumprimento da sua palavra que a liberdade dos seus patricios, veio pôr á disposição d'estes tanto a nao como a gente que d'elle confiára el-rei de Castella. A gente ficou prisioneira de guerra, e a nao, esquipada e guarnecida por gente nossa, passados poucos dias surpreendeo duas fragatas, que vinhão soccorrer o castello. Tal foi o começo da marinha Terceirense, que por fim montou a nada menos que onze vasos, todos pagos e mantidos á custa dos insulanos.
- (9) Emquanto á duração d'este cerco, ha bastante discrepancia entre os historiadores que d'elle fallárão. Se algum dia voltar á minha patria, e me for possivel executar o projecto que tenho formado, d'escrever uma historia completa dos acontecimentos da Terceira, então discutirei miudamente este ponto, e provarei que se enganão aquelles que dão a este cêrco mais d'um anno de duração. Por agora circumscrever-me-hei a apontar um so fundamento d'aquelles sobre que se estriba a minha opinião, É o que me offerece a gazeta d'abril de 1642 (então saía uma cada mez), na qual se lê o seguinte artigo: «A nova da Ilha Terceira, de que se fala por mayor na Gazeta do mez de

«Março, veyo aos oito do mez de Abril no navio Sol dourado. «Foy de grande alegria para todo este povo. Repicarão-se os sinos, «cantou-se na capella Real, Te Deum Laudamus. Assistirão nas suas «tribunas El-Rey N. Senhor, & a Rainha nossa Senhora. Veyo em «Procição o Senhor Arcebispo de Lisboa desde a Sé até a Igreja de «Sancto Antonio, donde se disse hûa missa votiva. comeo El-Rey «nosso Senbor em publico, & fez mercer de mandar hum prato ao «capitam mór Francisco de Ornellas da Camara, e outro ao capitam «Jorge de Mesquita (que trouxerão a nova) dizendo-lhes a ambos pa-«lavras mui honrosas. A noite houve luminarias. E dahi a dous dias «sahio da Igreja da Sé huma procição geral com o pendão da cidade, · & Senado da camara, & foi ao convento de S. Domingos a dar gra-•ças de tão felice successo. E de tudo o que passou desde o dia em «que sahio deste porto o Capitam mor Francisco de Ornellas da Ca-«mara até o em que se entregou a fortaleza, se faz hûa relação ver-«dadeira, a qual se imprime na officina de Domingos Lopes Rosa.».

(10) Tal é a de 8 de maio de 1641, que se acha a f. 272 do 3.0livro do registro da camara d'Angra, e cujo teor é o seguinte. «Juizes, «Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra da Ilha «Terceira & Eu El-Rey vos envio muito Saudar. As cartas (Pelas «Cartas ?) que Me escrevestes por vias em trinta e hum de Março, e «desecete do mez passado, entendi o animo, e zelo de Meu Serviço, «com que essa Cidade se houve na occasião de Minha Acclamação, e «Cometimento da Fortaleza do Monte do Brasil, e o que obrastes de «vossa parte para sêr assim, e se executar com tanta rezolução e vaelor de que fico com a devida satisfação e Me hade ser sempre pre-«sente, para folgar de fazer a essa Cidade em Commû, e a cada hum «dos moradores d'ella em particular, todo o favôr, tendo por certo «que mo saberão merecêr nesta occasião, e nas que ao diante se offe-«recerem. Ect.» D. João IV. cumprio a sua palavra, pois aos Terceirenses em geral fez-lhes a mercê de, todas as vezes que houvesse côrtes, mandarem a ellas um procurador que devia assentar-se no primeiro banco, e em particular concedeo varias graças a alguns d'elles, como foi a João de Betencor e Vasconcellos, e ao immorial Francisco d'Ornellas; ao primeiro dos quaes deo a commenda de Sancta Maria de Tondella, da ordem de Christo, e ao segundo outra da mesma ordem, de S. Salvador de Pena-maior, e não *Pena-macor*, como erradamente diz o padre Cordeiro, que tambem se engana, emquanto refere, que esta ultima commenda não passou ao filho de Francisco d'Ornellas, pois o contrario se deprehende do alvará de 20 de julho de 1660, no qual o senhor D. Afonso VI. foi servido mandar que a commenda de Francisco d'Ornellas, por sua morte passasse a seu filho, pelos motivos que no mesmo alvara se declarão, sendo um d'elles os serviços prestados por um irmão de Francisco d'Ornellas, chamado elle Manuel Paim de Souza, o qual no anno de 1644 indo ás ilhas em uma armada, e encontrando-se esta com outra Hespanhola, pelejou denodadamente, até que, pegando fogo no navio em que elle estava, atirou comsigo ao mar, querendo antes morrer afogado, como de facto morreo, do que ir caír nas mãos do inimigo Castelhano.

- (11) A pedra em que se sentava o senhor D. Afonso VI. (que esteve seis annos na Terceira) existe na fortaleza de S. João Baptista por cima do portão dos carros em o sitio da *Malaca*, talvez assim chamado d'uma peça de extraordinário calibre, que tinha este nome, e que alli esteve em outro tempo. Para que ninguem mais se sentasse sobre esta pedra, collocou-se em cima d'ella uma peqnena pyramide, e poz-se lhe uma sentinella, honra esta de que ainda gosava, quando saí da Terceira (em 1825).
- (12) Este elogio vem transcrito na oração funebre (impressa), que o padre Francisco Clootz Wan-Zeller recitou no dia 11 d'abril de 1814, em que se celebrárão na cathedral d'Angra as exequias do nosso heroe, promovidas e feitas com a maior pompa á custa de seu irmão mais velho, João Pereira Sarmento Forjaz de Lacerda. O senhor D. João VI. tambem mostrou o muito que prezava os serviços de Luiz Diogo Pereira, premiando-os nas pessoas de sua viuva D. Francisca Candida Moniz Corte-Real, e de seu irmão mais velho, a quem pertencia a metade dos seus serviços, por elle haver morrido sem filhos, e os outros irmãos que lhe sobreviverão terem cedido ao mais velho a parte que lhes tocava. Á viuva, alem de duas tenças que ella obteve depois, cada-uma de duzentos mil reis, mandou o senhor D. João VI. pagar por inteiro o soldo que seu marido vencia, como te-

nente-coronel, que era, do regimento d'infantaria, numero 3.º, e ao irmão, por decreto de 31 de julho de 1816, fez-lhe mercê d'uma commenda da ordem de Christo, da lotação de 16\$000 reis.

- (13) Isto que não padece a menor duvida é quanto basta para mostrar qual era a moralidade dos principios porque Araujo se regulava. É porem de notar, que em Angra dizia se a bocca chea, que Araujo, pouco antes de ser rendido por Stockler, convocára os seus amigos e que lhes propozera, se devia ou não dar posse ao novo general, visto que este, tendo vindo por Lisboa, era muito natural que tivesse alli adherido á nova ordem de couzas.
- (14) Pode ser que o Relvão e o Escampadouro, para o futuro mudem de nomes, e por isso, para que os vindouros Angrenses não ignorem onde foi que Araujo esfalfou e decimou a flor da mocidade Açoriana; eu devo aqui declarar que o primeiro d'estes sitios é um campo juncto ao Porto-novo, e que entesta pelo poente com a muralha do castello de S. João Baptista. Este campo, apezar da sua excessiva declividade, Araujo tentou endireital-o, e depois de haver, debaixo d'este pretexto, extorquido do erario sommas immensas, afinal, quando o deo por prompto, deputou-o para n'elle se fazerem esses tyrannicos e mais que barbaros exercicios millitares, que, acabando nas calmosas tardes de estio por um forçado banho de mar, povoárão os hospitaes e as sepulturas d'um sem numero de mancebos. Emquanto ao Escampadouro, era este um baldio immenso, na freguesia de Sancta Barbara, o qual foi aforado por Araujo, e arroteado pelos infelizes soldados que a isso erão constrangidos pelo mesmo Araujo, e muitos dos quaes alli contrahírão a doença da morte a troco de seis vintens.
- (15) Em pontos tão delicados como este, forão sempre mui escrupulosos os moradores da Terceira. No manuscrito de que fiz menção na primeira d'estas notas, lê-se, que Cypriano de Figueiredo no assento da acclamação do cardeal D. Henrique, mandou escrever que elles levantavão, e juravão por Rey das ditas Ilhas, e Senhor natural ao Infante Cardeal Dom Henrique, com declaração, e condição que sendo vivo El-Rey (D. Sebastião), elle era o verdadeiro Rey, e natural Senhor das ditas Ilhas, e do Reyno de

Portugal. Ect. Porem em 1821 fizerão os Terceirenses mais alguma couza que os seus antepassados, pois não satisfeitos com a declaração que pozerão no auto do juramento, mandárão Manuel Thomaz de Bettencourt á côrte de Lisboa, afim de ver se, fallando a el-rei em segredo, poderia d'elle saber, qual era a sua genuina vontade ácerca do que deverião fazer n'aquella os moradores da Terceira. Manuel Thomaz não chegou a cumprir a sua missão, porque, apenas aportou a Lisboa, foi mettido pelos liberaes na cadea do Limoeiro, onde gemeo até á restauração.

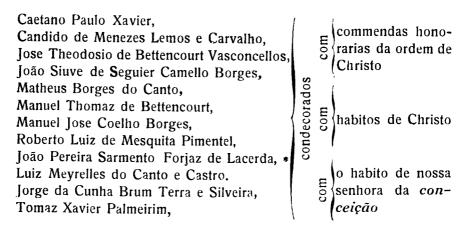
- (16) O padre Antonio Vieira, na sua volta do Maranhão para Lisboa no anno de 1654, depois d'uma desfeita tormenta em que se vio quasi perdido, foi tomado na altura dos Açores por um pirata Hollandez, que o lançou a elle e a seus companheiros na ilha Graciosa. D'esta ilha passou-se á Terceira, e d'aqui a S. Miguel, como se lê na sua vida, escrita por Andre de Barros, o imitador de Jacintho Preire. O Jesuita Cordeiro accrescenta, que Vieira pregára na cathedral d'Angra, na festa do rosario, e que o concurso fora tal que esta vasta igreja se vira então toda chea.
- (17) Ha n'esta discurso uma passagem, que aqui passarei a transcrever, pela intima relação que ella tem com o objecto da minha obra. «Só vós, ó Illustres Angrenses, só vós tivestes a transcendental e «perspicacia de conhecer que Portugal seria uma desgraçada presa de espirito da rebellião, se se rendia ás sugestões da mentira, com que «se munio a iniquidade nos seus malvados projectos. Vós fostes os «unicos que previstes, que o diabolico fermento do liberalismo que «se introduzia na massa dos Portugueses, cedo azedaria a doçura dos «principios orthodoxos, e attentaria contra a salubridade dos princi-«pios politicos e moraes, enervando a sua força, e prostittuindo o «bem do todo aos interesses d'uma seita anti-Religiosa, e anti-politica, «e como tal digna de ser banida da humana sociedade. Vós fostes os «que nunca vos illudistes com as fantasticas esperanças que dava «aquelle insensato Congresso, de que erão regenerados os seculos «d'ouro com huma ordem tão fixa, tão precaucionada, que seria re-«sistente a todas as humanas vicissitudes; impacientando-vos da vi-*lissima baixeza com que a adulação cevou a sua arrogancia, de que

«na sua politica se realizava este oraculo Virgiliano = $Magnus\ ab$ «integro saeculorum nascitur ordo =, pois que em quasi todos os seus planos estaveis lendo esta odiosa divisa = vis consilu «expers =, força tumultuaria tão desprovida de conselho, que o «resultado seria (como na realidade foi) o ficar sepultado debaixo da «maquina dos seus desvarios. Vós fostes os que tivestes a immortal «honra de decididamente vos oppordes e de suffocardes essa facção «de degenerados e illudidos patricios, de despreziveis e odiados fo-«rasteiros, que no mal-fadado, no sempre execravel dia 2 d'abril de «1821 baldadamente tentarão escurentar a pureza da vossa fidelidade, «fazendo-vos assentar a huma Constituição organizada pelo espirito «da perversidade, a que so poude sujeitar-vos o exemplo e o cons-«trangido preceito do Nosso Augusto Monarcha: e isto com tanta «violencia quanta a indignação que indelevelmente apparecia no sem-«blante de quasi todos os habitantes dessa Ilha, dando as mais con-«vincentes provas de que querião antes dar o ultimo suspiro no cam-«po da fidelidade, do que manchar-se com huma tão infame appro-«vação. Consolai-vos agora do caliz de amarguras que tragastes em «tantos vituperios com que fostes insultados; lembrai-vos de que «nunca a Foma deporá o sonoroso clarim para eternizar a memoria «de huns vassallos, que que attentos ás bondades do Nosso Monarcha «farão indissoluvel este problema, = se Elle hé mais feliz por ter «subditos tão fieis, ou elles por terem hum Soberano tão «amavel».

- (18) Digo *talvez*, porque não sei se quererão dar o nome de triumpho a primeira volta que o senhor D. Antonio deo pelas ruas da cidade d'Angra. O padre Cordeiro diz que este senhor levára então consigo a sua guarda de quinhentos archeiros e mosqueteiros, e que as ruas por onde passou *estavão ricamente armadas*. Porem isto não é sufficiente para constituir o que nos chamâmos *triunpho*. Como podia triunphar um principe cuja armada acabava de ser completamente destroçada pela do seu competidor?
 - (19) A rapidez d'este escrito não me permitte individuações sobre o risco, emblemas e distichos assim dos arcos em que fallei, como tambem d'um outro que estava em frente do palacio dos generaes.

Havendo porem algum curioso a quem estas miudezas interessem, consulte um folheto que sobre este objecto se imprimio em Lisboa no anno de 1824.

- (20) Ás devoçoens de que fallo no texto, não se devem referir, nem a festividade de Ioão Pereira Sarmento na igreja da misericordia, nem a de Luiz Meyrelles do Canto na igreja dos capuchos. Uma e outra, posto que tiverão logar depois da chegada do barão, que lhes foi assistir comtudo forão feitas por differentes motivos. A primeira foi em desempenho d'um voto que fez João Pereira a Jesu Christo crucificado no caso que fosse servido acabar com o poder revolucionario que dominava Portugal. Orárão n'esta festa, de manhã Fr. Eleutherio, e de tarde Fr. Antonio do Rosario. Pelo que toca a segunda, foi tambem em cumprimento d'outro voto que Luiz Meyrelles fez á senhora do livramento, se esta movesse o coração d'el-rei a approvar as medidas que o dicto cavalheiro havia tomado na qualidade de membro do governo interino, creado em Angra no dia 4 d'Agosto de 1823. Fr. Antonio do Rosario foi quem exprimio do pulpito o tenção piedosa d'este cavalheiro. Esta nota como falla de devoções, talvez não agrade a muita gente, mas basta que agrade aos meus patricios, cujo espirito é o d'esses velhos Portuguezes que se não dedignavão de pegar n'umas contas com aquellas mãos em que sustentavão a espada e as palmas da victoria.
- (21) Assim o declarou o senhor D. João VI como se ve dos avisos expedidos em data de 22 de novembro de 1824 a João Pereira Sarmento Forjaz, e a Luiz Meyrelles do Canto e Castro. Como estes individuos não forão os unicos agraciados pelo decreto de 29 de septembro de 1823, para não incorrer na censura de parcial, aqui apresentarei uma lista de todos os que então o forão, e juntamente das respectivas mercês que se lhes fizerão.



- (22) Sirva de exemplo Fr. Jeronymo Emiliano, a quem, em premio das catilinarias que teceo contra os nossos reis, se deo a cadeira de Rhetorica na cidade d'Angra, quando o Fr. Antonio do Rosario (Ds. sabe depois de quantas tempestades) apenas se fez a mercê de prégador regio!
- (23) Os agentes forão, em Angra Joaquim Mendes de Brito, e em Lisboa João de Carvalhal da Silveira. Britto, na qualidade de procurador da camara, tendo assignado a carta em que esta agradeceo a el-rei o diploma de 22 d'outubro de 1825, passados dois dias, reclamou a sua assignatura. A camara por um lado e Britto por outro dirigirão-se immediatamente a el-rei, aquella queixando-se do insulto que o procurador lhe havia feito, e este allegando os frivolos fundamentos da sua reclamação. Sobre este negocio desceo uma consulta ao desembargo do paço, e esta no primeiro d'outubro de 1826 saío resolvida contra o procurador, que, por uma ordem expedida na mesma data ao governador e capitão general dos Açores, foi mandado reprehender asperamente por satisfação condigna á camara pela injuria que lhe fez. Pelo que pertence a Carvalhal, pertendeo este que el-rei houvesse por bem declarar, que os movimentos que em Angra tiverão logar no dia 4 d'agosto se não comprehendião na crise

^{*} Pelos mesmos serviços se lhe concedeo a commenda honoraria de nossa senhora da concetção por decreto de 26 d'outubro de 1830.

revolucionaria, de que fallavão os avisos de 22 de novembro de 1824. (V. not. 21). Foi-lhe porem denegada a declaração que elle exigia, como consta da resolução de 20 de fevereiro de 1827, tomada sobre consulta do desembargo do paço de 19 de dezembro de 1826.

- (24) Assim o praticou em certa causa que dizia respeito a Luiz Meyrelles do Canto e Castro.
- (25) Aqui refiro-me eu a Luiz Francisco Meyrelles, a Francisco Paim da Camara, e sobretudo ao célebre Francisco d'Ornellas, restaurador da Terceira, de quem Luiz Meyrelles descende por linha feminina. Em attenção aos serviços de todos estes individuos, e aos que o mesmo Meyrelles havia prestado, el-rei, nosso senhor, foi servido condecoral-o com a commenda honoraria de nossa senhora da conceição de Villa-viçosa, como se vê da resolução de 23 d'abril de 1830, tomada sobre consulta da mesa do desembargo do paço de 2 do dito mez e anno.
- (26) Rigorosamente fallando, os dois ultimos individuos que mencionei, não assistirão á conferencia que se fez em casa de Luiz Meyrelles mas souberão de tudo quanto n'ella se tinha passado, e cooperarão fortemente, para que se effeituasse a acclamação d'el-rei o senhor Dom Miguel I.. João Siuve, na qualidade de primeiro vereador e juiz por bem da lei, vendo a indecisão de Manuel Vieira, dirigio-lhe um officio em que o prevenia de que passava a convocar a camara para este fim; e Pedro Jose Pacheco regulou e encaminhou a opinião do povo, enchendo-o de esperanças e contendo o seu entusiasmo.
- (27) Projectando-se fazer um auto de simples petição ao senhor Dom Miguel, para que este fosse servido tomar o titulo de rei, o procedimento que houve da parte do povo, e que eu referi no texto, fez que o dicto auto se convertesse no de solemne e decidida acclamação, como consta da declaração que no mesmo auto se fez a instancias de Roberto de Luiz de Mesquita Pimentel.

A saudade na poesia popular açoriana

Pelo Dr. LUIS DA SILVA RIBEIRO

Na poesia popular açoriana, tomando esta expressão no sentido de poesia que o povo canta (1), a saudade ocupa lugar primacial. Depois do amor, é o sentimento mais e melhor expresso nas cantigas.

Da saudade diz D. Carolina Michaelis de Vasconcelos (²): — Este representante moderno nascido da fusão de soidade com saudade — salutate, saudar, saude, saudação — ficou apenas com os sentidos derivados a) lembrança dolorosa de um bem que está ausente, ou de que estamos ausentes, e desejo e esperança de tornar a gosar dele; b) expressão deste afecto dirigido a pessoas ausentes. Esse bem desejado, ausente, pode ser tanto a terra em que nascemos, o lar e a familia, os companheiros de infancia, como a bem-amada ou o bem-amado. Com respeito a esse sentido, designa sobretudo o vacuo nostálgico ou o pêso esmagador que nas ausencias dilata ou oprime o coração humano, agravado, quantas vezes, pelo arranhar da

⁽¹⁾ D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. A saudade portuguesa. Porto-8/d (1923), pág. 159.

⁽²⁾ Ibidem, pág. 70.

consciencia (o gato de Heine) pelo remorso que nos acusa de não havermos estimado, aproveitado e efusivamente reconhecido o bem que possuiamos».

Daqui gerou-se um estado de alma fundamentalmente triste, que Garrett assim traduziu :

De suave tristeza me acudiam
A' mória as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideias do presente,
De involta com receios do futuro
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada. (3)

É ainda «uma resignada melancolia coincidindo com uma vaga anciedade, uma tristeza meditativa, uma prostração silenciosa, a descrença no que se possui e a aspiração hesitante de uma futura e mal definida felicidade» (4).

Este triste estado de alma é por vezes consolador, embora magoado. Se faz chorar e suspirar, segundo o rei D. Duarte, sente-se a saudade mais com prazer do que com dor, quando a recordação do passado surge em momento feliz. «E aquesta suydade he sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza... Quando aquella triste lembrança faz sentir grande desejo... com esta suydade vem nojo e tristeza mais que prazer» (⁵).

Por isso, comentando um soneto de Camões, observa o Prof. Vilhena: «Sentimento intimo socegado, refugio do ser em si próprio, satisfação num desolamento que se tem por doloroso» (6).

Não é um sentimento exclusivamente português. E' humano; mas, mercê das circunstâncias, tomou maior vulto entre nós e radicou-se na alma nacional, poetisando-a.

⁽³⁾ Camões, Canto IV.

⁽⁴⁾ Dr. Henrique de Vilhena. Ensaios de critica e história, na Revista de História, 1913, N.º 5, pág. 9.

⁽⁵⁾ Leal conselheiro citado por D. Carolina Michaelis na ob. citada, páq. 145.

⁽⁶⁾ Loc. citado

Como já no século XVII explicava D. Francisco Manuel de Melo (7), «florece entre os portugueses a saudade por duas causas mais certas em nós do que em outra gente do mundo, porque de ambas essas cousas tem seu principio. — Amor e Ausência são os pays da saudade e, como o nosso natural he entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as mayores ausencias, de ahi vem que donde se acha muyto amor e ausencia larga, as saudades sejão mais certas, e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como em seu natural centro». E continua: «He a saudade uma mimosa paixão da alma, por isso tão sutil que equivocamente se experimenta deixando-nos indistinta a dor da satisfação. He hum mal de que se gosta e hum bem que se padece... «se sem melhoria se acaba a saudade, he certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro» .. «he hum suave fumo do fôgo do amor e que do próprio modo que a lenha odorifera lança hum vapor leve, alvo e cheiroso, assi a saudade, modesta e regulada, dá indícios de hum amor fino, certo e puro». «Não necessita de larga ausencia, qualquer desvio lhe basta para que se conheça. Assi prova ser parte do natural apetite da união de todas as cousas amaveis e semelhantes; ou ser aquella falta que da divisão dessas tais cousas procede... Sendo esta tal a mais subida das saudades humanas, como se dissessemos hum desejo novo, hũa reminiscencia forçosa com que apetecemos espiritualmente o que não havemos visto jamais nem ainda ouvido».

«A maior percentagem de mulheres, explica outro autor, numa população desvirilisada pela busca do Eldorado, de mulheres separadas dos noivos reais ou possiveis, teria criado o ambiente específico da eclosão duma poesia platónica, e de um gosto predominantemente de tristeza e insatisfação amarga. Estariamos, desta sorte, em face do drama de Soror Mariana tornado difuso e endémico; o Portugal de setecentos, restaurado e anti-castelhano, barrôco, é certo, mas feminino, criado à força de saudade e amor, insatisfeito, uma das sínteses mais belas da afectividade nacional, cujas raizes mergulham, aliás, no lirismo medieval» (8).

⁽⁷⁾ Citado por D. Carolina Michaelis, ob. citada, pág. 140.

⁽⁸⁾ Dr. Jaime Cortezão. O que o povo canta em Portugal. Rio de Janeiro (1942), pág. 39.

«Uma vez feita esta separação (saudade e solidão) foram os poetas de Bernardim Ribeiro a Camões, e de Camões a Garrett, a António Nobre, Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, que encheram a saudade de tudo quanto de vago e misterioso, e apaixonado e melancólico se desentranha da alma nacional» (9).

Encarando a saudade por diferente prisma, que talvez pudessemos dizer sociológico, escreveu recentemente o Prof. Dr. Jorge Dias: - «A mentalidade complexa que resulta da combinação de factores diferentes e às vezes opostos, dá lugar a um estado de alma, sui generis que o português denomina saudade. Esta saudade é um estranho sentimento de anciedade que parece resultar da combinação de três tipos mentais distintos: o lírico, sonhador, mais aparentado com o temperamento céltico; o fáustico de tipo germânico; e o fatalismo de tipo oriental. Por isso a saudade é umas vezes um sentimento poético de fundo amoroso ou religioso, que pode tomar a forma panteísta da dissolução na Natureza, ou se comprás na repetição obstinada das mesmas imagens e sentimentos. Outras vezes é a ância permanente da distância de outros mundos, de outras vidas. A saudade é então a força activa, a obstinação que leva à realização das maiores empresas; é a saudade fáustica. Não será a história da expansão portuguesa a continuação das migrações dos povos? Porém, em épocas de abatimento e de desgraça, a saudade toma uma forma especial em que o espírito se alimenta mórbidamente das glórias passadas e cai no fatalismo de tipo oriental, que tem como expressão magnífica o fado, canção citadina cujo nome provém do étimo latino fatu (destino, fadário, fatalidade).

«Este temperamento paradoxal explica os períodos de grande apogeu e de grande decadência da história portuguesa» (10).

Da saudade se amparou a poesia popular. Sentiu-a o povo como a sentiram os poetas cultos e deu-lhes forma nas suas canções, isto tanto o do continente como o dos Açores, este talvez em maior grau, por mais se fazerem sentir nas ilhas as causas da saudade.

Impelido pela decadência da lavoura em Portugal, cujas conse-

⁽⁹⁾ D. Carolina Michaelis, ob. citada, pág. 74.

⁽¹⁰⁾ Os elementos fundamentais da cultura portuguesa, no livro do Colóquio de Washington, pág. 56.

quências se reflectiam no nível de vida dos lavradores e da pequena nobreza rural (11), a gente do continente, ao princípio receosa e em pequeno número, depois em número sempre crescente, afluíu aos Açores para os povoar e melhorar aí as suas condições de existência.

Neles abundavam as terras virgens que se davam de sesmaria forras pelo foral, e o solo mostrava-se fértil, benigno e favorável o clima, compensadora a produção.

O espírito prático do Infante D. Henrique hábil em negócios de seguro êxito financeiro, parecendo tão versado em agricultura como em ciência náutica, no dizer dum seu moderno biógrafo (12), aplicou às ilhas, logo de início, um conjunto de medidas de fomento agrário em tudo semelhante ao usado nas terras da Ordem de Cristo para lhes aumentar o rendimento (13). A criação de gados, a produção do trigo, a cultura e preparação do pastel (14) da qual, com o anil e a tinturaria, o Infante tinha privilégio (15), foram outros tantos objectos de protecção legal a impulsionar o povoamento e o aumento da riqueza (16).

A terra era tão fértil e tão grande e fácil a produção, que Zurara não duvida afirmar que no continente só se conheceu «que cousa era avondança de pam, senon depois que o nosso principe povohou as ilhas desertas».

Mas se a terra era feracíssima, exigia de começo ingente trabalho. O solo virgem, endurecido, coberto de matos e árvores, só a poder de esforços se deixava vencer. A falta de alojamentos originando o desconforto da habitação em barracas (cafuas), obrigava a urgente construção de casas. Se o clima era suave, a humidade e a constância da temperatura amorteciam actividades, geravam a indolência e tornavam mais penoso qualquer esforço.

⁽¹¹⁾ Costa Lobo. *História da sociedade em Portugal* no século XV. Lisboa (1900).

⁽¹²⁾ E. Sanceau. D. Henrique o navegador. Porto (1942), pág. 385.

⁽¹³⁾ Zurara. Crónica da Guiné. Lisboa. 1949, II-28.

⁽¹⁴⁾ Dramond. Anais da Ilha Terceira, I, Angra do Heroísmo, 1850, pág. 488.

⁽¹⁵⁾ Costa Brochado. Infante D. Henrique. Lisbon, 1942, pág. 176.

⁽¹⁶⁾ Cândido Lusitano. Vida do Infante D. Henrique. Lisboa. 1758, pág.

A paisagem com vestígios vulcânicos por toda a parte, queimadas, cones de escórias, sulfataras, *mistérios* de lava de recente formação, águas ferventes, ligados à nebulosidade e à monotonia do mar, tomava aspecto triste e melancólico por vezes desolado.

Os sismos frequentes davam aparente instabilidade ao solo e a ameaça dos vendavais punha em permanente risco as culturas.

Tudo isto se reflectiu na alma das gentes, tornando-as melancólicas e tristes.

Leite de Vasconcelos que, a propósito dos continentais escrevera: — «Como o povo é triste! Quando ele vibra a lira da dor é que o seu estro se acha mais à vontade. As poesias mais sentidas deste volume são exactamente as que servem de expressão á tristeza» (17) — notou nos açorianos: — «Do que vi por toda a parte e de certos factos que se me depararam no estudo da toponímia, afigura-se-me que a gente dos Açores é um tanto triste. Esta tristeza tem seu fundamento ingénito em igual qualidade dos continentais, e talvez para ela contribua igualmente aquela incerteza do céu, frequentemente enevoado, aquele constante e monótono bater das águas do mar na orla das ilhas» (18).

Esta impressão é idêntica à de outros viajantes.

Hipólito Raposo, logo ao primeiro contacto, achou o açoriano melancólico (19).

Marques Guedes, a propósito de São Miguel, escreveu: — «A humidade, o céu nublado, os mistérios, que amiúde fazem tremer a terra, ou evolam vapores e fumos do seu seio, fazem o micaelense melancólico» (20); e os irmãos Bullar, tão clarividentes e justos nas suas apreciações, impressionaram-se com a grande sensibilidade das gentes, que fazia saltar lágrimas dos olhos de homens robustos e de meia idade tão prontamente como dos de crianças (21).

A confirmar a acção entristecedora do meio físico está a impressão que ele causou no Pico a Raul Brandão: — • A esta paisagem,

⁽¹⁷⁾ Poesia amorosa do povo português, Lisboa. 1890, pág. 12.

⁽¹⁸⁾ Mês de sonho. Lisboa. 1926, pág. 31.

⁽¹⁹⁾ Descobrindo ilhas descobertas. Lisbon. (1900), pág. 20.

⁽²⁰⁾ A ilha de São Miguel. Lisboa. 1936, pág. 27.

⁽²¹⁾ Um inverno nos Açores. Ponta Delgada. 1949, pág. 337.

mesmo quando pretende ser risonha, preside sempre a ideia da destruição e da morte. Há aqui uma angústia que só se tem em Nápoles num quadro mais voluptuoso com o Vesúvio a fumar ao fundo. Estes montes oprimem-me. Esmaga-me esta solidão» (22).

Neste ambiente tão propício à melancolia, a diferença de vida entre o novo meio e o anterior, mais pobre, mas infinitamente mais tranquilo e menos trabalhoso, fez nascer a saudade da terra de origem, e, assim, o sentimento logo se radicou no fundo da alma dos antigos colonos.

Acompanhou ou nasceu na alma dos primeiros povoadores, como observa Gervásio Lima (23).

Na poesia popular do arquipélago a saudade toma todas as formas e apresenta todos os cambiantes de que é susceptível.

Ocasiona-a a ausência ligada, em regra, ao amor.

Ausência tem uma filha Que se chama saudade, Eu sustento mãe e filha Bem contra minha vontade.

Terceira

Quem disser que uma saudade Nos não chega ao coração, Tome amores e viva ausente E verá se chega ou não.

São Miguel

Eu respeito a saudade Pelo nome que ela tem, E' a minha companheira Na ausência do meu bem.

São Miguel

⁽²²⁾ Ilhas Desconhecidas.

⁽²³⁾ As festas de Espirito Santo. Angra do Heroísmo. (1935), pág. 106.

Vem cá roxa saudade, Vem cá minha triste flor, Tu és a minha companheira Na ausência do meu amor.

São Miguel

O nosso amor para mim E' tão doce como amargo, Juntos goso sem fim, Amargoso se te largo.

Graciosa

Se a minha vida é feia Da minha sorte me queixo. Contigo alegria cheia, Tristeza assim que te deixo.

Graciosa

Mas a saudade antecipa-se-lhe e é causada então pela simples ideia da ausência.

Dizem que a saudade espera Ausência para chegar, Eu tenhe saudades tuas Inda antes de te deixar.

São Miguel (24)

⁽²⁴⁾ Todas estas quadras, excepto pequeno número delas directamente por mim colhidas da boca do povo da ilha Terceira, acham-se publicadas nos seguintes lugares: Dr. Leite de Vasconcelos, Mês de Sonho, Lisboa, 1926; Manuel Dionisio, Costumes Açorianos. Horta, 1937; Armando Côrtes Rodrigues, A saudade no cancioneiro popular açoriano na revista Os Açores, 2.ª série, N.º 6, Ponta Delgada; e Poesia popular açoriana na Açoriana, I-248; Urbano de Mendonça Dias, A Vila, vol. V. Vila Franca do Campo, ¾d; D. Lígia Maria da Câmara Almeida Matos, Ilha de São Miguel, Ponta Delgada, ¾d; Gervásio Lima, ob. citada; P.º Manuel de Azevedo da Cunha, Notas Históricas. Calheta. S. Jorge. 1924. Teófilo Braga, Cantos populares do archipelago açoriano. Porto, 1869; P.º Ernesto Ferreira, A alma do povo micaelense. Pon-

Antes que o lume se apague Na cinza fica o calor; Antes que o amor se ausente No coração fica a dor.

E' a saudade elemento indispensável do amor.

O' tirana saudade Onde tu foste nascer; Onde não há saudades, Não pode haver bem querer.

Faial

Saudades quem pudesse Impedi-las de nascer, Onde não há saudade Não pode haver bem querer.

Graciosa

Tenho dentro do meu peito Duas rodas a moer. Uma moi por saudades E outra por bem-querer.

Graciosa

Assim, apanágio do amor, as saudades não se odeiam e até se desejam:

Hei-de amar a saudade A-pesar-de roxa e triste, Porque dentro do meu peito Uma saudade existe.

Graciosa

ta Delgada. 1927; P.º Inocêncio Enes. Iradições populares, no Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, V-177; Manuel Machado Avila, Subsidios para o cancioneiro popular açoriano. Boletim citado, VI-158.

Como, porém, faz sofrer, todo o cuidado é pouco em não a exacerbar.

Minha triste saudade Vamos nós mais de vagar, O amor é crianciaha, No correr pode cançar.

São Miguel

O sofrimento é terrivel.

Não há seta mais aguda Nem penas mais penetrantes, Como são as saudades Entre dois finos amantes.

São Jorge

Longa, contínua saudade Ora dôce, ora cruel, Oprime com mão de fôgo O meu coração fiel.

Terceira

O coração estala a suspirar

Um suspiro de repente Estalou meu coração, Nascido duma saudade Da nossa separação.

Terceira

e os olhos choram copiosamente

Mandei fazer altas torres No retiro onde moro, Quando tenho saudades Subo a elas e choro.

São Jorge

Eu fui chorar saudades Perto duma fonte fria, Era mais o que chorava Do que a água que corria.

São Miguel

As saudades ocultas São custosas de aturar, Se dão num peito mimoso O seu alívio é chorar.

São Jorge

Em quanto dura a ausência a saudade não tem remédio, nem sequer lenitivo.

Não existe p'ra saudade No mundo consolação, Nem nas festas, nem nos balhos, Nem mesmo na solidão.

São Miguel

E' certo que o tempo gasta Ferro e bronze também, Só eu desgastar não posso Saudades do meu bem.

São Jorge

Todos os males se curam Com remédios da botica, Só as saudades não, Quem as tem com elas fica.

São Jorge

Todo o mal acaba, esquece, Amor, glória, mocidade, Os anos devoram tudo, Só tu não morres, saudade. São Miguel Sapatos aos sapateiros, Sapatos de cordovão, Uma facada tem cura, Só a saudade não.

São Miguel

Saudade, terna saudade, Emblema do meu viver, Companheira da minh'alma, Só morres quando eu morrer. São Miguel

A peor saudade é a encoberta

Uma saudade encoberta E' um vale de amargura, Cantando choro o meu mal Como quem não tem ventura.

Graciosa

Para se ver livre de saudades o poeta pensa em deitá-las ao mar

Mandei fazer um navio Com vinte e quatro janelas, Para embarcar saudades Por já não poder com elas.

Graciosa

Tenho tantas saudades Que me não querem deixar, Vou mete-las num barquinho E mandá-las navegar.

Terceira

Dizer adeus é despertar saudades

Não sei se te diga adeus, Se diga: fica-te, embora; Um adeus é saudoso, Quem diz adeus sempre chora. São Jorge

O amor é um sentimento transformador e, ao mesmo tempo, contemplativo. Quem ama procura identificar-se o mais possível com o objecto amado e precisa, para estar satisfeito, tê-lo sempre diante dos olhos.

O meu amor quere que eu lhe dê O que lhe não posso dar ; Quere que lhe dê os meus olhos. Quem não vê não pode amar. Terceira

Quando eu te tenho à vista, Prenda amada e tão querida, São as horas mais alegres Que eu tenho na minha vida. Graciosa

"Os arrufos vão-se prolongando, diz o Dr. Leite de Vasconcelos, o coração já não pode com a saudade, estala de mágoa, e eis que se desata em lamentos intensíssimos, que mais parece feito de lágrimas que de fibras musculares» (48).

Daí o desgosto, o mal estar provocado pela ausência, cujo remédio apenas está no aparecimento do bem-amado.

Tristes ais correi depressa, Ide dizer ao meu bem, Que morro de saudades Se ele acudir-me não vem.

São Jorge

O' José da crueldade Vem ver a tua querida, Revolvida de saudades, O' José, que está perdida.

São Jorge

Eu puz-me a contar as horas E o dia sempre a crescer, A ver se chegava a noite, Meu amor, para te ver.

Graciosa

O' tirana saudade Chega a mim, tira-me a vida, Que viver numa incerteza Faz que a morte seja querida.

Terceira

O' tirana saudade Diz-me qual é mais sentir, Se é amar e viver ausente, Ou saber e não possuir.

Terceira

Sendo assim tão grande mal, deve haver cuidado em evitá-lo, ou pelo menos em atenuá-lo.

Vou-te pedir um favor, Se for da tua vontade, Dá-me todos os martírios, Mas não me dês a saudade.

Terceira

e é uma praga que se roga... embora por bem

Saudades te persigam Que te não possas valer, Para que saibas, amor, Quanto custa o bem-querer.

São Jorge

Mas se a ausência e a saudade afectam quem ama, não matam o amor, antes, se ele é verdadeiro e firme, o aumentam.

Como o vento é para o fôgo E' a ausência p'ró amor, Se é pequeno apaga-o logo, Se é grande torna-o maior.

São Miguel

O golpe duma saudade Para nós foi tão tirano, Que a ausência de cada dia Só nos pareceu um ano.

Terceira

Como a ausência, e com ela a saudade, faz chorar, diz o povo:

Tenho dentro do meu peito Um jardim de rosas verdes, Regado com as saudades Que de ti tenho às vezes.

Terceira

Sem cura e a fazer sofrer tanto, o poeta pede à saudade que cesse, pois, a continuar, matá-lo-á e não quere morrer ainda.

O' tirana saudade Não me faças mais sofrer, Que a sofrer se acabam vidas E eu não queria morrer.

São Miguel

Mas quando o amor se acaba e um dos amantes foge, ou se julga fugir, do outro arrependido, o poeta pede á saudade que o mate:

O' tirana saudade Vem a mim, tira-me a vida, A prenda que eu mais amava Já de mim 'stá arrependida.

São Jorge

O' tirana saudade Vem a mim, tira-me a vida, Que a prenda a quem amava Está de todo perdida.

Terceira

Já cantei uma cantiga, Já com esta foram duas, Nada me há-de matar Se não as saudades tuas.

Graciosa

O povo chama saudade à flor da escabiosa, que vai do roxo denegrido quase a côr de rosa, a que chama suspiro.

Daqui uma série de trocadilhos, tão queridos ¶a musa popular, entre os sentimentos e as flores, alguns dos quais já foram apresentados em quadras transcritas acima.

Não planteis a saudade, Que a saudade é má flor, Uma viva saudade Me matou o meu amor.

São Miguel

Quatro flores no meu peito Fizeram sociedade, Junquilho e amor-perfeito, Rosa branca e saudade.

São Miguel

De martírios e saudades
Eu colhi um dôce ramo,
De martírios porque sofro,
De saudades porque amo.
São Miguel

Dizem ser a rosa bela, A violeta formosa, Mas, para mim, a saudade E' a flor mais mimosa.

São Miguel

Com uma roxa saudade Se vestiu meu coração, De roda lhe mandei pôr Suspiros de guarnição.

São Miguel

O' tirana saudade Onde tu foste nascer! No peito do meu amor Que o deixaste morrer!

São Miguel

Eu plantei uma saudade P'ra de ti não me esquecer, Regada com as lágrimas Que choro de te não ver.

Graciosa

O povo conhece o simbolismo das cores e, influenciado pela flor da escabiosa, dá à saudade a côr roxa, e diz a ausência amarela, isto é, as cores da tristeza e do desespêro (25).

⁽²⁵⁾ Laís Chaves. *O povo e a simbólica*, no Congresso do Mando Portaguês, XVIII-20.

As saudades são roxas, As ausências amarelas, Ai de mim, que sou criança, Sou tão perseguida delas.

São Jorge

As saudades são roxas, De roxas são denegridas, Quem as passa é que sabe Como elas são sentidas.

Terceira

e ainda esta expressiva quadra, jóia do mais alto preço na poesia popular do arquipélago:

> Uma saudade é um luto, Uma dor, uma aflição, E' um cortinado roxo, Que eu trago no coração.

> > Terceira-São Miguel

A saudade cerca o coração como um mar fechado

Este meu coraçãozinho, Tão pequenino que é, E' um mar de saudades Onde não entra a maré.

São Jorge

Como consequência deste estado de alma o povo nas suas cartas, em especial nas dirigidas, ou recebidas de ausentes na América, infalivelmente emprega bastas vezes a palavra saudade, embora nunca a confunda com saude, — «Com as mais vivas saudades lancei a mão à pena»... «Saudosa mãe, sogra e mano»... «Saudosa tia Joaquina. Estimo que ao receber estas duas linhas, estejam gosando boa saúde»... «Saude e felicidades é o que do coração lhes desejo»... «E aceita as minhas saudades e do meu marido e filhos, que para contigo e teu marido não têm fim.» «... Aceite o meu padrinho um coração

cheio de saudades destes seus sobrinhos para consigo e sua mulher, só com a própria vista terão fim.» «Aceita lembranças de Maria e as minhas saudades e do meu marido para contigo»... «Agora saudades minhas e de minha família» (26).

A-pesar-do predomínio da saudade na poesia popular dos Açores e da importância que, no geral, o povo lhe liga, a forma de a exprimir em verso é sensivelmente igual ao continente. São semelhantes as cantigas, iguais as imagens e as comparações. Facto idêntico se verifica em toda a poesia popular do arquipélago.

Nela não há formas próprias, originais, de exteriorizar sentimentos e ideias, e até, às vezes, se mantém em cantigas, visivelmente importadas do continente, referências a factos, objectos e seres desconhecidos nas ilhas como neve, rios, peonias, trutas, rouxinois, etc., palavras estas repetidas pelos cantadores populares, um tanto inconscientemente, sem lhes ligarem maior importância, e menos ainda significação precisa.

O facto, um tanto ou quanto desconcertante, talvez possa atribuir-se à quase ausência de aculteração.

Os primeiros portugueses, que em meados do século XV se fixaram nas ilhas, encontraram-nas desertas. Portadores da cultura portuguesa, tanto material como espiritual, dessa época, pouco tiveram de modificá-la, pois bem se adaptava ao novo meio sem necessidade de profundas transformações e, não encontrando na terra outra cultura autóctona, conservaram-na pura sem incorporar elementos estranhos.

Dos muitos e diferentes povos com os quais em breve entraram em contacto, mormente as ilhas maiores e mais importantes nos séculos XVI e seguinte, pouco ou nada receberam de tradicional, pois disso se não encontram vestígios.

Para satisfazer as suas necessidades estéticas e vasar em formas poéticas os seus sentimentos mais fortes, bastava o pecúlio trazido do continente, sem precisarem recorrer ao meio novo em busca de imagens e comparações, ou inventar formas originais; e assim, obedecendo ao natural espírito de rotina, imitaram ou reproduziram as formas continentais, modificando-as, só muito excepcionalmente, por acção do meio.

⁽¹⁶⁾ Cartas da América. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira.

A' saudade, por exemplo, adaptaram uma cantiga continental da Beira

Tenho dentro do meu peito Dois moinhos a moer, Um anda, outro desanda, E' assim o bem querer.

que na Graciosa se transformou em

Tenho dentro do meu peito Duas rodas a moer, Uma moi por saudades E outra por bem querer.

Para guardar as saudades são próprias as gavetas, e para as deixar o melhor é pô-las a navegar.

Meu coração é fechado Com duzentas gavetinhas Abre-se com saudades Fecha-se com palavrinhas.

Vinhais

Eu hei-de mandar fazer Um barquinho à ligeira. Para mandar as saudades De Pradela p'ra abelheira.

Santo Tirso

Choram-se ao pé das fontes e de plantas.

Pús-me a chorar saudades Ao pé duma fonte fria, Mais choravam os meus olhos Que água da fonte corria.

Alentejo

Pús-me a chorar saudades Ao pé do verde sargaço, A flor me respondeu Não chores por quem te é falso. Vila Real

Pús-me a chorar saudades A' sombra da verde cana, Uma flor me respondeu Muito padece quem ama.

São idênticos os trocadilhos entre flores e sentimentos, o recurso ao simbolismo das cores, e até há muitas quadras comuns ao continente e às ilhas.

Quatro flores em meu peito Fizeram sociedade, Cravo branco, lírio roxo, Martírios e saudade.

Celorico da Beira

O roxo é sentimento, Eu só sinto não te ver, Sinto mais a tua ausência Que a hora em que hei-de morrer. Poesia amorosa

Não há flor como o suspiro Nem cheiro mais excelente, Não há pena que mais mate Que tê-lo o amor ausente. Figueira da Foz

Este meu coraçãozinho
Tão pequenino que é,
E' um mar de saudades
Onde não entra maré.
O que o povo canta

Saudades te persigam Que te não possas valer, P'ra que saibas tu, amor, Quanto custa o bem querer.

Vinhais

Pelo menos nalgumas das ilhas (Terceira, São Miguel, São Jorge) o povo reforça o sentimento poético com a música, e, embora de manifesta origem erudita, mas popularizada, canta uma canção com esse nome.

NECROLOGIA

Dr. Manuel Cardoso do Couto

Em Lisboa, onde fôra precurar alívio à doença que há muito o minava, faleccu repentinamente, no dia 4 de Junho, o Dr. Manuel Cardoso do Couto, sócio efectivo do Instituto.

Professor do Seminário Diocesano, Director do jornal «A União», orador sagrado de rara eloquência possuidor duma linguagem elevada e correctíssima, com sólida cultura filosófica e humanista, tanto no púlpito como nas suas aulas e nas colunas de «A União», marcou, sem esforço e apenas pelo seu muito e real mérito, lugar de evidência dificilmente substituível.

A quem mais de perto lidou com ele e teve ocasião de apreciar as suas superiores qualidades intelectuais, dava a impressão de não terem produzido tudo quanto era lícito esperar delas, por qualquer motivo oculto, talvez por nem sempre terem sido devidamente aproveitadas. Não teria ocupado todas as situações em que pudessem cabalmente revelar-se com evidente prejuizo de todos nós.

Mas não é aqui lugar próprio nem esta ocasião oportuna para analizar o assunto, e apenas se consigna uma mera impressão possivelmente subjectiva em excesso.

O certo é que a sua cultura e o seu talento impuseram-se natu-

ralmente, cremos até contra sua vontade, pois não havia ninguém de mais afável e modesto trato.

Embora pelo Instituto tivesse a maior dedicação e simpatia, a multiplicidade e dispersão dos seus trabalhos nunca permitiram consagrar-lhe aquela actividade que costumava dispensar a tudo em que se metia; mas nem por isso sentimos menos a falta da sua convivência, por tantos modos útil e sempre desejada, e lamentamos sinceramente a sua morte.

L, R,

Dr. Julião Soares de Azevedo

A morte de alguém é sempre uma cousa triste e dolorosa, tanto para o que morre como para os que ficam. Até os próprios santos, cuja vida, afinal, é apenas a preparação da morte, raro conseguem escapar à regra. Se o morto, porém, é ainda um novo cheio de talento e invulgares faculdades de trabalho, mais uma promessa do que uma realidade por não ter chegado a dar a justa medida do seu valor, o facto assume proporções verdadeiramente trágicas.

Com pouco mais de 30 anos de idade, licenceado em letras e professor dos liceus, faleceu em Lisboa o nosso distinto patrício Julião Soares de Azevedo quando preparava a sua tese de doutoramento.

Leitor de português em França, dedicou-se a investigar as relações comerciais entre ela e o nosso país, e assim se lhe depararam, no século XVII, as frequentes viagens entre a ilha Terceira e La-Rochelle pouco e mal conhecidas entre nós. A estas consagrou um breve mas importante estudo publicado neste «Boletim», prometendo desenvolvê-lo logo que as circunstâncias lh'o permitissem.

Infelizmente a morte não lhe deixou cumprir a promessa, o que aumenta a nossa profunda tristeza.

Sunt lacrymae rerum!

Tenente-coronel Alberto Artur Sarmento

No dia 23 de Março faleceu no Funchal o distinto investigador da história madeirense sr. Tenente-coronel Alberto Artur Sarmento, jornalista e escritor de mérito, cultor apaixonado das ciências naturais mas particularmente inclinado à investigação histórica, autor duma obra verdadeiramente notável, que lhe deu lugar de relêvo na brilhante pleiade de cientistas e literatos da ilha da Madeira a que pertenceram o Major Reis Gomes e o P.e Fernando da Silva, recentemente desaparecidos, a cuja morte se fez oportunamente referência neste «Boletim».

L, R

BIBLIOGRAFIA

Osório Goulart. Problema gráfico de antroponímia. Ponta Delgada, 1948. Separata dos N.ºs 3 e 4 do vol. III da revista «Insulana».

Neste opúsculo o conhecido e festejado poeta e escritor Osório Goulart trata da verdadeira grafía do apelido Goulart, que aparece escrito por diferentes formas, Goulart, Gulart, Goularte, etc.

O erudito investigador Ferreira de Serpa dava ao nome origem flamenga. Provinha de Govarte Luis, estabelecido no Faial nos primeiros tempos do povoamento, de quem fala Gaspar Frutuoso nas Saudades da Terra.

À indecisão com que se escreviam os nomes estrangeiros, umas vezes de uma maneira, outras de maneira diferente, deu lugar à multiplicidade de grafias — Govarte, Guvarte, Guarte, até alguém o afrancesar em Gulart ou Goulart, o que levou, na *Antroponímia* (pág. 292), o sempre tão cauteloso e documentado Leite de Vasconcelos a atribuir-lhe origem francesa, proveniente talvez da palavra da língua comum *gueulard* (alcunha) e assim a escrever Goulart ou Goulard.

O assunto foi igualmente tratado neste «Boletim» pelo sr. Marcelino Lima na sua monografia histórico-genealógica — Goularts — publicada no volume décimo.

O estudo do sr. Osório Goulart, agora referido, é mais uma va-

liosa contribuição para resolver o curioso problema linguístico, pois nos parece haver demonstrado, como pretendia, a legitimidade das duas grafias em uso, Gulart e Goulart, esta geralmente adoptada.

L. R.

Manuel Cardoso. *Tilhes in colonial Minas Gerais*. Separata do vol. XXXVIII, N.º 1, Julho de 1952, de «The Catholic Historical Review».

O autor, professor associado de história ibero-americana na Universidade Católica da América (Washington), publicou este breve mas ótimo artigo na citada revista, que, embora respeite a Minas Gerais no Brasil colonial, é assaz importante para nós açorianos.

O sr. Dr. Manuel Cardoso começa por encarar o dizimo da igreja na sua generalidade, e essa parte muito nos interessa, pois aquela contribuição cobrou-se nas ilhas por modo semelhante. Ainda hoje se diz na Terceira dizima a Deus uma terra livre e alodial.

L. R.

Walter F. Piazza. Açoreanos em Santa Catarina. Florianópolis, 1953. Separata do «Anuário Catarinense», 1953, N.º 6.

E' esta mais uma valiosa achêga para a história da acção colonizadora dos portugueses dos Açores no florescente Estado brasileiro de Santa Catarina.

Trabalho de carácter genealógico nele o autor recenseia todos os primeiros moradores da freguesia de N. S. do Rosário da Enseada de Brito, em 1751, de provada ou provável origem açoriana, em número de 98 casais, segundo o primeiro livro de termos de casamento de paróquia.

Não podemos resistir à tentação de transcrever do estudo do sr. Walter Piazza as seguintes palavras bem expressivas do lisongeiro conceito que os brasileiros de hoje formam dos povoadores ilhéus.

— «E foram estes casais do Faial, do Pico, de São Jorge, da Terceira, da Graciosa e de São Miguel os troncos das famílias localizadas na aprazível póvoa de N. S. do Rosário da Enseada de Brito.

Gente das ilhas, que trouxe para o Brasil, e em especial para Santa Catarina e para o Rio Grande do Sul, os braços fortes do seu engrandecimento. Desses troncos saíram os rebentos ópimos que brilharam nos campos vários da vida brasileira».

L. R.

Manuel de Paiva Boleo. Para um maior rendimento do trabatho intelectual. Coimbra, 1952.

Neste pequeno mas substancioso livro, o sr. Dr. Manuel de Paiva Boleo, competente professor de filologia na Faculdade de Letras de Coimbra, procura mais uma vez fornecer aos seus antigos alunos directrizes e normas que os habilitem, deixados os bancos universitários, a continuar com proveito as suas investigações e a resolver quaisquer dúvidas de carácter científico que por ventura lhes surjam. Tem sido esta louvável preocupação do ilustre professor, revelada noutros dos seus trabalhos.

Embora especialmente dirigido aos filólogos, nele encontrarão úteis ensinamentos quantos se dedicam a estudos de qualquer ordem, pois o seu alcance é muito maior do que à primeira vista parece, por isso, agradecendo o exemplar enviado ao Instituto, não vacilamos em recomendar a obra a todos os estudiosos açorianos.

L. R.

João H. Anglin. A corveta Helgoland. Ponta Delgada, 1953 Separata do volume VIII da revista «Insulana».

De 30 de Novembro de 1874 a 14 de Março de 1875, esteve no porto de Ponta Delgada, a reparar uma avaria no leme, a corveta austríaca «Helgoland», que saíra do porto de Pola com destino a circunavegar a Africa.

Da viagem publicou em 1877 um relato o tenente de bordo do navio, Leopoldo von Jéedina — Um Afrika —, que, traduzido para francês, saíu em Paris em 1878 com o título — Voyage de la Frégale autrichienne Helgoland. Da tradução existe um exemplar na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, e dele publicou o Prof. sr. Dr.

João Anglin a presente tradução da parte referente à estada na cidade açoriana, onde se descreve a vida da sociedade micaelense na segunda metade do século XIX em termos bem elogiosos.

O depoimento do tenente von Jéedina, pessoa ilustrada e conhecedora de outros meios supercivilizados, em condições, portanto, de fazer confrontos e de nos ver inteligentemente, é o mais possível elogioso para nós e merece a nossa gratidão.

Poliglota e elegante escritor vernáculo, o sr. Dr. João Anglin tomou à sua conta a empreza de nos revelar alguns dos escritores estrangeiros que se ocuparam de nós, e, por isso, nunca serão excessivos os louvores que lhe tributemos. O trabalho em referência é mais uma da série das suas traduções, de que muito já tem beneficiado este «Boletim», todas do maior interesse para o estudo da vida no arquipélago.

L. R.

Carlos M. Santos. O traje regional da Madeira. Estudo. Funchal, 1952.

Neste trabalho, copiosamente ilustrado, o autor descreve o traje popular, tanto feminino como masculino, característico da ilha da Madeira, e analiza e discute os múltiplos problemas a que dá lugar.

Para melhor basear o seu estudo, descreve o traje nas diversas freguesias da ilha, salientando as variantes, estabelecendo por vezes o confronto com os aspectos da paisagem, e mostrando a sua difusão e evolução.

E' trabalho conscencioso, elaborado com método e cuidado, assente em resultados da investigação directa, completada pelo que sobre o assunto se tinha escrito antes e o sr. Carlos Santos mostra bem conhecer.

Ao abordar o misterioso problema das origens fá-lo sem espírito preconcebido, analizando e comentando com lógica as opiniões dos que veem nele influências tanto mouriscas como minhotas e salientando a importância do papel que, em seu juizo, teve a moda.

Por último ocupa-se de cada peça de vestuário em separado sempre com igual abundância de valiosas informações.

O traje madeirense tão característico e, designadamente o femi-

nino, de incontestável beleza, não se usa nem há notícia de se ter usado nos Açores. Nem sequer se divisa qualquer influência dele na indumentária tradicional. Não obstante isso, o minucioso e documentado trabalho do sr. Carlos Santos não pode deixar de merecer-nos particular atenção, já pelas íntimas relações de sempre entre os dois arquipélagos, já pelo que revela.

Há até um ponto de grande importância; o referente à carapuça. Embora nenhuma semelhança se encontre entre a carapuça jorgense e micaelense e a madeirense, e só ténues afinidades se possam vislumbrar com a carapuça de orelhas do Tôpo e da ilha Terceira, quem quizer estudar esta forma açoriana de cobertura da cabeça, achará útil informação no livro do sr. Carlos Santos.

L, R.

Almanach Açores. Ano 39.º. 1954. Livraria Editora Andrade. Angra do Heroísmo.

Coordenado pelo conceituado livreiro Manuel Joaquim de Andrade apareceu mais um volume deste almanaque.

Além de útil informação actual, contém, a título de vulgarização, notícias históricas e de costumes locais.

L, R.

Alas do Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros. Washington, 1952.

De 15 a 20 de Outubro de 1950, sob o patrocínio da Biblioteca do Congresso e da Universidade Vanderbilt, reuniu-se em Washington o «Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros», acontecimento científico do maior relêvo e para nós de alta importância nacional, em que tomaram parte eminentes cientistas de Portugal, Brasil e Estados Unidos da América, de que foi presidente o notável professor da famosa Universidade Harvard Dr. Francis Millet Rodgers, tão ligado pelo sangue e pelos afectos às nossas ilhas, e secretário adjunto o ilustre professor da Universidade Católica de Washington Dr. Manuel Cardoso, honra da ilha do Pico, onde nasceu.

Os trabalhos apresentados acham-se publicados no luxuoso volume acima indicado e todos se nos impõem pela sua elevação e rigor científico, não sendo fácil salientar quaisquer deles; mas, talvez por mais nos terem impressionado quando os lemos, seja-nos permitido recordar, além do magnífico discurso do presidente do «Colóquio» na sessão inaugural, cheio de excelentes ideias e sugestões, os dois trabalhos sobre cultura portuguesa dos professores Drs. Mendes Correía e Jorge Dias.

De maior interesse para os Açores são os estudos do Prof. Emilio Willems Portuguese culture in Brasil, de D. Ana H. Gayton Luso-Californian cultur and its research needs e a comunicação do Dr. Luís Bernardo Leite de Ataíde sobre o estilo arquitectónico na ilha de S. Miguel.

Convidado o nosso Instituto para tomar parte no «Colóquio» não poude enviar qualquer comunicação por motivos de várias ordens, mas fez-se nele representar pelo seu sócio honorário sr. Prof. Dr. António de Medeiros Gouveia.

L. R.

Teotónio Machado Pires. Temas regionais (Interpretações geoeconómicas e sociais). Angra do Heroísmo. 1953.

Neste opúscuto de 18 páginas, o sócio do Instituto sr. Dr. Teotónio Machado Pires, Chefe da Secretaria da Junta Geral, reproduz uma conferência proferida no Grémio do Comércio, por ocasião das comemorações centenárias da fundação da antiga Associação Comercial, que o Grémio continua.

Especialmente versado em questões geoeconómicas, o autor ocupa-se de alguns dos nossos problemas actuais de maior importância e acuidade, em particular o relativo ao aproveitamento dos incultos, questão que há dois séculos se agita em vão e que ultimamente parecia estar a caminho de solução, e fá-lo ligando o presente ao passado por modo a dar ao seu estudo um carácter e interesse históricos bem dignos da nossa atenção.

Espírito invulgarmente perspicaz e culto, o sr. Dr. Machado Pires tem ideias assentes sobre os assuntos de que se ocupa, baseadas, contudo, tanto na observação do presente como no conhecimento da história, e assim as suas lógicas conclusões possuem uma solidez e segurança que muito as valorizam.

Publicações recebidas

Por oferta e por troca com o «Boletim» do Instituto, receberam-se e muito se agradecem, as seguintes publicações:

Anuário da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo — 1951.

Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História da Junta de Província do Douro Litoral — Quinta série — I-II — 1952.

Boletím do Arquivo Histórico Militar — Vol. 22.º — 1952.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo VIII — 1952.

Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Acores - N.º 17 - 1953.

Goularts — Monografia Histórico-Genealógica — 1952.

Das Artes e da História da Madeira — Vol. III — 3.º Ano — N.º 13 — 1952.

La Revue Coloniale Belge — N.º 171 — 1952.

Plano Regulador da Cidade do Porto - 1952.

Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LXII — N.ºs 3-4 — 1952.

Volkerkunde — Catálogo 96 — 1952.

Leis, Decretos e Atos -- Perfeituria Municipal de Porto Alegre -- 1952.

Revista de História — S. Paulo — Brasil — Ano III — N.º 12 — 1952. Geographical Review — Vol XLIII — N.º 1 — 1953.

Crónica Geral de Espanha de 1344 (Academia Portuguesa de História) — Vol. I — 1951.

Os mais antigos roteiros da Guiné (Academia Portuguesa de História) — 1952.

Relação da Viagem da Fragata «N. S.a da Estrela» a Bissau em 1753 **-** 1952.

Os Açoreanos — Florianópolis — 1948.

Anais - Academia Portuguesa de História - Vol. XI - 1946.

Adagiário - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Indice Cultural Espanhol — N.º 81 — Ano VIII — N.ºs 84 a 87.

Guia del Indice Cultural Espanhol - Ano de 1952.

Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira — 1952.

Boletim da Junta de Provincia da Estremadura - N.cs XXIV-XXV --1950.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — N.ºs 7 a 12— 1952.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares -- Tomo VIII -- $4^{0} - 1952$.

Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore — Ano IV - N.cs 13-14 - 1953.

Boletim da Comissão Provincial de Etnografía e História da Junta de Província do Douro Litoral — Quinta série — III-IV — 1953.

Anales — Universidad de Santo Domingo — 57-60 — 1951.

Notas bibliográficas — Separata da Revista Portuguesa de Filologia — Vol. III — 1951 — Vol. V — 1952.

Boletim Cultural — Câmara Municipal de Porto — Vol. XV — Fasc. 3-4 - 1952.

Insulana — Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada — Vol. VIII - N. os 1 e 2 - 1952.

Revista de Ensino - N.º 6 - 1952 - Luanda.

Agronomia Lusitana — Vol. 14 — N.os 2, 3 e 4 — 1952.

Boletim de Trabalhos Históricos - Guimarães - Vol. XV - N.os 1-2 - 1953.

Para um maior rendimento do trabalho intelectual — Manuel de Paiva Boleo -1952.

Quarterly Journal — The Library of Congress — Vol. 6 — N.º 3 — 1949.

Leis, Decretos e Atos — 1952 - Prefeituria Municipal de Porto Alegre.

El Museo de Pontevedra - Entrega n.º 25-26 - 1952 - Vol. VII.

Kunst — Katalog 101 — April — 1953.

Revista de Guimarães — Sociedade Martins Sarmento — Vol. LXII — N.º 1-2 — 1952.

Ilha Terceira — 1953.

Açoreana — Vol. V — Fasc. 1.

Arquivo do Distrito de Aveiro — N.ºs 70 e 71 — 1952.

Revista de História — S. Paulo — Brasil — N.º 13 — Ano IV — 1953.

Epopeias Humanas e Epopeias Literárias — 1937.

Gil Vicente — 1937.

Florianópolis.

Suplemento do Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore.

Açoreanos em Santa Catarina — 1953.

Calendário — Universidade de Santo Domingo — 1952-1953.

Trabalhos de Antropologia e Etnografia — Vol. XIII — Fasc. 1-2 — 1951.

Os Matronimicos nos apelidos populares portugueses — Manuel de Paiva Boleo.

Revista Portuguesa de Filologia – Vol. III – 1949-1950 – Vol. IV e V – 1951-52.

Problema Gráfico de Antroponímia — Ponta Delgada — 1948 — Osório Goulart.

Frei Luiz de Granada — 1952 — João Afonso Corte Real.

Agronomia Lusitana — Vol. 14 — N.º 4 — 1952.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — N.ºs 1 a 3 — 1953.

Indice Cultural Espanhol — Ano VIII — N.º 88 — 1953.

A Corveta «Helgoland» - 1953 - João H. Anglin.

Cartas de Viagem — 1953 — Vasco Cesar de Carvalho.

Viagem a Roma — Vasco Cesar de Carvalho.

O Maestro Leopoldo Stokowsky e as Pequenas Cantoras de Portugal — P. Rebelo Bonito.

Canto Coral e Vida Orfeónica — Rebelo Bonito.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo IX— 1953. International Colloquium on Luso-Brasileiro — Studies — 1950.

A propósito do Centenário da Cidade de Guimarães e do Milenário da sua existência histórica — 1953 — Mário Cardoso.

Guimarães — Uma página da História Pátria — Catálogo da Exposição Histórica da Cidade — 1953.

Almanaque Açores - Ano de 1954.

Indice Cultural Espanhol — N.os 89 e 90 — Ano VIII — 1953.

Leis, Decretos e Atos — Perfeituria Municipal de Porto Alegre — 1953.

Enzo Oscar, o falso titular, por Pedro Henrique Carneiro

Anuário Genealógico Latino — Vol. 5 — Ano de 1953.

Revista de História — N.º 14 — 1953 — S. Paulo — Brasil.

Geographical Review - Vol. XLIII -- N.º 3 -- 1953.

Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga - Vol. II - N.º 3 - 1952.

As Pedras de Armas do Porto, por Armando de Mattos — Publicação da Câmara Municipal do Porto.

Boletim da Comissão R. C. A. Açores — N.º 18.

Boletim da Junta de Provincia do Douro Litoral — V — VI — 1953.

Insulana — Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada — Vol. VIII.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa -- 71.ª série -- 1953 -- N.º 4 a 6.

Revista de Ensino - N.º 7 - 1953.

Anuário do Museu Imperial — Petropolis — 1950.

Revista de Guimarães — N.º 12 — Vol. LXIII — 1953.

Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares — Tomo IX — 1953.

Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto — Vol. XVI — Fasc. 1-2 — 1953.

Das Artes e da História da Madeira — N.º 15 — Ano 1953.

Arquivo do Distrito de Aveiro - N.º 72 - 1952.

Indice Cultural Espanhol — Ano VIII — N.os 91 e 92.

Leis, Decretos e Atos — Perfeituria Municipal de Porto Alegre — 1953.

Geographical Review - Vol. XLIII - N.o 4 -- 1953.

Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grando do Sul — Porto Alegre — Ano II — N.o 3.

VIDA DO INSTITUTO

PRIMEIRA REUNIÃO ORDINARIA DO ANO DE 1953

No dia dois de Janeiro de 1953 realizou-se, de harmonia com o Estatuto, a primeira reunião ordinária do Instituto Histórico da Ilha Terceira, na Sala das Sessões da Junta Geral do Distrito. Não se achando presentes sócios em número suficiente para a reunião convocada para as 20 horas, iniciaram-se os trabalhos uma hora depois, conforme a convocatória, com a presença dos seguintes sócios: Dr. Luiz da Silva Ribeiro (Presidente), Dr. Elmiro Borges da Costa Mendes, Tenente-Coronel Frederico Lopes, Raimundo Belo, Dr. Teotónio Machado Pires e Tenente-Coronel José Agostinho (secretário).

Lida e aprovada a acta da reunião anterior, foram tratados os seguintes assuntos:

1. Pelo Senhor Presidente foi comunicado ter enviado um telegrama de saudação ao sócio, Senhor Dr. Manuel de Sousa Menezes, nomeado Governador do Distrito Autónomo. Este acto foi unanimemente aprovado pelos presentes. O Senhor Presidente pôs em relevo o interesse que o Instituto tem merecido ao Senhor Dr. Menezes, quer colaborando nas actividades desta agremiação, quer concedendo-lhe todas as facilidades na sua qualidade de Presidente da Junta Geral do Distrito, cargo que tem desempenhado até agora. O Instituto tem portanto

justificado motivo para esperar que a ascensão do Senhor Dr. Menezes ao mais alto cargo do Distrito, traga ao Instituto ainda maiores benefícios.

- 2. Pelo Senhor Presidente foi proposto e aprovado por unanimidade, que se exarasse na acta um voto de agradecimento ao sócio Senhor Dr. Cândido Pamplona Forjaz que cessa as suas funções de Governador do Distrito, pelo constante interesse que lhe mereceu esta instituição, muito especialmente quando foi da comemoração do centenário do Povoamento desta Ilha e ainda em muitas outras ocasiões.
- 3. Foi presente um ofício do Senhor Dr. Humberto de Bettencourt Medeiros e Câmara, com os seus cumprimentos de despedida por motivo de ter deixado de exercer, por razões de saúde, o cargo de Presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Foi resolvido enviar um agradecimento àquele sócio honorário do Instituto, pelos votos expressos no mesmo ofício, com os desejos de que a sua saúde melhore e possa voltar à sua actividade no Instituto a que tão brilhantemente tem presidido.
- 4. Foi apresentado pelo Senhor Presidente o relatório da actividade do Instituto nos últimos dez anos. Embora o Instituto apenas exija a apresentação do relatório respeitante ao ano que finda, quiz o Senhor Dr. Luiz Ribeiro passar em revista os principais factos da vida do Instituto desde a sua fundação. Reconheceram os presentes que, no fundo de toda essa actividade, se encontra exuberantemente patente a acção inteligente, perseverante e entusiástica do Senhor Dr. Luiz Ribeiro, que nem a sua saúde poupa para que o Instituto possa prosseguir na sua missão. Foi pois unanímemente aprovado um voto de saudação ao Presidente do Instituto e de congratulação pelo êxito da actividade desta agremiação, bem confirmado pelo interesse que ela tem despertado dentro e fora de Portugal. Foi igualmente resolvido que o relatório seja publicado no Boletim.
- 5. Foi presente a conta de gerência de 1952, a qual acusa o saldo positivo de Esc. 23.188\$60, havendo contudo ainda alguns encargos a satisfazer, especialmente o custo da publicação do Boletim relativo a 1952 e da «plaquette» do sócio Senhor João Moniz, assim como algumas despesas com a missão do Professor Artur Santos. Foi aprovado por unanimidade que o Senhor Presidente disponha do saldo e das mais receitas que vierem ao Instituto no ano em curso, para

satisfazer aqueles encargos e outros que se tornem necessários para assegurar a actividade do Instituto no ano corrente.

- 6. Pelo Senhor Dr. Luiz Ribeiro foi apresentada uma comunicação respeitante à recolha do folclore musical, elaborada meticulosamente e com a proficiência que lhe vem do especial conhecimento do assunto. Trouxe esta comunicação uma elucidação muito oportuna, que os presentes acolheram com o merecido apreço, e mostrou particularmente o grande interesse da missão desempenhada nesta ilha, por iniciativa do Instituto, pelo Professor do Conservatório, Senhor Artur Santos. Foi posto em relevo o entusiasmo e auxílio que esta missão mereceu ao sócio. Senhor Dr. Manuel de Menezes, como Presidente da Junta Geral, e ao Senhor Presidente pelo carinho com que acompanhou o trabalho do Snr. Professor Santos. A este Senhor, actualmente em missão idêntica na ilha de S. Miguel, foi resolvido significar o alto apreço em que o Instituto tem o seu trabalho e a esperança de que os resultados colhidos tenham a expansão que merecem. — Foi resolvido igualmente que a comunicação ao Senhor Dr. Luiz Ribeiro seja publicada no Boletim.
- 7. Foi presente a «plaquette» em que se encontram reunidas canções populares terceirenses harmonizadas, 'trabalho da autoria do sócio Senhor João Carlos Moniz, mandado publicar pelo Instituto para distribuição por escolas e entidades que assegurem a difusão das mesmas canções. Foi solicitado do Senhor Presidente que mande fazer a distribuição pelo modo que achar mais conveniente.
- 8. Foi resolvido que se faça imediatamente a publicação no Boletim do folheto manuscrito da autoria do Dr. Francisco Jerónimo da Silva, intitulado «Fidelidade da Ilha Terceira», o qual se encontra depositado na Biblioteca Municipal desta cidade, à qual foi em tempo legado em testamento, com outros livros, pelo general Rodrigues da Costa Resolvido igualmente que o Senhor Presidente se encarregue da publicação, auxiliado por algum ou alguns dos sócios que queiram colaborar nessa tarefa.
- 9. Tendo-se ausentado definitivamente para o estrangeiro o Senhor Padre Joaquim Esteves Coelho, foi declarado vago o seu lugar de sócio efectivo do Instituto. E' presentemente de três o número de vagas de sócio efectivo, incluindo aquela a que se refere este número.

E, não havendo nada mais a tratar, encerrou-se esta reunião pelas 22H30m.

(assinados) — Luiz da Silva Ribeiro — José Agostinho

SEGUNDA REUNIÃO ORDINARIA DO ANO DE 1953.

No dia 1 de Junho de 1953, na cidade de Angra do Heroísmo e Sala das Sessões da Junta Geral do Distrito, realizou-se a segunda reunião ordinária dos sócios do Instituto Histórico da Ilha Terceira, achando-se presentes os seguintes sócios: Dr. Manuel de Sousa Menezes, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Dr. Teotónio Machado Pires, Major Miguel Cristovam de Araújo, Raimundo Belo e José Agostinho (secretário).

Não se achando presentes pelas 20 horas sócios em número suficiente, iniciaram-se os trabalhos pelas 21 horas nos termos do Regulamento, com os sócios presentes.

Achando-se doente o Presidente do Instituto, Dr. Luiz da Silva Ribeiro, pelo que comunicou não poder comparecer, assumiu a presidência o sócio Dr. Manuel de Sousa Menezes.

Lida e aprovada a acta da reunião anterior, o sócio Dr. Manuel de Menezes manifestou o seu pesar pela doença do Presidente, Dr. Luiz Ribeiro, fazendo votos pelo seu restabelecimento e pela continuação da sua actividade tão necessária à vida do Instituto, votos a que se associaram todos os presentes.

Seguidamente passou a tratar-se dos assuntos que seguem.

- 1) Por proposta do Dr. Luiz da Silva Ribeiro, foi eleito sócio honorário do Instituto, o ilustre Professor e Académico, natural desta Ilha, Dr. Ruy Telles Palhinha, que, a par de trabalhos profissionais e históricos relativos à Botânica, tem dedicado sempre especial carinho aos Açores e em especial à Terceira, quer por meio de estudos da sua especialidade, quer por outras actividades, desempenhando presentemente o cargo de Presidente da Direcção da Casa dos Açores, em Lisboa. Esta proposta foi aprovada por aclamação.
 - 2) Foi aprovado por unanimidade que se lançasse na acta um

voto de profundo pesar pelo falecimento prematuro do Dr. Julião Soares de Azevedo, natural desta ilha, e que na sua curta carreira de professor se notabilizou por trabalhos históricos e linguísticos, alguns deles referentes à Terceira.

- 3) Enviada pelo Dr. Luiz Ribeiro, foi presente a lista dos trabalhos já entregues para publicação do Boletim relativo ao ano corrente, manifestando os sócios presentes o seu reconhecimento pela colaboração valiosa dos Senhores Dr. João H. Anglin, de Ponta Delgada e Dr. Osvaldo R. Cabral, de Florianópolis, Estado de Santa Catarina (Brasil).
- 4) Foi aprovado que se tratasse imediatamente da publicação do manuscrito do Dr. Francisco Jerónimo da Silva, respeitante ao tempo das lutas liberais, encarregando-se o Senhor Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior de promover a cópia do mesmo e de a conferir com o original, pagando-se a despesa da cópia a quem a fizer e solicitando-se do Ex.mo Presidente da Câmara Municipal a cedência do manuscrito pelo tempo indispensável para tal fim.
- 5) Não tendo nenhum dos sócios do Instituto declarado desejar apresentar qualquer trabalho ao Congresso de História a realizar em S. Paulo, Brasil, em 1954, faz-se novo aviso a tal respeito.

Igualmente se notificou que não há por ora qualquer trabalho para o próximo Congresso da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências.

- 6) Anotou-se a concessão pela Junta Geral do Distrito Autónomo de um subsídio de vinte mil escudos, destinado a habilitar o Instituto a fazer face às despesas com a gravação em discos das cantigas regionais recolhidas pelo Snr. Professor Artur Santos e a quaisquer outras despesas relacionadas ainda com a missão do mesmo Senhor. Resolveu-se apresentar agradecimentos à Junta Geral pelo subsídio concedido.
- 7) Afim de aliviar o Senhor Presidente do trabalho que anual e dedicadamente tem feito, há dez anos para cá, de rever as provas do Boletim, trabalho que o seu estado físico não lhe permite continuar a desempenhar, foi resolvido encarregar pessoa competente de fazer essa revisão, mediante remuneração a estipular pelo Senhor Presidente, podendo a mesma pessoa encarregar-se igualmente dos outros serviços de expediente e contabilidade do Instituto, no caso do actual

encarregado não desejar fazê-los. Neste caso o Senhor Presidente estipulará a remuneração a pagar pelo conjunto dos serviços referidos, ficando também autorizado a escolher a pessoa que os desempenhará.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a reunião pelas 22h2m.

(assinados) — Manuel de Sousa Menezes — José Agostinho

Comunicação

Gravação da Música Popular

Vivendo em sociedade, em luta com o meio físico para o pôr ao serviço das suas necessidades, os homens criaram um conjunto de técnicas e normas reguladoras das suas mútuas relações.

Sem diferenças sensíveis de homem para homem quanto às suas necessidades e meios de as satisfazer, a organização social, de começo simples, complicou-se progressivamente, e novas aquisições resultantes de novas experiências multiplicaram as utilidades. Aperfeiçoaram-se as técnicas, desenvolveram-se as actividades do grupo diferenciando-se de indivíduo para indivíduo, e, com a incessante melhoria de condições de vida, nasceram desigualdades económicas, alteraram-se as normas reguladoras daquelas relações e surgiram novas ideias e novas noções. Assim, tanto no campo material como no moral, a civilização, pelas idades fora, renovou e tornou complexa a vida humana.

Mas a renovação não foi completa. A par das novidades subsistiram traços do passado.

Com o palácio sumptuoso, supra-sumo de elegância e conforto, subsiste a mísera choupana de teto de colmo e paredes de pedra solta vinda de remotas eras, a construção ciclópica e a habitação troglodítica em cavernas naturais.

A debulha dos cereais em máquinas aperfeiçoadas não conseguiu substituir inteiramente os antigos processos da pata de boi e de cava-

lo, ou do trilho escorregadio, arrastando-se sobre as espigas maduras nas eiras de solo térreo endurecido. Enquanto muitos sabem que o raio é apenas a faísca produzida pelo choque de duas nuvens carregadas de electricidade, outros obstinam-se em julgá-lo uma pedra encandescente caída do céu.

Não vemos nós, em nossos dias, cruzarem-se nas estradas os caminhões, rápidos veículos motorizados para transporte de cargas, forma moderna adequada à civilização hodierna, própria duma agricultura industrializada, com e velho carro de bois de eixo móvel, a chiar, lento, ronceiro, claudicante, modo de transporte correspondente a uma fase de exploração agrícola prestes a extinguir-se?

E' que as civilizações e as culturas, à semelhança dos terrenos de aluvião, estratificam-se e dos produtos de cada uma ficam muitos que passam para a seguinte, sobrevivem e conservam-se mais ou menos puros, melhor ou pior adaptados às novas circunstâncias.

Se de práticas e noções se trata, esquecidas estas mantém-se aquelas, às vezes inexplicáveis, um tanto ou quanto inconscientes, ridículas à força de anacrónicas, incompreensíveis.

Tudo quanto hoje nos parece velho e risível, tempo houve em que foi novo e sério.

Sem ninguém se lembrar do antigo Mitra, personificação do sol e do fogo divinizados, nem do seu culto, continuam a acender-se fogueiras no São João, isto é pelo solestício e, na mesma época, repetem-se práticas próprias do perdido culto da água, descritas por Horácio numa das suas odes, apesar de substituído na fonte por um santo da Igreja Católica o destronado deus ou protector do paganismo.

Velavam-se os mortos e acendiam-se luzes junto dos cadáveres para os ruins espíritos não se apoderarem da alma errante nas imediações do corpo insepulto. Hoje ninguém acredita em ruins espíritos roubadores de almas nem que estas permaneçam ao pé dos corpos, mas, sem se saber porquê, continua-se a velar os mortos e a acender luzes.

Ao mesmo tempo diferentes as culturas de povo para povo, em virtude da diversidade de meios e de raças, quando, pela aproximação dos povos, umas ficam em presença de outras de igual nível, interpenetram-se. Opera-se um movimento de osmose, não só de traços

materiais, mas também de noções, ideias e sentimentos, de cultura para cultura enriquecendo-se reciprocamente.

O povo, entidade colectiva, por si só não cria. A criação é sempre individual. O povo assimila, adapta, plagia, e, não raro, deforma aquilo que, na maioria dos casos, é originário de esferas sociais mais elevadàs. De uma cultura diferente da sua, apropria-se de novos elementos, adapta-os às suas peculiares condições de vida e altera-os às vezes de tal sorte que é impossível distinguir o expontâneo do adquirido.

Isto dá-se tanto no campo da cultura material como no da espíritual. Na arte, expressão anímica de cada grupo social, quer se trate de artes plásticas quer de artes rítmicas, verificam-se os mesmos fenómenos.

As sobrevivências, por exemplo, são inúmeras. O sino-saimão, estrela de cinco pontas, que a tecedeira prodigaliza nas colchas de tear, os homens gravam nos cabos das ferramentas e nas cangas de bois, as rendeiras e bordadeiras não se cançam de reproduzir nas rendas e bordados, e até os canteiros ou pedreiros esculpem na frontaria das casas sobre a porta de entrada, é o símbolo de Salomão. vindo para a Europa do Oriente, que na crença popular livra de quebranto e mau olhado, a fascinação causa de várias doenças, no entender dos antigos médicos, que preconizavam para elas, como preventivo, o uso de amuletos, isto é, remédios mágicos, a figa, símbolo fálico, a meia luz antropomorfizada, antídoto da acção nefasta do luar, o coração, a bolsinha com fragmentos de pedra de ara, folhas de plantas de virtude, arruda, alho, trovisco, ou a oração de Nossa Senhora do Monserrate, ainda hoje, mesmo entre pessoas cultas, pendurados ao pescoço das crianças, postos nos animais domésticos ou no interior das casas como a ferradura, e o cornicho de carneiro preto, para lhes dar sorte e livrar de feitiços, em contradição flagrante com as crenças religiosas dominantes, às quais, todavia, se pedem, com análoga função, as medalhas devotas, a cruz, a âncora e o coração símbolos das virtudes teologais ou o peixe distintivo dos cristãos.

Os símbolos, simples ornato na maior parte dos casos, ficam vasios de sentido, mas mantêm-se por força da rotina, ou então atribui-se-lhes significação diversa como a pomba do culto fálico passou a representar o Espírito Santo.

Nas artes rítmicas observa-se o mesmo.

O povo faz e conserva versos em tudo semelhantes aos dos cancioneiros medievais. Em Trás-os-Montes encontrou o Dr. Leite de Vasconcelos cantigas paralelísticas, e nos Açores o *Matias Lial*, canção do Faial e Pico que também se cantou na Terceira, com versos de rítmo arcaico abandonado pelos poetas modernos.

Mas o povo só fixa o que traduz os seus modes de pensar e sentir.

Divulgada uma cantiga, se a eles não corresponde, esquece-a: se o contrário se dá, apropria-se dela, esquece o nome do autor se alguma vez o soube, integra-a na tradição, modifica-a institivamente, ao sabor de cada um que a repete, para pô-la a seu geito, aclimatá-la, por assim dizer ao novo meio.

Correndo de boca em boca a letra, como a música, pode melhorar-se ou não; mas altera-se infalivelmente. Daqui provém dizer-se anônima e colectiva. Se o não é na origem torna-se depois pelo incessante labor de sucessivas gerações.

Há mesmo na música popular certos motivos elementares, verdadeiros lugares comuns, células musicais que se ampliam, a par de outros tirados de criações artísticas mais desenvolvidas que se condensam ou restringem, porque o povo delas só retira o principal para vasar num todo melódico e tonal extremamente simples, a estrofe, reunião, por via de regra, de duas frases apenas separadas por uma pausa ou uma meia cadência sobre a dominante, repetida monotonamente até à saciedade.

Apesar, contudo, dessa regularidade natural, a música das canções torna-se às vezes assimétrica em resultado de deficiências acidentais ou ocasionais determinadas por pausas e respirações arbitrárias, intercalação de melismas ampliadores, supressão de pausas, redução de períodos e ainda deslocação de acentos rítmicos, sobretudo nos movimentos vagarosos, dando-lhes a feição de uma espécie de psalmelodia sem observância de valores exactos, não destituída de encanto.

Dotado de extraordinárias faculdades de improvização poética, o povo, na generalidade, não manifesta iguais aptidões para a música.

Segundo Rodney Gallop, o povo português tem como limites das criações musicais independentes de que é susceptível os cantos de

trabalho e de aboiar, as cantilhenas de embalar, os pregões dos vendedores ambulantes de Lisboa.

Como não concebe música sem letra e toda a letra, para ele, se destina a ser cantada, se surge uma melodia nova correspondente às suas necessidades estéticas, logo improvisa uma letra ou adapta-lhe, melhor ou pior, letra já existente. Nisto procede ao contrário do artista culto que, usualmente, faz a música para a letra.

Embora haja canções corais a duas e três partes, por exemplo algumas do Alentejo, a canção popular é, por definição monódica, e, quando executada por mais de uma pessoa, homófona; destinada a ser cantada ao ar livre, sem acompanhamento ou apenas com os rítmos acentuados por um instrumento atonal, o adufe, o tambor ou o pandeiro.

Não quere isto dizer que não seja virtualmente harmónica, isto é, que não contenha uma harmonia latente separável sem esforço.

O movimento tonal é rudimentar. A tonalidade homogénea, e, salvo algumas excepções sobretudo referentes ao quarto gráu, só admite a modulação à dominante, sempre expontânea, simples, natural, sem artifício.

Para se acomodar a todas as vozes a melodia, em curtos intervalos, move-se entre limites muito próximos. Esta monodia, contudo, na sua nudez, oferece um quadro infinitamente variado onde se contém o germe de todos os modos expressivos. Produto directo da psicologia colectiva, reflete, com a poesia, a alma do grupo humano. Como diz Hoyos Sainez, o canto popular, reflexo da emoção, lirismo natural sem retórica, é a melhor manifestação anímica de cada povo, opondo-se à uniformidade urbana degeneradora e falseadora por pura técnica, e daí provém o seu extraordinário valor.

Como em toda a tradição popular subsistem nas canções, a par de formas novas, outras antigas, ou, pelo menos, vestígios delas fàcilmente recognoscíveis.

Na sua evolução histórica a música ligada à letra é, de início, uma série de sons de alturas diferentes, cuja duração, porém, é dada pela quantidade das sílabas a que se apõem e o ritmo pelo do texto cantado.

As melodias construiram-se sobre escalas diferentes das hoje normalmente empregadas, os modos, pouco a pouco reduzidos a dois,

maior e menor, conservados todavia na música litúrgica, o canto-chão. Sem acompanhamento dos instrumentos temperados, a voz movia-se livre, expontânea, isto na música culta e na popular, tão pouco diferenciadas, aliás, que, segundo parece, os trovadores ou troveiros da Idade Média iam buscar a esta a melodia dos seus poemas.

Concomitantemente com os bailes e canções modernas ou de forma modernizada, topam-se canções vasadas em velhos modos, o eólio, o lídio e o mixolídio, como as encontradas e recolhidas em Portugal por Rodney Gallop, estudadas em França por Vincent d'Indy e Tirsot, na Bélgica por Closson, o primeiro daqueles modos às vezes sob duas formas distintas, uma clássica mais antiga, outra modificada, como uma escala em ré menor sem alterações ocorrentes, de origem medieval.

Juntamente com as canções de rítmo livre e construção modal, há outras construídas em moldes modernos, tonais, cromáticas, e canções coreadas de estrutura regular e simétrica, maiores e menores. Algumas destas serão possivelmente antigas canções modais modernizadas inconscientemente por acção dos instrumentos temperados de acompanhamento em uso, e tendência de música de hoje.

A prosódia segue regular nos andamentos lentos e irregular nos rápidos. Nos primeiros o acento musical subordina-se ao poético; nos segundos impera o acento melódico e o canto é menos a imposição dos valores indicados do que simples guia directiva da palavra. Em qualquer caso, como é estrófica, a concordância entre melodia e letra, dá-se apenas na primeira estrofe, e quando nas seguintes se não dá, o acento musical domina o poético, às vezes, para, tanto quanto possível, pôr os dois de acordo é forçoso recorrer à modificação do verso pela intromissão de sons, como o e paragógico no infinito dos verbos, ou supressão de outros aliás conservados na métrica do verso. Apesar de tais esforços e artifícios predomina o acento musical.

Dada a grando variedade de canções, espalhadas por vastas regiões ou coexistentes num mesmo lugar, é difícil, se não impossível, estabelecer a genealogia de cada canção. Há-as das mais diversas proveniências, umas cuja origem se perde na noite dos tempos, outras importadas recentemente, revelando influências várias, designadamente, no nosso país, italiana, francesa, espanhola e brasileira.

Dois grupos se podem formar; — canções de dança, simétricas,

mais ou menos vivas, nascidas, segundo uns, das antigas canções báquicas do paganismo, formadas, segundo outros, por fragmentos das jubilosas aleluias do canto gregoriano, popularizadas quando a igreja era para o povo escola de arte, hipótese esta a considerar em Portugal onde, no parecer de Rodney Gallop, houve grande influência eclesiástica na música popular.

Outro grupo é constituído pelas canções narrativas, romances, cantilhenas de berço, não coreadas. E' mesmo de admitir, como já se disse, os trovadores houvessem recorrido a estas.

Podemos ainda distinguir três tipos correspondentes a três épocas ou fases da evolução musical; o tipo arcaisante, silábico, modal; o tipo de canção do século XVIII, tonal, ora cheio de sentimento e preciosismo, ora leve e alegre; o tipo moderno onde predomina o cromatismo.

A notação duma canção popular recolhida a correr dos lábios do cantor analfabeto com as suas entonações imprecisas e indecisões rítmicas, implica competência técnica especial e experiência por poucos possuída, o que diminui muito o número de colectores conscientes.

Para mais a interpretação do cantador popular é bem diferente da do artista.

Guiado pela tradição e pelo sentimento pessoal aquele não observa em absoluto o ritmo das palavras e cai na melopeia, de onde resulta a determinação matemática dos valores da notação musical não corresponder à sua livre e maleável interpretação, impossível de fixar com justeza por deficiência dos sinais gráficos em uso.

Dois métodos ou sistemas de notação têm sido defendidos ou seguidos. Um, a que podemos chamar crítico, procura corrigir o cantor e subordinar a sua interpretação às regras da arte; outro busca reproduzir, o mais fielmente possível, o que ele canta.

A correcção, mesmo feita com todo o cuidado e respeito pela verdade, constitui operação delicada e prejudicial à conservação da originalidade e do cunho próprio da música popular. Sem querer adultéra-a, e é processo absolutamente condenado pela ciência etnográfica que exige do colector de factos a máxima objectividade.

Afim de obviar a tais inconvenientes tem-se recorrido à gravação

do som pelos processos técnicos hoje ao nosso alcance, para, em face das canções gravadas, se fazer um estudo consciencioso.

Sem dúvida a discoteca não substitui o cancioneiro. Ambos têm a sua função. Mas, evidentemente, completam-se e a gravação, permitindo audições repetidas em número ilimitado de uma mesma canção, prepara a sua grafia de maneira mais rigorosa e perfeita, diminuindo, ou mesmo eliminando, factores de erro, e torna-se a base imprescindível da organização duma colectânea de carácter científico.

No parecer de Hoyos Sainz, as canções populares representam em cada nação alguma coisa íntima e genuina, brotada da diversidade de tintas da sua vida emotiva, sendo, como os bailes, a mais expressiva e emocionante evocação da origem e do instinto misterioso duma civilização e do génio duma raça.

Hoje manifesta-se a tendência de cada nação definir a sua consciência musical, rechaçando os elementos estranhos e evitando a deformação dos próprios, de maneira a chegar-se, dentro dos limites impostos pela natureza das cousas, a uma pureza da linguagem musical paralela à linguagem literária, capaz de traduzir as vozes colectivas na forma de arte que lhes convém. Há mesmo quem julgue possível a elaboração dum vocabulário, ou antes formulário musical, onde o curioso encontraria as cadências predilectas, os ornatos característicos, as linhas melódicas típicas, a acentuação rítmica de cada povo (Desderi).

Para isso o principal elemento é dado pelo canto popular.

O seu estudo indispensável não é contudo fácil nem rápido. Há muito material a reunir e comparar, inúmeras variantes a considerar, influências estranhas nem sempre visíveis, más adaptações, modificações e deturpações individuais não integradas na tradição a eliminar, elementos susceptíveis de induzir em erro ao traçar o processo evolutivo das formas musicais, e tudo isso dentro de extensa área na qual é preciso entrar em conta com a diversidade de condições de vida das diferentes regiões.

Produto directo da psicologia dum povo, a música popular deve ser depurada de quanto lhe seja estranho ou se não ache integrado na tradição, pois nesta só se integra aquilo que se harmoniza com o seu sentir e o seu pensar.

E já agora, por ser esse ainda o meu modo de ver, seja-me per-

mitido transcrever aqui o que em 1905, há quase 50 anos, escrevi no número de Maio da revista «Arte - Vida» sobre a formação duma escola de música portuguesa: — «A grande originalidade das modernas escolas de música consiste em haverem captado a tonalidade nacional, o que caracteriza e distingue a música de um povo, e em havê-lo desenvolvido segundo os processos técnicos da arte. Estude-se o nosso cancioneiro, trabalhe-se, e teremos uma escola nacional».

Do Continente trouxeram os primeiros povoadores para as ilhas o que ali havia e ainda hoje aqui há, técnicas, linguagem, costumes, tradições, lendas, romances, e, naturalmente, também canções, tanto mais tendo-se iniciado o povoamento do arquipélago na segunda metade do século XV, época por muitos considerada como de explendor para a música popular.

Assim como nos Açores se encontraram vivos romances esquecidos no continente, o «Dom Duardos» por exemplo, e as mais antigas versões de outros; assim como no cancioneiro e na linguagem popular contemporânea pululam o arcaísmos, palavras e modos de dizer próprios daquele século, na opinião de Teófilo Braga; é de presumir o mesmo sucedesse com a música das canções e, patentes ou ocultos, se deparem verdadeiros arcaísmos musicais, a par de melodias de diversa proveniência incorporadas na tradição, recebidas com outras esquecidas depois de certa voga, ou inventadas recentemente como de algumas informou o Dr. António Moniz em 1842 numa colorida e viva descrição das festas do Espírito Santo publicada no jornal «O Anunciador Terceirense» e reproduzida há poucos anos n'«A Semana».

Todas sofreriam modificações e alterações de forma ao passar de geração em geração, e nenhuma se encontrará hoje tal qual foi, por acção da diversidade de meio, de peculiares caracteres psicológicos e da própria evolução, não sendo possível talvez reconstituir a forma original. O povo açoriano, todavia, naturalmente rotineiro e conservador, tudo terá mantido na versão mais pura, ajudado pelo isolamento insular.

Destes factos resulta a importância do estudo do folclore ilhéu para integral conhecimento do folclore nacional, e até mesmo da romanística, visto serem os Açores o extremo ocidental do Romania.

Crenças, ideias, linguagem, costumes evoluiram sobre si dentro

de áreas rigorosamente limitadas sem maiores influências estranhas, desde o século de quatrocentos, constituíndo óptimo campo de observação, verdadeira experiência do modo como essa evolução se opera, de alcance e interesse científico geral.

Alguns autores, como Aubert de la Rue, opinam que nos Açores, ponto de cruzamento de linhas de navegação, entreposto de carreiras marítimas, se não pode falar de isolamento; outros, referindo-se às Canárias cujas condições são idênticas, atribuem à influência de elementos forasteiros a origem de várias palavras e tradições (Alvares Delgado, Peres Vidal), o que ainda outros contestam (Cuscoi, D. Maria Rosa Alonso).

Na Terceira e nas restantes ilhas açorianas não é fácil encontrar na tradição cousa que se possa admitir não ter vindo de Portugal continental, e se o isolamento, com relação à cidade e outros núcleos de população junto de bons portos de mar demandados por navios de diversa proveniência, não se faz sentir, no que respeita ao resto da ilha e mais ainda às ilhas mais pobres e despovoadas, sobretudo pensando em épocas antigas, é facto evidente muito para ponderar. Sem vias de comunicação de ligação à cidade em boas condições, apenas com poucos e maus caminhos quase intransitáveis, as mercadorias e produtos locais tinham de ser transportados no dorso de muares e muita gente das freguesias rurais delas não saía.

Mesmo há umas dezenas de anos já com a ilha cortada em todas as direcções por boas estradas havia quem nunca viera à cidade, e ainda hoje quem nunca saíu da ilha nem pôs os pés num barco.

Gaspar Frutuoso diz que a Praia no tempo do capitão Alvaro Martins Homem esteve oito a dez anos sem comunicações, e embora Drumond demonstre haver exagêro em tão longo prazo, o facto, por menos tempo, é incontestável.

Só no verão havia comunicações interinsulares, como se infere das Constituições de Bispado, mesmo com Lisboa eram quase nulas no inverno e, todo o ano, sempre morosas e irregulares. No século XVIII, por exemplo, a morte de D. João V foi conhecida na Terceira um mês depois, e a notícia da morte de D. Maria I, ocorrida em 2 de Março de 1816, já no século XIX, note-se, só cá chegou em Outubro seguinte. Nas outras ilhas, exceptuadas São Miguel e Faial, é e sempre foi maior por falta de embarcações, e assim se explica a sobrevi-

vência no arquipélago de costumes e tradições perdidas no resto do país. Naturalmente danças e músicas também por cá ficariam como, ligado à festa do Espírito Santo, ficou o canto dos foliões manifestamente arcaisante, acompanhado a tambor, longa melopeia afim do canto-chão embora ao som dela, se não foi outra a música hoje esquecida, se houvesse dançado o que as condenações eclesiásticas comprovam.

O estudo do canto popular ilhéu não cabe aqui e, para o fazer, falece-me a competência, pois só músicos, e músicos dotados de especial cultura artística abrangendo o conhecimento assaz completo da história da sua arte e dos métodos etnográficos, o podem empreender. Ne sutor ultra crepidam. Não me parecem todavia despeciendas algumas breves considerações genéricas para atingir o fim que me propuz.

A maior parte das canções hoje cantadas é coreográfica, de origem, pelo menos aparentemente, moderna, a ajuizar pela forma actual.

Se algumas ostentam denominações antigas como a *Chacota*, não é isso bastante para concluir a antiguidade da melodia correspondente.

Nelas dá-se um fenómeno particular cuja menção se impõe, a perda do estribilho, fàcilmente verificável pelo confronto com as canções mencionadas no já citado artigo do Dr. António Moniz, que reproduz a letra de algumas ainda com ele. O estribilho, de modo geral, caracteriza as canções populares dançadas e mantem-se no continente. Das actuais terceirenses só o conservam os Biavos e o Meu Bem, este todavia com tendência a desaparecer.

Os nomes de algumas canções parecem revelar influência afrobrasileira — Ludum, Charamba — mas, pelo menos hoje, tal influência não se reconhece na melodia. O Ludum actual é portuguesíssimo.

Outras, como os *Olhos pretos* e a *Saudade*, são de origem culta, talvez modinhas italianas antes importadas do continente quando ai tinham voga.

Também de lá teria vindo a *Tirana*, de essência espanhola, porque no continente se cantou muito uma canção desse nome que passou ao Brasil.

Segundo Rodney Gallop, tanto ele como Francisco de Lacerda,

encontraram na música das Ilhas por este especialmente estudada, casos de influência francesa.

Enquanto, como já se viu, são em regra, bastante limitadas as faculdades de improvização musical da gente do povo, na Terceira surpreende a facilidade com que os cantadores, sobre uma harmonia pré-estabelecida, inventam novas melodias, muitas delas mais que variantes de canções tradicionais. São autênticas criações não raro felizes.

A virtuosidade dos tocadores de viola, instrumento acompanhador por excelência, o papel importante que na música popular lhes está confiado com longos prelúdios e interlúdios eriçados de dificuldades mecânicas, muitas vezes improvizadas e sempre executadas com nitidez e excelente sonoridade, é outro ponto a salientar.

Por toda a parte a canção popular está condenada a desaparecer e não virá longe o dia em que terá morrido adulterada.

Se para uma apreciação estética e estudo dela em si própria, basta saber o que hoje é, para o estudo das influências históricas e dos seus caracteres regionais precisa saber-se por que caminhos aí chegou (Alvares Delgado). Isto implica um conjunto de investigações urgentes feitas enquanto é tempo.

E a urgência nos Açores, designadamente na Ilha Terceira, torna-se maior, porque é mais forte a acção dos factores desagregantes.

Além da corrente geral de unificação de usos e costumes conducente à perda de quanto resta de tradicional e típico, há infiltrações de elementos novos pelo contínuo contacto com estrangeiros e, para a música popular, a triste e prejudicialíssima influência da música mecanizada, produzida em série, sem carácter de qualidade alguma, o culto da banalidade e da vulgaridade estilizadas. A apologia do fado imprópria e erradamente elevado a canção nacional expressão da alma portuguesa, propagandeado sem conta, pêso nem medida, ao sabor de certas predilecções estéticas anormais, que a multiplicidade crescente dos receptores de rádio leva a toda a parte, até aos recantos mais escondidos e isolados das aldeias, exercendo tudo isso o alto poder de sugestão que tem para o nosso povo quanto vem de fora, e, por tendência inata, procura imitar, convencido da sua superioridade.

Assim, progressivamente, com uma rapidez que abisma, a nossa

música popular regional, herança de nossos maiores, perde-se ou deturpa-se a ponto de se tornar incognoscível. Impõe-se, aconselha Rodney Gallop, recolher já as melodias ainda conservadas na tradição, organizar grupos ou ranchos folclóricos que as cultivem e mantenham puras, proceder à gravação de discos de música popular interpretada não por artistas com escola acompanhados a piano ou orquestra, mas por herdeiros da tradição, que a executam com todos os verdadeiros matizes de voz, inflexão e acompanhamento, imediatamente reconhecidos por quem estima o autêntico.

Todas estas minhas considerações onde não há nada de original nem profundo, onde por certo algum erro inconsciente se terá introduzido subrepticiamente, visam apenas a mostrar a importância do trabalho levado a cabo ultimamente nesta ilha, sob a égide do Instituto Histórico e a expensas da Junta Geral Autónoma, pelo Professor do Conservatório de Lisboa, Sr. Artur Santos, e a sua oportunidade.

Graças à inexcedível competência técnica do colector e à sua vasta e sólida cultura musical e etnográfica, as canções populares terceirenses foram gravadas nas suas formas mais genuínas, que a intuição e sagacidade do Sr. Professor Santos soube extremar entre a multidão de horríveis e deformadas variantes a la mode.

Apaixonado investigador conseguiu descobrir ainda vivas canções há muito julgadas esquecidas e outras de que nem sequer havia notícia, e assim se salvaram.

Lembrarei o canto dos foliões em formas tradicionais, a cantilhena arrastada de pedir para as almas, ambos arcaisantes, a música da dança dos pretinhos, não a moderna mas a antiga, uma canção de embalar antes afanosamente procurada e nunca encontrada, a Ave-Maria das novenas do Menino Jesus, feitas em família nas casas particulares há dezenas de anos em desuso, a música dos actuais terços do Espírito Santo, sem falar na maior parte das modas coreadas por toda a Ilha dançadas e cantadas, nos Reis e no Pêzinho dos Bezerros.

Infelizmente já não conseguiu ouvir algum dos romances que há cincoenta anos as velhas ainda cantavam e assim se perderam para sempre.

Mas este trabalho se foi precioso sob os aspectos artístico e etnográfico, foi-o igualmente encarado por outros prismas. Constituíu

uma esplêndida lição prática de meticulosidade, método, rigor, cuidado extremo na verificação da autenticidade dos factos, persistência e espírito científico, bem útil num meio como o nosso tão afastado dos centros intelectuais do país; e, pela sua doutrinação, foi um apelo aos músicos populares no sentido de manterem amorosamente as velhas tradições, não deixando abastardarem-se nem perderem-se, não se envergonhando delas e, pelo contrário, honrando-as e honrando-se como detentores desse tesouro maravilhoso de verdadeiras joias inestimáveis, expressão puríssima da nossa alma colectiva.

Angra do Heroísmo, 18 de Dezembro de 1952.

O Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira,

Luiz da Silva Ribeiro.

Relatório

Ex. Mos Consócios

Em 1952 completou dez anos de existência o Instituto Histórico da Ilha Terceira, cujos Estatutos são datados de 16 de Novembro de 1942, e, ao elaborar o relatório imposto pelo art.º 3.º do Regulamento Interno relativo à gerência do último ano, julguei preferivel reportar-me ao decênio e expôr, em resumo, a sua actividade durante eles.

Do aliás ambicioso programa de trabalhos, traçado logo em sessão de 25 de Março de 1943, nem tudo se realizou. Talvez mesmo seja mais o que ficou por fazer do que aquilo que se fez.

O inventário de monumentos e obras de arte, pela criação do Museu Regional, passou a ser atribuição do seu director, e o Instituto nem sequer o iniciou; graças ao entusiasmo e dedicação do sócio, Sr. Tenente Coronel Frederico Lopes, adquiriu-se bom número de objectos de valor etnográfico, os quais, na conformidade da deliberação de 7 de Junho de 1947, foram entregues ao Museu e passaram a constituír o núcleo da sua secção de etnografia.

Dos inéditos, cuja publicação ficou resolvida, ainda nenhum foi possível editar. Todavia alguma cousa se fez para preparar futuras edições.

Do Livro sexto das Saudades da Terra, parte da obra respeitante ao distrito, por intervenção do sócio honorário, Sr. Prof. Dr. Vitorino Nemésio, extraíu-se cópia do manuscrito da Casa Cadaval, e

o sócio Sr. Dr. Baptista de Lima microfilmou o manuscrito, reputado original, hoje guardado na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

No Arquivo Distrital há um apógrafo do Espelho Cristalino de Frei Diogo das Chagas, na parte relativa à Terceira, que poderá servir para a edição, e mais foto-filme da História de D. António nos Açores, manuscrito da Torre do Tombo, atribuído por uns a Ciprião de Figueiredo, por outros a Frei Mil-Homens, cópia do relatório e correspondência do General António de Saldanha, foto-cópia do Livro das Fortalezas no século XVIII, etc.

As Alegrias de Portugal do P.º Santo-Maior, de que o saudoso Dr. Hemique Braz possuía um traslado, tendo sido encarregado de dirigir a sua impressão, acham-se publicadas em Lisboa sob a direcção do Sr. Dr. Baptista de Lima, pela Sociedade da Independência.

Editar um manuscrito segundo os modernos preceitos da ciência, não é trabalho fácil que qualquer pessoa desempenhe, e, daí, em parte, nada se ter feito.

Documentos avulsos alguns têm saído no Boletim, como os guardados no Arquivo de Simancas sobre a expedição do Marquez de Santa Cruz, obtidos por amável interferência, do Instituto para a Alta Cultura, registos de navios na Câmara Municipal no século XVII, cartas de Filipe II ao Bispo D. Pedro de Castilho com nota prefácio do Sr. Dr. Baptista de Lima, reforma das posturas camarárias angrenses de 1655, com notas minhas, etc. Outros seguirão já prontos para o prelo.

Organizou-se um índice de documentos existentes no Arquivo Colonial, que conta umas dezenas de verbêtes. Este serviço teve contudo de se interromper pela saída do Arquivo da pessoa dele encarregada, e não foi retomado por outra, visto, no entretanto, ter-se criado o Arquivo Distrital.

O inventário bibliográfico está tão reduzido que, a bem dizer, não existe. E' este fácil trabalho se todos os sócios comunicarem ao Instituto os livros de matéria açoriana utilizados nos seus estudos.

A experiência tem demonstrado que os inquéritos por correspondência nem sempre conduzem a resultados seguros e carecem de posterior verificação directa. Isto levou a suster os iniciados, dada a dificuldade, quase impossibilidade, de os verificar. De literatura popular na Terceira e Graciosa alguma cousa tem sido recolhidà e publicada no Boletim graças às diligências dos Srs. Padre Inocêncio Enes e Manuel Avila. De São Jorge, infelizmente, nada até hoje se conseguiu arranjar.

Também nenhum trabalho escolar foi publicado, porque nenhum se recebeu para publicação, apesar das diligências feitas. Merece especial atenção este ponto, pois os estudantes universitários açorianos, tomando para assunto dos seus exercícios escolares os Açores, muito podem contribuir para desenvolver o conhecimento do arquipélago sob múltiplos aspectos. Difícil tem sido, contudo, encontrar o meio de a isso os estimular.

O Boletim é aquilo que sempre maior atenção tem merecido.

Dele se acham publicados dez volumes, correspondentes aos dez anos, e pela seriedade e largueza dos artigos insertos, alcançou lisongeiro apreço de nacionais e estrangeiros.

Comprova-o o número crescente de trocas na maioria a nós solicitadas.

Ao fixar o seu plano de vida em sessão de 25 de Março de 1943, o Instituto traçou a orientação geral a seguir no exercício da sua actividade — trazer novos elementos de estudo para a história do distrito, tradições e linguagem populares — e a ela se tem mantido fiel. Todos os trabalhos publicados revelam factos novos ou interpretações originais.

Digna de especial registo é a colaboração de pessoas estranhas ao Instituto como os Srs. Drs. Mendes da Luz e Julião Azevedo, Profs. Drs. Walter Spalding, Osvaldo Cabral, Millet Rogers, João Anglin, Snrs. Marcelino Lima, Euclides Costa, Manuel Machado Avila.

Todos quantos prestaram ao Boletim o seu precioso auxílio bem merecem a gratidão do Instituto, cabendo aqui lembrar o saudoso Dr. Henrique Braz, autor de alguns excelentes trabalhos, entre os quais avulta Ruas da Cidade, que a morte em 1947 lhe não deixou concluir, e o Prof. Millet Rogers, a quem devemos os primeiros estudos científicos da fonética popular.

Por obra do Boletim o nome da Ilha Terceira tem chegado a lugares onde era ignorado.

Outras realizações há a mencionar.

Associou-se às comemorações centenárias da fundação do liceu

e do Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, e à homenagem prestada à memória do insigne historiador local Francisco Ferreira Drumond, na Vila de São Sebastião, ambas estas nunca assaz elogiadas iniciativas da Câmara Municipal.

O Instituto foi integrado na Associação Portuguesa para o Avanço da Ciência e tem marcado a sua presença nos congressos luso-espanhóis por ela reunidos.

Convidado para a Mestra Colombina e Colloquium Internacional Luso-Brasileiro de Washington, a eles não concorreu por falta de trabalhos a apresentar. Aos congressos internacionais de Geografia e História do Brasil nada mandou pela mesma razão, aliás justificável por tais assuntos não entrarem no âmbito normal da sua actividade.

Ao Congresso Internacional de História da Arte, reunido em Lisboa, enviou o sócio Sr. Dr. Baptista de Lima uma importante memória sobre a Matriz de São Sebastião que foi muito e lisongeiramente apreciada e se acha publicada no vol. VII do Boletim.

Ao Congresso de Florianópolis (Brasil) em 1948 enviou uma mensagem e uma comunicação que tiveram excepcional e retumbante repercussão, como refere o Sr. Prof. Dr. Paiva Boleo, congressista português, numa crónica ou relatório dos trabalhos publicada na revista *Brasilia*. Constituíu um autêntico triunfo para o Instituto.

O Instituto mantém relações com grande número de entidades congéneres tanto nacionais como estrangeiras. Estão entre elas a Sociedade de Geografia de Lisboa, Comissão de Arte e História da Junta de Provincia do Douro Litoral, Instituto de Coimbra, Instituto Doutor António de Vasconcelos, Instituto Brasileiro da Universidade de Coimbra, Academia Portuguesa de História, Arquivo Histórico Militar, Arquivo Municipal de Guimarães, Sociedade Martins Sarmento. Arquivo Municipal de Aveiro, Junta de Província da Estremadura, Instituto Histórico do Minho, Museu da Figueira da Foz, Comissão Municipal de Turismo de Évora, Biblioteca e Serviços Culturais da Câmara Municipal do Porto, Museu de Arte Antiga, Instituto e Sociedade Portuguesa de Antropologia, Arquivo e Museu de Beja, Grupo Português de História da Ciência, Estação Agronómica Nacional, Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Sociedade Afonso Chaves, Sociedade de Concertos da Madeira, Serviços de Instrução de Luanda, Biblioteca

do Congresso de Washington, Universidade Católica de Washington, Sociedade Americana de Geografia, Universidade de Cuyo (Argentina), Universidade de São Domingos, Universidade e Instituto de Estudos Canarios, Museo Canario, Conselho Superior de Investigações Científicas de Madrid, Museu de Pontevedra, Sub-comissões Catarinense de Folclore (Brasil), Institutos Históricos Geográficos do Rio Grande do Sul, e Santa Catarina (Brasil), Municipalidade de Porto-Alegre (Brasil), Federação das Academias de Letras do Brasil, Federação dos Institutos Genealógicos Latinos, Museu de Petrópolis (Brasil), etc.

Como grande acontecimento cultural no nosso meio honra de uma época e de uma geração, deve salientar-se a criação do Arquivo Distrital e Museu Regional pelos Decretos n.os 36.942 de 30 de Março de 1948 e 37.358 de 30 de Março de 1949.

Correspondeu ela a veemente desejo do Instituto, mais de uma vez manifestado com insistência, e deve-se, sobretudo, à incansável dedicação e valimento do sócio, Sr. Dr. Teotónio Machado Pires, ao tempo deputado à Assembleia Nacional. A ele e à Junta Geral do Distrito, que tomou à sua conta os encargos daí resultantes e se comprometeu à adaptação e ampliação do formoso Palácio Bettencourt, para serem instalados, obras infelizmente, paralizadas por motivos que, se nos não é lícito discutir, não podemos deixar de lamentar. Nessa explêndida instalação, animados pela excepcional competência e constante actividade do incansável director e sócio do Instituto Sr. Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima, cumprindo-se integralmente os seus planos, Museu e Arquivo, serão um dia motivo de justo orgulho para esta cidade. O muito já feito é verdadeiramente consolador. O Museu veio revelar a existência na nossa ilha de rico património artístico, até agora desconhecido e desvalorizado, precioso filão a explorar urgentemente antes de possível e irreparável deterioração.

Para quem contribuíu para a sua organização e criação deve ir o nosso reconhecimento, tanto mais que ambos correspondem a repetidos votos do Instituto e preenchem um dos fins para que foi criado.

É ainda digno de especial menção o facto do Arquivo publicar um Boletim, modêlo de trabalhos no seu género e óptimo complemento do labôr do Instituto.

Pelo Ex.mo Governador do Distrito Autónomo, nosso prestante consócio Sr. Dr. Cândido Pamplona Forjaz, foi o Instituto convidado

a tomar parte na Conferência Administrativa, à qual expôs a sua situação e urgência de possuir instalações próprias, embora modestas.

Efectivamente tem sido e ainda é esta a sua mais premente necessidade, pois a falta reflete-se em toda a sua vida, dificultando-a tanto que, por vezes, chega a impossibilitar a realização dos melhores desejos.

Desde o começo o Instituto aspirou a tornar-se um centro de estudos históricos, etnográficos e linguísticos onde se encontrassem reunidos elementos para eles. Nesta conformidade era preciso organizar arquivos, ficheiros, uma discoteca, etc. Onde colocar e arrumar, todavia, esse material? Até arranjar instalação foi forçoso pôr tudo de parte.

Para as suas reuniões tem-lhe sido amàvelmente cedida a Sala da Junta Geral, mas no edificio, por absoluta e comprovada falta de espaço, nunca foi possível instalá-lo.

Com a ampliação do Palácio Bettencourt fica-lhe assegurada pela Junta a ocupação de parte dele. Infelizmente, a ampliação demorará e tão cedo não verá o Instituto satisfeita a sua maior necessidade. Valeu-lhe a criação do Arquivo e Museu, que lhe retirou dois pesados encargos.

Entre as suas realizações avulta a parte que tomou, por cativante deferência do Ex.mo Governador do Distrito Autónomo, nas comemorações do quinto centenário do povoamento da Terceira.

Consistiu essa parte na inauguração, no dia 29 de Outubro de 1950, de um padrão no Jardim dos Cortes-Reais, e na sessão solene de encerramento, na sala da Junta Geral, na noite de 26 de Dezembro.

O padrão foi levantado graças ao generoso auxílio da Junta que não só custeou todas as despesas como tomou conta da execução dos trabalhos. Em bôa verdade ela tudo fez.

A sessão revestiu-se de excepcional solenidade sob a presidência do Ex.^{mo} Governador de Distrito, que usou da palavra bem como o presidente do Instituto.

Integrado nas comemorações e patrocinado pelo Instituto, o Orfeão Feminino, sob a hábil regência do Sr. Padre José de Avila, levou a efeito na sala da Junta para tanto artisticamente decorada, na noite de 18 de Julho, um encantador serão musical de homenagem à memória do insigne professor do Conservatório de Lisboa, Padre Tomaz Borba, e ao nosso consócio, o compositor terceirense Sr. João Carlos da Costa Moniz. Nesse serão usou da palavra o secretário do Instituto, Sr. Tenente-Coronel José Agostinho, e escutaram-se composições dos dois músicos.

Ainda como comemoração centenária, o Instituto custeou a publicação da obra do seu sócio Sr. Cónego José Augusto Pereira, A Diocese de Angra na História dos seus prelados.

Com subsídio extraordinário da Junta Geral adquiriu-se um aparelho de gravação de som. Por motivo de avaria, ainda não reparada, deixou de funcionar normalmente.

Em duas sessões extraordinárias foi prestada homenagem ao sócio honorário Sr. Professor Dr. Vitorino Nemésio (12 de Outubro de 1946), quando da sua última visita à terra da sua naturalidade, e à memória do sempre lembrado sócio Dr. Henrique Braz no primeiro aniversário do seu falecimento (11 de Agosto de 1948).

Não foi ainda possível realizar a homenagem projectada aos principais historiadores açorianos Dr. Gaspar Frutuoso, Frei Diogo das Chagas e Padre António Cordeiro, de cujos elogios ninguém até hoje se encarregou; bem como coordenar a história das relações entre a Terceira e a Inglaterra, trabalho que o Dr. Braz tinha entre mãos quando faleceu.

Pela criação do Museu Regional ficou prejudicada a deliberação de publicar albuns com a reprodução de obras de arte existentes no distrito.

Concluíu-se o inquérito às indústrias tradicionais de carácter artístico e sua valorização, presente ao Instituto em sessão de 12 de Dezembro de 1944, ainda inédito.

Em execução do deliberado em 3 de Janeiro de 1949, reproduziu a Casa Bertrand de Lisboa a gravura representando a cidade de Angra em 1595, publicada por Luischott na sua *Hustória da Navegação*. A reprodução, que ficou excelente, foi feita pelo cuidado e diligência do sócio Sr. Dr. Baptista de Lima.

Em Janeiro de 1944, a pedido do autor, o Instituto emitiu parecer sobre o incontestável mérito duma novela regional do sócio Sr. Tenente-Coronel Frederico Lopes.

Está no prelo a plaquete com algumas canções populares reco-

lhidas e harmonizadas pelo sócio Sr. João Moniz, destinada à vulgarização da nossa música popular e a prestar homenagem ao seu autor, conforme o deliberado em 15 de Novembro de 1950.

Coincidentes as atribuições culturais da Junta Geral com a esfera de actividade do Instituto, este, pelo art.º 5.º dos Estatutos, subordina àquela a sua acção e daí as recíprocas e constantes relações entre os dois.

É de simples e elementar justiça dizer que tais relações têm sido sempre cordealíssimas, vivendo-se num regime de franca e mútua cooperação. Sem o precioso auxílio financeiro da Junta, que nunca em circunstância alguma lhe faltou, o Instituto nada poderia ter feito.

Os subsídios ordinários e extraordinários concedidos nos nove anos somam 180.000\$00.

Os extraordinários destinaram-se à aquisição do aparelho de gravação de som, comemorações centenárias, recolha de folclore musical, etc.

Os subsídios ordinários foram empregados, quase na totalidade, exclusivamente a custear a despesa com a publicação do Boletim, no que se gastaram nos nove anos 102.353\$00. Não figuram aqui os subsídios e despesas de 1952 por ainda não terem sido encerradas as respectivas contas.

No último verão visitou as ilhas o competentíssimo professor do Conservatório de Lisboa Sr. Artur Santos, para proceder à gravação de canções populares trabalho executado por forma rigorosamente científica, com uma minuciosidade e segurança que lhe dão todas as garantias de exactidão.

Possuidor de sólida cultura musical e etnográfica, inteiramente absorvido pelo seu trabalho, sempre insatisfeito com o resultado das suas investigações, querendo descobrir mais e melhor, o Sr. Prof. Santos conseguiu não só seleccionar as formas mais puras das nossas canções, como ressuscitar outras julgadas perdidas e descobrir algumas até hoje ignoradas, mas incontestàvelmente tradicionais e antigas como se vê da sua estructura melódica.

Mercê de várias causas, aqui impertinentes, o canto popular terceirense adultera-se e perde-se dia a dia com extraordinária rapidez. É facto semelhante ao observado por toda a parte que, entre nós, tomou maior vulto. Foi assim excepcionalmente oportuna a visita do Prof. Santos.

Resultou ela, contudo, exclusivamente, da dedicação, bôa vontade e clarividência do nosso sócio Sr. Dr. Manuel de Sousa Menezes, Presidente da Junta Geral. Foi ele e só ele, que tratou da vinda do Prof. Santos, lhe facilitou por mil modos o seu trabalho e obteve da Junta os meios necessários para custear as respectivas despesas. A ele deve o Instituto e a cultura terceirense, tão assinalado serviço, pelo qual, com inteira justiça, se torna credor da nossa gratidão.

As canções regionais já tinham sido recolhidas e grafadas com cuidado pelo sócio Sr. João Moniz. O seu excelente trabalho acha-se no Instituto aguardando publicação que apenas dificuldades de ordem editorial têm protelado.

Diferente é o trabalho do Prof. Santos—gravar as canções tal qual hoje se cantam, com os seus acompanhamentos instrumentais.

São trabalhos distintos que, todavia, reciprocamente se completam. Por todos os países cultos há hoje cancioneiros e discotecas.

O Instituto, embora tenha como área da sua acção o distrito de Angra, não se desinteressa, nem pode desinteressar, do resto do arquipélago, unidade geográfica bem definida, que, a par de certas diferenças de vida e até rivalidades de ilha para ilha, possui largo fundo comum de usos, costumes, tradições e história.

A eriação do Instituto Cultural de Ponta Delgada, com o qual mantemos estreitas relações, permite ligar a São Miguel os nossos estudos; mas, infelizmente, ainda se não fundou organismo congénere no distrito da Horta, e isso, prejudicando as relações culturais com as respectivas ilhas, dificulta a realização de trabalhos comparativos abrangendo o arquipélago.

Se o folclore musical deu, com a missão do Prof. Santos, um grande passo para o seu integral conhecimento e estudo, não obstante as diligências feitas, nunca até hoje se recebeu a desejada e prometida visita de quem pudesse encarar nos sob os aspectos da geografia humana, da antropologia e da linguística. Nesse sentido em vão trabalha o Instituto desde o seu início De resto só em colaboração com as estâncias oficiais podemos satisfazer tal desejo.

São actuais sócios efectivos (fundadores) os Srs. Dr. Cândido Pamplona Forjaz, Dr. Elmiro Borges da Costa Mendes, Francisco Coelho Maduro Dias, Dr. Francisco Garcia da Rosa, Dr. Francisco Lourenço Valadão Júnior, Tenente-Coronel Frederico Lopes da Silva Júnior, João Carlos da Costa Moniz, Padre Joaquim Esteves Coelho, Dr. Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral, Tenente-Coronel José Agostinho, Cónego José Augusto Pereira, Dr. Manuel Cardoso do Couto, Dr. Manuel de Sousa Menezes, Major Miguel Cristóvão de Araujo, Raimundo Belo, Dr. Teotónio Machado Pires e eu.

Dos 20 fundadores faleceram, em 1945, Gervásio Lima e o Dr. Ramiro Machado, e, em 1947, o Dr. Henrique Braz.

Em 20 de Março de 1948 foi eleito sócio efectivo o Sr. Padre Inocêncio Romeiro Enes.

Recentemente ausentou-se para o estrangeiro o Sr. Padre Esteves Coelho, mas a vaga ainda não foi declarada aberta.

No número dos actuais sócios honorários contam-se os Srs. Prof. Dr. Vitorino Nemésio (del. de 2 de Dezembro de 1944), Prof. Dr. António de Medeiros Gouveia, Dr. José Bruno Tavares Carreiro, Dr. Luiz Bernardo Leite de Ataíde, Rodrigo Rodrigues (del. de 2 de Julho de 1945), Conselheiro Dr. Eduardo de Campos e Castro de Azevedo Soares (del. de 26 de Janeiro de 1946), Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima (del. de 16 de Outubro de 1948), Prof. Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral (del. de 4 de Junho de 1951) e Prof. Dr. Wilhelm Ciese.

Dos sócios honorários faleceram em 1950, o Dr. Manuel Monteiro Velho Arruda, que havia sido eleito em 2 de Julho de 1945, o Dr. Joaquim Bensaúde, eleito na mesma data, e o Prof. Francisco Ferreira da Rosa, eleito em 15 de Novembro de 1949.

O Sr. Dr. Baptista de Lima passou a sócio efectivo por ser nomeado Director do Arquivo Distrital.

Ao terminar este relatório seria feia injustiça não agradecer ao Ex.mo Governador do Distrito, à Junta Geral, ao Instituto para a Alta Cultura, designadamente ao seu Secretário, Sr. Prof. Dr. Medeiros Gouveia, a todos quantos, dentro e fóra dos seus sócios, deram ao Instituto preciosa colaboração ou o distinguiram com inesquecíveis provas de benevolência.

O Instituto, felizmente, continua a ser um instrumento de trabalho e não um meio de consagração. Pertencer a ele impõe deveres e não confere regalias; é um ónus e não um benefício. Só em quanto assim

fôr, poderá cumprir integralmente a missão cultural que a si próprio impôs.

De fácil contento seria quem se julgasse satisfeito com o que se fez. Fez-se o que se poude, e é triste mas forçoso confessar que mais e melhor se teria feito, se houvesse um pouco mais de diligência e boa vontade por parte de todos.

Na actividade do Instituto nestes dez anos, nota-se a grave falta da sua influência cultural directa no meio terceirense. Com os olhos postos no exterior, esquecemo-nos de nós próprios. Disso sou o principal culpado.

Na década agora começada urge remediá-la e, quer independentemente quer em colaboração com outras entidades locais, procurar influir directamente na elevação do nível cultural da nossa terra. Só assim o Instituto desempenhará cabalmente a sua missão.

Angra do Heroísmo, 29 de Dezembro de 1952.

O Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira,

Luiz da Silva Ribeiro.

VÁRIA

Missões de estudo

Neste ano de 1953, foram as ilhas dos Açores visitadas por dois ilustres professores universitários, srs. Drs. Orlando Ribeiro e Manuel de Paiva Boleo, que, sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura, vieram proceder ao estudo geográfico e linguístico do arquipélago.

A alta eategoria científica e comprovada competência dos dois distintos investigadores, são garantia suficiente do valor do seu trabalho.

O sr. Prof. Dr. Orlando Ribeiro, que se fez acompanhar da sua assistente, Ex. ma Dr. a D. Raquel Soeiro de Brito, é um geógrafo eminente, especialmente dedicado à antropogeografia, autor de excelentes e importantes trabalhos como Portugal Mediterrâneo e Atlântico e O pastoreio na Serra da Estrela, e uma verdadeiramente luminosa monografia sobre a ilha da Madeira, onde ela é encarada sob todos os aspectos geográficos e até económicos. Estudos como este não só são base indispensável de outros diferentes, como até, praticamente, devem ser tidos em conta pelos públicos administradores que não queiram fazer administração exclusiva e perigosamente empírica.

O estudo linguístico, embora de menor importância prática, tem largo alcance científico, podendo por si só resolver alguns problemas de grande interesse para nós, ou contribuir eficazmente para solução de muitos outros.

O sr. Dr. Paiva Boleo, competente professor de filologia na Universia dade de Coimbra, tem-se especialmente consagrado à elaboração do tão desejado Atlas Linguístico Português, para o que organizou minucioso e completo questionário, já tomado como modelo por cientistas estrangeiros, como o Prof. Regalo Perez, da Universidade de La Laguna, Tenerife, para base do Atlas Linguístico das Canárias, e tem realizado inquéritos por correspondência. Com estes trabalhos e ainda com a verificação das relações linguísticas entre os Açores e o Brasil, das quais o sr. Dr. Paiva Boleo já se ocupou em extenso artigo - Brasileirismos, publicado na revista Brasilia, se relaciona a sua visita ao arquipélago.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira, que desde a sua criação tem exprimido o desejo de ver as ilhas estudadas pelos nossos homens de ciência, em especial antropologistas, geógrafos e filólogos, não pode deixar de se congratular com a vinda dos srs. Profs. Drs. Orlando Ribeiro e Paiva Boleo e de agradecer ao Instituto para a Alta Cultura a sua intervenção no assunto.

L. Ribeiro.

Acerca de Gaspar Fructuoso

Com este título, na *Insulana*, vol. VIII, quiz o Sr. Dr. Martim Machado de Faria e Maya Jr. ter a gentileza de referir dois pequenos trabalhos meus e acho natural, na paciência de os ter lido, neles encontre «pareceres prestáveis a contradição e controvérsia».

No assunto, o contrário seria apenas complacente deferência e não fora só para isso que eu me dera aquele estudo, tão digno de melhor esclarecimento, em meu entender, visto o parecer existente ainda deixar muitos pontos em dúvida.

Para mim, e com franqueza, a apreciação do Sr. Dr. Martim de Faria e Maya constitue motivo de contentamento : é até honra que me concede porque denota que os leu, os meditou, deles discordou e pode possivelmente contribuir, pelo seu estudo, para esclarecer o que é duvidoso, confuso, incompreensível, constituindo o tormento das incertezas que levantei nesses meus dois trabalhos - O problema da descoberta e povoamento dos Acores e em especial da Ilha Terceira e Revisão ao problema da descoberta e povoamento dos Açores.

O que me parece não será muito de temer, nem tão pouco me desvanece, é julgar que alguém se tivesse influenciado só com os meus dizeres; muito menos da minha parte, o propósito de criar «uma corrente de opinião depreciativa dos méritos do Dr. Gaspar Fructuoso».

Julgar isso possível, dar-lhe um tal relevo, é já consideração maior para a valia do que escrevi. Seria como na velha história do manto real, tão fino de tecido que ninguém o via e de quem menos se esperava sair a revelação — o rei ia nu!

Acredite o Sr. Dr. Martim de Faria e Maya, que nada me impressionou o estilo, a exposição, todos os dizeres do consagrado cronista. Com os seus defeitos e virtudes contei, como com tantos outros que consultei para colher o que não consegui e nessa falta se resumem as considerações feitas, se assim o conceder, até para lhe justificar desculpa no que falta e louvor no que aproveita-

Já previa, por intuição e alguma experiência, que qualquer apreço meu, pessoal, sobre o cronista, seria motivo de julgamento desfavorável, e vá lá, intencional. Essa a razão porque trouxe à recordação a apreciação de um dos seus próprios conterrâneos, muito mais violenta que a minha e até por mim condenada.

Tem carradas de conceito as apreciações do Sr. Dr. Martim de Faria e Maya sobre o seu apreço aos predicados do cronista, sua harmonia com a época e conhecimentos de que dispunha. Não me propuz negálo, nem vale a pena porque também, em verdade, se não sabem ao certo. É pesar que os não tenha iguais para nos trazer o que procuravamos e não encontramos.

Só não está certo, supor o Sr. Dr. Martim de Faria e Maya, que nos movesse o intuito de diminuir, com feio propósito bairrista, como se vislumbra no seu escrito, o louvor consagrado pelos seus conterrâneos ao insigne cronista. Tal supor, em assunto de estado, como o paz, é já

pensamento determinado para ajuizar dos intuitos alheios.

Nessa parte, puramente intencional no seu apreço, permito-me afirmar que o Sr. Dr. Martim de Faria e Maya não tem razão e peca por juizo temerário. Apenas andei na pesquiza do caso como era meu hábito profissional ou melhor me ensinaram e nunca esqueci. Colhi dados, liguei factos, grupei conheci⊷ mentos, coligi observações, deduzi causas, analisei efeitos, tudo reuni que podesse merecer conceito, que servisse para apreciação e pondo de parte o que não valia, ainda encontrei muito para realce do cronista como o próprio Sr. Dr. Martim de Faria e Maya confessa ter encontrado nos meus dizeres e faz justiça de citar. De modo algum a mesquinice espiritaal de querer ir ao contrário por capricho ou intenção. Não me queira levar a dizer que de cá e de lá, se desviam os fundamentos da apreciação para lhe diminuir o que é logyável.

Tudo transparece da parte do Sr. Dr. Martim de Faria e Maya, partir da ideia dum propósito que não houve da minha parte e garanto-lhe que não existe, nem nunca existiu para qualquer outro sector das disputas inter-ilhas, muito menos — «a intenção de criar à volta de Fructuoso e das Saudades da Terra uma atmosfera que se aproxima da do descrédito».

Porquê? Para quê?

Nada do que escrevi pode afectar o crédito de Gaspar Fructuoso, sòmente há que pensar, que ele pertence à história e consequentemente à apreciação dos homens. Cada um com o seu estudo o apreciará como concluir, pois para mim ficou-me sempre a lição do velho mestre meu professor de clínica — acreditem rapazes que todos esses homens notáveis tem olhos, boca e nariz como nós. Nem só virtude, nem só pecado.

No processo da história há que distinguir o que é construção humana e o que é verdade revelada. Para mim e para o caso, no defectível da primeira, encontro na realidade melhor guarida para a minha independência de apreciação, pois da segunda, creio, não se poderá afirmar subsistam fundamentos.

M. Menezes.

As Literaturas Portuguesa e Brasileira na Educação Geral

Num simpósio sobre o papel das literaturas hispânicas na educação geral, que se encontra publicado na revista Hispania (¹), orgão da Associação Americana de Professores de Espanhol e de Português, dos Estados Unidos, deparamos com um artigo do Prof. Francis M. Rogers, da Universidade de Harvard, e bem conhecido dos nossos consócios, sobre a importância de um mais profundo estudo das literaturas clássicas, portuguesa e brasileira, na educação da mocidade americana.

O Prof. Rogers acha que o conhecimento de certos clássicos portugueses e brasileiros incutirá nos estudantes americanos um espírito de

^{(1) «}Hispania», Vol. XXXVI, No. 2, May, 1953, p. 137-139.

grandeza e de idealismo, aliado a um sentimento estético inteiramente novo, que contrabalançará o provincialismo estreito herdado da cultura inglesa.

Muito justamente, não separa o Prof. Rogers as literaturas portuguesa e brasileira do período anterior à independência do Brasil Frizando para tanto que o Padre António Vieira passou a maior parte da sua vida no Brasil, aponta os seus sermões como uma das obras clássicas a folhear pelos estudiosos. E, entre as outras obras que ultrapassam os limites marcados apenas aos que particularmente se dedicam aos estados literários, e se podem apontar como de geral interesse, cita o Tratado dos Simples e Drogas do Oriente, de Garcia da Orta, o maravilhoso livro que é a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, e como corôa deste empolgante conjunto, os Lusíadas de Camões.

I. A.

As viagens do Infante D. Pedro, duque de Coimbra

A Sociedade Filosófica Americana (American Philosophical Society) concedea, no ano transacto, am subsídio ao Prof. Francis Millet Rogers para completar em Paris, Madrid e Coimbra as investigações anteriormente feitas pelo mesmo catedrático da Universidade de Harvard, no Brasil, em Lisboa e em Londres, sobre as viagens do Infante D. Pedro.

Não nos pode ser indiferente a iniciativa do Prof. Rogers, dada a influência reconhecida das viagens de D. Pedro sobre os empreendi-

mentos marítimos de seu irmão, o Infante D. Henrique, que levaram ao descobrimento dos Açores. A categoria do investigador e a importância da obra conduzirão certamente a novas luzes sobre a época henriquina.

Da curta notícia que sobre a actividade do Prof. Rogers encontramos no Anuário da A. F. S. respeitante a 1952, concluímos que o douto professor poude examinar várias edições do célebre livro de Gómez de Santisteban, Historia del Infante Don Pedro de Portugal el eual anduvo las cuatro partidas del mundo, e consultar muitos livros e documentos que lhe permitem fazer uma análise crítica da famosa obra, fundada em grande parte em narrativas fantásticas.

Como educador que é, o Prof. Rogers inclui num pequeno relatório salutares conselhos à mocidade do seu país, mostrando a vantagem de ser intensificado nas escolas americanas o estudo das línguas estrangeiras.

Com absoluta verdade, que aqui temos tido fartas ocasiões de verificar, agora que a Terceira alberga centenares de militares americanos ao serviço da Paz, os americanos que não falam a língua do país onde permanecem, vivem por detrás duma verdadeira cortina de ferro, local-

A causa do bom entendimento entre os povos, afirma ainda o Prof. Rogers, será grandemente servida pelos intelectuais americanos que se dediquem a investigar qualquer aspecto da cultura estrangeira, mesmo que seja no campo da História. Tais investigações envolvem o conhecimento da língua do país e dão

lugar a correspondência, conversações e visitas, que estreitam as simpatias entre pessoas de diferentes nacionalidades.

O Prof. Rogers é sem dávida am dos mais inteligentes obreiros, que hoje vivem nos Estados Unidos, e que trabalham pelo estreitamento das relações entre os povos e consequentemente pela Paz do mundo. Orgulha-nos que nas suas veias corra sangue de gente portuguesa, gente nascida numa Nação que tem feito pela Paz do mundo mais talvez do que nenhuma outra, no campo espiritual pelo menos.

/ A.

Diogo de Teive

A magnífica revista «Das Artes e da História da Madeira», que se publica no Funchal sob a direcção do Engenheiro Luiz Peter Clode, reproduzia no sea número 15, de 1953, o artigo intitulado «Diogo de Teive, povoador da Terceira, ...não foi responsável pelo desaparecimento de Jácome de Bruges» da autoria do

nosso consócio, Tenente-Coronel José Agostinho e publicado no número 1, 1945, do nosso *Boletim*.

Já anteriormente, no número 10 . da mesma revista, havia sido reproduzido outro artigo do mesmo autor e também publicado no nosso Boletim (n.º 9, de 1931), intitulado: «Diogo de Teive — Novas luzes sobre a data da sua viagem aos mares do Ocidente».

Os dois trabalhos acompanham ama série de notáveis artigos sobre Diogo de Teive, publicados na mesma revista pelo eradito investigador, Sr. Dr. Ernesto Gonçalves e tendentes, como os do nosso consóclo, a reabilitar a figura do homem que foi o principal impalsionador do povoamento da Terceira, explorador dos mares do Ocidente e descobridor das ilhas das Flores e do Corvo, tendo antes tido papel de relevo na vida da incipiente colónia madeirense.

Pela honra concedida ao nosso consócio e ao nosso *Bolettm*, nos confessamos muito gratos,

INDICE

Por autores

Agostinho (José)	
Vária. A Literatura portuguesa e brasileira na educação gen A viagem do Infante D. Pedro, duque de Coimbra	ral. 28
Cabrat (Oswaldo Rodrigues)	
Raizes Seculares de Santa Catarina	
Lopes Júnior (Frederico)	
As danças do entrado	143
Menezes (M.)	
— Vária. Acerca de Gaspar Fractaoso	. 287
Ribeiro (Luís da Silva)	
A saudade na poesia popular açoriana.	. 220
Comunicação (Gravação da música popular).	. 261
— Relatório	. 275

Silva (Francisco Jerónimo da) Por artigos Raizes Seculares de Santa Catarina por Oswaldo Rodrigues Cabral . 143 Fidelidade da Ilha Terceira por Francisco Jerónimo da Silva . . . 158 A saudade na poesia popular açoriana por Luís da Silva Ribeiro . . . 220 Necrologia a) Dr. Manuel Cardoso do Couto 242 c) Tenente-coronel Alberto Artur Sarmento Comunicação (Gravação de música popular) por Luís da Silva Ribeiro 261 275 Vária Acerca de Gaspar Fructuoso. M. Menezes 286 As literaturas portuguesa e brasileira na educação geral. J. 288 A viagem do Infante D. Pedro, daque de Coimbra. J. Agostinho.

289

290

Este número, que é o décimo primeiro, do «Boletim» do Instituto Histórico da Ilha Terceira, acabou de se imprimir na Oficina da Tipografia Andrade aos dezasseis de Dezembro de 1953.

